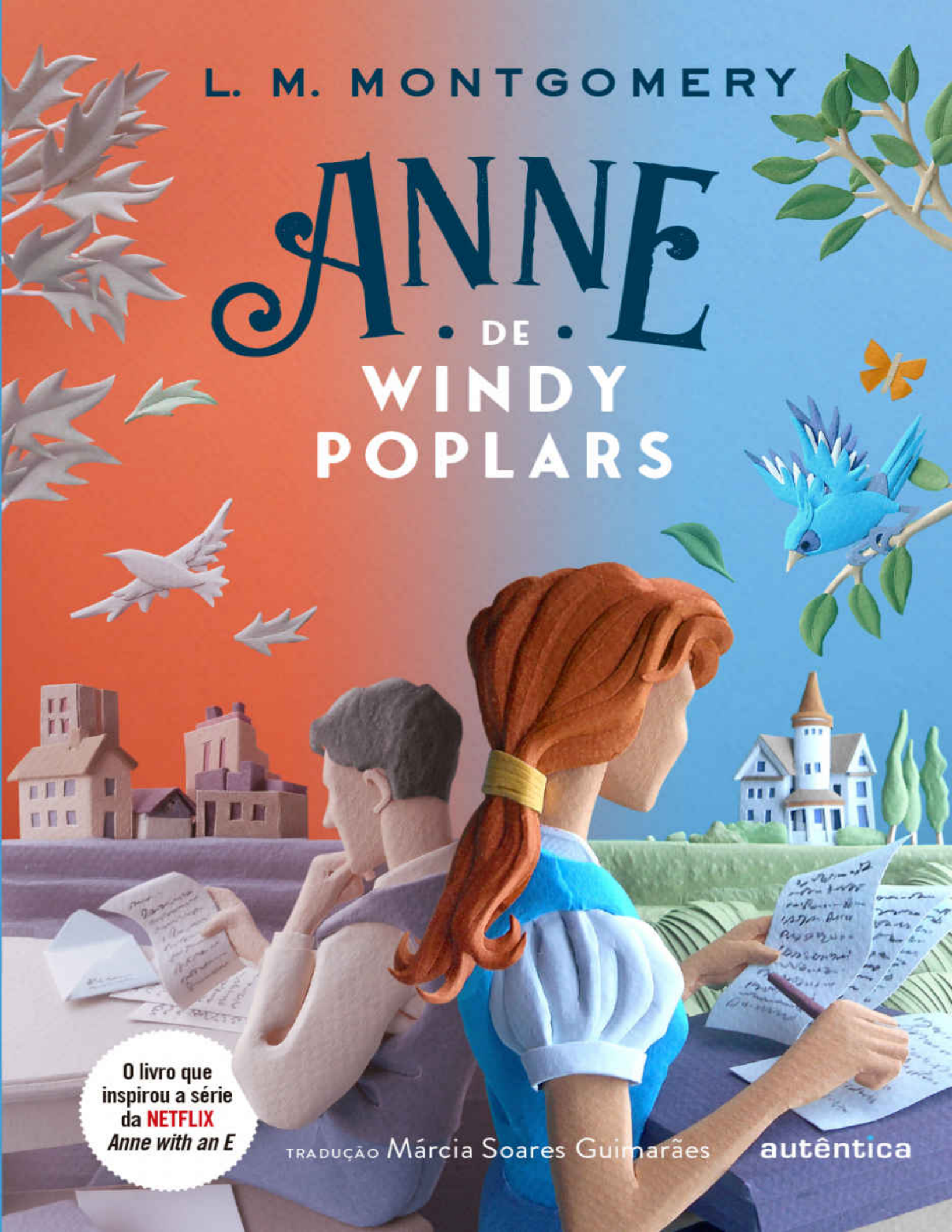


L. M. MONTGOMERY

ANNE • DE • WINDY POPLARS



O livro que
inspirou a série
da **NETFLIX**
Anne with an E

TRADUÇÃO Márcia Soares Guimarães

autêntica



ANNE
• DE •
WINDY
POPLARS

● CLÁSSICOS AUTÊNTICA ●

L. M. MONTGOMERY

ANNE
• DE •
WINDY
POPLARS



Tradução: Márcia Soares Guimarães

autêntica

Copyright © 2020 Autêntica Editora

Imagens licenciadas do site <etc.usf.edu/clipart> © 2020 by the University of South Florida

Título original: *Anne of Windy Poplars*

Fonte: MONTGOMERY, L. M. *Anne of Windy Poplars*. Londres: Arcturus Publishing Limited, 2017.

Fontes digitais: <http://gutenberg.net.au/ebooks01/0100251h.html>
<https://www.globalgreybooks.com/anne-of-windy-poplars-ebook.html>

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora Ltda. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDIÇÃO GERAL E PREPARAÇÃO DE TEXTO
Sonia Junqueira

DIAGRAMAÇÃO
Guilherme Fagundes

CAPA
Diogo Droschi
(sobre esculturas de papel
de Marcelo Bicalho)

REVISÃO
Júlia Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montgomery, Lucy Maud, 1874-1943
Anne de Windy Poplars / Lucy Maud Montgomery ; tradução
Márcia Soares Guimarães. – 1. ed. – Belo Horizonte : Autêntica, 2020.
– (Clássicos Autêntica ; 4 / coordenação Sonia Junqueira)

Título original: *Anne of Windy Poplars*
ISBN 978-65-88239-84-1

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Guimarães, Márcia Soares.
II. Título. III. Série.

20-47521

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

São Paulo
Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2310-2312
Cerqueira César .
01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br





Para os amigos de
Anne em todos os lugares.





PARTE 1

O primeiro ano



Capítulo I

(Carta de Anne Shirley, bacharel e diretora da Summerside High School, para Gilbert Blythe, estudante de medicina em Redmond College, Kingsport.)

Windy Poplars,
Spook's Lane,
Summerside, P.E.I.,*
Segunda-feira, 12 de setembro



Meu querido,

Esse não é um endereço e tanto? Já ouviu algo tão encantador? Windy Poplars é o nome de meu novo lar, e eu o adoro. E também amo Spook's Lane, que, a propósito, não existe legalmente. Deveria ser Trent Street, mas ninguém usa esse nome, exceto nas raras ocasiões em que a rua é mencionada no periódico *Weekly Courier*... e então as pessoas se entreolham e dizem: “Onde será isso?”.

Ora, é nada mais nada menos do que a Spook's Lane, embora eu não saiba o porquê desse outro nome. Já perguntei a Rebecca Dew, mas tudo o que ela pôde me dizer é que a rua sempre foi chamada de Spook's Lane e que, até alguns anos atrás, havia um antigo rumor sobre ela ser mal assombrada.** No entanto, a própria Rebecca Dew afirma que nunca viu nada por aqui que tivesse uma aparência mais assustadora do que a *dela mesma*.

Bem, não devo antecipar minha história. Você ainda não conhece Rebecca Dew. Porém, vai conhecê-la; sim, você vai conhecê-la! Posso prever que Rebecca Dew estará bastante presente em minhas próximas cartas.

O Sol está se pondo agora, meu querido; é o crepúsculo (e, diga-se de passagem, “crepúsculo” não é uma palavra adorável? Gosto mais do que de “anoitecer”. Ela tem um som tão cristalino, tão doce e... e... romântico!). À luz do dia, pertenço ao mundo; durante a noite, ao sono e à eternidade. Contudo, no crepúsculo sou livre e pertenço somente a mim mesma... e a você. Por isso, vou dedicar meus crepúsculos a escrever para você, ainda que esta não seja uma carta de amor. A pena de minha caneta está arranhando, e não consigo escrever cartas de amor com uma pena que arranha, ou que não solta bem a tinta, ou que borra. Portanto, você só vai ganhar uma carta desse tipo quando eu tiver uma caneta exatamente adequada. Enquanto isso, vou lhe contar sobre minha nova residência e seus habitantes. Gilbert, são pessoas incríveis!

Vim até aqui ontem para procurar uma pensão. A senhora Rachel Lynde veio comigo; aparentemente, ela precisava fazer algumas compras, mas, na verdade, sei bem, queria mesmo era escolher um lugar apropriado para mim. Apesar de meu curso na Queen's e de meu bacharelado em Redmond, a senhora Lynde ainda me considera uma jovem inexperiente que precisa sempre ser orientada, guiada e supervisionada.

Vimos de trem, e, oh, Gilbert, tive uma aventura inacreditável! Você sabe que sempre fui aquele tipo de gente para quem as aventuras sempre chegam inesperadamente, não é verdade? Parece que eu as atraio.

O fato aconteceu no momento em que o trem estava prestes a parar na estação. Eu me levantei e me inclinei para pegar a maleta da senhora Lynde (ela planejava passar o domingo com uma amiga, em Summerside). Para isso, apoiei minha mão no que achei que fosse o braço lustroso de uma poltrona. Então, recebi imediatamente um tapa tão violento sobre ela que quase dei um berro. Gilbert, o que eu havia imaginado ser o braço de um assento era a careca de um homem! Ele olhou furiosamente para mim e notei, sem dúvida nenhuma, que havia acabado de acordar. Pedi desculpas humildemente e desci do trem o mais depressa possível, mas, na última vez em que o vi, o homem ainda estava me encarando. A senhora Lynde ficou horrorizada, e meus dedos continuam doloridos.

Eu não esperava ter muita dificuldade em encontrar uma pensão, já que uma certa senhora Tom Pringle tem hospedado quem vem de fora para dirigir a Summerside High School nos últimos quinze anos. Entretanto, por alguma razão desconhecida, ela se cansou subitamente do trabalho que isso lhe gerava e não vai me abrigar. Para piorar a situação, diversos outros lugares convenientes apresentaram desculpas educadas. Os demais não eram convenientes. Andamos pela cidade a tarde inteira e ficamos acaloradas, cansadas, desanimadas e com dor de cabeça – pelo menos, *eu* fiquei. Já estava sem nenhuma esperança, pronta para desistir, quando Spook's Lane entrou em cena.

Tínhamos ido visitar a senhora Braddock, uma velha comadre da senhora Lynde, e ela comentou que achava provável que “as viúvas” me hospedassem.

– Ouvi dizer que elas querem uma pensionista para ter como pagar o salário de Rebecca Dew. Não têm mais condições de mantê-la trabalhando para elas a não ser que consigam uma renda extra. E, se Rebecca se for, quem vai ordenhar a velha vaca vermelha?

A essa altura, a senhora Braddock me lançou um olhar severo, como se pensasse que *eu* deveria ordenhar a vaca vermelha; ela não acreditaria, nem se eu jurasse, que eu tinha capacidade para isso.

– De que viúvas você está falando? – indagou a senhora Lynde.

– Ora, tia Kate e tia Chatty – disse a senhora Braddock, como se todo mundo, mesmo um bacharel ignorante, devesse saber disso. – Tia Kate é a senhora Amasa MacComber (é a viúva do capitão MacComber), e tia Chatty é a senhora Lincoln MacLean (apenas uma viúva comum), mas todos as chamam de “tia”. Elas moram no final da Spook’s Lane.

Spook’s Lane! Isso foi o bastante para que eu compreendesse que *tinha* de me instalar na casa dessas viúvas.

– Podemos falar com elas agora mesmo? – supliquei à senhora Lynde. Tive a sensação de que, se perdêssemos um minuto sequer, Spook’s Lane deixaria de existir e retornaria à terra da fantasia.

– Vocês podem até conversar com as viúvas, mas é Rebecca que vai realmente decidir se elas vão hospedar a senhorita ou não. Rebecca Dew é quem manda em Windy Poplars. Ouçam o que eu digo.

Windy Poplars! Não podia ser verdade; não, era difícil acreditar. Só poderia ser um sonho. E a senhora Rachel Lynde ainda comentou que esse é um nome muito estranho para um lugar...

– Foi o capitão MacComber que deu nome à propriedade. Afinal, ela era dele. E também foi ele que plantou os álamos ao redor de toda a casa. O capitão tinha muito orgulho deles, embora raramente estivesse por lá; e, mesmo quando estava, não permanecia por muito tempo. Tia Kate costuma dizer que isso não era bom, porém nunca soubemos verdadeiramente se ela se referia às suas curtas estadas ou às suas voltas para casa. Bem, senhorita Shirley, espero que obtenha sucesso. Rebecca Dew é boa cozinheira e possui uma aptidão extraordinária para preparar saladas de batata. Se ela simpatizar com você, tenha certeza de que vai ser muito bem tratada em Windy Poplars; caso contrário... Bem, há um boato de que tem um bancário novo na cidade procurando uma pensão, e ela pode preferi-lo. Não me surpreende a senhora Tom Pringle não ter hospedado a senhorita. Sabe, Summerside está cheia de parentes diretos e indiretos dela. São todos chamados de “a família real”, e a senhorita vai ter de agradá-los se quiser ser bem recebida em Summerside High School. A vontade deles sempre prevaleceu por aqui. Formam um verdadeiro clã,

mas são as duas velhas proprietárias de Maplehurst que comandam a tribo. E ouvi dizer que estão zangadas com a senhorita.

– Por que estariam? – perguntei, intrigada. – Não me conhecem nem sabem nada a meu respeito.

– Bem, um primo de terceiro grau delas se candidatou à diretoria da escola, e toda a família acha que ele é quem deveria ter sido escolhido. Quando a senhorita foi nomeada, todo o clã, sem nenhuma exceção, ficou revoltado. Bem, as pessoas são assim, não é verdade? Temos de aceitá-las como se revelam para nós, sabem disso. Vão ser doces como mel com a senhorita, mas não vão perder uma oportunidade de prejudicá-la. Não quero desencorajar a senhorita, mas, como diz o ditado, é melhor se prevenir do que remediar. Vai fazer bem se não aborrecê-las mais. E, se as viúvas a hospedarem, espero que não se importe de comer à mesa com Rebecca Dew. Sabe, ela não é uma *criada*; é uma prima distante do capitão. Rebecca não se senta à mesa quando há convidados... Nessas ocasiões, ela conhece *bem* seu lugar. Entretanto, se a senhorita vai morar lá por uns tempos, ela não vai considerá-la uma visitante, claro.

Após garantir à ansiosa senhora Braddock que adoraria fazer as refeições ao lado de Rebecca Dew, arrastei a senhora Lynde para fora dali. Afinal, eu *precisava* chegar antes do bancário.

A senhora Braddock nos acompanhou até a porta.

– E tome cuidado para não ferir os sentimentos de tia Chatty, está bem? Ela se magoa facilmente; é muito sensível, coitada. Na verdade, ela não tem tanto dinheiro quanto tia Kate, embora esta também não possua muito. E tia Kate gostava bastante de seu marido... seu próprio marido, lógico... Mas tia Chatty não... quer dizer, não gostava do marido. Ora, não é de admirar! Lincoln MacLean era um velho inegavelmente rabugento. Contudo, ela pensa que as pessoas a culpam por isso. Ouça, é uma sorte hoje ser sábado. Se fosse sexta-feira, tia Chatty nem consideraria abrigá-la. A senhorita pode achar que tia Kate é a supersticiosa. Afinal, marinheiros (e o marido dela era um) costumam ser assim. Mas, de fato, é a tia Chatty

que tem superstições... embora *seu* marido fosse carpinteiro. A coitada era muito bonita quando jovem, diga-se de passagem.

Assegurei à senhora Braddock que os sentimentos de tia Chatty seriam sagrados para mim. No entanto, não bastou; ela caminhou conosco ao longo da alameda.

– Kate e Chatty não vão vasculhar seus pertences quando a senhorita estiver fora; ambas são bastante escrupulosas. Talvez Rebecca Dew faça isso, mas não vai comentar nada a esse respeito. Bem, se eu fosse a senhorita, não me dirigiria à porta da frente. Ela só é usada em ocasiões realmente importantes. Acho que não foi aberta desde o funeral de Amasa. Tente a porta lateral. A chave fica debaixo do vaso de flores no parapeito da janela; portanto, se não tiver ninguém em casa, simplesmente destranque a porta, entre e espere. E não elogie o gato de modo algum, porque Rebecca Dew não gosta dele.

Prometi que não diria nada sobre o gato, e finalmente conseguimos ir embora. Pouco tempo depois, estávamos em Spook's Lane. É uma rua secundária bem curta que termina em um campo; lá adiante, uma colina azulada cria um belo pano de fundo. De um lado, não há absolutamente nenhuma casa, e a altura do terreno diminui gradualmente até chegar ao porto. Do outro lado, tem somente três construções. A primeira é simplesmente uma casa; não há nada mais a dizer sobre ela. A segunda é uma mansão enorme, imponente e sombria, de tijolos de pedra vermelha, com janelas sobre o telhado e tantos pinheiros e abetos ao seu redor que mal se consegue ver a casa; deve ser assustadoramente escuro dentro dela. E a terceira e última é Windy Poplars, bem na esquina. À sua frente, a rua está coberta de relva, e a seu lado existe uma verdadeira estrada rural, cheia de árvores cujas sombras a enfeitam esplendidamente.

Eu me apaixonei por Windy Poplars imediatamente. Você sabe, Gilbert, há casas que nos impressionam à primeira vista, por alguma razão que não podemos definir. Windy Poplars é assim. Posso até descrevê-la como uma casa branca – muito branca – de madeira, com persianas verdes – muito verdes – e, em um dos lados, uma espécie de torre. Tem duas janelas sobre

o telhado dianteiro e é separada da rua por um muro baixo de pedra, ao longo do qual crescem álamos brancos. Atrás dela, há um grande jardim onde flores e hortaliças estão desordenada e magnificamente misturadas. Entretanto, todas essas palavras são incapazes de transmitir a você o encanto do lugar. Em resumo, é uma casa com uma personalidade deslumbrante e alguma coisa do fascínio de Green Gables.

– Este é o lugar que eu procuro... foi predestinado para mim – falei, extasiada.

A senhora Lynde me olhou com ar de quem não acredita em predestinação.

– É uma caminhada bem longa até a escola, Anne – comentou, relutante.

– Não me importo. Vai ser um bom exercício. Oh, veja aquele bosque adorável de bétulas e bordos do outro lado da estrada!

Ela olhou, mas tudo o que disse foi:

– Espero que você não seja importunada por mosquitos.

Também desejei isso, pois detesto mosquitos. Um único inseto desses pode me tirar o sono com mais facilidade do que uma consciência pesada.

Fiquei aliviada por não ter de entrar pela porta da frente; ela me pareceu tão ameaçadora! É uma porta imensa de madeira, dividida em duas partes verticais – uma abre para a esquerda, e a outra, para a direita – e ladeada por dois painéis de vidro vermelho decorados com desenhos florais. Não tem nada a ver com o resto da casa.

A porta lateral, pequena e verde, à qual chegamos por meio de um adorável caminho de pedras finas e lisas de arenito afundadas na grama com pequenos intervalos, é muito mais simpática e convidativa. Esse caminho de pedras é margeado por canteiros – primorosos e muito bem cuidados – de capim-amarelo, lírios, arbustos de artemísias, margaridas vermelhas e brancas, o que a senhora Lynde chama de “piônias”, entre outras. Obviamente, não estão todas floridas nesta época do ano, mas é possível ver que as flores haviam desabrochado, e muito bem, em seu devido tempo.

Há também um conjunto de roseiras em um canto do quintal, perto de um muro de tijolos que separa Windy Poplars da casa sombria. O muro está todo coberto por uma trepadeira, e, no meio dele, tem uma treliça arqueada acima de uma porta verde com a pintura desbotada. Ramos de uma videira passam sobre essa porta, indicando que ela não é aberta há algum tempo. Na verdade, ela é apenas meia porta, pois a metade superior é um retângulo aberto, através do qual pude vislumbrar um jardim abandonado no outro lado.

Assim que passamos pelo portão do jardim de Windy Poplars, vi uma pequena moita de trevos bem ao lado do caminho de pedras; imediatamente um impulso fez com que eu me inclinasse e a observasse. Gilbert, você acredita que ali, diante de meus olhos, havia *três* trevos de quatro folhas?! Não foi um bom presságio? Nem os Pringle poderiam negar isso. Naquele momento me convenci de que o bancário não tinha absolutamente nenhuma chance.

A porta lateral estava aberta; portanto, era evidente que havia alguém em casa, não precisaríamos pegar a chave debaixo do vaso de flores. Batemos, e Rebecca Dew veio nos atender. Soubemos no mesmo instante que era ela porque aquela mulher não poderia ser nenhuma outra pessoa no mundo, nem ter recebido qualquer outro nome.

Rebecca Dew tem por volta de 40 anos e, se um tomate tivesse um cabelo negro que nascesse praticamente na testa, olhos pretos brilhantes, um nariz minúsculo com a ponta arredondada e uma fresta no lugar da boca, ele seria exatamente como ela. Tudo em Rebecca Dew é um pouco curto demais: braços, pernas, pescoço, testa, nariz... tudo menos o sorriso, que é longo o suficiente para ir de orelha a orelha.

Porém, não vimos seu sorriso quando ela abriu a porta. Ao contrário, pareceu bastante carrancuda no momento em que perguntei se poderia falar com a senhora MacComber.

– Está se referindo à senhora *capitão* MacComber? – perguntou em tom de repreensão, como se houvesse pelo menos uma dúzia de senhoras MacComber na casa.

– Sim – respondi amavelmente.

Então, fomos prontamente conduzidas à sala e deixadas lá. É um cômodo pequeno e formoso; na verdade, está um pouco entulhado de panos sobre os estofados, mas possui uma atmosfera tranquila e simpática que me agradou profundamente. Cada peça da mobília tem um lugar próprio que, ao que tudo indica, vem sendo ocupado há anos. E como brilham, aqueles móveis! Nenhum verniz comprado pronto jamais produziu esse efeito perfeitamente espelhado; compreendi que aquilo só podia ser resultado de um trabalho vigoroso de polimento feito por Rebecca Dew. Sobre a lareira, havia, dentro de uma garrafa, a miniatura de um navio com muitas velas. A senhora Lynde ficou muito interessada por ele e disse que, apesar de não conseguir entender como aquela embarcação tinha ido parar ali, ela achava que o objeto conferia “certo ar náutico” à sala.

Por fim, as viúvas apareceram. Gostei delas imediatamente. Tia Kate é alta, magra, grisalha e ligeiramente austera; tem o mesmo tipo físico de Marilla. Já tia Chatty é baixa, e também é magra e grisalha; tem um ar um pouco melancólico. Deve ter sido muito bonita no passado, embora nada tenha restado de sua beleza, exceto os olhos, que são *adoráveis*: grandes, delicados e castanhos.

Expliquei por que tinha vindo, e as duas se entreolharam.

– Precisamos consultar Rebecca Dew – tia Chatty falou.

– Certamente – concordou tia Kate.

Portanto, Rebecca Dew foi convocada a vir da cozinha. O gato veio junto; um bichano cinzento-azulado grande e peludo, com o peito e o pescoço brancos. Tive vontade de acariciá-lo, mas me lembrei da advertência da senhora Braddock e o ignorei.

Rebecca Dew me olhou fixamente, sem sequer esboçar um sorriso.

– Rebecca – disse tia Kate, que, como constatei sem demora, não desperdiça palavras –, a senhorita Shirley deseja se hospedar aqui. Suponho que não seja possível.

– Por que não? – Rebecca Dew indagou.

– Receio que seria trabalho demais para você – tia Chatty respondeu.

– Estou bastante acostumada ao trabalho – afirmou Rebecca Dew.

Gilbert, não consigo separar os dois nomes dela; para mim, é *impossível*, embora as viúvas façam isso às vezes. Quando falam com ela, a chamam de Rebecca. Sinceramente, não sei como conseguem.

– Estamos suficientemente idosas para ainda termos jovens chegando e partindo – tia Chatty insistiu.

– Falem por si mesmas – retrucou Rebecca Dew. – Tenho só 45 anos e ainda possuo pleno domínio de minhas faculdades mentais. E *penso* que seria bom ter uma pessoa jovem morando nesta casa. Além disso, uma moça é sempre melhor do que um rapaz. *Ele* ficaria fumando o tempo todo... e acabaria nos queimando em nossas próprias camas. Se temos de hospedar alguém, *meu* conselho seria aceitar a senhorita Shirley. Entretanto, a casa é das senhoras, claro.

Disse isso e se retirou. Entendi logo que estava tudo decidido, mas tia Chatty falou que, antes de concluirmos a conversa eu deveria ir ao andar de cima e ver se gostava do quarto.

– Vamos lhe oferecer o quarto da torre, querida. Não é tão grande quanto o de hóspedes, mas tem um sistema de aquecimento para o inverno e vistas muito mais bonitas. De uma das janelas, você pode observar o antigo cemitério.

Eu estava certa de que adoraria o quarto; o próprio nome, quarto da torre, já havia me conquistado. Tive a sensação de que estávamos vivendo aquela música antiga que costumávamos cantar nos tempos de escola em Avonlea, sobre uma donzela que morava em uma torre alta ao lado de um mar cinzento. E realmente ele se revelou um lugar encantador. Subimos um lance da escada encostada à parede e chegamos ao patamar em que fica a porta do quarto. É um cômodo pequeno, mas ainda assim é maior do que aquele horrível, no fundo de um corredor, que habitei durante meu primeiro ano em Redmond. Tem três janelas: duas sobre o telhado, sendo que uma dá para o oeste, e a outra, para o norte; a terceira, no canto formado pela torre, tem três lados, e abaixo dela há prateleiras para meus

livros. O chão está repleto de tapetes trançados redondos. A cama é grande, tem um dossel e é coberta por uma colcha decorada com desenhos geométricos; parece tão perfeitamente lisa e esticada que dá pena desarrumá-la na hora de dormir. E, Gilbert, é tão alta que preciso subir um pequeno e engraçado conjunto portátil de degraus que, durante o dia, fica guardado debaixo dela. Acho que o capitão MacComber comprou essa engenhoca em algum outro país e a trouxe para casa.

Em um dos cantos, há um armário pequeno e gracioso; as prateleiras são forradas de papel branco com as bordas cortadas em zigue-zague, e há buquês de flores pintados na porta. E tem uma almofada redonda azul – uma almofada com um botão pregado bem fundo e exatamente no meio, fazendo com que ela lembre um enorme biscoito frito doce e azul – sobre um assento próximo à janela. O lavatório também é primoroso. O móvel tem duas prateleiras; na superior, o espaço é suficiente para uma bacia e um jarro azul-claro, e na de baixo cabem uma saboneteira e um outro jarro, para água quente. Sob elas, há uma gavetinha, com puxador de bronze, cheia de toalhas. E em uma prateleira acima do lavatório fica uma delicada miniatura de mulher de porcelana branca: ela está sentada, usando sapatos cor-de-rosa com saltos dourados, um cinto também dourado e uma flor no cabelo louro.

Quando entramos, o cômodo inteiro estava iluminado pelos raios de sol que atravessavam as cortinas, em tom de amarelo-pálido, e as sombras dos álamos lá fora dançavam sobre uma tapeçaria rara pendurada em uma das paredes brancas: ela parecia estar viva, tremulando ao sabor do vento e mudando de aparência o tempo todo. De alguma forma, aquele me pareceu um quarto tão *feliz* que tive a sensação de ser a garota mais rica do mundo.

– Você vai estar segura nesta casa, essa é a verdade – a senhora Lynde afirmou, logo que saímos.

– Tenho receio de me sentir um pouco tolhida, depois da grande liberdade que tive em Patty's Place – comentei só para provocá-la.

– Liberdade! – a senhora Lynde suspirou. – Liberdade! Não fale como um ianque, Anne.

Vim para cá hoje e já estou perfeitamente instalada. É claro que detestei sair de Green Gables: meu coração sempre fica apertado quando isso acontece. Independentemente do número de vezes e do período de tempo que fico longe de lá, no exato momento em que as férias chegam, passo a ser parte daquele lugar novamente, como se jamais o tivesse deixado para trás. No entanto, sei que vou gostar daqui e que Windy Poplars gosta de mim. Consigo perceber bem se uma casa simpatiza ou não comigo; nunca me enganei.

As vistas que minhas janelas proporcionam são deslumbrantes, até mesmo a do cemitério antigo, que é rodeado por uma fileira de abetos escuros à qual se tem acesso por uma alameda sinuosa na margem de um canal. Da janela que dá para o oeste, vejo todo o porto e além dele: são litorais distantes, cobertos de névoa, pequenos barcos a vela que adoro e navios que se dirigem “para portos desconhecidos” – que frase fascinante! São tantas possibilidades para a imaginação, Gilbert! A janela ao norte me mostra o bosque de bétulas e bordos do outro lado da estrada. Você sabe que sempre adorei as árvores. Quando estudamos Tennyson no curso de inglês que fizemos em Redmond, fiquei muito triste pela pobre Oenone*** lamentando seus pinheiros arrancados violentamente.

Para além do bosque e do cemitério, existe um vale adorável cortado por uma faixa vermelha brilhante, uma estrada que serpenteia por ele e ao longo da qual há casas brancas aqui e ali. Alguns vales são simplesmente adoráveis: não se pode dizer por quê, mas só de olhar para eles você se deslumbra. E logo depois está meu monte azul, que chamo de Rei da Tempestade.

Quando quero, consigo ficar completamente sozinha aqui em cima. Você sabe como é prazeroso ficar a sós de vez em quando. Nesses momentos, o vento é meu amigo. Ele geme, suspira e murmura em volta de minha torre – o vento branco do inverno, o vento verde da primavera, o vento azul do verão, o vento carmim do outono e todos os ventos bravios de

todas as estações – o “vento tempestuoso que executa a sua palavra”.^{****} Sempre me emocionei com esse verso da Bíblia; é como se cada um de todos os ventos tivesse uma mensagem para mim. E sempre invejei o garoto que voou com o vento norte naquela história encantadora de George MacDonald’s.^{****} Qualquer noite dessas, Gilbert, vou abrir minha janela e cair nos braços do vento... E então Rebecca Dew nunca saberá por que minha cama não foi desarrumada.

Espero que quando encontrarmos nossa “casa dos sonhos”, meu querido, haja ventos por lá. Fico me perguntando onde ela está... é uma casa ainda desconhecida. Vou gostar mais dela sob o luar ou ao amanhecer? Nossa futura casa, onde vamos ter amor, amizade, trabalho... e algumas aventuras divertidas que vão nos fazer dar gargalhadas na velhice. Velhice! Será que *nós* vamos ficar velhos algum dia, Gilbert? Hoje isso me parece impossível.

Da janela à esquerda, na torre, posso enxergar os telhados da cidade: eu os vejo daqui, deste lugar onde vou viver por pelo menos um ano. Nessas casas moram pessoas que, embora eu ainda não as conheça, talvez venham a ser minhas amigas. Ou inimigas, quem sabe? Afinal, há gente da laia dos Pye em todos os lugares, com todos os tipos de nomes, e sei que os Pringle podem ser incluídos nessa categoria.

A escola reabre amanhã. Vou ter de ensinar geometria! Porém, com certeza não pode ser pior do que aprender essa parte da matemática. Peço aos céus que não haja nenhum gênio das ciências exatas entre os membros da família Pringle.

Estou aqui há apenas metade de um dia, mas sinto como se tivesse conhecido as viúvas e Rebecca Dew por toda a minha vida. As duas já me pediram para chamá-las de “tia”, e eu insisti que me tratassem por Anne. Chamei Rebecca Dew de “senhorita Dew”... uma só vez.

– Senhorita o quê? – ela disse.

– Dew – falei docilmente. – Não é esse seu nome?

– Bem, sim, é meu nome, mas não sou tratada como senhorita Dew há tanto tempo que me assustei. É melhor não me chamar assim de novo,

senhorita Shirley, já que não estou acostumada a isso.

– Não vou esquecer, Rebecca... Dew – falei, fazendo, em vão, o maior esforço que pude para omitir o sobrenome.

A senhora Braddock estava totalmente certa quando disse que tia Chatty é sensível. Descobri isso durante o jantar, quando tia Kate comentou algo sobre o “aniversário de 66 anos de Chatty”. Então, olhei para tia Chatty e vi que... não, ela *não caiu em prantos*; seria um comportamento explosivo demais para ela. Na verdade, as lágrimas encheram seus grandes olhos castanhos e transbordaram fácil e silenciosamente.

– Qual é o problema agora, Chatty? – tia Kate perguntou, ligeiramente severa.

– Eu... eu completei só 65 anos – tia Chatty respondeu, melancólica.

– Peço perdão, Charlotte – tia Kate se desculpou, e tudo voltou ao normal.

O gato é adorável; é macho, tem olhos cor de mel e um pelo empoeirado, mas perfeitamente elegante. Tia Kate e tia Chatty o chamam de Dusty Miller, porque esse é o nome dele, e Rebecca o chama de Aquele Gato, porque não gosta dele e lhe desagrada ter de alimentá-lo com um pedaço de fígado do mesmo tamanho todos os dias pela manhã e ao anoitecer, tirar seus pelos da poltrona da sala com uma escova de dentes velha sempre que ele se deita lá, e caçá-lo quando ele fica fora de casa até tarde da noite.

– Rebecca Dew sempre detestou gatos – tia Chatty me contou. – E odeia Dusty em particular. O cachorro da velha senhora Campbell (ela mantinha um cachorro, na época) o trouxe na boca, há dois anos. Penso que ele achou que não adiantava levá-lo à sua dona. Era um gatinho tão pobre e miserável, todo molhado e tremendo de frio, com seus pequenos ossos quase grudados na pele. Nem mesmo um coração de pedra poderia ter se recusado a abrigá-lo. Kate e eu o adotamos, mas Rebecca Dew jamais nos perdoou realmente por isso. Não fomos diplomáticas. Não deveríamos tê-lo acolhido. Não sei se você já percebeu – tia Chatty olhou

cautelosamente para a porta entre a sala de jantar e a cozinha – como lidamos com Rebecca Dew.

Sim, eu *havia* percebido, e era algo bonito de ver. Summerside e Rebecca Dew podem achar que é ela quem manda nesta casa, mas as viúvas sabem que isso não é verdade.

– Não queríamos hospedar o bancário: um rapaz aqui seria inquietante *demais*, e teríamos de viver preocupadas caso ele não frequentasse a igreja regularmente. No entanto, fizemos de conta que desejávamos recebê-lo, e Rebecca Dew simplesmente não quis nem ouvir falar a esse respeito. Estou tão contente por ter você conosco, querida! Tenho certeza de que vai apreciar nossa comida. E espero que goste também de todas nós. Rebecca Dew possui algumas ótimas qualidades. Quando veio para Windy Poplars, quinze anos atrás, ela não era tão asseada como é hoje. Certa vez, Kate teve de escrever o nome dela, Rebecca Dew, em letras bem grandes no espelho da sala para lhe mostrar como estava empoeirado. Contudo, ela nunca mais teve de fazer isso outra vez. Rebecca Dew sabe interpretar uma mensagem. Espero que você ache seu quarto confortável, querida. Pode deixar as janelas abertas durante a noite, se quiser. Kate não gosta do ar noturno, mas entende que os hóspedes devem ter privilégios. Como nós duas dormimos no mesmo quarto, fizemos um acordo: uma noite, a janela fica fechada, para agradá-la, e na seguinte, fica aberta para me satisfazer. Sempre se pode resolver problemas pequenos como esse, não acha? Querer é poder. Não se assuste se escutar Rebecca Dew perambulando pela casa no meio da noite. Ela sempre escuta barulhos e se levanta para investigá-los. Acho que é por isso que ela não queria que recebêssemos o bancário. Teve medo que ele a visse de camisola em uma dessas ocasiões. Por favor, não se importe por Kate falar pouco. É apenas o jeito dela. E é uma pena, porque Kate deve ter tantas aventuras para contar... Em sua juventude, ela viajou pelo mundo todo com Amasa MacComber. Eu realmente gostaria de ter, para conversar, os assuntos que ela tem, mas não saí nenhuma vez de Prince Edward Island. Sempre me pergunto por que as coisas têm de ser assim: eu, que adoro falar, não tenho nada a dizer; e

Kate, que detesta conversar, tem tantas histórias... Entretanto, suponho que a Providência sabe o que faz.

Embora tia Chatty seja uma verdadeira tagarela, não foi sem interrupções que ela disse tudo isso. Fiz alguns comentários em intervalos apropriados, mas não foi nada que tivesse qualquer importância.

As viúvas possuem uma vaca que pasta na propriedade do senhor James Hamilton, perto daqui, e Rebecca Dew vai até lá para ordenhá-la. O leite tem bastante nata, e já percebi que todo dia, de manhã e no fim da tarde, Rebecca Dew passa um copo dele, bem fresco – pelo retângulo aberto da porta verde desbotada que há no muro –, para a “Mulher da senhora Campbell”. O leite é para a “pequena Elizabeth”, que precisa tomá-lo por ordens médicas. Quem são essa “Mulher” e a “pequena Elizabeth”, eu ainda tenho de descobrir. A senhora Campbell é a habitante e proprietária da mansão, ou fortaleza, vizinha, que se chama The Evergreens.

Não espero dormir esta noite. Nunca durmo na primeira noite em uma cama estranha, e *esta aqui* é a cama mais estranha que já vi. Mas não me importo com isso. Sempre amei a noite e vou gostar de ficar deitada pensando na vida – no passado, no presente e em tudo o que está por vir; especialmente, naquilo que *está por vir*.

Esta é uma carta impiedosa, Gilbert. Não vou lhe impor mais nenhuma outra tão longa. A verdade é que eu queria contar tudo para que você pudesse visualizar meu novo ambiente. Vou terminá-la agora, pois lá adiante, no porto, a lua já está mergulhando na terra das sombras. Ainda quero escrever para Marilla. A carta deve chegar ao posto do correio depois de amanhã, e Davy vai levá-la para Green Gables. Em seguida, ele e Dora vão se sentar bem perto de Marilla, enquanto ela abre o envelope, e a senhora Lynde vai ficar com os ouvidos bem atentos. Oh, isso me deixou com saudade de casa. Boa noite, meu querido!

Daquela que é e sempre será apaixonadamente sua,

Anne Shirley 





Capítulo II

(Fragmentos de algumas cartas de Anne para Gilbert.)



26 de setembro

Sabe aonde vou para ler suas cartas? Ao bosque do outro lado da estrada. Existe lá um pequeno vale onde os raios do sol realçam os tons verdes das samambaias. Um riacho serpenteia por ele. Há um tronco de árvore retorcido e coberto de musgo sobre o qual eu me sento, além de uma fileira encantadora de jovens bétulas irmãs. Depois, quando tenho certo tipo de sonho – um sonho verde e dourado, com manchas vermelhas, o mais belo de todos os sonhos –, agrado minha imaginação com a crença de que ele veio de meu vale secreto de bétulas e nasceu de uma união mística entre a mais esbelta e tênue das irmãs e o riacho murmurante. Adoro me sentar lá e escutar o silêncio do bosque. Já percebeu quantos silêncios existem, Gilbert? O silêncio das matas... do litoral... dos campos... da noite... da tarde de verão.

São todos diferentes, porque as notas que os tecem não são as mesmas. Tenho certeza de que, se eu fosse completamente cega e insensível ao calor e ao frio, ainda assim saberia sem dificuldade dizer onde estava simplesmente pelo tipo de silêncio ao meu redor.

A escola reabriu duas semanas atrás, e já tenho tudo bem organizado. Porém, a senhora Braddock estava certa: os Pringle são meu problema. Até agora, apesar de meus trevos da sorte, ainda não sei exatamente como vou lidar com eles. Como disse a senhora Braddock, eles são doces como mel, mas verdadeiramente ardilosos.

Os Pringle são uma espécie de clã em que uns vigiam os outros e todos brigam entre si, mas, quando se trata de um forasteiro em Summerside, todos são “unha e carne”. Pude concluir que há somente dois tipos de pessoas por aqui: as que são Pringle e as que não são.

Minha turma de alunos está cheia deles, e vários outros que não possuem esse sobrenome têm também o sangue dos Pringle correndo nas veias. E, ao que tudo indica, quem os lidera é Jen Pringle, uma pirralha de olhos verdes que provavelmente se parece bastante com Becky Sharp^{*****} aos 14 anos de idade. Acho que ela está deliberadamente organizando uma campanha traiçoeira de insubordinação e desrespeito contra a qual não sei como devo lutar. A garota tem a habilidade de fazer caretas irresistivelmente cômicas, e, quando ouço atrás de mim uma onda de risadas abafadas atravessando a sala, sei perfeitamente bem quem a causou, mas até hoje não consegui pegá-la em flagrante. E a pestinha é inteligente também. Escreve composições que são quase obras literárias e é excelente em matemática. Ai de mim! Há um *brilho* em tudo o que ela diz e faz, e a menina tem um senso de humor que, com certeza, seria um vínculo por afinidade entre nós duas se ela já não tivesse chegado me odiando. Do jeito que as coisas estão, receio que vá demorar muito para que eu e Jen possamos rir *juntas* a respeito de alguma coisa.

Myra Pringle, prima de Jen, é a beldade da escola, mas tudo indica que não é nada perspicaz. Comete erros realmente admiráveis, como quando afirmou hoje, durante a aula de história, que os índios acharam que

Champlain^{*****} e seus homens eram deuses ou quaisquer outros “seres não humanos”.

Socialmente, os Pringle representam o que Rebecca Dew chama de “elite de Summerside”. Já fui convidada para dois jantares em casas de pessoas da família Pringle. É de bom tom, aqui, receber para essa refeição um novo professor, e os Pringle jamais deixariam de cumprir essa formalidade. Ontem à noite estive na casa de James Pringle, o pai de Jen. Ele tem a aparência de um professor universitário, mas, na verdade, é estúpido e ignorante. Falou bastante sobre *disciplina*, sempre tamborilando sobre a toalha de mesa – com um dedo cuja unha não tinha nada de impecável – e, ocasionalmente, ferindo a gramática de uma forma terrível.

– A Summerside High School sempre contratou professores rígidos, experientes e de preferência do sexo masculino. Receio que a senhorita seja “meia” jovem para o cargo – ele disse. – Mas esse é um defeito que não demora nada a deixar de existir – acrescentou ironicamente.

Não respondi nada, porque, se fizesse isso, eu provavelmente teria falado demais. Portanto, fui tão doce e amável quanto qualquer um dos Pringle poderia ser e me contentei em olhar serenamente para ele e pensar comigo mesma: “Velho rabugento e preconceituoso!”.

Jen deve ter herdado a inteligência da mãe, de quem me surpreendi gostando. Na presença dos pais, Jen foi um modelo de bom comportamento. No entanto, embora suas palavras fossem gentis, o tom de voz era insolente. Cada vez que ela dizia “senhorita Shirley”, fazia isso de um modo que parecia estar me insultando; e sempre que olhava para meu cabelo, eu sentia que ele era exatamente da cor de uma cenoura. Nenhum Pringle, posso garantir, jamais admitiria que meu cabelo é castanho-avermelhado.

Simpatizei bem mais com os Morton Pringle, apesar de o senhor Morton nunca ouvir realmente nada do que você fala. Ele lhe diz alguma coisa e em seguida, enquanto você está respondendo, já está ocupado em elaborar seu próximo comentário.

A senhora Stephen Pringle – conhecida como “a viúva Pringle” (Summerside está repleta de viúvas) – me escreveu ontem; uma carta respeitosa, amável... e venenosa: “Millie tem dever de casa em excesso. Ela é uma criança frágil e não deve ser sobrecarregada. O senhor Bell *não* mandava tarefas para casa. Millie é sensível, precisa ser *compreendida*. O senhor Bell a entendia tão bem!”. A senhora Stephen termina a carta dizendo que está certa de que também vou ser compreensiva... “se tentar”! Não tenho a menor dúvida de que ela pensa que fui responsável pelo sangramento no nariz de Adam Pringle durante a aula, hoje, o que fez com que ele voltasse para casa mais cedo.

Além de tudo, acordei no meio da noite passada e não consegui dormir de novo, porque me lembrei de um “i” no qual não pus o pingo quando escrevi uma pergunta na lousa. Tenho certeza de que Jen Pringle notou isso e que sussurros a esse respeito vão percorrer o clã inteiro.

Rebecca Dew garante que todos os Pringle, exceto as velhas senhoras de Maplehurst, vão me convidar para jantar e depois me ignorar para sempre. Como são a “elite”, isso pode significar que talvez eu seja socialmente banida de Summerside. Bem, é o que vamos ver. A batalha teve início, mas ainda não está vencida ou perdida. Mesmo assim, me sinto triste por tudo isso, pois não se pode argumentar com o preconceito. E continuo sendo como era na infância: não suporto que as pessoas não gostem de mim. Não é nem um pouco agradável pensar que as famílias de metade de meus alunos me detestam, e que não tenho culpa disso. O que mais me dói é exatamente a *injustiça*. E aí estão mais itálicos, Gilbert! Acho que o itálico, às vezes, ajuda a expressar os sentimentos.

Deixando os Pringle de lado, posso dizer que estimo muito meus alunos. Há alguns que são inteligentes, ambiciosos e esforçados, e que estão realmente interessados em obter uma boa educação. Lewis Allen paga sua hospedagem com *tarefas domésticas* na pensão e não tem nenhuma vergonha disso. Já Sophy Sinclair cavalga sem sela, na velha égua cinzenta do pai, por dez quilômetros para ir à escola e mais dez na volta para casa,

todos os dias. Isso me dá coragem! Se posso ajudar uma garota assim, devo me importar com os Pringle?

O problema é que, se eu não puder conquistar os Pringle, não vou ter muita chance de ajudar ninguém.

Porém, amo Windy Poplars. Isto aqui não é uma pensão, é um lar! E as pessoas gostam de mim, inclusive Dusty Miller, embora ele me desaprove ocasionalmente e demonstre isso se sentando de costas para mim e virando de vez em quando um de seus olhos dourados sobre o ombro para ver como estou reagindo a isso. Tomo cuidado para não o afagar muito quando Rebecca Dew está por perto, porque isso realmente a irrita. De dia, o gato é um animal caseiro, tranquilo, contemplativo; porém, à noite, é decididamente uma criatura estranha. Rebecca diz que é porque ele não tem permissão para permanecer fora de casa depois do anoitecer. Nessas horas, ela odeia ficar no quintal chamando por ele e diz que todos os vizinhos riem dela. Rebecca Dew o chama em tons de voz tão altos e bravos que pode mesmo ser ouvida por toda a cidade durante um fim de tarde silencioso: “Bichano! *Bichano!* BICHANO!”. Porém, as viúvas ficariam histéricas se Dusty Miller não estivesse em casa quando elas fossem para a cama.

– Ninguém sabe o que Aquele Gato já me fez passar... *ninguém!* – Rebecca Dew se queixou comigo.

As viúvas e eu estamos nos dando muito bem. A cada dia que passa, eu as admiro mais. Tia Kate não aprecia romances, mas avisou que não vai censurar minha leitura. Por outro lado, tia Chatty adora esses livros e possui um esconderijo onde os guarda – eles são trazidos clandestinamente da biblioteca municipal – juntamente com um baralho, para jogar paciência, e tudo o mais que ela não quer que tia Kate veja. Esse lugar secreto fica sob o assento de uma cadeira, e ninguém mais, exceto tia Chatty e eu, sabe que aquilo é mais do que um mero assento. Ela compartilhou seu segredo comigo, e tenho fortes suspeitas de que tenha feito isso porque deseja que eu a ajude e seja sua cúmplice na “aquisição” dos romances.

Esconderijos não deveriam ser, de maneira alguma, necessários em Windy Poplars, pois nunca vi uma casa com tantos armários misteriosos. Entretanto, na verdade, Rebecca Dew não os deixa permanecer *totalmente* misteriosos: está sempre limpando cuidadosamente cada um deles.

– Uma casa não se mantém limpa por si mesma – ela diz, pesarosa, quando alguma das viúvas protesta.

Tenho certeza de que ela se livraria fácil e imediatamente de um romance ou um baralho se os encontrasse. Ambos são um horror para sua alma ortodoxa. Rebecca Dew costuma dizer que as cartas de baralho são os livros do diabo, e que os romances são ainda piores. As únicas coisas que Rebecca Dew lê, além de sua Bíblia, são as colunas sociais do periódico *Montreal Guardian*. Ela adora saber tudo sobre as casas, os móveis e as atividades dos milionários.

– Imagine como seria mergulhar em uma banheira toda de ouro, senhorita Shirley – ela me disse, pensativa, certa vez.

Mas é uma ótima pessoa. Outro dia, trouxe de algum lugar uma poltrona antiga e estofada com um tecido bordado muito bonito, embora já bem desbotado. É uma cadeira de braços bastante confortável, e meu corpo se adaptou perfeitamente a ela. Quando entrou na sala com o objeto, ela disse:

– Esta é a *sua* poltrona, senhorita Shirley; vai ficar aqui para a *senhorita*.

Rebecca Dew não deixa Dusty Miller dormir sobre o assento; ela receia que os pelos dele grudem na saia que uso para trabalhar e, com isso, dê assunto para as conversas entre os Pringle.

Todas as três se interessaram muito por meu anel de pérola e pelo que ele significa para mim. Tia Kate me mostrou seu anel de noivado, cravejado de turquesas, mas lamentou não poder mais usá-lo: ficou pequeno para seu dedo. E a pobre tia Chatty me confessou, com lágrimas nos olhos, que não teve um anel de noivado, pois seu marido achava que era “um gasto desnecessário”. Nesse dia, ela estava em meu quarto banhando o rosto com leite desnatado. Ela faz isso todas as noites para

rejuvenescer a pele e me fez prometer que eu manteria segredo, porque não quer que tia Kate saiba.

– Ela acharia isso uma vaidade ridícula em uma mulher de minha idade. E posso garantir que Rebecca Dew pensa que nenhuma mulher cristã deve tentar ser bonita. Eu costumava ir até a cozinha para fazer isso depois que Kate dormia, mas sempre tive medo de Rebecca Dew aparecer de repente. Ela tem ouvidos sensíveis como os de um gato, mesmo quando está dormindo. Se eu pudesse vir aqui todas as noites... Oh, obrigada, minha querida.

Descobri algumas coisas sobre nossos vizinhos de The Evergreens. A senhora Campbell (que já foi uma Pringle!) tem 80 anos. Embora eu ainda não a tenha visto, pelo que pude apurar, é uma mulher muito austera. Tem uma criada, Martha Monkman, quase tão idosa e séria quanto ela, a quem as pessoas geralmente se referem como a “Mulher da senhora Campbell”. E tem também uma bisneta, a pequena Elizabeth Grayson, que mora com ela. A menina – sobre a qual jamais pus os olhos, apesar de já ter duas semanas que moro aqui – está com 8 anos e frequenta a escola pública, mas como ela sai de casa e volta pelos fundos, por um atalho que passa pelo portão do quintal, nunca nos encontramos. Sua mãe era neta da senhora Campbell e também foi educada por ela, pois, assim como a filha, ficou órfã muito cedo. A mãe de Elizabeth se casou com um certo Pierce Grayson, um “ianque”, como a senhora Lynde diria, e morreu quando Elizabeth nasceu. Na mesma época, o pai da garotinha teve de deixar a América imediatamente e se mudar para Paris, onde precisou assumir a administração de uma filial de sua empresa. Por isso, o bebê foi mandado para a casa da senhora Campbell. Dizem por aqui que o homem não suportava olhar para a filha, porque ela havia custado a vida de sua esposa, e que, desde então, jamais se interessou por ela. Porém, isso pode ser apenas um mexerico, já que nem a senhora Campbell nem a criada jamais abrem a boca para falar sobre ele.

Rebecca Dew acha que as duas são muito severas com a pequena Elizabeth, e que, portanto, a menina não é feliz.

– Não é como as outras crianças, é madura demais para a idade que tem. A senhorita precisa ver as coisas que ela diz às vezes. “Rebecca”, ela falou um dia desses, “já imaginou se você estivesse pronta para se deitar e de repente sentisse uma *mordida* no tornozelo?”. Não é de admirar que ela tenha medo de ir para a cama no escuro. E é obrigada a isso. A senhora Campbell argumenta que não quer covardes na casa *dela*. As duas a vigiam como dois gatos espreitam um rato e a controlam o tempo todo. Se ela faz qualquer barulho, por menor que seja, elas quase desmaiam. É “pss!, pss!” o tempo todo. Vou lhe dizer: essa menina é demasiadamente silenciada. Contudo, o que se pode fazer, não é?

Realmente não há nada a fazer.

Eu gostaria de conhecê-la. A história dela me comove. Tia Kate falou que é uma criança bem cuidada fisicamente. Na verdade, acho que tia Kate quis dizer que elas a vestem e alimentam bem, mas uma criança não pode viver só de pão. Nunca vou me esquecer de como foi minha vida antes de Green Gables.

A propósito, vou para casa na próxima sexta-feira e quero passar dois belos dias em Avonlea. O único inconveniente é que todas as pessoas que eu encontrar vão querer saber se estou gostando de lecionar em Summerside.

Mas agora só quero pensar em Green Gables, Gilbert. No Lago das Águas Brilhantes coberto de névoa azul, nos bordos do outro lado do riacho começando a ficar vermelhos, nas samambaias praticamente douradas do Bosque Assombrado e nas sombras do pôr do sol na Vereda dos Apaixonados, lugar tão querido! Sinto em meu coração que gostaria de já estar lá, com... com... você pode adivinhar com quem?

Sabe, Gilbert, há momentos em que suspeito fortemente que te amo! ☒

Windy Poplars,
Spook’s Lane,
Summerside,



“Honrado e respeitado senhor”...

Era assim que começava uma carta de amor da avó de tia Chatty. Não é incrível? Que sensação de superioridade deve ter causado no avô! Você não preferiria sinceramente isso a “Querido Gilbert”, etc.? Contudo, em geral, acho que fico contente por você não ser o avô, ou um avô. É maravilhoso pensar que somos jovens e temos a vida inteira pela frente... *juntos*, não é?

(Várias páginas foram omitidas aqui. Evidentemente, a pena da caneta de Anne não estava arranhando, entupida ou enferrujada.)

Estou sentada perto da janela da torre, contemplando as árvores que balançam sob um céu amarelado e, mais adiante, o porto. Ontem à noite fiz, sozinha, um passeio fascinante. Eu realmente precisava ir a algum lugar, pois Windy Poplars estava com uma atmosfera bem pesada. Tia Chatty chorava na sala porque seus sentimentos haviam sido feridos; tia Kate chorava no quarto por ser aniversário de morte do capitão Amasa; e Rebecca Dew chorava na cozinha por algum motivo que não consegui descobrir. Nunca tinha visto Rebecca Dew chorar. Quando tentei diplomaticamente averiguar o que havia de errado, ela quis saber, irritada, se “uma pessoa não tem o direito de desfrutar um choro quando sente vontade”. Com isso, desisti e saí furtivamente, deixando-a à vontade com seu deleite.

Caminhei pela estrada do porto. Havia no ar gelado um aroma suave, típico de outubro, misturado ao cheiro delicioso de campos recém-arados. Fiquei andando até o crepúsculo se transformar em uma noite enluarada de outono. Eu estava sozinha, mas não me sentia solitária. Tive várias conversas imaginárias com diversos amigos fictícios e pensei em tantos poemas que fiquei agradavelmente surpresa comigo mesma. Não pude deixar de me divertir apesar de minhas preocupações com os Pringle.

Tenho vontade de dar uns berros quando penso neles. Odeio admitir isto, mas as coisas não vão nada bem em Summerside High School. Não

há nenhuma dúvida de que existe uma conspiração organizada contra mim.

Em primeiro lugar, o dever de casa nunca é feito pelos Pringle; isso inclui tanto os parentes próximos quanto os mais distantes. E não adianta recorrer aos pais. Eles são sempre bem-educados, amáveis... e evasivos. Sei que os alunos que não pertencem ao clã gostam de mim, mas o vírus Pringle da desobediência está contaminando e minando os princípios morais de toda a turma.

Um dia desses, de manhã, encontrei minha mesa de pernas para o ar e com as gavetas abertas. Obviamente, ninguém soube me dizer quem tinha feito isso. E, da mesma forma, na semana passada não houve um aluno que pudesse, ou quisesse, revelar qual – ou quais – deles havia deixado sobre minha mesa uma caixa de onde pulou uma cobra artificial quando a abri. Entretanto, todos os Pringle da escola deram gargalhadas incontroláveis diante de mim, sem o menor constrangimento. Suponho que eu estava comicamente sobressaltada.

Jen Pringle chega atrasada para as aulas com bastante frequência; sempre tem alguma desculpa irrefutável comunicada gentilmente, porém com uma expressão bastante insolente no rosto. Ela passa bilhetes para os colegas durante a aula sem sequer tentar disfarçar. E hoje, quando fui vestir meu casaco depois da aula, encontrei uma cebola descascada no bolso. Eu adoraria manter aquela garota encarcerada, vivendo apenas de pão e água, até ela aprender a se comportar.

Contudo, a pior coisa que aconteceu até hoje foi ter encontrado uma caricatura minha no quadro-negro certa manhã, toda desenhada com giz branco... com exceção do cabelo, que era *escarlate*. Todos negaram a autoria da obra, inclusive Jen, mas sei que ela é a única da classe que tem capacidade para fazer um desenho como aquele. A caricatura estava realmente bem-feita. Meu nariz, que, como você bem sabe, sempre foi para mim um motivo de orgulho e alegria, estava deformado; e minha boca era semelhante à de uma velha solteirona mal-humorada que lecionou por trinta anos em uma escola repleta de alunos que faziam parte

do clã dos Pringle. Mas era *eu*. Naquela noite acordei às 3 horas da madrugada e sofri profundamente com a lembrança. Não é estranho pensar que as coisas que nos fazem sofrer durante a noite raramente são muito terríveis? Geralmente são apenas humilhantes.

Estão dizendo por aqui todos os tipos de coisas a meu respeito. Sou acusada de “diminuir” as notas dos testes de Hattie Pringle só porque ela é uma Pringle. Falam que me divirto “quando as crianças cometem erros”. (Bem, eu ri *mesmo* quando Fred Pringle definiu um centurião como “um homem que viveu cem anos”. Não pude evitar.)

James Pringle anda comentando que não há disciplina na escola que dirijo... “absolutamente *nenhuma* disciplina”. E está circulando por aqui um boato de que fui “uma criança abandonada”.

Além de tudo isso, já começo a me deparar com o antagonismo dos Pringle em outros setores. Não é só em relação à educação: socialmente, também, parece que Summerside está sob o domínio deles. Não é de admirar que sejam chamados de a “família real”.

Não fui convidada para a caminhada festiva promovida por Alice Pringle na sexta-feira passada. E quando a senhora Frank Pringle organizou um chá com o objetivo de arrecadar fundos para um projeto da igreja (Rebecca Dew me contou que as senhoras da paróquia planejam “construir” uma nova torre para o sino!), fui a única presbiteriana da região a não ser convidada. Ouvi dizer também que a esposa do pastor, que chegou a Summerside há pouco tempo, sugeriu meu nome para integrar o coral e foi informada de que, se isso acontecesse, todos os Pringle deixariam o coro e ele ficaria tão prejudicado que simplesmente não poderia sobreviver.

É claro que não sou a única professora que tem problemas com os alunos. Quando meus colegas mandam os deles à minha sala para serem “disciplinados” (como detesto essa palavra!), a metade desses estudantes é Pringle. No entanto, nenhum jamais reclama dos professores.

Dois dias atrás, segurei Jen na escola depois da aula para fazer algumas tarefas que ela havia deliberadamente deixado incompletas. Dez minutos

depois, a charrete de Maplehurst parou em frente à escola, e a senhorita Ellen – uma mulher idosa, com um sorriso doce no rosto e um nariz curvado para baixo, lembrando o bico de um falcão, vestida elegantemente e usando luvas delicadas de renda preta; uma mulher que parecia pronta para uma festa em 1840 – veio até a porta. Disse que sentia muito, mas precisava levar Jen: ia visitar amigos em Lowvale e havia prometido que a garota iria com ela. Jen saiu triunfantemente, e eu me dei conta, mais uma vez, da existência de forças reunidas contra mim.

Em meus momentos de pessimismo, penso que os Pringle são o resultado de uma mistura dos Sloane com os Pye. Entretanto, sei que isso não é verdade. Percebo que eu poderia gostar deles, se não fossem meus inimigos. Quase todos são honestos, alegres e leais. Talvez eu nutrisse alguma estima até pela senhorita Ellen. Quanto à senhorita Sarah, nunca a vi; dizem que já faz dez anos que não sai de Maplehurst.

– É delicada demais... ou pensa que é – disse Rebecca Dew, com um suspiro. – Contudo, não pense que ela não é altiva. Todos os Pringle são orgulhosos, mas aquelas duas velhas superam qualquer um. A senhorita precisa ouvi-las falar sobre seus antepassados... Bem, o pai delas, o velho capitão Abraham Pringle, *era* um bom homem. Seu irmão, Myrom, nem tanto, mas os Pringle não falam muito sobre ele. Sabe, tenho medo de que a senhorita tenha dificuldades com todos eles. Quando decidem sobre algo ou alguém, jamais mudam de ideia. Mantenha a cabeça erguida, senhorita Shirley. Mantenha a cabeça erguida!

Outro dia, tia Chatty me disse, melancólica:

– Eu queria muito a receita de pão da senhorita Ellen. Ela já me prometeu isso várias vezes, mas nunca cumpre. É uma receita antiga de família. Os Pringle são tão egoístas com relação a essas coisas...

Em sonhos extravagantes, fora de meu controle, me vejo obrigando a senhorita Ellen a entregar, de joelhos, a tal receita para tia Chatty e forçando Jen a ser uma boa menina. Gilbert, o que me deixa mais frustrada é saber que eu poderia facilmente fazê-la comportar-se bem se todo o clã não estivesse apoiando sua má índole.

(Duas páginas omitidas.)

Sua obediente serva,

Anne Shirley

P.S.: Era assim que a avó de tia Chatty assinava suas cartas de amor. ✉

17 de outubro



Ouvimos falar hoje que houve um assalto no outro lado da cidade ontem à noite. Os ladrões entraram na casa e roubaram dinheiro e uma dúzia de colheres de prata. Rebecca Dew foi procurar o senhor Hamilton imediatamente, para pedir um cachorro emprestado. Ela quer deixá-lo preso na varanda dos fundos, e já me aconselhou a esconder meu anel de noivado!

A propósito, descobri por que Rebecca Dew chorou. Parece que houve uma desavença doméstica. Dusty Miller foi “desobediente mais uma vez”, e Rebecca Dew falou com tia Kate que sua paciência com Aquele Gato havia chegado ao limite; algo teria de ser feito. Ela não suportava mais. Disse que foi a terceira vez em apenas um ano e sabia que ele fazia aquilo de propósito. Então, tia Kate falou que, se Rebecca Dew deixasse o gato sair sempre que miasse, não haveria motivo para ele se comportar mal.

– Ora, esta é a gota d’água que faltava! – indignou-se Rebecca Dew.

Consequentemente, lágrimas!

A situação com os Pringle piora a cada semana. Ontem alguém escreveu algo bastante ofensivo em um de meus livros, e depois da aula Homer Pringle percorreu todo o corredor dando cambalhotas. Além disso, recebi recentemente uma carta anônima cheia de insinuações maldosas detestáveis. Contudo, por alguma razão, não culpo Jen nem pelo que foi escrito em meu livro nem pela carta. Ela é uma menina endiabrada, mas há coisas que não se rebaixaria a fazer. Rebecca Dew está furiosa, e eu estremeço ao pensar no que ela faria com os Pringle, se pudesse; acho que nem Nero———— desejaria coisas piores. Mas, na verdade, não a culpo, pois

há momentos em que sinto que eu mesma poderia oferecer alegremente, a cada um de todos eles, uma dose da poção envenenada de Bórgia.*****

Ainda não lhe falei muito sobre os outros professores. São dois: a vice-diretora, Katherine Brooke, e George MacKay. Tenho pouco a contar sobre George. É um rapaz tímido, simpático e de boa índole. Tem 20 anos e um leve e agradável sotaque das terras altas da Escócia que me faz pensar em pastos nas montanhas e ilhas cobertas de névoa. O avô dele era da ilha de Skye. George é um ótimo professor, e, até onde o conheço, gosto dele. Entretanto, receio que seja difícil sentir o mesmo por Katherine Brooke.

Katherine é uma moça de uns 25 anos, imagino, embora pareça ter 35. Ouvi dizer que nutria esperanças de ser promovida a diretora e suponho que esteja ressentida com o fato de eu ter sido nomeada para o cargo, especialmente porque sou mais jovem que ela. É boa professora – um pouco autoritária demais –, mas não tem popularidade nenhuma, e não se importa com isso. Ao que tudo indica, não tem amigos nem parentes e se hospeda em uma casa de aspecto sombrio na pequena e suja Temple Street. Não se veste com elegância, não frequenta eventos sociais e tem fama de sovina. Katherine é bastante sarcástica, e os alunos temem seus comentários cruéis. Fiquei sabendo que a maneira pela qual ela ergue as sobrancelhas grossas e negras e o modo como fala com eles – lentamente e prolongando as vogais – os deixam intimidados e assustados. Às vezes sinto vontade de usar esses métodos com os Pringle, mas sei que não gostaria de controlá-los pelo medo, como ela faz. Quero que meus alunos me amem.

Embora não tenha aparentemente nenhuma dificuldade para discipliná-los, ela manda alguns de seus alunos para mim com frequência, especialmente os Pringle. Não duvido que faça isso deliberadamente e percebo, com tristeza, que ela se alegra com minhas dificuldades e ficaria contente em me ver desesperada.

Rebecca Dew pensa que ninguém consegue ser amigo de Katherine Brooke. As viúvas a convidaram várias vezes para o jantar de domingo. Essas almas queridas vivem fazendo isso pelas pessoas solitárias e sempre têm a mais deliciosa salada de frango para oferecer. Contudo, Katherine

nunca veio, e, por fim, elas desistiram. Afinal, como tia Kate costuma dizer, “existem limites para tudo”.

Há rumores de que ela é muito inteligente, além de recitar (“declamar”, como diz Rebecca Dew) e cantar magnificamente, mas se recusa a fazer essas coisas. Certa vez, tia Chatty sugeriu que recitasse em um evento da igreja, mas Katherine rejeitou o convite.

– Achamos que ela se negou muito indelicadamente – disse tia Kate.

– Apenas rosnou – Rebecca Dew acrescentou.

Katherine Brooke tem uma voz profunda e rouca – uma voz quase masculina – que soa realmente como um rosnado quando ela está mal-humorada.

Não é bonita, mas poderia se embelezar um pouco. Tem a pele morena e um cabelo negro lindo que, no entanto, está sempre puxado para trás da testa alta, enrolado e preso desajeitadamente na nuca. Os olhos, por serem castanhos em um tom bem claro, não combinam com o cabelo nem com as sobrancelhas escuras. Katherine tem orelhas das quais não precisa se envergonhar, e suas mãos são as mais bonitas que já vi. Além disso, a boca é bem delineada. Porém, ela se veste terrivelmente mal. Parece que tem o dom de escolher exatamente as cores e estampas que não deveria usar: tons escuros de verde e sombrios de cinza que não combinam com a cor de sua pele; e listras que fazem sua silhueta alta e magra ficar ainda *mais* alta e *mais* magra. E o pior de tudo é que ela sempre dá a impressão de que dormiu com as roupas que está vestindo.

Suas atitudes são repulsivas. Rebecca diria que ela está sempre “com a avó atrás do tóco”. Todas as vezes em que passo por Katherine na escola, sinto que ela está pensando coisas horríveis a meu respeito. E, quando falo com ela, me dá a sensação de que eu disse a coisa errada. Acho que ela realmente me detesta, mas, apesar de tudo, e sabendo que me odiaria furiosamente por isso, tenho pena de Katherine Brooke. No entanto, não posso fazer nada para ajudá-la, pois ela não quer ser ajudada.

Um dia, quando estávamos os três na sala dos professores, fiz algo que aparentemente transgrediu uma das “normas não escritas” da escola, e

Katherine disse sarcasticamente:

– Talvez a senhorita pense que está acima das regras.

E em outra ocasião, após eu ter sugerido algumas mudanças que considerava boas para a escola, ela falou, com um sorriso sarcástico:

– Não estou interessada em contos de fadas.

Houve também o dia em que fiz algum elogio a seu trabalho e a um de seus métodos, e ela me respondeu:

– O que a senhorita pretende com isso?

Contudo, o que mais me aborreceu foi... Bem, uma vez, quando peguei por acaso um livro dela na sala dos professores e olhei para a primeira folha, comentei:

– Fico contente em ver que a senhorita escreve seu nome assim. Katherine com “K” é muito mais interessante do que com “C”. Afinal, “K” é uma letra muito mais simpática do que o soberbo “C”.

Ela não disse nada, mas no documento seguinte que escreveu para mim assinou “Catherine Brooke”.

Espirrei durante todo o caminho de volta para casa.

Eu certamente desistiria de tentar conquistá-la se não tivesse uma intuição estranha e inexplicável de que, por trás de toda a sua rispidez e indiferença, ela se sente solitária.

Gilbert, nessa convivência com o antagonismo de Katherine e a conspiração dos Pringle, não sei o que seria de mim se não fossem suas cartas, a estimada Rebecca Dew... e a pequena Elizabeth.

Sim, conheci a pequena Elizabeth. Ela é encantadora!

Três dias atrás, no final da tarde, levei o copo de leite dela até a abertura do muro e, no lugar da “Mulher da senhora Campbell”, a pequena Elizabeth estava lá pessoalmente para pegá-lo. Sua cabeça apareceu acima da parte inferior da porta verde, de forma que seu rosto ficou emoldurado pelos ramos da videira. Ela é pequena, pálida, loura e tristonha. Seus olhos, que me observavam à luz do crepúsculo de outono, são grandes e castanhos. Seu cabelo dourado, macio e brilhante estava partido ao meio e caía ondulado sobre os ombros; ela usava um vestido azul-claro e tinha a

expressão de uma princesa da terra dos elfos. A pequena Elizabeth possui o que Rebecca Dew chama de “um ar delicado” e me deu a impressão de ser uma criança desnutrida – não de corpo: de alma –, mais semelhante a um raio de luar do que a um de sol.

– Então esta é a Elizabeth?! – falei.

– Agora não – ela respondeu, séria. – Esta é minha noite de ser Betty, porque hoje amo tudo no mundo. Ontem à noite eu era Elizabeth, e é provável que amanhã à noite eu seja Beth. Tudo depende de como me sinto.

Lá estava o sinal da presença de uma alma irmã, Gilbert! Fiquei imediatamente muito feliz e animada.

– Como é bom ter um nome que você pode mudar tão facilmente e, ainda assim, sentir que cada um é seu próprio nome! – falei.

A pequena Elizabeth concordou com um aceno de cabeça.

– Posso criar tantos nomes a partir dele! Elsie, Betty, Bess, Elisa, Lisbeth, Beth... mas Lizzie, não. Nunca consigo me sentir como Lizzie.

– Ora, quem conseguiria? – falei.

– Não acha que tudo isso é uma bobagem, senhorita Shirley? Vovó e a Mulher pensam que é.

– Absolutamente: não é bobagem nenhuma; é muito sensato e delicioso.

A pequena Elizabeth arregalou os olhos acima da borda do copo de leite. Senti que estava sendo avaliada de acordo com algum critério espiritual secreto e logo concluí, agradecida, que havia sido aprovada, pois em seguida a pequena Elizabeth me pediu um favor. E eu já sabia que ela não pede favores a pessoas de quem não gosta.

– A senhorita se importaria de levantar o gato e me deixar fazer um carinho nele? – perguntou, timidamente.

Dusty Miller estava se esfregando em minhas pernas. Eu o ergui, e a pequena Elizabeth estendeu a mão pequena e afagou alegremente a cabeça do animal.

– Gosto mais de gatos do que de bebês – disse, olhando para mim com um ar estranho, ligeiramente desafiador, como se soubesse que eu ficaria chocada, mas, ao mesmo tempo, não pudesse deixar de dizer a verdade.

– Suponho que você nunca tenha convivido muito com bebês e por isso não sabe como eles são doces – afirmei, sorrindo. – Você tem um gatinho?

Elizabeth balançou a cabeça.

– Oh, não. Vovó não gosta de gatos, e a Mulher os odeia. A Mulher não está em casa hoje, então eu pude vir buscar meu leite. Adoro quando isso acontece, pois Rebecca Dew é uma pessoa tão agradável!

– Está decepcionada porque ela não veio esta noite? – sorri.

A pequena Elizabeth balançou a cabeça mais uma vez.

– Não. A senhorita também é muito agradável. Eu queria conhecê-la, mas tinha medo de que isso não acontecesse antes que o Amanhã chegasse.

Ficamos lá, conversando, enquanto Elizabeth bebia seu leite vagarosamente e me contava tudo sobre o Amanhã. A Mulher lhe havia dito que o Amanhã não vai chegar, mas a menina sabe que isso não é verdade. Um dia ele *vem*. Um belo dia ela vai acordar cedo e descobrir que é Amanhã. Não Hoje: Amanhã. E então as coisas vão acontecer... Coisas maravilhosas! Talvez até ela tenha um dia em que possa fazer exatamente tudo de que gosta sem ser vigiada, embora eu pense que Elizabeth sinta que *isso* é bom demais para acontecer, até mesmo no Amanhã. Ou quem sabe ela vai poder descobrir o que há no final da estrada do porto; aquela estrada comprida e sinuosa – parecendo uma cobra vermelha – que Elizabeth pensa que leva ao fim do mundo. Pode ser também que a Ilha da Felicidade esteja no final dela. Elizabeth acredita que existe, em algum lugar, uma Ilha da Felicidade na qual estão ancorados todos os navios que nunca retornaram, e ela está certa de que vai encontrá-la assim que o Amanhã chegar.

– E quando o Amanhã vier – ela revelou –, senhorita Shirley, vou ter um milhão de cachorros e quarenta e cinco gatos. Eu disse isso a vovó na época em que fui proibida de ter um gato, e ela respondeu, furiosa: “Não estou acostumada a ouvir ninguém falar comigo desse modo, senhorita

insolência!”. Fui mandada para a cama sem jantar. Porém, não tive a intenção de ser insolente. E não consegui dormir naquela noite, senhorita Shirley, porque a Mulher tinha me dito que uma vez conheceu uma criança que morreu dormindo depois de ter sido insolente.

Quando Elizabeth acabou de tomar seu leite, ouvimos umas batidas fortes em alguma janela escondida pelos abetos. Suspeito que fomos observadas o tempo todo em que estivemos ali. No mesmo instante, minha criança-elfo saiu correndo, e eu fiquei contemplando o brilho de seu cabelo dourado ao longo do corredor escuro de abetos até ela desaparecer.

– É uma criatura muito fantasiosa – disse Rebecca Dew quando lhe contei minha aventura. (Sim, Gilbert, de alguma forma, aquilo foi uma aventura.) – Uma vez, ela me perguntou: “Você tem medo de leões, Rebecca Dew?”. Falei que nunca tinha visto um e por isso não sabia responder. “Haverá uma porção deles no Amanhã, todos bondosos e amáveis”, ela falou. Então, eu avisei: “Criança, seus olhos vão ficar vidrados para sempre se não parar com isso agora”. A pequena Elizabeth olhava através de mim para alguma coisa que via naquele Amanhã dela. “Estou tendo pensamentos profundos, Rebecca Dew”, a menina explicou. O problema daquela criança, senhorita Shirley, é que ela não ri o quanto deveria.

Lembrei que Elizabeth não tinha rido nenhuma vez durante nossa conversa. Sinto que não aprendeu a se divertir. Aquela casa enorme é tão quieta, solitária e triste! Parece monótona e sombria até mesmo nestes dias em que o mundo está repleto das cores do outono. Com certeza, a pequena Elizabeth ouve sussurros em excesso. Acho que uma de minhas missões em Summerside é ensiná-la a rir.

Sua mais afetuosa e fiel amiga,

Anne Shirley

P.S.: Mais uma frase da avó de tia Chatty. ☒





Capítulo III

Windy Poplars,
Spook's Lane,
Summerside,
25 de outubro

Gilbert querido,

O que acha disto? Jantei em Maplehurst!

A própria senhorita Ellen escreveu o convite. Rebecca Dew ficou eufórica! Ela jamais havia imaginado que aquelas duas me dariam alguma atenção e não acreditou que fizeram isso por gentileza.

– Elas têm algum motivo sinistro, tenho certeza! – Rebecca Dew exclamou.

Eu também tinha tido essa impressão.

– Use o que tiver de melhor, senhorita Shirley – Rebecca Dew ordenou.

Sendo assim, coloquei meu belo vestido bege de seda com estampa de violetas roxas e fiz no cabelo um penteado novo, com um topete. Ficou

bastante apropriado.

A seu modo, a senhorita Sarah e a senhorita Ellen são verdadeiramente agradáveis; eu poderia gostar muito delas, se me permitissem. Maplehurst é uma casa imponente, de acesso restrito e rodeada por árvores que a separam das “residências comuns”. No pomar, há a estátua de uma mulher: é grande e branca, de madeira, e ficava na proa do velho e famoso navio do capitão Abraham, o *Go and Ask Her*.^{*****} Em volta dos degraus da entrada, há uma enorme quantidade de artemísias cujas mudas vieram da Inglaterra, trazidas há mais de cem anos pelo primeiro imigrante Pringle. Um outro antepassado delas lutou na Batalha de Minden,^{*****} e sua espada está pendurada na parede da sala de visitas, ao lado do retrato do capitão Abraham, do qual as filhas têm um evidente e enorme orgulho.

Há nesse cômodo várias coisas interessantes, como espelhos majestosos presos acima de lareiras antigas e escuras, uma cristaleira com flores de cera dentro, figuras de vários e lindos navios de muito tempo atrás, conchas bem grandes e uma guirlanda feita de fios trançados do cabelo de todos os Pringle conhecidos. E, no quarto de hóspedes, a colcha que cobre a cama tem bordados infinitamente pequenos!

Nós nos sentamos em cadeiras inglesas, de mogno, do século XVIII. As paredes são revestidas de um papel decorado com listras prateadas, e as cortinas são pesadas e cheias de relevos dourados. As mesas têm tampos de mármore, e sobre uma delas há uma bela maquete de um navio de casco vermelho e velas brancas – o *Go and Ask Her*. Um lustre enorme de cristal, repleto de pendentess, está preso no teto. Há, ainda, um espelho redondo com um relógio no centro, uma peça que o capitão Abraham trouxe “do estrangeiro”. A sala é maravilhosa, Gilbert! Eu gostaria de algo parecido em nossa casa dos sonhos.

Até as sombras pareceram expressivas e tradicionais. A senhorita Ellen me mostrou milhões – aproximadamente – de fotografias dos Pringle, sendo que muitas delas são daguerreótipos^{*****} com capas de couro. Um gato grande, da cor de casco de tartaruga, apareceu e pulou sobre meus joelhos, mas foi imediata e rapidamente levado para a cozinha pela

senhorita Ellen. Quando voltou para a sala, ela me pediu perdão; suponho que tenha se desculpado antes com o gato, lá na cozinha.

A senhorita Ellen conduziu a conversa durante a maior parte do tempo. A senhorita Sarah, uma criatura minúscula usando um vestido de seda preta sobre uma saia engomada, tem cabelo branco como a neve e olhos tão negros quanto sua roupa; é melancólica, gentil, adorável! Manteve as mãos magras e com veias aparentes o tempo todo cruzadas sobre o colo, entre os babados de renda delicada de seu vestido, e parecia quase frágil demais para falar. Mesmo assim, Gilbert, tive a impressão de que todos os Pringle do clã, inclusive a própria senhorita Ellen, são dominados por ela.

O jantar estava delicioso. A água era fresca; a toalha de mesa, muito bonita; e toda a louça, refinada. Fomos servidas por uma criada praticamente tão ativa e aristocrática quanto as donas da casa. Na verdade, a senhorita Sarah fingiu ser meio surda sempre que lhe dirigia a palavra, e cheguei a pensar que eu engasgaria com cada garfada que punha na boca. Tive a sensação de que toda a minha coragem havia me abandonado, e eu não passava de um rato capturado em uma ratoeira.

Gilbert, nunca, nunca vou ser capaz de conquistar ou vencer a “família real”. Já posso até me ver pedindo demissão no final do ano. Não tenho nenhuma chance de ser feliz com esse clã.

Porém, e apesar de tudo, não consegui deixar de sentir pena daquelas duas velhas irmãs quando, ao sair, olhei ao redor de Maplehurst. Já houve *vida* naquela casa: pessoas nasceram lá... morreram lá... foram felizes... conheceram o sono, o desespero, o medo, a alegria, o amor, a esperança, o ódio... E agora já não existe nada por ali além das memórias das quais as duas vivem; e o orgulho, claro.

Tia Chatty ficou bastante chateada quando esticou lençóis limpos sobre minha cama e encontrou um vinco em forma de diamante bem no meio de um deles. Ela tem certeza de que isso é um sinal de morte na casa. E tia Kate está indignada com tal superstição. Quanto a mim, prefiro pessoas supersticiosas; elas acrescentam cor à vida. O mundo não seria monótono

se todas as pessoas fossem sábias, sensatas... e bondosas? Sobre o que nós conversaríamos?

Tivemos uma catástrofe aqui anteontem. Dusty Miller passou a noite inteira fora, apesar dos berros de “Bichanoooo!” que Rebecca Dew soltou no quintal. E, quando ele reapareceu pela manhã... Oh, que aparência tinha aquele gato! Um olho estava completamente fechado, e havia um inchaço do tamanho de um ovo em sua mandíbula. O pelo estava duro por causa da lama grudada, e uma das patas tinha sido mordida. No entanto, você precisava ver o ar triunfante, e nada arrependido, que Dusty Miller tinha no olho bom. As viúvas ficaram horrorizadas, mas Rebecca Dew exclamou, radiante:

– Aquele Gato jamais teve uma boa briga em sua vida, antes. Aposto que seu adversário está com uma aparência bem pior do que a dele!

Há uma neblina pairando sobre o porto esta noite, ofuscando a estrada vermelha que a pequena Elizabeth quer explorar. Ervas e folhas estão sendo queimadas em todos os jardins da cidade, e a combinação de fumaça e névoa vem transformando Spook’s Lane em um lugar encantado, misterioso e fascinante. Está ficando tarde, e minha cama não para de me dizer que é hora de dormir. Finalmente me acostumei a subir os degraus para chegar até a cama, à noite, e a descê-los, de manhã. Oh, Gilbert, nunca contei isso a ninguém, mas é engraçado demais para manter em segredo por mais tempo: na primeira manhã em que acordei em Windy Poplars, me esqueci completamente dos degraus e saltei alegremente da cama. No mesmo instante, “me esborrachei no chão”, como diria Rebecca Dew. Felizmente, não quebrei nenhum osso, mas tive hematomas que duraram uma semana inteira.

A pequena Elizabeth e eu já somos muito boas amigas. Ela vem todo fim de tarde buscar seu leite, pois a Mulher está de cama com o que Rebecca Dew chama de “buronquite”. Sempre a encontro esperando por mim – com os olhos grandes cheios da luz do crepúsculo – diante do vão sobre a porta verde no muro. Ali, cada uma de um lado da porta, que não é aberta há anos, mantemos nossa conversa. Elizabeth bebe seu leite tão

lentamente quanto possível, para prolongar nosso tempo juntas. E infalivelmente, quando ela toma a última gota, vêm as batidas na janela atrás dos abetos.

Descobri uma das coisas que vão acontecer no Amanhã: Elizabeth vai receber uma carta do pai. Ele nunca escreveu para a filha. Fico me perguntando o que se passa na cabeça desse homem.

– Sabe, senhorita Shirley, ele não suportaria me ver – ela me disse uma vez –, mas poderia não se importar em me escrever.

– Quem lhe disse que ele não suportaria vê-la? – perguntei, indignada.

– A Mulher – a menina respondeu.

(Toda vez que Elizabeth fala “a Mulher”, posso visualizar perfeitamente essa criada como um “M” imenso e ameaçador, com todos os traços e ângulos.)

– E deve ser verdade – acrescentou. – Caso contrário, ele viria me ver de vez em quando.

Ela era Beth, naquela noite: só fala do pai nessas ocasiões. Quando é Betty, faz caretas para a avó e a Mulher sem que elas possam ver. No entanto, quando se torna Elsie, arrepende-se disso, acha que deveria confessar sua má ação, mas tem receio. Raramente ela é Elizabeth, e, nessas poucas vezes, assume a expressão facial de quem ouve a música das fadas e sabe o que falam as rosas e os trevos. É uma criatura surpreendente, Gilbert, tão sensível quanto uma folha de álamo ao vento. E eu a amo! Fico furiosa quando penso que aquelas duas velhas terríveis a obrigam a dormir no escuro.

– A Mulher falou que já sou suficientemente grande para dormir sem nenhuma luz. Porém, me sinto tão pequena, senhorita Shirley, e a noite é tão grande e assustadora! Além disso, tem um corvo empalhado em meu quarto, e tenho medo dele. A Mulher me disse que ele arrancaria meus olhos se eu chorasse. É claro, senhorita Shirley, que não acredito nisso, mas ainda assim fico assustada. As coisas sussurram tanto umas para as outras durante a noite... No Amanhã, nunca vou ter medo de nada, nem mesmo de ser sequestrada!

- Ora, não há perigo nenhum de você ser sequestrada, Elizabeth!
- A Mulher falou que tem, sim, se eu for a qualquer lugar sozinha ou conversar com desconhecidos. A senhorita não é uma desconhecida, é, senhorita Shirley?
- Não, minha querida. Sempre fomos amigas no Amanhã. ✉





Capítulo IV

Windy Poplars,
Spook's Lane,
Summerside,
10 de novembro



Querido,

Até pouco tempo atrás, a pessoa que eu mais detestava no mundo era aquela que estragava a pena de minha caneta. No entanto, não consigo odiar Rebecca Dew, apesar de seu hábito de usá-la para copiar receitas enquanto estou na escola. Ela andou fazendo isso novamente, e, como resultado, você não vai receber uma carta longa ou romântica desta vez, meu amor.

O último canto de grilo da estação já veio. As noites ficaram muito frias, e agora tenho uma espécie de fogareiro portátil em meu quarto – um objeto com formato arredondado, mais comprido do que largo. Foi

Rebecca Dew que o pôs lá; por isso, perdoei-a pela caneta: não existe nada que aquela mulher não possa resolver. Sempre que chego da escola, ela já deixou o fogo aceso para mim. É o menor de todos os fogões que já vi: eu poderia segurá-lo nas mãos. E me lembra um cachorro pequeno, preto e atrevido, de pé sobre as quatro patas arqueadas de ferro. Entretanto, quando você o enche de lenha e acende o fogo, é como se uma flor rosada desabrochasse à sua frente, emitindo um calor maravilhoso. Oh, Gilbert, você não imagina como é aconchegante! Estou sentada diante do fogo, agora, com os pés sobre esse pequeno aquecedor, escrevendo esta carta, que está apoiada sobre meus joelhos.

Todas as outras pessoas de Summerside – ou quase todas – estão em um baile na residência da família Hardy Pringle. *Não* fui convidada. Rebecca Dew está tão furiosa por isso que eu não gostaria nem um pouco de estar na pele de Dusty Miller. Contudo, quando me lembro da filha do anfitrião (Myra, uma garota na qual sobra beleza e falta inteligência) tentando provar, em um exame, que os “anglos” da base do triângulo isósceles são diferentes, perdoo todo o clã Pringle. Além disso, na semana passada, ela incluiu “árvore genealógica” em uma lista de árvores! Porém, para não ser injusta, devo dizer que nem todos os erros grosseiros são cometidos apenas pelos Pringle. Recentemente, Blake Fenton definiu um jacaré como um “inseto gigante”. Esses são detalhes da vida de uma professora!

Parece que vai nevar esta noite. Gosto de fins de tarde que anunciam neve. “O vento sopra na torre e na árvore”,^{*****} e a última folha dourada dos álamos vai ser levada por ele hoje.

Acho que já fui convidada para jantar em todos os lugares – isto é, nas casas de todos os meus alunos, tanto na cidade quanto no campo. E, oh, Gilbert querido, estou *tão* enjoada de conserva de abóbora! Nunca, nunca permita que tenhamos conserva de abóbora em nossa casa dos sonhos.

Em quase todos os jantares a que fui no último mês, comi conserva de abóbora – vou chamar de C.A. a partir de agora. Na primeira vez, adorei; ela estava tão dourada que senti como se estivesse comendo raios do sol em conserva e, imprudentemente, fiz elogios entusiásticos. Logo em seguida, a

informação de que amo C.A. se espalhou por Summerside, e todos passaram a oferecê-la propositalmente. Ontem à noite, quando eu estava saindo para ir à casa do senhor Hamilton, Rebecca Dew me assegurou que eu não teria de comer C.A. porque ninguém lá gosta disso. No entanto, ao nos sentarmos para jantar, o que vejo sobre um canto da mesa? Uma inevitável compoteira de cristal cheia de C.A.

– Eu não tinha nem um pouco de minha própria conserva de abóbora – a senhora Hamilton explicou, ao me entregar um prato generosamente cheio dela. Mas ouvi dizer que a senhorita adora este doce e, portanto, quando estava na casa de minha prima em Lowvale, no domingo passado, eu disse a ela: “Convidei a senhorita Shirley para jantar comigo esta semana, e ela é louca por conserva de abóbora. Gostaria muito que você me desse um pouco para eu oferecer a ela”. E então minha prima me cedeu este pote. A senhorita deve se sentir à vontade para levar o que sobrar.

Você tinha de ver a expressão no rosto de Rebecca Dew quando cheguei da casa dos Hamilton carregando um pote quase cheio de C.A.! Ninguém aqui gosta dessa conserva e, sendo assim, nós a enterramos secretamente no jardim, durante a madrugada.

– Não vai pôr isso em uma de suas histórias, vai, senhorita Shirley? – Rebecca Dew perguntou, ansiosa.

Desde que Rebecca Dew soube que escrevo contos fictícios e os envio ocasionalmente para revistas, ela vive com o receio – ou a esperança, não sei bem – de que eu inclua em um deles tudo o que acontece em Windy Poplars. Penso que, na verdade, ela quer que eu escreva sobre os Pringle e os derrote. Mas, ai de mim, são os Pringle que me derrotam, e entre eles e meu trabalho na escola, mal tenho tempo para escrever histórias.

Agora só existem no jardim folhas murchas e caules cobertos de geada. Rebecca Dew protegeu as roseiras com hastes de madeira e sacos de batata; à luz do crepúsculo, elas se parecem bastante com um grupo de homens velhos e corcundas apoiados em suas bengalas.

Hoje recebi um cartão postal de Davy, no qual ele desenhou dez beijos, e uma carta de Priscilla escrita em um papel que um “amigo japonês” lhe mandou – um papel de seda muito fino, com uma estampa bem pouco nítida, quase uma sombra, de flores de cerejeira. Estou começando a ter minhas suspeitas sobre essa “amizade” dela.

Porém, sua carta grande e volumosa foi o verdadeiro presente que o dia me deu. Eu a li quatro vezes seguidas para saborear cada palavra, como um cachorro lambendo o prato depois que comeu! Essa realmente é uma comparação nada romântica, mas foi a que veio à minha cabeça. Entretanto, Gilbert, as cartas, até as mais bonitas, não são satisfatórias. Quero *ver* você. Fico contente em pensar que faltam apenas cinco semanas para os feriados de Natal. ✉





Capítulo V

Sentada diante da janela da torre em um fim de tarde de novembro, com a caneta nos lábios e sonhos nos olhos, Anne observava o mundo lá fora à luz do crepúsculo quando, subitamente, pensou que gostaria de um passeio pelo cemitério antigo. Ainda não havia visitado aquele lugar, tendo dado preferência, em suas caminhadas de fim de tarde, ao bosque de bétulas e bordos ou à estrada do porto. Porém, havia sempre um período de novembro, depois que todas as folhas já haviam caído, em que ela considerava quase um ultraje invadir o bosque, cuja glória terrestre tinha partido e onde a glória celestial, espiritual, de pureza e brancura ainda não havia se instalado.

Portanto, Anne se dirigiu ao cemitério. Naquele momento, sentia-se tão desanimada e desesperançada que achou que até um cemitério seria um local comparativamente mais alegre. Além disso, Rebecca Dew tinha lhe

falado que havia muitos membros da família Pringle por lá; várias gerações deles vinham sendo enterrados ali, e assim continuaria a ser até que “não coubesse mais nenhum deles” e o clã fosse obrigado a recorrer ao cemitério novo. Anne pensou que certamente seria encorajador ver que tantos Pringle se encontravam onde não poderiam mais aborrecer ninguém.

Quanto à parte da família ainda viva, Anne sentia que estava no limite de suas forças e de sua paciência. Toda aquela situação ficava cada vez mais parecida com um pesadelo. A campanha sutil de insubordinação e desrespeito que Jen havia promovido tinha finalmente chegado a um ponto em que alguma atitude teria de ser tomada.

Na semana anterior, Anne havia pedido a seus alunos que escrevessem uma redação com o título: “Os acontecimentos mais importantes da semana”. Jen Pringle escreveu um texto brilhante – a pestinha *era mesmo* inteligente – e inseriu nele um insulto aparentemente dissimulado a sua professora; entretanto, a provocação estava tão óbvia que foi impossível ignorá-la. Então, Anne mandou Jen para casa dizendo que ela teria de se desculpar antes de ter permissão para voltar à escola.

E foi esse o fato que desencadeou a crise: a partir dali, a guerra entre Anne e os Pringle estava declarada. A pobre professora não tinha a menor dúvida a respeito de quem a venceria. Logicamente, os administradores da escola apoiariam os Pringle, e ela teria de escolher entre deixar Jen retornar ou ser convidada a renunciar a seu cargo.

Anne se sentiu bastante amargurada; afinal, tinha dado o melhor de si e poderia ter sido bem-sucedida se no mínimo lhe tivessem dado a chance de lutar.

“Não tenho culpa”, pensou tristemente. “*Quem* poderia ter sucesso contra aquele clã e suas táticas?”

Mas como voltaria derrotada para Green Gables? Como enfrentaria a indignação da senhora Lynde e o júbilo dos Pye? Até mesmo a

solidariedade dos amigos seria angustiante. E, quando a notícia de seu fracasso em Summerside se espalhasse, ela nunca mais conseguiria um cargo em qualquer outra escola.

Entretanto, pelo menos eles não a venceram no que dizia respeito à peça de teatro. Ao se lembrar disso, Anne riu – um pouco maldosamente –, e seus olhos se encheram de um prazer malicioso.

Ela havia organizado um Clube de Teatro na Summerside High School e dirigido apressadamente uma pequena peça, com o objetivo de arrecadar fundos para um de seus projetos habituais: comprar algumas gravuras para as salas de aula. E decidiu, a contragosto, pedir ajuda a Katherine Brooke simplesmente porque a moça parecia estar sempre excluída de todos os eventos. Anne não pôde evitar se arrepender disso várias vezes, pois Katherine passou a agir de forma ainda mais brusca e sarcástica do que antes. Raramente deixava de fazer comentários mordazes durante os ensaios e sempre erguia assustadoramente as sobrancelhas grossas. E para piorar tudo, insistiu para que Jen Pringle fizesse o papel de Mary Queen of Scots.^{*****}

– Não há ninguém na escola que seja melhor para o papel – argumentou Katherine, impaciente. – Só ela tem a personalidade adequada.

Anne não estava tão certa disso. Ao contrário, achava que Sophy Sinclair, que era alta, possuía olhos da cor de avelã e um lindo cabelo castanho, era muito mais apropriada para representar a rainha Mary do que Jen. Contudo, Sophy nem mesmo fazia parte do clube e nunca havia participado de uma peça teatral.

– Não queremos novatos inexperientes. Não vou me envolver em nada que não tenha tudo para ser um sucesso absoluto – Katherine tinha afirmado em um tom tão desagradável que Anne desistiu de convencê-la.

Afinal de contas, não podia negar que Jen era muito boa para o papel: tinha um talento natural para atuar, e tudo indicava que a garota estava mesmo se dedicando àquilo de todo coração. Os ensaios aconteciam quatro noites por semana, e aparentemente tudo corria muito bem. Jen se

mostrava tão interessada em fazer um bom trabalho que seu desempenho no que dizia respeito à peça era irrepreensível. Anne não interferiu em seu treinamento, tendo deixado isso totalmente sob a responsabilidade de Katherine. Apesar disso, ela surpreendeu, algumas vezes, um olhar furtivo de triunfo no rosto de Jen que a deixou intrigada, mas não foi capaz de desvendar aquele mistério.

Certa tarde, pouco tempo depois que os ensaios haviam começado a acontecer, Anne encontrou Sophy Sinclair chorando em um canto do vestiário feminino. A princípio, a menina piscou vigorosamente os olhos castanhos e disfarçou, mas em seguida, desabafou:

– Eu queria tanto participar da peça... ser a rainha Mary... – soluçou. – Nunca tive nenhuma chance de atuar. Papai não me deixou entrar no clube porque tem dívidas, e cada centavo conta muito. Então, é claro que por isso não tenho nenhuma experiência. Sempre adorei Mary Queen of Scots. Só o nome dela já me arrepiava até os dedos do pé. Não acredito... jamais acreditei... que ela tivesse alguma coisa a ver com o assassinato de lorde Darnley. Como seria maravilhoso imaginar por algum tempo que eu era a rainha Mary!

Posteriormente, Anne concluiu que tinha sido seu anjo da guarda que a inspirou a dizer, naquele momento:

– Vou lhe dar uma cópia do texto, Sophy, e vamos ensaiar o papel. Vai ser uma boa experiência para você. Além disso, como temos planos de levar a peça para outros lugares se tudo der certo aqui, vai ser providencial ter uma substituta, caso Jen não possa participar de todos os eventos. Porém, acho mais conveniente não comentarmos isso com ninguém. Vai ser um segredo nosso.

Sophy memorizou todas as suas falas de um dia para o outro. Ela ia para Windy Poplars com Anne todas as tardes, depois das aulas, e ensaiavam no quarto da torre. As duas se divertiam bastante juntas, pois Sophy era tranquila e alegre.

A peça seria apresentada na última sexta-feira de novembro, no clube social de Summerside. Foi amplamente divulgada, e os ingressos se

esgotaram rapidamente. Anne e Katherine passaram muitas horas decorando o salão; a banda foi contratada, e uma soprano famosa viria de Charlottetown para cantar entre os atos. O ensaio geral foi um sucesso. Jen estava excelente, e o elenco, também.

Na sexta-feira de manhã, Jen não foi à escola. À tarde, a mãe dela mandou dizer que a menina estava doente, com muita dor de garganta, e que a família receava que fosse amigdalite. Todos sentiam muito, mas a participação de Jen na peça naquela noite estava fora de questão.

Katherine e Anne se entreolharam, unidas pela primeira vez por um mesmo sentimento: consternação.

– Vamos ter de adiar – Katherine falou, lentamente. – E isso quer dizer fracasso. Semana que vem já será dezembro, e nesse mês acontecem muitas outras coisas. Bem, sempre achei que era uma insensatez tentar apresentar uma peça nesta época do ano.

– Não vamos adiar nada – afirmou Anne, com os olhos tão verdes quanto os de Jen.

Ela não revelaria isto a Katherine, mas tinha tanta certeza quanto jamais havia tido sobre qualquer outra coisa na vida de que Jen Pringle não corria mais risco de estar com amigdalite do que ela própria. Tratava-se de uma atitude deliberada – com ou sem o conhecimento e o apoio dos outros membros da família Pringle – para arruinar o espetáculo *unicamente* porque esse era um projeto dela, Anne Shirley.

– Ora, se a senhorita pensa assim... – disse Katherine, dando de ombros, com desprezo. – Mas o que pretende fazer? Pedir a alguém que leia as falas de Jen? Isso estragaria tudo... Mary é a *protagonista* da peça!

– Sophy Sinclair pode fazer o papel tão bem quanto Jen. A roupa vai lhe servir perfeitamente, e por sorte foi a senhorita quem a fez e ela está consigo, não com Jen.

A peça foi apresentada naquela noite diante de uma plateia lotada. Uma Sophy encantada representou Mary; na verdade, ela *foi* Mary, em seu traje de veludo, seus babados e suas joias, como Jen Pringle jamais poderia ter sido. Os alunos de Summerside High School – que nunca tinham visto

Sophy usar nada diferente de seus vestidos simples, desalinhados, de tecido escuro e barato, seu casaco disforme e seus chapéus surrados – a contemplavam, perplexos.

Exigiu-se imediatamente que a menina se associasse permanentemente ao Clube de Teatro da escola (Anne pagou sua taxa de filiação), e daquele dia em diante ela foi uma das alunas “importantes” de Summerside High. O que ninguém sabia, ou sequer imaginava, e Sophy menos ainda, é que naquela noite ela havia dado seu primeiro passo no caminho que a levaria a se tornar uma estrela. Vinte anos depois, Sophy Sinclair seria uma das atrizes mais prestigiadas da América. Mesmo assim, é bastante provável que nenhum aplauso tenha soado tão maravilhosamente bem em seus ouvidos quanto as palmas calorosas que acompanharam o fechamento das cortinas naquela noite no clube social da cidade.

De volta em casa, o senhor James Pringle contou para Jen uma história que teria feito os olhos da filha ficarem verdes, se eles já não fossem dessa cor. Pelo menos uma vez, como Rebecca disse, satisfeita, Jen teve sua punição. E o resultado final foi o insulto na composição sobre os acontecimentos importantes da semana.

Anne caminhou até o antigo cemitério por uma alameda esburacada, entre pedras altas cheias de musgo e samambaias cobertas de geada. Álamos-pretos esguios e pontiagudos, dos quais os ventos de novembro ainda não haviam arrancado todas as folhas, cresciam a intervalos regulares, contrastando com a cor de ametista das colinas distantes. O cemitério, com metade de suas lápides inclinadas, dando a impressão de que poderiam cair a qualquer momento, era cercado por uma fileira de pinheiros altos e sombrios.

Ela não esperava encontrar ninguém por lá e ficou surpresa quando se deparou com a senhorita Valentine Courtaloe – com seu nariz comprido e delicado, sua boca fina e suave, seus ombros frágeis ligeiramente inclinados para a frente e seu ar habitual e invencível de donzela

requintada – assim que atravessou o portão. É claro que Anne, assim como todos em Summerside, conhecia a senhorita Valentine. Era a modista da cidade, e o que ela não sabia sobre as pessoas dali, vivas ou mortas, não valia a pena ser levado em consideração.

No fundo, Anne tinha desejado andar sozinha pelo cemitério, ler os epitáfios antigos e estranhos, decifrar os nomes de amantes esquecidos debaixo dos musgos que cresciam sobre as lápides. Porém não teve escapatória quando a senhorita Valentine a tomou pela cintura e passou a fazer as honras do cemitério, onde havia evidentemente tantos membros da família Courtaloe enterrados quanto dos Pringle. A senhorita Valentine não tinha uma gota sequer de sangue Pringle, e um dos alunos favoritos de Anne era seu sobrinho. Portanto, não foi preciso grande esforço nem tensão em ser amável, exceto pela necessidade de ter muito cuidado para nunca sugerir que ela “costurava para se sustentar”. Dizia-se que era muito sensível quanto a isso.

– Estou contente por tê-la encontrado – disse a senhorita Valentine. – Posso lhe contar tudo sobre todos os que estão enterrados neste cemitério. Sempre digo que, para que se possa achar um cemitério realmente agradável, é preciso saber a respeito daqueles que ocupam suas sepulturas. Gosto mais de andar neste do que no novo. Apenas os membros das famílias tradicionais estão aqui; um Tom, Dick ou Harry qualquer é sempre enterrado no novo. Veja, os Courtaloe ficam neste canto. Oh, como tivemos um número terrivelmente grande de funerais em nossa família!

– Suponho que seja assim em todas as famílias antigas – Anne comentou, pois estava evidente que a senhorita Valentine esperava que ela dissesse algo.

– Não me fale que *qualquer* outra família já teve *tantos* mortos quanto a nossa – a senhorita Valentine respondeu, demonstrando ciúme. – Somos muito propensos à tuberculose; a maior parte de meus parentes morreu de tosse. Esta é a sepultura de minha tia Bessie. Ela era uma santa, se é que algum dia já existiu uma. No entanto, não há dúvida de que era mais interessante conversar com a irmã dela, tia Cecília. Na última vez em que

a vi, ela me disse: “Sente-se, minha querida, sente-se. Vou morrer esta noite, às 23h10, mas isso não é razão para não nos divertimos falando da vida alheia pela última vez”. O mais estranho nisso tudo, senhorita Shirley, foi que ela realmente morreu naquela noite exatamente às 23h10. A senhorita pode me explicar como ela sabia disso?

Anne não podia.

– Meu trisavô Courtaloe está enterrado *aqui*. Ele nasceu em 1760 e ganhava a vida fabricando rocas. Ouvi dizer que, durante a vida, ele fez mil e quatrocentos mecanismos desses para fiar. Quando morreu, o pastor mencionou em seu sermão aquela passagem do Novo Testamento que diz que os mortos descansarão de seus trabalhos e suas obras os seguirão.^{*****} Imediatamente, o velho Myrom Pringle falou que, nesse caso, a estrada para o céu ficaria congestionada devido à enorme quantidade de rocas atrás de meu trisavô. Acha que esse comentário foi de bom gosto, senhorita Shirley?

Se não fosse um Pringle quem havia feito o comentário, talvez Anne não tivesse respondido com tanta determinação: “Lógico que não foi”, enquanto observava o túmulo enfeitado com uma caveira e ossos cruzados, como se questionasse o bom gosto daquilo também.

– Minha prima Dora está sepultada *aqui*. Ela teve três maridos, mas todos morreram rápido. A pobre não parecia ter muita sorte na escolha de homens saudáveis. O último deles foi Benjamin Banning, que *não* está enterrado aqui, está em Lowvale, ao lado de sua primeira esposa. Ben não se conformava com a proximidade da morte, e, quando Dora tentou consolá-lo dizendo que ele iria para um mundo melhor, o coitado falou: “Talvez, talvez... mas o fato é que já estou tão acostumado com as imperfeições deste...”. Ele teve de tomar sessenta e um tipos diferentes de medicamentos, mas apesar disso ainda permaneceu vivo por bastante tempo. Bem, toda a família de tio David Courtaloe está *aqui*. Há um pé de rosas de cem pétalas ao lado de cada sepultura, e, oh, a senhorita precisa ver como ele floresce! Venho aqui todos os verões e levo as flores para pôr em meu vaso. Seria uma pena desperdiçá-las, não concorda?

– Eu... eu suponho que sim.

– Minha irmã mais jovem, Harriet, pobrezinha, está *aqui* – a senhorita Valentine suspirou. – Ela tinha um cabelo magnífico... de uma cor parecida com a do seu... acho que um pouco menos vermelho. Era comprido até os joelhos. Ela estava noiva quando morreu. Ouvi dizer que a senhorita também está noiva. Eu nunca quis muito me casar, mas penso que ficar noiva teria sido bom. Ora, tive algumas chances, claro, mas imagino que eu era muito exigente. Afinal, uma Courtaloe não poderia se casar com qualquer um, poderia?

Não pareceu a Anne provável que pudesse.

– Frank Digby, por exemplo, que está ali naquele canto, perto daqueles arbustos, quis se casar comigo. Posso dizer que realmente me senti um pouco arrependida de tê-lo recusado. Porém, ele era apenas um Digby, minha querida! Acabou se casando com Georgina Troop. Ela sempre chegava um pouco atrasada à igreja, só para exibir suas roupas. Oh, como gostava de roupas! Foi enterrada usando um vestido azul maravilhoso que eu havia feito para ela usar em um casamento; no entanto, acabou usando-o em seu próprio funeral. Georgina teve três filhos encantadores. Eles se sentavam à minha frente na igreja, e eu sempre lhes dava doces. Acha errado oferecer doces às crianças na igreja, senhorita Shirley? Não me refiro a balas de hortelã; essas não seriam inadequadas. Existe certa religiosidade nas balas de hortelã, não é? Mas aquelas pobres crianças não gostavam delas.

Quando as histórias sobre os Courtaloe se esgotaram, as lembranças da senhorita Valentine ficaram um pouco mais venenosas, já que não estavam mais falando de alguém de sua família.

– Esta aqui é a sepultura da velha senhora Russell Pringle. Sempre me pergunto se ela foi para o céu ou não.

– Por quê? – Anne indagou, ligeiramente chocada.

– Bem, ela sempre odiou a irmã, Mary Ann, que havia morrido alguns meses antes. “Se Mary Ann estiver no céu, não fico lá”, afirmara. E era uma mulher que nunca deixava de cumprir sua palavra, minha querida,

como todos os Pringle. Ela nasceu Pringle e, além disso, casou-se com o primo, Russell.

Esta outra é da senhora Dan Pringle; Janetta Bird era seu nome de solteira. Completou 70 anos no dia em que morreu. Dizem que considerava errado partir um dia que fosse depois dos 70, pois esse é o limite estabelecido pelo Salmo 90, no Velho Testamento, não é? As pessoas dizem coisas estranhas, a senhorita não acha? Ouvi falar que morrer foi a única coisa que ela ousou fazer, durante anos, sem consultar o marido. Sabe, minha querida, o que ele fez quando a esposa comprou um chapéu que não o agradou?

– Não posso imaginar.

– Comeu o chapéu – a senhorita Valentine falou, solenemente. – É óbvio que era um chapéu pequeno, com rendas e flores e sem penas. Mesmo assim, deve ter sido bem indigesto. Só sei que ele teve dores horróricas no estômago por muito tempo. É evidente que não o vi comer o chapéu, mas várias pessoas sempre me garantiram que a história é verdadeira. A senhorita supõe que seja?

– Acredito que tudo que venha de um Pringle possa ser verdade – Anne declarou amargamente.

A senhorita Valentine apertou solidariamente o braço da moça.

– Sinto muito pela senhorita, sinceramente. A forma como a tratam é horrível. Contudo, em Summerside, não existe só a família Pringle, senhorita Shirley.

– Às vezes, penso que sim – Anne sorriu, pesarosa.

– Não, não é verdade. Existem aqui muitas pessoas que desejam ver a senhorita vencê-los. Não desista de seus planos, independentemente do que eles façam. O fato é que o velho Satanás se apoderou deles, e os Pringle são muito unidos. Estão agindo dessa maneira porque a senhorita Sarah queria muito que o primo ficasse com o cargo da senhorita na escola. Agora, olhe, os Nathan Pringle estão *aqui*. Nathan sempre achou que sua esposa tentava envenená-lo, mas parecia não se importar: dizia que isso tornava a vida mais emocionante. Uma vez, ele suspeitou que ela havia

colocado arsênico em seu mingau e, então, foi até o chiqueiro e deu a comida para um porco, que morreu três semanas depois. Porém, ele disse que poderia ter sido apenas uma coincidência e que, além do mais, nem tinha certeza de que o porco que morreu era o mesmo que comera o mingau. Por fim, a mulher faleceu antes do marido, e ele afirmou que, exceto por aquele fato, ela tinha sido uma ótima esposa. Creio que seria uma espécie de caridade acreditar que ele estava enganado sobre o arsênico, não seria?

– “Consagrado à memória da *senhorita Kinsey*” – Anne leu, admirada. – Que inscrição extraordinária! Ela não possuía nenhum outro nome?

– Se tinha, ninguém nunca soube – a senhorita Valentine explicou. – Ela veio de Nova Escócia e trabalhou para a família de George Pringle por quarenta anos. Quando chegou, apresentou-se como “senhorita Kinsey”, e todos a chamavam assim. Morreu de repente, e então se descobriu-se que ninguém sabia seu primeiro nome e que não tinha nenhum parente ou amigo que pudesse ser encontrado. Por isso, puseram esse nome em sua lápide. George Pringle lhe proporcionou um bom funeral e pagou pelo monumento. Ela era uma criatura leal e trabalhadora, e, se a senhorita a tivesse visto pelo menos uma vez, não teria dúvidas de que ela *nasceu* “senhorita Kinsey”. Oh, e *aqui* estão os James Morley. Estive em suas bodas de ouro. Foi uma grande festa! Houve muitos presentes e discursos, e muitas flores também. Todos os filhos estavam presentes, e o casal sorria, fazia medidas e se odiava tanto quanto era possível.

– Os dois se odiavam?

– Amargamente, minha querida. Todo mundo sabia disso. Eles se odiaram por anos e anos... por toda a vida de casados. Começaram a brigar no caminho de volta da igreja, após a cerimônia de casamento. Sempre me pergunto como conseguem permanecer tão pacificamente aqui, estando assim, lado a lado.

Anne estremeceu. Que coisa horrível: sentados à mesa frente a frente durante as refeições, deitados na mesma cama todas as noites, indo juntos à igreja para batizar os filhos... e odiando um ao outro o tempo todo!

Entretanto, devem ter se amado no início de sua história, pensou. Seria possível que ela e Gilbert algum dia, no futuro... Ora, que absurdo! Definitivamente, os Pringle a estavam deixando perturbada.

– Esta aqui é a sepultura do belo John MacTabb. As pessoas sempre suspeitaram que foi por causa dele que Annetta Kennedy se afogou. Os MacTabb eram todos muito bonitos, mas não se podia acreditar em uma palavra sequer do que diziam. Havia uma lápide logo ali para seu tio Samuel, que foi dado como morto no mar cinquenta anos atrás. Quando ele apareceu vivo, a família a tirou daqui. Como o homem de quem eles a compraram não aceitou a pedra de volta, a senhora Samuel a usou como tábua para fins culinários. Ela afirmava que “uma superfície de mármore é perfeita para isso!”. As crianças MacTabb sempre levavam para a escola biscoitos com letras e números em relevo, marcas do epitáfio. Elas os distribuía generosamente, mas eu mesma nunca consegui aceitar nenhum. Sou muito peculiar quanto a esse tipo de coisa.

Anne sorriu.

– O senhor Harley Pringle está *aqui*. Certa vez, por causa de uma aposta a respeito de eleições, ele teve de desfilar pela Main Street levando Peter MacTabb em um carrinho de mão e usando um gorro. Summerside inteira parou para ver isso, com exceção dos Pringle, obviamente. Eles *quase* morreram de vergonha. Esta *aqui* é a de Milly Pringle. Eu gostava muito dela, embora fosse uma Pringle. Milly era realmente bonita e leve como uma fada. Às vezes penso, minha querida, que em noites como esta ela deve sair do túmulo e dançar, como costumava fazer. Mas suponho que um cristão não deva abrigar tais pensamentos. Este outro aqui é o túmulo de Herb Pringle. Ele era alegre e divertido, sempre nos fazia rir. Um dia, deu uma gargalhada estrondosa dentro da igreja, quando um camundongo caiu do arranjo de flores do chapéu de Meta Pringle assim que ela se curvou para orar. *Eu* não tive vontade de rir: afinal, não sabia para onde o bicho tinha ido. Apenas levantei minhas saias na altura dos tornozelos e as mantive lá até o final do culto. No entanto, para mim, aquilo estragou completamente o sermão. Herb estava sentado no banco atrás do meu, e a

risada que ele soltou foi realmente muito alta. As pessoas que não viram o camundongo acharam que o homem havia enlouquecido. E a impressão que tive foi de que aquela gargalhada *não* acabaria nunca mais. Se Herb Pringle ainda estivesse vivo, *ele* certamente defenderia a senhorita, com ou sem a presença de Sarah, pode acreditar nisso. Por fim, este aqui é o mausoléu do capitão Abraham Pringle, claro.

O monumento parecia dominar todo o cemitério. Quatro plataformas de pedra formavam um pedestal quadrado, no qual se erguia um enorme pilar de mármore. Sobre ele estavam uma urna – verdadeiramente ridícula – e a estátua de um querubim gorducho tocando uma corneta.

– Como é feio! – Anne exclamou com sinceridade.

– Oh, a senhorita acha? – indagou a senhorita Valentine, bastante surpresa. – Todos o consideraram muito bonito na época em que foi erguido. Aquele anjo ali representa Gabriel tocando sua trombeta. Penso que este mausoléu dá um toque de elegância ao cemitério. Custou caríssimo, na época. O capitão Abraham era um senhor muito bom; é uma pena que já esteja morto. Se ele estivesse vivo, os Pringle não perseguiriam a senhorita como fazem. Não é de admirar que Sarah e Ellen tenham orgulho do capitão, embora eu ache que elas exageram um pouco.

Na saída, ao atravessar o portão, Anne se virou e olhou para trás. Um silêncio estranho, repleto de paz, reinava ali. Nenhum vento soprava, e longos raios da Lua começavam a atravessar os abetos escuros e tocar uma sepultura aqui, outra ali, criando sombras mágicas. Na verdade, o cemitério não era um lugar triste. Depois dos relatos da senhorita Valentine, parecia que todas aquelas pessoas estavam realmente vivas.

– Ouvi dizer que a senhorita escreve – disse ansiosamente a senhorita Valentine, enquanto as duas percorriam a alameda. – Não pretende incluir em suas histórias o que lhe contei, pretende?

– Pode ter certeza de que não farei isso – Anne prometeu.

– A senhorita acha que é errado... ou perigoso... falar mal dos mortos? – a senhorita Valentine sussurrou, apreensiva.

– Não penso que seja nem uma coisa nem outra – Anne respondeu. – Acho apenas injusto, como atacar quem não pode se defender. Mas a senhorita não disse nada terrível sobre ninguém, senhorita Courtaloe.

– Afirmei que Nathan Pringle achava que a esposa tentava envenená-lo...

– Mas concedeu a ela o benefício da dúvida.

Então, a senhorita Valentine seguiu seu caminho tranquilamente.





Capítulo VI



Fiz um *tour* pelo cemitério hoje, durante o crepúsculo, *Anne* escreveu em uma carta para *Gilbert* depois que chegou a *Windy Poplars*. Acho *tour* uma palavra encantadora, e a uso sempre que posso. Parece esquisito dizer que apreciei meu passeio pelo cemitério, mas ele foi realmente agradável. Os casos que a senhorita *Courtaloe* me contou são muito interessantes. Como tragédia e comédia se misturam na vida, *Gilbert*! A única coisa que me deixou verdadeiramente assombrada foi a história do casal que viveu junto por cinquenta anos odiando um ao outro o tempo todo. Não consigo acreditar que eles compartilhavam mesmo esse sentimento. Alguém já disse que “o ódio é unicamente o amor que se perdeu no caminho”. Tenho certeza de que por trás desse rancor eles se amavam profundamente, da mesma maneira que eu amei você durante todos os anos em que pensei que o odiava. E penso também que a morte deve ter mostrado isso a eles. Estou feliz porque *eu* descobri isso em vida.

Também fiquei contente por saber que existem alguns Pringle com bom caráter... embora estejam mortos.

Ontem, quando desci no meio da noite para beber água, encontrei tia Kate na despensa dando um banho de leite desnatado no rosto. Ela me pediu que não contasse para tia Chatty: disse que a irmã acharia isso uma grande bobagem. Prometi não dizer nada.

Elizabeth ainda vem todos os dias buscar seu copo de leite, embora a Mulher já tenha se curado da bronquite. Fico me perguntando por que elas a deixam vir, especialmente considerando que a velha senhora Campbell é uma Pringle. No sábado passado, Elizabeth – ela era Betty naquele fim de tarde, suponho – entrou em casa cantando depois que se despediu de mim, e ouvi perfeitamente a Mulher lhe dizer, na porta da varanda:

– O dia do Senhor está muito próximo. Você não deveria cantar *essa* música hoje!

Não tenho nenhuma dúvida de que, se pudesse, aquela Mulher proibiria a menina de cantar em qualquer dia.

Na ocasião, Elizabeth usava um vestido novo, de uma cor escura semelhante à do vinho (devo reconhecer que elas a vestem muito bem), e me disse, melancolicamente:

– Quando pus esta roupa hoje, achei que eu estava um pouco bonita, senhorita Shirley, e quis que papai me visse. É claro que ele vai me ver no Amanhã, mas às vezes parece que isso ainda está tão distante... Eu gostaria que pudéssemos apressar o tempo, senhorita Shirley.

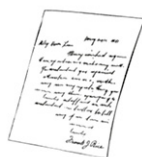
Agora, meu querido, preciso me dedicar a alguns exercícios de geometria; essa prática tomou o lugar daquilo que Rebecca Dew chama de meus “esforços literários”. O fantasma que assombra meu dia a dia, atualmente, é o medo de aparecerem, durante as aulas, problemas geométricos que eu não saiba resolver. E então, o que diriam os Pringle?

Enquanto isso, se você me ama e também gosta dos felinos, ore por um pobre gato com olhos cor de mel que está triste e maltratado. Um rato

passou por cima do pé de Rebecca Dew na despensa, outro dia, e ela está furiosa desde então.

– Aquele Gato não faz nada além de comer, dormir e deixar os ratos invadirem todos os lugares da casa. Esta é a gota d'água que faltava! – ela esbravejou.

A partir desse dia, Rebecca Dew o atormenta o tempo todo, o expulsa de sua almofada favorita e – sei porque vi – o ajuda com o pé, não muito gentilmente, a sair de casa quando lhe dá permissão para isso. ✉





Capítulo VII

Durante o pôr do sol de um dia ensolarado e agradável de dezembro, Anne foi a um jantar comemorativo em Lowvale. Wilfred Bryce vivia lá com o tio e havia perguntado timidamente se eles poderiam ir juntos a esse jantar na igreja, depois da aula, e se ela se importaria de dormir aquela noite e passar o dia seguinte, um sábado, em sua casa. Anne concordou, esperando poder influenciar o tio a deixar o garoto continuar a frequentar a escola, pois Wilfred temia não poder voltar depois dos feriados de Natal. Ele era inteligente e ambicioso, e Anne sentia um interesse especial por seu futuro.

Não se pode dizer que ela tenha adorado a visita, exceto pela alegria que sua presença proporcionou a Wilfred. O tio e a tia dele formavam um casal bastante esquisito e inculto. A manhã de sábado foi escura, com ventos fortes e quedas intermitentes de neve, e Anne se perguntou várias vezes

como seria o resto daquele dia. Ela estava cansada e sonolenta, pois o jantar na igreja tinha terminado tarde. Wilfred tinha de ajudar nas tarefas domésticas, e não havia sequer um livro à vista na casa. Então ela se lembrou do velho baú de marinhaio que tinha visto no fundo do corredor do segundo andar e do pedido que a senhora Stanton lhe havia feito.

Ela estava escrevendo um livro sobre Prince Edward Island e havia indagado se Anne conhecia ou sabia onde encontrar diários ou documentos antigos que pudessem ser úteis às suas pesquisas.

– É lógico que os Pringle têm muitos que me interessam – ela explicou –, mas não posso pedir a eles. A senhorita sabe que os Pringle e os Stanton nunca foram exatamente amigos.

– Também não posso, infelizmente – Anne falou.

– Oh, não espero que faça isso. Tudo o que desejo é que a senhorita fique com os olhos bem atentos quando for visitar as casas de outras pessoas e, caso veja ou ouça falar sobre documentos ou mapas antigos, ou objetos desse tipo, peça que me emprestem, por gentileza. A senhorita não imagina quantas coisas interessantes já encontrei em diários velhos: são fragmentos da vida real que fazem os pioneiros da colonização reviverem. Quero conseguir essas informações para meu livro, além de estatísticas e árvores genealógicas.

Anne perguntou à senhora Bryce se eles possuíam esse tipo de registros do passado. A mulher balançou a cabeça.

– *Num* sei de nenhum, não... oh, *peraí!* – seu rosto se iluminou. – Lembrei do baú antigo de tio Andy que *tá lá incima*. Pode ter alguma coisa nele. Tio Andy *custumava* navegar com o velho capitão Abraham Pringle. Vou lá fora perguntar *pro* Duncan se a *sinhurita* pode *abrir ele*.

Duncan mandou dizer que sim, a *sinhurita* Anne poderia vasculhar o baú o quanto quisesse e, se encontrasse algum *ducomento* que lhe interessasse, ela poderia se apossar dele. De qualquer modo, o senhor Bryce pretendia mesmo queimar o conteúdo daquela arca e transformá-la em uma caixa de ferramentas.

Portanto, foi o que Anne fez; mas tudo o que ela encontrou que realmente despertou sua atenção foi um diário de viagem amarelado que Andy Bryce parecia ter mantido durante todos os anos que passou no mar.

Anne se divertiu durante toda a manhã tempestuosa lendo o caderno com muito interesse. Andy havia adquirido muita sabedoria popular entre os marinheiros e feito várias navegações com o capitão Abraham Pringle, a quem ele, evidentemente, admirava muitíssimo. O diário estava repleto de homenagens – mal escritas e com erros gramaticais – à coragem, iniciativa e agilidade do capitão, especialmente em um empreendimento verdadeiramente arriscado que foi cruzar o cabo Horn, na América do Sul. Entretanto, ao que pareceu, todo esse respeito e consideração não haviam se estendido ao irmão de Abraham, Myrom, que também era capitão, mas de outro navio.

Tive no navio de Myrom Pringle hoje de noite. A esposa irritou ele e o home levantou e jogou um copo de agua na cara dela.

Myrom tá em casa. O navio dele quemou, e eles tiveram de fugir nos boti. Quase morreram de fomi. No fim, comeram o Jonas Selkirk que tinha atirado nele mesmo. Viveram da carne do Jonas até o navio Mary G. resgatar eles. O próprio Myrom mim contou isso. Parece que achou que era uma boa piada.

Anne estremeceu ao ler essa última anotação, que pareceu ainda mais horripilante pela frieza com que Andy relatou fatos tão sinistros. Em seguida, ela se entregou a um devaneio. Na verdade, não havia nada no caderno que pudesse ser útil à senhora Stanton; porém, será que a senhorita Sarah e a senhorita Ellen não gostariam de tê-lo, já que ele trazia histórias sobre seu velho e adorado pai? E se o enviasse para as duas Pringle? Afinal, Duncan Bryce tinha lhe dado permissão para fazer o que quisesse com o conteúdo do baú.

Não, pensando melhor, não faria isso. Por que deveria tentar agradá-las ou alimentar ainda mais seu orgulho, que já era absurdamente grande? Além disso, as duas estavam determinadas a tirá-la da escola e vinham obtendo sucesso: elas e seu clã estavam conseguindo derrotá-la.

Wilfred a acompanhou na volta a Windy Poplars, no fim do dia, ambos felizes. Anne tinha convencido Duncan Bryce a deixar o sobrinho cursar seu último ano na escola.

– Depois, vou frequentar a Queen's por um ano e então lecionar e continuar meus estudos por conta própria – Wilfred afirmou. – Como poderei recompensá-la por isso, senhorita Shirley? Meu tio não teria dado ouvidos a ninguém, mas ele gosta da senhorita. Ele me disse no celeiro que as mulheres ruivas sempre conseguiam o que desejassem dele. Porém, não acho que foi por causa de seu cabelo, senhorita Shirley, embora ele seja muito bonito. Foi simplesmente... pela *senhorita*!

Anne acordou às 2 horas naquela madrugada e decidiu que enviaria o diário de Andy Bryce a Maplehurst. Apesar de tudo, ela gostava pelo menos um pouco daquelas duas velhas criaturas. E elas tinham tão poucas alegrias na vida, além do orgulho do pai. Às 3 horas, despertou outra vez e resolveu não fazer aquilo. A senhorita Sarah se fazendo de surda?! Ora, francamente!! Às 4 horas, já tinha dúvida outra vez. Finalmente, Anne teve certeza de que enviaria o caderno. Afinal, não queria ser mesquinha: tinha horror de ser como os Pye.

Tendo tomado essa decisão, a moça adormeceu tranquilamente, pensando em como seria gostoso acordar com o dia ainda escuro, ouvir a primeira tempestade de neve daquele inverno caindo em volta de sua torre e, em seguida, aconchegar-se de novo entre os cobertores e voltar a flutuar pelo mundo dos sonhos.

Na manhã de segunda-feira, Anne embrulhou cuidadosamente o velho caderno e o enviou à senhorita Sarah, com uma pequena nota.

Prezada senhorita Pringle,

Imaginei que se interessaria por este antigo diário. O senhor Bryce o cedeu para que eu o desse à senhora Stanton, que está escrevendo uma história da Ilha. Contudo, achei que ele não teria nenhuma utilidade para ela, mas que, por outro lado, a senhorita poderia gostar de tê-lo.

Cordialmente,

Anne Shirley

“É um bilhete terrivelmente formal”, Anne pensou, “mas não consigo escrever com naturalidade para aquelas duas. E não ficaria nem um pouco surpresa se elas mandassem arrogantemente o diário de volta para mim”.

Sob o céu límpido e azul de uma tarde de início de inverno, Rebecca Dew teve o grande susto de sua vida. A charrete de Maplehurst percorreu a Spook’s Lane coberta de neve e parou diante de Windy Poplars. A senhorita Ellen desceu do veículo e, logo depois, para o espanto geral, a senhorita Sarah, que não havia saído de casa por dez anos, também surgiu no portão principal da residência.

– Estão indo para a porta da frente – Rebecca Dew murmurou, apavorada.

– Para onde mais uma Pringle poderia se dirigir? – perguntou tia Kate.

– Claro... claro... mas a porta está emperrada – Rebecca explicou, em pânico. – Ela está *realmente* emperrada... e as senhoritas sabem disso. Ela não foi aberta desde a última limpeza que fizemos em toda a casa, na primavera passada. Esta é a gota d’água que faltava!

A porta da frente estava *mesmo* emperrada, mas Rebecca Dew conseguiu abri-la (com a violência que o desespero lhe proporcionou) e guiou as irmãs de Maplehurst até a sala de visitas.

“Graças aos céus, acendemos o fogo nesta sala hoje”, ela pensou, “e tudo o que espero é que Aquele Gato não tenha deixado nenhum pelo no sofá. Se Sarah Pringle tiver pelos de gato agarrados em seu vestido quando sair daqui...”

Rebecca Dew não ousou pensar nas consequências. Foi ao quarto da torre chamar Anne – pois a senhorita Sarah havia perguntado se a senhorita Shirley estava em casa – e em seguida se encaminhou para a cozinha; estava quase louca de curiosidade a respeito da razão que tinha levado aquelas duas Pringle até lá.

– Se tiver mais perseguição no ar... – Rebecca resmungou, preocupada.

A própria Anne desceu a escada bastante trêmula. Elas teriam vindo devolver o diário, em um ato de desprezo gélido?

Foi a pequena, enrugada, inabalável senhorita Sarah que se levantou e foi direto ao assunto quando Anne entrou na sala.

– Viemos nos render – disse amargamente. – Não temos nenhuma alternativa. É óbvio que, quando encontrou aquela anotação difamatória sobre o pobre tio Myrom, a senhorita imaginou que isso aconteceria. Mas saiba que o que está escrito ali *não é* verdade... *não pode* ser verdade. Tio Myrom estava apenas debochando de Andy Bryce... Andy era *tão* crédulo! Entretanto, todas as pessoas que não fazem parte de nossa família vão adorar acreditar nisso. Então, a senhorita compreendeu que nos tornaríamos alvo de chacota... ou algo pior. Oh, a senhorita é muito esperta; temos de admitir *isso*. Jen vai pedir desculpas e se comportar bem de hoje em diante. Eu, Sarah Pringle, garanto-lhe que vai. Se a senhorita prometer que não vai contar nada para a senhora Stanton, nem para qualquer outra criatura, fazemos qualquer coisa que pedir... *qualquer* coisa.

Enquanto falava, a senhorita Sarah apertava nervosamente o lenço de renda fina na pequena mão cheia de veias azuis salientes; estava visivelmente trêmula.

Anne olhou para ela, perplexa... e horrorizada. As pobres e “queridas” velhinhas pensaram que Anne lhes havia feito uma ameaça!

– Oh, as senhoritas se enganaram totalmente quanto à minha intenção – ela disse, pegando, comovida, as mãos da senhorita Sarah. – Nunca, em momento algum, imaginei que pudessem pensar que eu estava tentando... Não, só achei que gostariam de saber alguns detalhes interessantes das viagens de seu esplêndido pai. Jamais pensei em mostrar ou contar essa história ou qualquer outra do diário a ninguém. *Nunca* vou fazer isso. Para mim, elas não têm absolutamente nenhuma importância.

Houve um momento de silêncio. Depois, a senhorita Sarah soltou gentilmente suas mãos, passou o lenço nos olhos e se sentou de novo, com um leve rubor no rosto fino e enrugado.

– Nós... nós a interpretamos *mal*, minha querida. E temos sido... temos sido abomináveis em relação à senhorita. Pode nos perdoar, senhorita Shirley?

Meia hora depois – uma meia hora que quase matou Rebecca Dew de tanta ansiedade –, as senhoritas Pringle foram embora. Nesse intervalo, tinha havido na sala uma troca amigável de ideias e uma conversa sobre registros corriqueiros do diário de bordo de Andy. Já na porta da frente, prestes a sair, a senhorita Sarah, que, diga-se de passagem, não havia apresentado o menor problema de audição durante o encontro, virou-se por um momento e tirou da bolsa um papel preenchido com uma escrita delicada e graciosa.

– Quase me esqueci... Já faz algum tempo que prometemos à senhora MacLean nossa receita de pão. A senhorita se importaria de entregá-la? E, por favor, diga a ela que o processo de fermentação é fundamental, é realmente indispensável. Ellen, seu chapéu está ligeiramente torto. É melhor você ajustá-lo antes de partirmos. Nós... nós estávamos um pouco agitadas quando nos arrumamos para vir aqui.

Anne disse às viúvas e a Rebecca Dew que havia dado às irmãs de Maplehurst um antigo diário de Andy Bryce e que elas tinham vindo agradecer. As três tiveram de se contentar com essa explicação, embora Rebecca Dew sempre tivesse desconfiado que havia mais coisas por trás daquilo, muito mais. Afinal, a gratidão por um diário velho, desbotado e manchado de tabaco nunca traria Sarah Pringle à porta da frente de Windy Poplars. A senhorita Shirley tinha sido sagaz... muito sagaz!

– A partir de hoje, vou abrir a porta da frente uma vez por dia – Rebecca falou, determinada. – Apenas para treinar, pois quase caí para a frente quando ela finalmente cedeu. Bem, de qualquer modo, agora temos a receita do pão. Trinta e seis ovos! Se as senhoritas dispensassem Aquele Gato e me deixassem criar galinhas, talvez até fosse possível fazer esse pão uma vez por ano.

Dizendo isso, Rebecca Dew marchou até a cozinha e se vingou do destino alimentando Aquele Gato com leite, quando sabia que ele queria

fígado.

A guerra Shirley-Pringle havia acabado. Ninguém que não fizesse parte da família Pringle jamais soube o motivo, mas os habitantes de Summerside compreenderam perfeitamente que a senhorita Anne Shirley havia, sozinha e de uma forma misteriosa, revertido a situação de modo que todo o clã passou a ser submisso a ela.

Jen voltou à escola no dia seguinte e, humildemente, pediu desculpas a Anne diante de toda a classe. E, a partir de então, a menina foi uma aluna modelo, e todos os colegas de turma que também eram Pringle seguiram seu exemplo.

Quanto aos Pringle adultos, seu antagonismo se dissipou como nuvens ao vento. Não houve mais reclamações sobre deveres de casa ou “disciplina”, e mais nenhuma afronta sutil e disfarçada, típica do clã, foi feita. Ao contrário, eles quase tropeçavam uns nos outros tentando ser amáveis com Anne. Daquele dia em diante, nenhum baile ou qualquer outro evento social estava completo sem a presença dela. Afinal de contas, embora o diário tivesse sido devidamente queimado pela própria senhorita Sarah, memória é memória, e a senhorita Shirley tinha uma história para contar, se decidisse fazer isso. Entretanto, o fato é que em hipótese nenhuma a bisbilhoteira senhora Stanton poderia saber que o capitão Myrom Pringle tinha sido um canibal!





Capítulo VIII

(Fragmento de uma carta para Gilbert.)



Estou em meu quarto da torre, e Rebecca Dew, na cozinha, cantarolando um hino da igreja, o que me fez lembrar que a esposa do pastor me convidou para cantar no coro. É lógico que os Pringle falaram para ela fazer isso. Talvez eu cante nos domingos em que não estiver em Green Gables. Os Pringle me estenderam a mão com amizade e uma pitada de vingança: eles me aceitaram *excessivamente* bem, e agora tenho de participar de absolutamente tudo. Que clã!

Fui a três festas dessa família nos últimos dias. Não quero ser injusta, mas acho que todas as garotas Pringle estão imitando meu penteado. Bem, já disseram que a imitação é a mais sincera forma de bajulação. Entretanto, Gilbert, penso que estou gostando verdadeiramente daquelas

pessoas, como previ que aconteceria se me dessem uma chance. Até já começo a suspeitar que, mais cedo ou mais tarde, vou me flagrar gostando de Jen. Ela pode ser cativante quando quer, e está evidente que quer.

Ontem à noite, confrontei o leão em seu próprio covil; em outras palavras, subi corajosamente os degraus da porta da frente de The Evergreens e caminhei até a varanda quadrada, onde há quatro urnas brancas de ferro, uma em cada canto. Toquei a campainha, e, quando a senhorita Monkman abriu a porta, perguntei-lhe se me emprestaria a pequena Elizabeth para darmos um passeio. Obviamente, eu esperava uma resposta negativa, mas a Mulher entrou, conversou com a senhora Campbell, voltou à porta e disse severamente que Elizabeth poderia ir; apenas pediu, por favor, que eu não a mantivesse fora de casa até tarde. Fico me perguntando se até a senhora Campbell recebeu ordens da senhorita Sarah.

Elizabeth desceu a escada escura dançando; lembrava um duende, com um casaco vermelho e um pequeno gorro verde, e parecia tão alegre que mal conseguia falar.

– Estou tão agitada e emocionada, senhorita Shirley! – ela sussurrou assim que saímos dali. – Hoje sou Betty... sempre sou Betty quando me sinto assim.

Fomos o mais longe que ousamos na Estrada que Leva ao Fim do Mundo, e em seguida voltamos. O porto – escuro sob um pôr do sol avermelhado – parecia repleto de indícios de terras da fantasia abandonadas e ilhas misteriosas em mares desconhecidos. Fiquei comovida e percebi que o mesmo aconteceu com a pequena criatura cuja mão eu segurava.

– Se corrêsemos bem depressa, senhorita Shirley, conseguiríamos entrar no pôr do sol? – ela quis saber.

Isso me fez lembrar Paul e suas fantasias a respeito da terra do pôr do sol.

– Temos de esperar pelo Amanhã antes de podermos fazer isso – respondi. – Veja, Elizabeth, aquela ilha dourada de nuvem bem acima do

cais do porto; vamos imaginar que é sua Ilha da Felicidade!

– Existe uma ilha por ali, em algum lugar – Elizabeth falou sonhadoramente. – O nome dela é Nuvem Alada. Não é um nome encantador? Um nome que veio do Amanhã? Posso vê-la pela janela do sótão. Ela pertence a um cavalheiro de Boston que tem uma casa na ilha e sempre passa o verão lá. Mas eu faço de conta que ela é minha.

Quando chegamos à porta da casa dela, eu me inclinei e lhe dei um beijo na bochecha antes que ela entrasse. Nunca mais vou esquecer os olhos de Elizabeth naquele momento. Gilbert, aquela criança está faminta de amor.

Hoje ao entardecer, quando veio buscar seu leite, percebi que havia chorado.

– Elas... elas me obrigaram a lavar o seu beijo, senhorita Shirley – soluçou. – Eu não queria lavar meu rosto de novo nunca mais. *Jurei* para mim mesma que não faria isso. Porque, a senhorita sabe, eu não desejava tirar seu beijo da minha bochecha. Saí para a escola hoje de manhã sem fazer isso, mas, quando voltei, a Mulher me pegou e esfregou meu rosto.

Mantive uma expressão séria.

– Você não poderia passar a vida sem lavar o rosto, querida. Porém, não se preocupe por causa do beijo. Vou lhe dar um todos os dias, quando você vier buscar o leite. Assim, não vai ter importância se ele for lavado na manhã seguinte.

– A senhorita é a única pessoa que me ama neste mundo – Elizabeth afirmou. – Quando fala comigo, sinto um perfume de violetas.

Alguém já recebeu alguma vez um elogio mais bonito? Contudo, não pude deixar a primeira frase passar sem dizer alguma coisa.

– Sua avó ama você, Elizabeth.

– Não, não ama... ela me odeia.

– Está dizendo uma bobagem, querida. Sua avó e a senhorita Monkman são idosas, e as pessoas mais velhas se irritam e se preocupam mais facilmente. Por isso, é claro que você as incomoda de vez em quando. Além do mais... pense que... pense que no tempo em que *elas* eram jovens,

as crianças eram educadas com muito mais rigor do que são hoje. Acho que elas se apegaram às maneiras antigas.

No entanto, senti que não a estava convencendo. Afinal, a senhora Campbell e a Mulher *não* a amam, e ela sabe disso. Elizabeth olhou cautelosamente para trás, certificando-se de que a porta da casa estava fechada, e então falou:

– Vovó e a Mulher são simplesmente duas tiranas. Quando o Amanhã chegar, vou fugir delas para sempre.

Suponho que ela imaginou que eu ficaria horrorizada... Suspeito, verdadeiramente, que ela disse aquilo para me impressionar. Eu apenas ri e lhe dei um beijo. Espero que Martha Monkman tenha visto isso da cozinha.

Olhando pelo lado esquerdo da janela da torre, tenho um bom panorama de Summerside. Agora vejo um amontoado de telhados brancos adoráveis... Finalmente, eles ficaram amáveis, depois que os Pringle se tornaram meus amigos. Aqui e ali, há luzes brilhando nos sótãos; aqui e ali, nuvens de fumaça parecem fantasmas cinzentos. Estrelas densas pairam baixas sobre tudo isso. É uma “cidade de sonhos”. Essa não é uma frase bonita? Você se lembra de “Galahad por cidades de sonhos realmente andou”?*****

Estou tão contente, Gilbert, por poder pensar que não terei de voltar para Green Gables, nos feriados de Natal, sentindo-me derrotada e desacreditada! A vida é boa... com certeza, é boa. Assim como é o pão da senhorita Sarah. Outro dia, Rebecca Dew fez e deixou a massa *fermentar* de acordo com as instruções da receita, o que significa que, após embrulhá-la em papéis pardos de diferentes espessuras e, ainda, em várias toalhas, ela esperou três dias para assá-la. Posso afirmar que o pão é mesmo delicioso!

(Tem um “s” antes do “c” em “delicioso”? Apesar de ser graduada em Redmond, sempre fico em dúvida. Imagine se os Pringle tivessem descoberto esse fato antes de eu ter encontrado o diário de Andy!) ☒





Capítulo IX

Em uma noite de fevereiro, Trix Taylor estava encolhida no quarto da torre, enquanto uma neve fina batia levemente na janela e aquele fogareiro absurdamente pequeno ronronava, parecendo um gato preto e vermelho como o fogo. Trix desabafava suas aflições com Anne, que estava se tornando alvo das mais diversas confidências. Era sabido que ela estava noiva, e, portanto, nenhuma das garotas de Summerside a temiam como uma possível ameaça. Além disso, havia algo em Anne que levava as pessoas a sentir que era seguro lhe revelar segredos.

Trix tinha ido a Windy Poplars com o objetivo de convidar Anne para um jantar no dia seguinte. Era uma moça alegre, pequena e roliça, com olhos castanhos brilhantes e bochechas rosadas, e não dava a impressão de que seus 20 anos de vida pesavam sobre suas costas. Contudo, era evidente que tinha seus problemas.

– O doutor Lennox Carter vai jantar conosco amanhã. É especialmente por esse motivo que desejamos sua presença. Ele é o novo diretor do Departamento de Línguas Modernas de Redmond e é extraordinariamente culto, por isso precisamos de alguém muito inteligente para conversar com ele; e você sabe que nem eu nem Pringle podemos nos gabar dessa qualidade. Quanto a Esme... bem, você sabe, Anne... Esme é a criatura mais doce que existe, e é verdadeiramente perspicaz, mas também é tão recatada e tímida que nem consegue usar seus dons quando o doutor Carter está por perto. É profundamente apaixonada por ele. Dá até pena! Eu *amo* Johnny, mas não me derreteria tanto assim por ele.

– Esme e o doutor Carter estão noivos?

– Ainda não... pelo menos não oficialmente. No entanto, oh, Anne, ela espera que ele a peça em casamento desta vez. Afinal, o doutor viria da ilha para visitar o primo, bem no meio do período letivo, se não tivesse essa intenção? Torço para que ele faça mesmo o pedido, pelo bem de minha irmã; caso contrário, ela pode até morrer. Porém, cá entre nós, ele não é exatamente o meu ideal de cunhado. É terrivelmente meticuloso, segundo Esme, e ela receia desesperadamente que ele não *nos* aprove. Ela acha que, se isso acontecer, ele jamais vai pedi-la em casamento. Então, você nem imagina o quanto ela deseja que tudo corra bem no jantar de amanhã à noite. Mas não vejo por que isso não aconteceria, Anne. Mamãe é uma excelente cozinheira, temos uma boa criada, e subornei meu irmão Pringle – com metade da minha remuneração semanal – para ele se comportar bem. É claro que ele também não gosta do doutor Carter... diz que o homem é convencido demais. Mas, por outro lado, gosta muito de Esme. Oh, seria tão bom se papai não ficasse emburrado e carrancudo durante o jantar!

– Você tem algum motivo para temer que ele tenha, amanhã, um daqueles seus acessos de mau humor? – Anne perguntou.

Todos os moradores de Summerside sabiam sobre os acessos de Cyrus Taylor.

– Nunca se sabe quando ele vai ter um – Trix afirmou, pesarosa. – Ele está assustadoramente contrariado, esta noite, porque não conseguiu achar seu pijama de flanela novo quando o procurou. Esme tinha colocado a roupa na gaveta errada. Pode ser que até amanhã à noite ele já tenha superado isso, mas também pode ser que não. Nesse último caso, papai vai envergonhar todos nós, e o doutor Carter vai concluir que não pode entrar para uma família como essa. Pelo menos, é o que Esme pensa, e receio que ela esteja certa. Suponho, Anne, que Lennox Carter gosta realmente de Esme... e acha que ela daria uma “esposa muito apropriada” para ele; entretanto, não quer fazer nada precipitadamente ou estragar sua vida maravilhosa. Ouvi dizer que ele falou com o primo que um homem precisa ter o máximo cuidado com relação ao tipo de família da moça que escolher para esposa. Lennox se encontra exatamente no ponto em que até uma coisa insignificante pode levá-lo a decidir se quer ou não se casar com Esme. E você sabe que um acesso de mau humor de papai está longe de ser uma coisa insignificante.

– Ele não gosta do doutor Carter?

– Oh, gosta, sim! E pensa que ele seria o marido perfeito para Esme. Porém, quando papai está emburrado e carrancudo, *nada* tem qualquer influência sobre ele até o acesso passar. É seu lado Pringle, Anne. Você sabe, vovó Taylor era uma Pringle. Você não imagina o que já tivemos de enfrentar nesta família. Apesar de tudo, papai nunca tem ataques de fúria como tio George. A família dele já nem dá mais a menor importância para seus ataques. Quando fica assim, o homem faz um escândalo: você pode ouvir seus berros a três quarteirões de distância. Depois, fica manso como um cordeiro e traz vestidos novos para todas: é uma espécie de proposta de paz. Papai é diferente: apenas fica amuado, assume um olhar ameaçador e não diz uma só palavra a *ninguém* durante as refeições. Esme afirma que, afinal de contas, isso ainda é melhor do que o comportamento de meu primo, Richard Taylor, que sempre diz coisas sarcásticas e ofende a esposa quando todos estão à mesa. Contudo, para mim, *nada* pode ser pior do que aqueles silêncios horríveis de papai. Eles nos deixam aturdidos e com medo

de abrir a boca. Não seria tão ruim, lógico, se isso só acontecesse quando estamos entre nós mesmos; mas não, eles podem ocorrer também em ocasiões nas quais temos visitas. Esme e eu já estamos simplesmente exaustas de tanto tentar explicar esses silêncios insultantes para as outras pessoas. Ela está apavorada com a possibilidade de papai não se esquecer da história do pijama até amanhã à noite. Ora, o que Lennox vai pensar? E ela quer que você use seu vestido azul. O vestido novo de Esme é dessa cor, porque Lennox adora azul. No entanto, papai odeia. Talvez, se você estiver com o seu, ele aceite melhor o dela.

– Não seria melhor sua irmã vestir outra coisa?

– Ela não tem mais nada que seja adequado para um jantar formal, exceto o vestido verde que papai lhe deu no Natal. Ele é encantador, é de um tecido macio e tem ótimo caimento. Sabe, papai gosta de nos ver com roupas bonitas. O problema é que Esme não fica nada bem de verde; Pringle fala que ela parece estar nos últimos estágios da tuberculose. E o primo de Lennox Carter disse a Esme que ele nunca se casaria com uma mulher de saúde frágil. Eu me sinto mais do que contente por Johnny não ser tão exigente.

– Você já falou com seu pai sobre seu relacionamento com Johnny? – indagou Anne, que sabia tudo a respeito da vida amorosa de Trix.

– Não – a pobre moça lamentou. – Não consigo criar coragem, Anne. Sei que ele vai fazer uma cena horrorosa. Papai nunca aprovou Johnny por ele ser pobre. Esquece que, quando começou a vender ferragens e ferramentas, era mais pobre do que Johnny. É claro que ele terá de saber em breve, mas quero esperar até que a situação de Esme esteja resolvida. Sei que papai vai ficar sem dirigir a palavra a *todos* nós por semanas depois que eu contar a ele. E mamãe vai se preocupar muitíssimo: ela não suporta os acessos de mau humor dele. Somos todos tão covardes perante papai, Anne! É preciso reconhecer que mamãe e Esme são naturalmente tímidas com todas as pessoas, mas Pringle e eu somos confiantes; só papai consegue nos intimidar. Às vezes, eu penso que, se tivéssemos alguém para nos apoiar... No entanto, não temos, e então ficamos simplesmente

paralisados. Você não pode imaginar, querida, como é um jantar com visitas lá em casa quando papai está emburrado. Se ele se comportar bem amanhã à noite, sou capaz de perdoá-lo por tudo o que já fez. Ele *consegue* ser muito agradável quando quer; é bastante parecido com a menina de Longfellow: “quando ele é bom, ele é realmente muito bom, e quando ele é mau, ele é horrendo”.***** Já vi papai ser o centro das atenções e a fonte de diversão em vários eventos sociais.

– Ele estava muito alegre e animado naquela noite em que jantei em sua casa, no mês passado.

– Ele gosta de você, como eu já disse. Essa é uma das razões pelas quais queremos tanto que vá jantar conosco amanhã. Sua presença pode ter uma boa influência sobre ele, e não estamos descartando nada que possa agradá-lo. O grande problema é que, quando papai tem um acesso de mau humor muito forte, ele odeia tudo e todos. De qualquer modo, planejamos um jantar esplêndido, com um lindo e delicioso creme de laranja como sobremesa. Mamãe sugeriu que fosse uma torta, pois diz que todos os homens do mundo, exceto papai, gostam mais de torta do que de qualquer outra coisa como sobremesa... Até mesmo os professores de línguas modernas. Mas papai é diferente, e por isso jamais poderíamos servir qualquer outro doce amanhã, quando tanta coisa depende dessa ocasião. Creme de laranja é definitivamente a sobremesa predileta dele. Quanto a Johnny e eu, Anne, suponho que terei de fugir com ele um dia desses, e papai nunca vai me perdoar.

– Pois creio que se você reunisse coragem suficiente para contar tudo a ele e suportar seu consequente mau humor, poderia descobrir que seu pai acabaria se conformando perfeitamente com a ideia, o que lhe pouparia meses de angústia.

– Você não conhece papai – Trix lamentou.

– Talvez eu o conheça melhor do que você. É tudo uma questão de perspectiva.

– Questão de quê? Anne, querida, lembre-se de que não frequentei uma faculdade. Adoraria ter cursado uma, mas papai não acredita que mulheres

devem ter acesso ao ensino superior.

– Eu só quis dizer que você está perto demais dele para compreendê-lo. Uma pessoa mais distante poderia enxergá-lo melhor, entendê-lo mais claramente.

– O que eu entendo é que nada pode convencer papai a falar quando ele está decidido a não fazer isso... *nada*! E ele se orgulha dessa característica.

– Então por que vocês simplesmente não conversam, como se não houvesse nenhum problema?

– Não *conseguimos*. Eu lhe disse, Anne: ele nos paralisa. Você vai constatar isso por si mesma amanhã, se ele ainda não tiver superado o caso do pijama. Não sei como ele nos deixa assim, mas o fato é que isso acontece. Acho que não nos importariamos tanto com sua irritação se ao menos ele falasse alguma coisa. É seu silêncio que nos deixa sem ação. Jamais vou perdoar papai se ele se comportar mal amanhã à noite, quando tanta coisa estará em jogo.

– Vamos esperar pelo melhor, querida.

– É o que estou tentando fazer. E sei que ter você lá vai ajudar muito. Mamãe achou que deveríamos convidar Katherine Brooke também, mas penso que isso não teria um bom efeito em papai. Ele a odeia. E não o culpo por *isso*, devo confessar. Também não gosto dela. Não entendo como você pode ser tão simpática e gentil com essa moça.

– Tenho pena dela.

– Pena?! Ora, se ninguém gosta de Katherine, a culpa é só dela mesma. Bem, o mundo é composto por todos os tipos de gente, não é? Contudo, Summerside ficaria muito bem sem ela... aquela rabugenta!

– É uma ótima professora, Trix...

– E eu não sei disso? Fui aluna dela. Aquela mulher realmente *martelou* coisas em minha cabeça, além de me martirizar com seu sarcasmo. E as roupas que usa! Papai não tolera ver mulheres malvestidas. Diz que elas não servem para nada e que tem certeza de que Deus concorda com ele. Mamãe ficaria horrorizada se soubesse que lhe contei isso, Anne. Ela só

perdoa esse modo de pensar de papai por ele ser homem. Como se essa bobagem fosse tudo o que temos para perdoar nele! O pobre Johnny mal ousa me visitar atualmente, por causa da maneira rude com que ele o trata. Eu escapo em noites claras e damos voltas ao redor da praça; ficamos quase congelados.

Anne deu um suspiro – que pareceu ser de alívio – depois que Trix foi embora e, em seguida, desceu à cozinha para induzir Rebecca Dew a lhe dar um lanche.

– Vai jantar com os Taylor? Bem, espero que o velho Cyrus não seja malcriado. Se a família não tivesse tanto medo dele quando tem seus acessos de mau humor, o homem não os teria com tanta frequência; disso eu tenho certeza. Vou lhe dizer, senhorita Shirley: ele *gosta* desses acessos. Bem, agora acho que tenho de esquentar leite para Aquele Gato. Bichano mimado!





Capítulo X

Quando chegou à casa de Cyrus Taylor, na noite seguinte, Anne sentiu o peso da atmosfera assim que atravessou a porta. Uma criada saudável e bonita a acompanhou até o quarto de hóspedes. Porém, enquanto subia a escada, Anne viu a senhora Cyrus Taylor sair correndo da sala de jantar para a cozinha e notou que a mãe de Trix enxugava lágrimas no rosto pálido, preocupado e ansioso, mas, ainda assim, bonito. Estava tudo evidente: Cyrus ainda não havia “superado” o caso do pijama.

Isso foi confirmado por uma Trix aflita que entrou no quarto e sussurrou nervosamente:

– Oh, Anne, o humor dele está horrendo. Papai parecia razoavelmente amigável hoje de manhã, e isso aumentou nossas esperanças. Entretanto, Hugh Pringle o venceu em um jogo de damas, esta tarde, e ele não *suporta* perder um jogo de damas. Isso tinha de acontecer logo hoje, é claro.

Depois, encontrou Esme “se admirando no espelho”, como ele mesmo disse, e imediatamente a pôs para fora do quarto e trancou a porta. Minha pobre irmã desejava apenas conferir se estava suficientemente bonita para agradar o doutor Lennox Carter, e nem teve a chance de pôr seu colar de pérolas. Ora, olhe para mim! Não ousei anelar meu cabelo: papai não gosta de cachos que não sejam naturais. Estou horrorosa! Não que isso tenha alguma importância, estou dizendo só para você ter uma ideia do que se passa por aqui. Ele jogou fora as flores que mamãe tinha colocado sobre a mesa de jantar, e ela se sentiu tão decepcionada... Havia se dedicado tanto a ajeitá-las! Além disso, não a deixou usar os brincos de granada. Papai não tivera um acesso tão terrível desde o dia em que chegou de uma viagem ao oeste, na primavera passada, e viu que mamãe tinha posto cortinas vermelhas na sala de estar, sendo que ele preferia que elas fossem cor de amora. Anne, por favor, fale o máximo que puder durante o jantar, se ele não disser nada. Senão, vai ser terrível *demais*.

– Vou fazer o possível – prometeu Anne, a quem certamente nunca tinha faltado o que dizer, embora jamais tivesse se encontrado em uma situação como a que enfrentou naquela noite.

Estavam todos reunidos em volta da mesa, uma mesa bem organizada e bonita, apesar da ausência de flores. A tímida senhora Cyrus, usando um vestido de seda cinza, estava com o rosto mais cinzento do que a própria roupa. Esme, a beldade da família – dona de uma beleza pálida, um cabelo dourado pálido, lábios rosados pálidos, olhos pálidos cor de miosótis –, estava tão mais pálida do que de costume que dava a impressão de que desmaiaria a qualquer momento. Pringle, um garoto geralmente alegre de 14 anos, gorducho, com olhos redondos sempre cobertos por óculos e cabelo tão louro que era quase branco, parecia um cachorro amarrado. E Trix parecia uma adolescente amedrontada.

O doutor Carter, que era inegavelmente belo e elegante, com cabelo escuro e cacheado, olhos também escuros e brilhantes, e óculos de aro prateado – e que Anne, no tempo em que ele ainda era professor assistente em Redmond, tinha considerado um rapaz arrogante e enfadonho –, estava

aparentemente constrangido. Era evidente que percebia que alguma coisa não ia bem, uma conclusão razoável quando seu anfitrião simplesmente caminha, altivo, até a cabeceira da mesa e se senta em sua cadeira sem dirigir uma única palavra a você ou a qualquer outra pessoa presente.

Ao constatar que Cyrus não faria a oração antes do jantar, sua esposa, vermelha como um tomate, murmurou quase inaudivelmente:

– Pelos alimentos que estamos prestes a receber, Senhor, somos profundamente gratos.

As coisas começaram mal, pois Esme, extremamente tensa, deixou seu garfo cair. Todos (exceto Cyrus) se sobressaltaram: afinal, seus nervos também estavam à flor da pele. Em silêncio, os olhos azuis de Cyrus, esbugalhados e cheios de fúria, encararam Esme e, logo depois, os outros presentes, deixando-os intimidados e mudos. E, quando a pobre senhora Cyrus se serviu de molho de rabanete, ele lhe lançou esse mesmo olhar outra vez, levando-a a lembrar-se imediatamente de seu estômago fraco. Depois disso, ela não conseguiu comer nem um pouco do molho que tanto apreciava, apesar de acreditar que ele não lhe faria mal algum. Na verdade, ela não pôde comer nada, assim como aconteceu com Esme. As duas apenas fizeram de conta.

A refeição prosseguiu em meio a um silêncio inquietante, quebrado apenas por comentários momentâneos sobre o clima, feitos por Trix e Anne. Com os olhos, Trix implorava à amiga que iniciasse uma conversa, mas, pela primeira vez na vida, Anne não tinha absolutamente nada a dizer. Sentia desesperadamente que *precisava* encontrar um assunto, e, no entanto, só as coisas mais idiotas vinham à sua mente – coisas que, de modo algum, deveriam ser faladas.

Estariam todos enfeitiçados? Era impressionante o efeito que um homem mal-humorado podia causar nas outras pessoas. Anne não conseguia acreditar que aquilo fosse possível. E não havia dúvida de que ele estava bastante satisfeito em saber que tinha conseguido deixar todos ali terrivelmente incomodados. O que estaria passando em sua cabeça? Qual seria sua reação se, de repente, alguém o espetasse com um alfinete? Anne

desejou estapeá-lo, dar um soco nas articulações de seus dedos, colocá-lo de castigo em um canto da sala, tratá-lo como uma criança mimada, o que ele de fato era, apesar do cabelo grisalho espetado e do bigode horripilante.

Mais do que tudo, ela queria fazer com que ele *falasse*. Anne achava, instintivamente, que nada no mundo o castigaria tanto quanto se ver em uma situação em que fosse obrigado a falar, embora estivesse determinado a não proferir uma só palavra.

E se ela se levantasse subitamente e estraçalhasse, de propósito, aquele vaso enorme, horroroso e antiquado que estava em cima de uma mesa de canto? Era um objeto enfeitado com guirlandas de rosas e folhas extremamente difíceis de limpar, mas que, apesar disso, tinha de ser mantido sem nenhuma partícula de poeira. Sabendo que toda a família odiava aquele vaso, mas Cyrus Taylor se recusava a sequer cogitar a hipótese de alguém escondê-lo no sótão – ele havia pertencido à sua mãe –, Anne pensou que o destruiria sem medo se realmente acreditasse que esse ato faria Cyrus explodir e berrar de raiva.

E por que Lennox Carter permanecia calado? Se ele dissesse alguma coisa, ela, Anne, poderia falar também, e talvez Trix e Pringle escapassem do feitiço que os deixava mudos, e algum tipo de conversa se desenrolasse. Contudo, ele, simples e unicamente, comia. Certamente, imaginava que aquilo era o melhor a ser feito, ou então tinha receio de que, caso falasse alguma coisa, enfureceria ainda mais o evidentemente já furioso pai de sua provável futura esposa.

– Por favor, senhorita Shirley, experimente esta conserva de legumes, – a senhora Taylor falou discretamente.

Alguma coisa maliciosa despertou em Anne naquele momento. Ela se serviu da conserva e, sem parar para pensar, inclinou-se para a frente – os olhos verdes-acinzentados brilhando limpidamente – e disse, em um tom bastante amável:

– Talvez o senhor fique surpreso ao saber, doutor Carter, que o senhor Taylor ficou surdo de repente, na semana passada.

Após lançar sua bomba, Anne voltou o corpo para trás. Não saberia dizer o que desejou ou esperou que acontecesse. Se o doutor Carter achasse que seu anfitrião estava surdo, em vez de silenciado por um acesso de mau humor, isso poderia soltar sua língua. Além do mais, ela *não* tinha mentido; *não* havia dito que Cyrus Taylor *era* surdo. Porém, se ela esperava fazer o homem falar, tinha fracassado. Ele apenas a encarou, ainda em silêncio absoluto.

Por outro lado, o comentário de Anne surtiu em Trix e Pringle um efeito que ela nunca havia imaginado. Sua amiga também sentia uma raiva silenciosa. Momentos antes de Anne fazer seu comentário mordaz, ela tinha visto Esme enxugar furtivamente uma lágrima que escapara de um de seus aflitos olhos azuis. Tudo estava perdido. Agora, Lennox Carter jamais a pediria em casamento. O que qualquer pessoa dissesse ou fizesse já não importava mais. Trix ficou subitamente possuída por um desejo ardente de se vingar da desumanidade do pai, e a fala de Anne lhe ofereceu uma inspiração sinistra. E Pringle, um vulcão de travessuras reprimidas, piscou, impressionado, os olhos com cílios brancos, e seguiu prontamente o exemplo de Trix. Nunca, enquanto vivessem, Anne, Esme e a senhora Cyrus se esqueceriam dos assombrosos quinze minutos que se seguiram.

– Que sofrimento para papai, coitado – Trix lamentou dirigindo-se ao doutor Carter, que estava do outro lado da mesa. – E ele só tem 68 anos.

Duas pequenas reentrâncias apareceram no canto das narinas de Cyrus Taylor quando ele ouviu sua idade aumentada em seis anos. Mesmo assim, permaneceu em silêncio.

– É tão bom ter, finalmente, uma refeição tão rica como esta! – Pringle exclamou, de forma clara e inteligível. – O que o senhor pensaria, doutor Carter, de um homem que faz sua família viver de frutas e ovos... nada além de frutas e ovos... sem um motivo aparente?

– O seu pai...? – Carter começou a falar, confuso, mas foi interrompido.

– O que o senhor pensaria de um marido que morde sua esposa quando ela instala cortinas que não o agradam, que a morde *deliberadamente*? –

indagou Trix.

– Até sangrar – Pringle acrescentou solenemente.

– Estão querendo dizer que seu pai...?

– O que o senhor pensaria de um homem que rasga um vestido novo de seda da esposa só porque não gostou do modelo? – perguntou Trix.

– E o que pensaria – Pringle continuou – de um homem que não deixa a esposa ter um cachorro?

– Mesmo sabendo o quanto ela amaria possuir um? – Trix suspirou.

– O que o senhor pensaria de um homem – insistiu Pringle, que começava a se divertir imensamente – que dá à sua esposa um par de galochas como presente de Natal? Nada além de um par de galochas?

– Galochas não são exatamente algo que aquece o coração – doutor Carter admitiu.

Seu olhar encontrou o de Anne, e ele sorriu. Anne percebeu que nunca tinha visto o professor sorrir. Aquela expressão em seu rosto o tornava maravilhosamente mais bonito.

Mas, afinal, *o que* Trix estava dizendo? Quem iria supor que ela pudesse ser tão cruel?

– O senhor alguma vez imaginou, doutor Carter, como deve ser terrível viver com um homem que não vê nada de errado – *nada* – em pegar a carne assada que não está perfeitamente a seu gosto e atirá-la na criada?

Doutor Carter olhou apreensivamente para Cyrus Taylor, como se temesse que o dono da casa jogasse os ossos dos frangos em alguém. Em seguida pareceu lembrar, aliviado, que ele estava surdo.

– O que o senhor pensaria de um homem que acreditasse que a Terra é plana? – Pringle indagou.

Anne suspeitou que *dessa vez* Cyrus falaria. Um tremor pareceu passar por aquele rosto vermelho, mas não veio nenhuma palavra. De qualquer modo, ela teve a impressão de que os bigodes dele estavam um pouco menos desafiadores.

– O que o senhor pensaria de um homem que permitisse que sua tia, sua única tia, fosse morar em um asilo de pobres? – Trix perguntou.

– E pusesse sua vaca para pastar no cemitério? – Pringle acrescentou. – Até hoje Summerside não superou esse episódio.

– O que o senhor pensaria de um homem que escrevesse em seu diário, todos os dias, o que comeu no jantar? – foi a vez de Trix.

– O grande Pepys^{*****} fazia isso – comentou o doutor Carter, com outro sorriso.

Sua voz soou como se ele estivesse com vontade de rir. “Talvez, pensando bem, ele não seja tão arrogante”, Anne pensou; “apenas jovem, tímido e sério demais”. Contudo, ela estava apavorada. Jamais havia desejado que as coisas fossem tão longe assim, e tinha acabado de constatar que é muito mais fácil criar certas situações do que pôr um fim nelas. Trix e Pringle estavam diabolicamente sagazes. Em momento algum haviam dito que o pai deles tinha feito uma única daquelas coisas citadas. Anne pôde, inclusive, imaginar Pringle – com os olhos ainda mais redondos, por conta da simulada inocência – dizendo: “Só fiz as perguntas ao doutor Carter porque queria saber a opinião dele”.

– O que o senhor pensaria – Trix prosseguiu – de um homem que abre e lê as cartas que a esposa recebe?

– E o que pensaria de um homem que fosse a um funeral, o funeral de seu próprio pai, usando seu macacão de trabalho? – Pringle indagou.

O que mais eles *ainda* perguntariam?

A senhora Cyrus chorava sem disfarçar.

Esme, tendo perdido as esperanças, mantinha-se serena; nada mais tinha qualquer importância. Ela se virou e, certa de que havia perdido o doutor Carter para sempre, olhou firme e diretamente para ele. Pela primeira vez na vida, Esme foi inspirada a dizer alguma coisa realmente sensata.

– O que – começou ela, calmamente – o senhor pensaria de um homem que passou um dia inteiro procurando pelos filhotes de uma pobre gata que havia sido baleada? Que fez isso por não suportar a ideia de que eles morreriam de fome?

Um silêncio estranho tomou conta do ambiente. Trix e Pringle pareceram ter ficado subitamente envergonhados de si mesmos. E então a senhora Cyrus falou de repente, sentindo que era seu dever de esposa dar suporte à inesperada defesa que Esme ofereceu ao pai.

– E é capaz de fazer um belo crochê. No inverno passado, quando estava com dores lombares terríveis, fez o centro de mesa mais bonito de todos para a sala de sua casa.

Todas as pessoas têm um limite de tolerância, e Cyrus Taylor havia atingido o seu. Instantaneamente, o homem se levantou e empurrou a cadeira para trás com tanta fúria que ela atravessou o chão encerado e bateu com força na mesa onde estava o vaso que tinha sido de sua mãe. A mesa virou, e o objeto, como era de se esperar, desmanchou em mil pedaços.

Cyrus, cujas sobrancelhas brancas e espessas estavam arrepiadas pela ira, finalmente explodiu.

– NÃO FAÇO CROCHÊ, MULHER! Será que uma toalhinha decorativa insignificante vai manchar eternamente a reputação de um homem? Eu sofria tanto com aquelas dores malditas que não sabia o que estava fazendo. E sou surdo, não é, senhorita Shirley? Sou surdo?

– Ela não disse que o senhor é surdo, papai! – exclamou Trix, que nunca temia o pai quando sua fúria era expressa em palavras.

– Oh, não, ela não disse isso. Nenhum de vocês falou nada! *Você* não afirmou que tenho 68 anos de idade, sendo que são só 62, afirmou? *Você*, Pringle, não declarou que não deixo sua mãe ter um cachorro! Ora, ora, mulher! Você pode ter quarenta mil cachorros, se desejar, e sabe disso! Quando foi que lhe neguei qualquer coisa que me pediu... quando?

– Nunca, benzinho, nunca... – a senhora Cyrus afirmou, entre soluços.
– E nunca desejei ter um cachorro. Jamais sequer *pensei* em querer um cachorro, benzinho.

– Quando foi que abri alguma carta que você recebeu? Quando mantive um diário? Um diário?! Quando usei um macacão no funeral de alguém? Quando levei uma vaca para pastar no cemitério? Qual tia minha

está no asilo de pobres? Alguma vez atirei carne em alguém? Já alimentei vocês só com frutas e ovos?

– Nunca, benzinho, nunca... – a senhora Cyrus não parava de chorar. – Você sempre foi um bom provedor, o melhor.

– Você não me falou que queria galochas no Natal passado?

– Sim, oh, sim. É lógico que falei, benzinho. E meus pés têm ficado tão confortáveis e quentes durante todo o inverno...

– Pois bem, então!

Cyrus lançou um olhar triunfante em volta da sala de jantar. Seus olhos encontraram os de Anne. Subitamente, o inesperado aconteceu: Cyrus Taylor deu uma risada. Covinhas apareceram em suas bochechas e fizeram um verdadeiro milagre em toda a sua expressão facial. Então, ele trouxe sua cadeira de volta e sentou-se à mesa outra vez.

– Tenho o péssimo hábito de emburrar, doutor Carter. Todo mundo tem algum mau hábito, e esse é o meu. O único. Vamos, vamos, benzinho, pare de chorar. Reconheço que mereci escutar todas as coisas que vocês me disseram, exceto aquele seu gracejo sobre crochê. Esme, minha menina, nunca vou esquecer que você foi a única pessoa que me defendeu. Peça a Maggie para limpar esta bagunça. Sei que estão todos contentes por esse maldito objeto estar despedaçado. E traga a sobremesa.

Anne nunca entendeu como foi possível uma noite que começou tão mal ter acabado tão bem. Ninguém poderia ter sido mais agradável, gentil e melhor companhia do que Cyrus a partir daquele momento. E ficou evidente que o jantar não teve nenhuma consequência negativa, pois, quando Trix voltou a Windy Poplars, alguns dias depois, foi para contar a Anne que havia finalmente criado coragem suficiente para conversar com o pai a respeito de Johnny.

– Ele ficou muito bravo, Trix?

– Papai... papai não ficou nem um pouco bravo – Trix admitiu, envergonhada. – Ele apenas bufou e disse que já tinha passado da hora de Johnny tomar uma atitude, após ficar dois anos me rodeando e afastando de mim todos os outros rapazes. Acho que ele concluiu que não poderia ter

mais um acesso de mau humor tão cedo, depois daquele último. E você sabe, Anne, entre um acesso e outro, papai é realmente um amor.

– Acho que ele é um pai muito melhor do que você merece – disse Anne, bem à maneira de Rebecca Dew. – Você foi simplesmente terrível naquela noite, Trix.

– Bem, não se esqueça de que foi você quem começou tudo – Trix argumentou. – E o bom e querido Pringle ajudou um pouco. Ora, tudo está bem quando acaba bem... E felizmente nunca mais vou ter de tirar a poeira daquele vaso.





Capítulo XI

(Fragmento de uma carta para Gilbert duas semanas depois.)



O noivado de Esme Taylor com o doutor Lennox Carter foi anunciado. Pelo que pude deduzir somando pequenos mexericos que ouvi aqui e ali, parece que ele decidiu, naquela sexta-feira inesquecível, que queria protegê-la, salvá-la de seu pai e de sua família... e talvez de suas amigas! A situação angustiante de Esme certamente tocou seu senso de cavalheirismo. Trix insiste em acreditar que fui eu que ocasionei essa decisão, e pode ser que eu tenha interferido um pouco, mesmo, mas creio que jamais vou me envolver em um caso como esse novamente. As consequências são imprevisíveis.

Realmente, não sei o que deu em mim naquela noite, Gilbert. Deve ter sido um resquício de minha antiga aversão a tudo o que tivesse alguma coisa a ver com os Pringle. Porém, esse sentimento parece tão *remoto*,

agora, que quase nem me lembro mais dele, embora muita gente ainda se pergunte como foi que eu conquistei aquele clã. Um dia desses, ouvi a senhorita Valentine Courtaloe dizer que não ficou nada surpresa com isso, pois eu tenho “um talento natural para lidar com as pessoas”; e a esposa do pastor pensa que se trata de uma resposta às suas preces. Bem, quem sabe, não é?

Ontem, Jen Pringle e eu caminhamos juntas por algum tempo na volta da escola para casa e falamos de “navios... e sapatos... e lacre de cera”.***** Conversamos sobre quase tudo, exceto geometria: sempre evitamos esse assunto. Jen sabe que não sou muito boa em geometria, mas o pouco que sei sobre o capitão Myrom não a deixa fazer uso dessa informação. Emprestei a ela meu exemplar de *O livro dos Mártires*, de John Foxe. Detesto emprestar um livro que *amo*: ele nunca parece o mesmo quando volta para mim. Porém, amo os *Mártires* de Foxe apenas porque foi a querida senhora Allan que me deu, como um prêmio da escola dominical, anos atrás. Não gosto de ler sobre mártires, pois eles sempre fazem com que eu me sinta mesquinha e constrangida, com vergonha de admitir que detesto sair da cama nas manhãs geladas e que tenho medo de fazer uma visita ao dentista!

Estou contente por Esme e Trix estarem ambas satisfeitas. Como meu próprio romance vem florescendo, fico ainda mais interessada no sucesso de outros. É um interesse positivo, você sabe, não envolve malícia nem curiosidade, apenas alegria de saber que há tanta felicidade espalhada à minha volta.

Ainda é fevereiro, e “sobre o telhado do convento os flocos de neve cintilam para a Lua”;***** só que não é um convento, é apenas o celeiro do senhor Hamilton. Gilbert, já começo a pensar que faltam apenas algumas semanas para a primavera... e poucas mais para o verão; para as férias... Green Gables... os raios dourados do sol sobre os prados de Avonlea... um golfo que vai estar prateado ao amanhecer, azul safira ao meio-dia e vermelho durante o pôr do sol... e, sobretudo, *você*.

A pequena Elizabeth e eu temos planos infindáveis para a primavera. Nós nos tornamos ótimas amigas. Levo o leite para ela todos os dias, no horário de sempre, e de vez em quando a avó lhe dá permissão para fazer uma caminhada comigo. Quando descobrimos que fazemos aniversário no mesmo dia, Elizabeth ficou tão extasiada que suas bochechas assumiram o mais divino tom entre rosa e vermelho que já vi. Ela é tão linda quando fica ruborizada! Normalmente, é pálida demais e não ganha cor nem quando bebe o copo de leite fresco. É só quando voltamos de nossos passeios em meio à brisa do crepúsculo que vejo uma cor rosada adorável em seu rosto delicado. Uma vez ela me perguntou, muito séria:

– Vou ter uma pele macia e linda como a sua quando eu crescer, senhorita Shirley, se eu banhar meu rosto com leite desnatado todas as noites?

Leite desnatado parece ser o cosmético preferido em Spook's Lane. Descobri que Rebecca Dew também usa, e ela me fez prometer que manteria isso em segredo, pois, se as viúvas soubessem, pensariam que está sendo excessivamente fútil, considerando sua idade. A quantidade de segredos que tenho de guardar em Windy Poplars está me envelhecendo mais do que o tempo. Às vezes, me pergunto: “Será que se eu usasse leite desnatado no nariz, ele acabaria com essas sete sardas?”. Aliás, alguma vez já lhe ocorreu, senhor, que tenho “uma pele macia e linda”? Se sim, você nunca me disse. E por acaso já se deu conta de que sou “comparativamente bonita”? Porque descobri recentemente que sou.

– Como é ser bonita, senhorita Shirley? – indagou Rebecca Dew, um dia desses. Eu estava usando meu vestido novo, de um tecido bege fino e macio.

– Sempre tive essa curiosidade – falei.

– Mas a senhorita é bonita – Rebecca Dew argumentou.

– Nunca pensei que você pudesse ser sarcástica, Rebecca – eu a repreendi.

– Não tive essa intenção, senhorita Shirley. A senhorita é bonita... comparativamente.

- Oh, comparativamente!
- Olhe-se ali no espelho acima do aparador – disse Rebecca, apontando.
- Em comparação *comigo*, a senhorita é.

Bem, eu era, mesmo!

Mas não acabei de contar sobre Elizabeth. Em um fim de tarde chuvoso, em que o vento uivava na Spook's Lane e, portanto, não podíamos fazer nossa caminhada, viemos para meu quarto e desenhemos um mapa da terra da fantasia. Elizabeth sentou-se sobre minha almofada azul semelhante a um enorme biscoito frito, para ficar mais alta, e, quando se inclinou sobre o mapa, pareceu um gnomo pequeno e muito sério. (A propósito, já imaginou se tivéssemos de escrever “guinomo”? Para mim, “gnomo” parece muito mais mágico e misterioso.)

Nosso mapa ainda não está completo; todo dia pensamos em uma coisa diferente para enriquecê-lo. Ontem determinamos onde fica a casa da Bruxa da Neve e desenhemos, atrás dessa moradia, três colinas completamente cobertas de cerejeiras em flor. (Gilbert, eu gostaria de ter algumas cerejeiras silvestres perto de nossa casa dos sonhos.)

É claro que temos um Amanhã no mapa; fica a leste do Hoje e a oeste do Ontem. E há uma infinidade de “tempos” na terra da fantasia. Tempo de primavera; tempo longo; tempo curto; tempo de lua nova; tempo de ter uma boa noite; tempo de esperar pela próxima vez (não há tempo de lamentar a última vez, pois isso seria triste demais para a terra da fantasia); velhos tempos; jovens tempos (afinal, se há tempos velhos, tem de haver tempos jovens também); tempo de poesia (porque soa fascinante); tempo noturno; tempo diurno; não há tempo de ir à escola ou para a cama; tempo de Natal; tempo de uma única vez não tem, porque também é triste demais; tempo perdido, sim, pois é muito bom reencontrá-lo; algum tempo; bons tempos; tempo que passa depressa; tempo que demora a passar; tempo de beijar; tempo de voltar para casa; e *tempos imemoráveis*: uma das expressões mais bonitas do mundo. E colocamos, ainda, setas vermelhas pequenas e graciosas em todos os lugares, indicando onde está cada um dos diferentes “tempos”.

Sei que Rebecca Dew pensa que sou bastante imatura. Entretanto, oh, Gilbert, nunca vamos envelhecer demais... nem ficar *sábios* demais para a terra da fantasia, está bem? Tenho certeza de que Rebecca Dew duvida que eu exerça uma boa influência sobre Elizabeth. Ela pensa que estímulo a menina a ser “fantasiosa”. Um dia desses, quando eu estava fora no fim da tarde, Rebecca Dew levou o copo de leite e a encontrou diante da porta verde desbotada. Elizabeth estava tão absorta olhando para o céu que não ouviu os passos (qualquer coisa, menos leves) da criada.

– Eu estava *escutando*, Rebecca – ela explicou.

– Você escuta *demais* – disse Rebecca, em tom de reprovação.

A menina sorriu, alheia, séria. (Rebecca Dew não usou essas palavras, mas sei exatamente como Elizabeth sorriu.)

– Você ficaria surpresa, Rebecca, se soubesse o que ouço às vezes – ela disse de uma forma que fez a criada tremer da cabeça aos pés; pelo menos, foi o que me contou.

Ora, Elizabeth está sempre encantada pelas fadas; o que se pode fazer quanto a isso, não é?

De sua mais Anne do que nunca,

Anne

P.S.1: Jamais vou me esquecer do rosto de Cyrus Taylor quando sua esposa o “acusou” de fazer crochê. Contudo, sempre vou gostar dele porque procurou os pobres filhotes da gata baleada. E admiro Esme por ter defendido o pai, mesmo tendo supostamente perdido todas as suas esperanças amorosas.

P.S.2: Adquiri uma caneta nova. E amo você porque não é arrogante como o doutor Carter, e amo você porque não possui orelhas de abano como as de Johnny. E a melhor de todas as razões: eu o amo por você ser simples e unicamente Gilbert! ✉





Capítulo XII

Windy Poplars,
Spook's Lane,
30 de maio



Meu muitíssimo e cada vez mais querido,
É primavera!

Talvez você, extremamente sobrecarregado com um grande número de exames em Kingsport, ainda não saiba. Entretanto, estou ciente disso do topo de minha cabeça à ponta dos dedos dos pés. E Summerside também já percebeu. Imagine que as ruas mais sem graça estão transformadas por galhos cheios de flores que pairam acima de velhas cercas de madeira, e por faixas de dentes-de-leão repletos de botões amarelos na grama que margeia as calçadas. Até a mulher de porcelana que fica na estante de meu quarto tem conhecimento disso, e sinto que, se

eu acordasse de repente, no meio de uma noite dessas, a surpreenderia fazendo passos de balé com seus sapatos cor-de-rosa de saltos dourados.

Tudo o que vejo lembra que estamos na primavera: os pequenos riachos sorridentes; a névoa azul sobre meu monte (o Rei da Tempestade); os bordos no bosque, quando vou ler suas cartas; as cerejeiras brancas ao longo da Spook's Lane; os pintarroxos lustrosos, saltitantes e atrevidos provocando Dusty Miller no quintal; a trepadeira verdejante ao redor da meia porta pela qual Elizabeth recebe seu leite; os abetos em volta do cemitério exibindo sua nova folhagem; o próprio cemitério, onde todas as espécies de flores plantadas perto dos túmulos desabrocham agora, lindamente, como se dissessem: “Até mesmo aqui a vida triunfa sobre a morte”.

Em uma noite dessas, fiz um passeio realmente adorável pelo cemitério. (Tenho certeza de que Rebecca Dew pensa que meu gosto para caminhadas é assustadoramente mórbido. “Não consigo imaginar por que a senhorita tem essa atração por aquele lugar fúnebre”, costuma dizer.) Perambulando por ali, em meio à penumbra e ao perfume das flores, fiquei me perguntando se a esposa de Nathan Pringle havia realmente tentado envenená-lo. Afinal, seu túmulo parecia tão inocente – cercado de relva fresca e narcisos brancos – que concluí que ela tinha sido difamada injustamente.

Só mais um mês e vou estar em casa... de férias! Tenho pensado no velho pomar de Green Gables, com suas árvores cobertas de neve; na ponte antiga sobre o Lago das Águas Brilhantes; no murmúrio do mar em meus ouvidos; em uma tarde de verão na Vereda dos Apaixonados... e em você!

Tenho exatamente a caneta certa esta noite, Gilbert, portanto...

(Duas páginas omitidas.)

Estive na casa da família Gibson hoje, mais cedo. Marilla me pediu, há algum tempo, para visitar a senhora Gibson e sua filha Pauline de vez em quando; ela as conheceu tempos atrás, quando as duas moravam em White Sands. Sendo assim, estive lá uma vez e desde então tenho ido todas as

semanas, porque Pauline parece gostar bastante de minhas visitas, e sinto pena dela, pois não passa de uma escrava da mãe, que, por sua vez, é uma velha senhora terrível.

A senhora Adoniram Gibson tem 80 anos e passa seus dias em uma cadeira de rodas. Elas se mudaram para Summerside há quinze anos. Pauline, que tem 45, é a filha caçula; todos os seus irmãos e irmãs estão casados e determinados a não ter a senhora Adoniram morando com eles. Então, ela cuida servil e amorosamente da casa e da mãe. É pequena, pálida e possui olhos azul-acinzentados; o cabelo, de um tom entre o castanho e o dourado, é sedoso e brilhante.

Elas têm uma situação financeira confortável e, se não fosse por sua mãe, Pauline poderia ter uma vida bastante tranquila e agradável. Ela ama participar do trabalho da igreja e seria perfeitamente feliz se pudesse – além de se orgulhar de ser a proprietária da planta mais rara e bonita de toda a cidade – frequentar todas as reuniões da Sociedade de Ajuda Humanitária e do Instituto para Missões Estrangeiras, e planejar jantares beneficentes e outros eventos sociais.

No entanto, Pauline mal pode sair de casa, até mesmo para ir à igreja aos domingos. Não consigo vislumbrar nenhuma perspectiva de liberdade para ela, pois é bem provável que a velha senhora Gibson complete 100 anos de vida. E apesar de não poder usar as pernas, não há nada de errado com sua língua, que me enche de uma raiva impotente sempre que a ouço fazer da pobre Pauline o alvo de seu sarcasmo. Ao mesmo tempo, Pauline me disse que a mãe tem “bastante respeito e estima” por mim e que a trata muito melhor quando estou por perto. Se isso é verdade, tremo só de pensar em como ela deve se comportar quando não estou lá.

Pauline não ousa fazer *nada* sem antes pedir a permissão da senhora Gibson. Não pode sequer escolher e comprar suas próprias roupas, nem mesmo um mero par de meias. Tudo tem de ser submetido à aprovação da mãe, e tudo deve ser aproveitado até não ter mais utilidade nenhuma. Para você ter uma ideia, Pauline tem usado o mesmo chapéu há quatro anos.

A senhora Gibson não tolera nenhum ruído dentro de casa e não admite a entrada de um pouco que seja de ar fresco. Dizem que nunca sorriu em toda a sua vida. Seja como for, *eu* nunca a vi fazer isso, e, quando a olho, fico me perguntando o que aconteceria a seu rosto se ela desse um sorriso. Pauline sequer pode ter um quarto só para si: tem de dormir no mesmo cômodo que a mãe e levantar-se quase de uma em uma hora, durante a noite, para fazer uma massagem nas costas dela, ou lhe dar um medicamento, ou buscar uma garrafa de água quente – *quente*, morna não! –, ou trocar seus travesseiros, ou ver que barulho misterioso foi aquele no quintal. O fato é que a senhora Gibson dorme durante as tardes e passa as noites inventando tarefas para a filha.

Contudo, nada disso faz de Pauline uma pessoa amarga. Ela é doce, generosa, paciente, e fico feliz em saber que possui um cão para amar. A única coisa que ela sempre pôde fazer como quis foi cuidar desse cachorro; mesmo assim, isso é possível unicamente porque houve um assalto na cidade, e a senhora Gibson considerou que o animal seria uma proteção para elas. Pauline não deixa a mãe perceber o quanto ama o cachorro. A senhora Gibson o odeia e sempre reclama por ele trazer ossos para dentro de casa, mas, por razões egoístas, nunca diz que a filha deve se livrar do animal.

Porém, finalmente, tenho agora uma oportunidade para alegrar Pauline, e é o que vou fazer. Vou lhe dar *um dia*, embora isso signifique renunciar a um fim de semana em Green Gables.

Quando fui vê-las hoje, notei que Pauline havia chorado. A senhora Gibson não demorou muito a me revelar o motivo.

– Pauline quer sair e me deixar aqui, senhorita Shirley – ela disse. – Que filha dedicada e grata eu tenho, não acha?

– É só por um dia, mamãe – disse Pauline, engolindo um soluço e tentando sorrir.

– “Só por um dia”, é o que ela diz! Ora, a senhorita sabe como são meus dias, não sabe, senhorita Shirley? Qualquer pessoa sabe como são meus

dias. Mas o que a senhorita não sabe... *ainda*... e espero que nunca saiba, é o quanto um dia pode durar quando se está sofrendo.

Eu estava certa de que, naquele momento, a senhora Gibson não estava sofrendo nem um pouco, e por isso não tentei ser solidária.

– É lógico que eu encontraria alguém para ficar com a senhora, mamãe – Pauline se defendeu. – Sabe – ela me explicou –, minha prima Louisa vai comemorar suas bodas de prata em White Sands no próximo sábado e quer que eu esteja presente. Fui sua dama de honra quando ela se casou com Maurice Hilton. Eu gostaria *tanto* de ir se mamãe consentisse...

– Se eu tiver de morrer sozinha, que assim seja – lamentou a senhora Gibson. – Deixo a cargo de sua consciência, Pauline.

Entendi que a batalha estava perdida no exato momento em que a senhora Gibson deixou a questão por conta da consciência da filha. Em toda a sua vida, ela sempre conseguiu o que queria usando dessa chantagem emocional. Já ouvi dizer que há alguns anos um rapaz quis se casar com Pauline, e a senhora Gibson impediu deixando a decisão por conta da consciência da moça.

Pauline secou os olhos, pôs um sorriso digno de piedade no rosto e pegou um vestido (horroroso, de um tecido xadrez preto e verde) que estava reformando.

– Ora, não fique amuada, Pauline – a senhora Gibson ordenou. – Não suporto gente que emburra. E trate de colocar uma gola nesse vestido. Acreditaria, senhorita Shirley, se eu lhe dissesse que ela queria realmente deixar o vestido sem gola? Se eu permitisse, Pauline usaria até um vestido decotado.

Olhei para a pobre Pauline, com seu pescoço pequeno – que ainda é esbelto e bonito – escondido por uma gola bastante alta e engomada.

– Vestidos sem gola estão na moda – falei.

– Vestidos sem gola – a senhora Gibson retrucou – são indecentes.

(Detalhe: eu estava usando um vestido sem gola.)

– Além disso – a mãe de Pauline prosseguiu, como se estivesse continuando o mesmo assunto –, nunca gostei de Maurice Hilton. A mãe

dele era uma Crockett, e, como se isso não bastasse, ele nunca teve nenhum senso de decoro, sempre beijando a esposa nos lugares mais impróprios!

(Você tem certeza de que me beija em lugares apropriados, Gilbert? Receio que a senhora Gibson pense que a nuca, por exemplo, seja um local extremamente impróprio.)

– Mamãe, a senhora sabe que aquele foi o dia em que ela quase foi esmagada pelo cavalo de Harvey Wither; o animal estava correndo enlouquecidamente pelo gramado ao redor da igreja. É totalmente natural que Maurice ficasse um pouco empolgado.

– Pauline, por favor, não me contrarie. Eu ainda acho que os degraus da igreja são um local inadequado para qualquer pessoa ser beijada. Porém, é óbvio que minhas opiniões já não têm mais nenhuma importância para *ninguém*. Está claro que todos gostariam que eu estivesse morta. Bem, vai haver um lugar para mim no cemitério. Sei que represento um fardo para você. Seria melhor se eu morresse logo. Ninguém gosta mesmo de mim.

– Não diga isso, mamãe – Pauline suplicou.

– Digo isso, *sim*. Aqui está você, determinada a ir à celebração de bodas de prata, embora saiba que não quero que faça isso.

– Mamãe querida, pronto, eu não vou! Jamais pensaria em ir a qualquer lugar se soubesse que a senhora não aprovaria... Não se emocione, por favor.

– Oh, não posso nem mesmo ter um pouco de emoção para animar minha vida monótona, posso? Já está pensando em ir embora, senhorita Shirley?

Senti que, se eu permanecesse ali mais um minuto, ficaria louca ou daria um tapa na cara de sonsa da senhora Gibson. Portanto, falei que tinha provas de alunos para corrigir.

– Claro, suponho que duas velhas como nós não sejam companhias interessantes para uma jovem – a mulher suspirou. – Pauline não é muito alegre, é, Pauline? Não, não é. Não me surpreende a senhorita Shirley não querer ficar muito tempo aqui.

Pauline me acompanhou até a varanda. A Lua brilhava sobre seu pequeno jardim e cintilava acima do porto. Um vento suave e agradável conversava com uma macieira toda branca. Era primavera... *Primavera!* Nem a senhora Gibson pode impedir que as ameixeiras floresçam na primavera. E os doces olhos azul-acinzentados de Pauline estavam cheios de lágrimas.

– Eu queria tanto ir à festa de Louisa – ela disse, com um longo e triste suspiro de resignação.

– Você vai – afirmei.

– Oh, não, querida, não posso ir. Minha pobre mãe nunca vai consentir. Vou simplesmente tirar isso de meus pensamentos. A Lua não está linda esta noite? – acrescentou, em voz alta e animada.

– Nunca ouvi falar de alguma coisa boa que aconteceu porque alguém ficou olhando para a Lua! – a senhora Gibson gritou da sala. – Pare de tagarelar aí fora, Pauline, entre e traga meus chinelos vermelhos acolchoados e peludos. Estes sapatos aqui apertam meus pés terrivelmente. Contudo, ninguém se importa com o quanto eu sofro.

Senti que *eu* não me importava com o quanto ela sofria. Pobre Pauline querida! Porém, um dia de folga certamente está chegando para ela ir às bodas da prima. Eu, Anne Shirley, garanto isso.

Quando cheguei a Windy Poplars, contei tudo para Rebecca Dew e as viúvas, e nos divertimos bastante pensando em todas as coisas adoráveis que eu poderia ter falado para insultar a senhora Gibson. Tia Kate acha que não vou convencer a mãe de Pauline a permitir que a filha vá à festa, mas Rebecca Dew confia em meu talento.

– De qualquer maneira, se *a senhorita* não conseguir, ninguém mais consegue – ela concluiu.

Fui jantar recentemente com a senhora Tom Pringle, aquela que se recusou a me abrigar em Summerside. (Rebecca costuma dizer que sou a melhor hóspede pagante que existe, porque frequentemente me convidam para jantar fora.) Estou muito contente por ela não ter me aceitado. A senhora Tom Pringle é simpática e gentil, e suas tortas são maravilhosas,

mas sua casa não é Windy Poplars, ela não mora em Spook's Lane, e também não é tia Kate, tia Chatty e Rebecca Dew. Amo essas três e pretendo me hospedar aqui novamente no próximo ano e no seguinte.

Minha cadeira de braços é sempre chamada de “poltrona da senhorita Shirley”, e tia Chatty me contou que, quando não janto em casa, Rebecca Dew põe meu lugar na mesa exatamente como se eu estivesse presente, pois “assim ele não vai parecer tão vazio”. Às vezes, os sentimentos de tia Chatty complicam um pouco as situações, mas ela diz que já me compreende e sabe que eu jamais a machucaria intencionalmente.

Atualmente, a pequena Elizabeth e eu fazemos um passeio duas vezes por semana. A senhora Campbell concordou com isso mediante duas condições: não devemos sair com uma frequência maior do que essa e *nunca* aos domingos. A vida da pequena Elizabeth é melhor na primavera, quando alguns raios de sol entram naquela casa triste e sombria. Até do lado de fora a velha mansão fica bonita, por causa das sombras dançantes dos topos das árvores. Mesmo assim, Elizabeth prefere escapar sempre que pode. De vez em quando vamos à parte alta da cidade para ela ver as vitrines iluminadas das lojas. Porém, é mais comum percorrermos – até onde ousamos – a Estrada que Leva ao Fim do Mundo, dobrando cada esquina cheias de expectativa, como se estivéssemos prestes a nos deparar com o Amanhã, e nos encantando com as pequenas colinas verdes que se alinham à distância sob a luz do crepúsculo.

Elizabeth diz que uma das coisas que ela vai fazer no Amanhã é ir à Filadélfia ver “o anjo da igreja”.***** Não lhe contei (nem nunca vou contar) que a Filadélfia sobre a qual o apóstolo João escreveu *não* é a cidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos da América. Já perdemos nossas ilusões suficientemente cedo. Além disso, se *pudéssemos* ir ao Amanhã, quem sabe o que encontraríamos lá? Anjos em toda parte, talvez?

Às vezes, ficamos observando os navios que se aproximam do porto navegando sobre uma trilha de águas reluzentes e cortando o ar transparente da primavera com a ajuda de um vento favorável. Nessas ocasiões, Elizabeth se pergunta se o pai pode estar a bordo de um deles;

ela se apega à esperança de que ele vai chegar, um dia. Não consigo imaginar por que ele não vem. Tenho certeza de que a visitaria se soubesse o quanto sua pequena filha é encantadora e como espera pelo pai. Suponho que não se deu conta de que ela já é uma menina crescida; acho que só pensa em Elizabeth como um bebê recém-nascido que custou a vida de sua esposa.

Logo vou terminar meu primeiro ano em Summerside. Os meses iniciais foram um pesadelo, mas os últimos têm sido muito agradáveis. Os Pringle são *pessoas adoráveis*. Como pude compará-los aos Pye? Hoje Sid Pringle trouxe um buquê de lírios-do-bosque para mim. Jen vai ser a líder da turma, e me falaram que a senhorita Ellen disse que sou “a única professora que *compreendeu realmente* a criança”! A única pedra no meu sapato é Katherine Brooke, que continua hostil e distante. Vou desistir de tentar ser amiga dela. Afinal, como tia Kate diz, “existem limites para tudo”.

Oh, quase me esqueço de contar: Sally Nelson me convidou para ser uma de suas damas de honra. O casamento vai ser no final de junho, em Bonnyview, na casa de verão do doutor Nelson, em um local remoto e isolado. Ela vai se casar com Gordon Hill. A partir de então, Nora Nelson será a única solteira entre as seis irmãs. Ela sai com Jim Wilcox há anos – “com intervalos”, como diz Rebecca –, mas parece que a história deles nunca vai passar disso, e ninguém mais acha que algo ainda vai mudar.

Gosto muito de Sally, mas nunca fiz muito progresso em uma aproximação com Nora. Ela é bem mais velha do que eu, bastante reservada e altiva, mas ainda assim eu gostaria de ser sua amiga. Não é bonita, nem charmosa ou inteligente; no entanto, de algum modo, ela tem *alguma coisa* especial que me faz sentir que sua amizade valeria a pena.

E por falar em casamentos, Esme Taylor se casou com o doutor Carter no mês passado. Como a cerimônia foi em uma quarta-feira à tarde, não pude ir à igreja para vê-la. Entretanto, todos disseram que a noiva estava muito bonita e feliz, e que Lennox deu a impressão de que sabia que havia tomado a decisão certa e tinha a consciência tranquila.

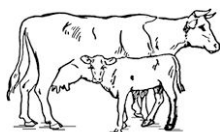
Cyrus Taylor e eu nos tornamos grandes amigos. Ele sempre se refere àquele jantar, que agora considera uma grande piada.

– Desde então, senhorita, nunca mais me atrevi a ficar mal-humorado – admitiu para mim um dia. – Receio que minha esposa me acuse de fazer *patchwork* em uma próxima vez.

E, quando me despeço, ele sempre me pede para não me esquecer de mandar lembranças “às viúvas”.

Gilbert, as pessoas são fascinantes, a vida é fascinante e eu sou para sempre
sua!

P.S.: Nossa velha vaca vermelha, que pasta na propriedade do senhor Hamilton, teve um bezerro malhado. Já fazia três meses que estávamos comprando leite de Lew Hunt. Rebecca disse que vamos voltar a ter creme e, também, que sempre ouviu dizer que a fonte dos Hunt era inesgotável, e agora ela acredita nisso. Rebecca não queria, de jeito nenhum, que a vaca tivesse um bezerro; por isso, tia Kate teve de pedir ao senhor Hamilton para convencê-la de que o animal estava velho demais para procriar; caso contrário, Rebecca Dew não a deixaria ficar no pasto do vizinho. ☒





Capítulo XIII

— *A*h, quando a senhorita estiver velha e acamada como eu, vai ter mais compaixão – a senhora Gibson resmungou.

– Por favor, não pense que não sou solidária, senhora Gibson – disse Anne, que, após meia hora de esforço inútil, estava com vontade de torcer o pescoço daquela mulher.

Nada, exceto os olhos suplicantes de Pauline, no fundo da sala, poderia impedir Anne de desistir, desencorajada, e ir embora dali.

– Eu lhe asseguro que a senhora não vai ficar solitária nem abandonada. Vou ficar aqui o dia todo e fazer tudo o que puder para não lhe faltar nada, seja o que for.

– Oh, sei que não tenho nenhuma utilidade para ninguém – a senhora Gibson lamentou, fugindo totalmente do assunto. – Não há necessidade de me torturar repetindo isso, senhorita Shirley. Estou pronta para partir a

qualquer momento... a qualquer segundo! E então Pauline poderá ir aonde bem entender; não estarei mais aqui para me sentir negligenciada. Nenhum dos jovens de hoje tem bom senso. São fúteis... muito fúteis.

Anne não saberia dizer se era Pauline ou ela mesma que estava sendo acusada de jovem fútil e carente de bom senso, mas tentou uma última cartada:

– Bem, a senhora sabe, as pessoas vão falar horrores se Pauline não comparecer às bodas de prata da prima.

– Falar?! – a senhora Gibson exclamou rispidamente. – O que é que vão falar?

– Querida senhora Gibson – “Que eu seja perdoada pelo adjetivo!”, Anne pensou –, sei que aprendeu, durante sua longa vida, exatamente o que as línguas ociosas podem dizer.

– A senhorita também não precisa jogar na minha cara a idade que tenho – a senhora Gibson esbravejou. – E não é necessário que me digam que este é um mundo crítico e censurador. Muito bem... sei muito bem disso. E muito menos tem de me avisar que esta cidade está cheia de bisbilhoteiros intrometidos. O que não sei, mas imagino, é o que tagarelam a meu respeito... Devem dizer, suponho, que sou uma velha tirana. Ora, não estou proibindo Pauline de ir. Não deixei isso a cargo da consciência dela?

– Muito pouca gente vai acreditar nisso – Anne afirmou, estrategicamente pesarosa.

A senhora Gibson chupou, impetuosamente, uma bala de hortelã por um ou dois minutos. Depois, falou:

– Ouvi dizer que há um surto de caxumba em White Sands.

– Mamãe querida, a senhora sabe que já tive caxumba.

– Algumas pessoas têm duas vezes, e você é bastante propensa a ter de novo: sempre pegou todas as doenças que estavam à sua volta. Quantas noites eu passei em claro cuidando de você, muitas delas sem esperanças de vê-la viva na manhã seguinte! É triste constatar como os sacrifícios de uma mãe são esquecidos rapidamente. A propósito, como você vai chegar a

White Sands? Faz anos que não toma um trem. Além disso, não há nenhum que venha de lá no sábado à noite.

– Ela pode tomar o trem que sai no sábado pela manhã – Anne sugeriu –, e tenho certeza de que o senhor James Gregor pode trazê-la de volta.

– Nunca gostei de Jim Gregor. A mãe dele era uma Tarbush.

– Ele vai na sexta-feira, em sua charrete de dois assentos; até poderia levá-la também, se fosse no sábado. Mas Pauline vai estar perfeitamente segura no trem, senhora Gibson. Simplesmente embarca em Summerside e desce em White Sands; nem precisa fazer baldeação.

– Tem alguma coisa por trás disso – a senhora Gibson suspeitou. – Por que a senhorita está tão empenhada na ida de Pauline a essa festa? Eu gostaria de saber.

Anne sorriu para aqueles olhos pequenos, reluzentes e atentos.

– Porque acho que Pauline é uma filha muito boa e dedicada à senhora e merece um dia de folga de vez em quando, como todo mundo.

A grande maioria das pessoas achava difícil resistir ao sorriso de Anne. Ou foi por isso, ou pelo medo dos comentários maldosos, que a senhora Gibson se deu por vencida.

– Suponho que jamais ocorra a qualquer pessoa que *eu* gostaria de um dia de folga desta cadeira de rodas, se isso fosse possível. Mas infelizmente não é. Sendo assim, tenho de suportar meu sofrimento pacientemente. Bem, se ela precisa ir, que vá. Pauline sempre consegue o que deseja. Se ela contrair caxumba ou for envenenada por mosquitos exóticos, não me culpem. Vou ter de me virar por aqui como puder. Oh, imagino que vai ficar comigo, não vai, senhorita Shirley? Contudo, não está acostumada, como Pauline, com minha rotina. Assim mesmo, acho que posso suportar isso por um dia. Se não puder... bem, já tenho mesmo vivido mais tempo do que o esperado... Portanto, que diferença faz?

Não foi um consentimento exatamente generoso, mas, de qualquer modo, foi um consentimento. Aliviada e grata, Anne se viu fazendo algo que nunca poderia ter imaginado: inclinou-se, beijou o rosto austero da senhora Gibson e falou:

– Muito obrigada.

– Não me venha com adulações – disse a senhora Gibson. – Coma uma bala de hortelã.

– Como vou conseguir lhe agradecer, senhorita Shirley? – Pauline perguntou enquanto acompanhava Anne por um pequeno trecho da rua.

– Indo a White Sands com o coração leve e apreciando cada minuto da festa.

– É o que vou fazer. Não imagina o que isso significa para mim, senhorita Shirley. Não é só Louisa que quero rever. A velha residência dos Luckley, perto da casa dela, vai ser vendida, e desejo muito vê-la mais uma vez, antes que passe a pertencer a estranhos. Mary Luckley – agora ela se chama senhora Howard Flemming e mora no oeste – era minha melhor amiga quando eu era menina. Éramos como irmãs. Eu costumava frequentar muito a casa dos Luckley e adorava aquele lugar. Tenho sonhado sempre em voltar lá. Mamãe diz que estou ficando velha demais para sonhar. Acha que estou mesmo, senhorita Shirley?

– Ninguém nunca é velho demais para sonhar. E os sonhos jamais envelhecem.

– Fico tão contente em ouvi-la dizer isso! Oh, senhorita Shirley, só de pensar que vou ver o golfo novamente... Faz quinze anos que não o vejo. O porto é lindo, mas não é o golfo. Parece que estou nas nuvens e lhe devo isso. Foi só porque gosta da senhorita que mamãe me deixou ir. A senhorita me fez ficar feliz, está sempre deixando as pessoas felizes. Todas as vezes em que entra em algum lugar, senhorita Shirley, quem está ali logo se sente mais alegre.

– Esse foi o maior elogio que já recebi em toda a minha vida, Pauline.

– Tem só mais um problema, senhorita Shirley. Não possuo nada para usar nas bodas, além de meu velho vestido de tafetá. Ele é muito triste para uma festa, não acha? E ficou grande demais para mim depois que emagreci. Afinal, já faz seis anos que tenho esse vestido.

– Precisamos convencer sua mãe a permitir que você compre um vestido novo – Anne falou, esperançosa.

Entretanto, logo ficou provado que essa possibilidade estava além de seus poderes. A senhora Gibson foi inflexível. O vestido preto de tafetá estava suficientemente bom para ser usado nas bodas de prata de Louisa Hilton.

– Paguei uma fortuna por cada metro do tecido, seis anos atrás, e mais um bom dinheiro para Jane Sharp confeccioná-lo. Jane era uma boa modista. A mãe dela era uma Smiley. Que ideia é essa agora de querer uma coisa “mais leve”, Pauline Gibson? Essa aí iria vestida de vermelho vivo dos pés à cabeça, se eu deixasse, senhorita Shirley. Está só esperando que eu morra para fazer isso. Ora, logo, logo, você vai ficar livre do incômodo que represento, e então vai poder usar as roupas mais berrantes e escandalosas que quiser. Porém, enquanto eu estiver viva, você vai se vestir decentemente. E qual é o problema com seu chapéu? Aliás, já é tempo de você começar a usar uma touca, como todas as mulheres idosas que se prezam.

A pobre Pauline tinha verdadeiro horror a toucas. Preferia usar seu chapéu velho pelo resto da vida a colocar uma touca na cabeça.

– Vou simplesmente ficar feliz por dentro e me esquecer das roupas que estiver trajando – ela disse a Anne enquanto as duas, em seu jardim, colhiam flores para as viúvas.

– Tenho um plano – Anne respondeu, com um olhar cauteloso para se certificar de que a senhora Gibson não podia ouvi-la, embora as observasse pela janela da sala. – Sabe aquele meu vestido cinza-prateado de popelina? Vou emprestá-lo para você ir à festa.

Perturbada, Pauline deixou a cesta de flores cair, criando um pequeno tapete colorido e perfumado aos pés de Anne.

– Oh, minha querida, não posso aceitar... Mamãe não permitiria.

– Ela não vai saber de nada. Ouça, no sábado de manhã, você coloca o vestido por baixo do seu de tafetá preto. Sei que ele vai servir em você. É um pouco comprido demais, mas vou fazer umas pregas nele amanhã: elas estão na moda. Como o vestido não tem gola e as mangas vão somente até o cotovelo, ninguém vai suspeitar de nada. Assim que chegar a Gull Cove,

você tira o tafetá preto. Antes de vir embora, pode deixar o meu de popelina em Gull Cove; eu busco no próximo fim de semana que for para Green Gables.

– Ele não seria excessivamente juvenil para mim?

– De modo algum. Pessoas de todas as idades podem usar cinza.

– A senhorita acha que seria... correto... enganar mamãe? – Pauline hesitou.

– Neste caso, é totalmente certo – Anne afirmou sem nenhum constrangimento. – Você sabe, Pauline, não ficaria nada bem usar um vestido preto em uma comemoração de bodas de prata. Isso poderia atrair azar para sua prima.

– Oh, eu nunca desejaria uma coisa dessas. Bem, se mamãe não souber de nada, não vai ficar aborrecida. Espero que ela passe bem o sábado. Tenho receio de que não queira comer durante o tempo em que eu estiver fora; aconteceu isso quando fui ao funeral de tia Matilda. A senhorita Prouty, que lhe fez companhia para que eu pudesse ir, contou-me que ela recusou tudo... Ela ficou tão perturbada com a morte da prima – mamãe ficou, eu quis dizer.

– Ela vai comer, sim. Vou cuidar disso, não se preocupe.

– Sei que a senhorita tem uma grande habilidade para lidar com mamãe – Pauline reconheceu. – E não vai se esquecer de lhe dar os remédios nas horas certas, não é mesmo, querida? Oh, pensando bem, talvez eu não devesse ir.

– Vocês já ficaram aí fora por tempo suficiente para colher quarenta buquês de flores! – a senhora Gibson gritou, irritada. – Não sei por que as viúvas querem suas flores, Pauline, se elas já têm tantas em seu próprio jardim. Eu ficaria um longo tempo sem flores se fosse esperar que Rebecca Dew me mandasse algumas. Preciso de um pouco de água, estou morrendo de sede. Mas que importância tem isso, não é?

Na sexta-feira à noite, Pauline telefonou para Anne. Estava muito aflita devido a uma inesperada dor de garganta. Será que a senhorita Shirley achava possível que fosse caxumba? Anne correu até lá para tranquilizá-la e

levou o vestido de popelina embrulhado em papel pardo. Antes de entrar na casa, ela escondeu o pacote sob um arbusto de lilases. Naquela noite, bem tarde, Pauline, suando frio, conseguiu levá-lo para o quarto, no andar de cima, onde ficavam suas roupas e ela se trocava; jamais tinha permissão para passar a noite ali.

Pauline não se sentia nada confortável a respeito do vestido; talvez a dor de garganta fosse um castigo pela farsa. Contudo, não poderia comparecer às bodas de prata de Louisa usando aquela velha e horrenda roupa preta de tafetá; simplesmente, não poderia.

No sábado de manhã, Anne chegou bem cedo à casa de Pauline. Ela sempre tinha sua melhor aparência nas manhãs de verão claras e belas como aquela: parecia brilhar junto com o Sol e se movia na atmosfera dourada com a leveza daquelas mulheres esbeltas pintadas sobre os vasos gregos. Até o cômodo mais sombrio e desinteressante parecia reluzir também – *viver* – quando ela entrava.

– Caminha como se fosse a dona do planeta – a senhora Gibson comentou, sarcástica.

– E sou – Anne respondeu alegremente.

– Ah, a senhorita ainda é muito jovem – disse a senhora Gibson, em tom de ironia.

– “Nem privei meu coração de alegria alguma”^{*****} – Anne citou. – Está na Bíblia Sagrada, senhora Gibson.

– “Mas o homem nasce para o trabalho, como as faíscas das brasas se levantam para voar”.^{*****} Também está na Bíblia – retrucou a senhora Gibson, que, pelo fato de ter respondido tão à altura de uma professora com curso universitário como Anne, teve seu humor significativamente melhorado. – Nunca fui de fazer elogios, senhorita Shirley, mas esse seu chapéu de palha decorado com uma flor azul foi uma boa escolha. Perto dele, seu cabelo não me parece tão vermelho. Você não admira uma garota jovem e alegre como esta, Pauline? Não gostaria de ser assim, jovem e alegre, também?

Naquele exato momento, Pauline estava feliz e animada demais para desejar ser qualquer pessoa além dela mesma. Anne a acompanhou até o quarto para ajudá-la a se vestir.

– É tão agradável pensar em todas as coisas adoráveis que podem acontecer hoje, senhorita Shirley! Minha garganta não dói mais, e mamãe está de bom humor. Pode ser que a senhorita não pense assim, mas sei disso porque ela está falando, mesmo que seja com sarcasmo. Se estivesse zangada ou aborrecida, teria ficado emburrada, sem dizer uma palavra. Descasquei as batatas, e os bifês estão na geladeira. O manjar branco de mamãe está lá embaixo, no porão. Tem carne de frango enlatada e bolo na despensa. Estou com muito medo de mamãe ainda mudar de ideia. Eu não suportaria se isso acontecesse. Oh, senhorita Shirley, acha mesmo que devo usar o vestido cinza? Tem certeza?

– Ponha o vestido – Anne falou, usando seu melhor tom professoral.

A amiga obedeceu e se transformou em uma nova Pauline. O vestido cinza lhe caiu esplendidamente. Tinha um decote perfeito, e havia rendas finas e delicadas arrematando as mangas. E, quando Anne terminou de fazer seu penteado, Pauline mal se reconheceu no espelho.

– Odeio ter de cobrir esta roupa com aquele vestido preto velho e horroroso, senhorita Shirley.

Porém, isso tinha de ser feito. O tafetá escondeu o vestido cinza de maneira totalmente segura. O velho chapéu foi posto sobre a cabeça, mas também seria retirado quando ela chegasse à festa de Louisa. E Pauline tinha sapatos novos; surpreendentemente, a senhora Gibson havia lhe dado permissão para comprá-los, embora tenha considerado os saltos “escandalosamente altos”.

– Vai ser surpreendente viajar *sozinha* de trem. Espero que as pessoas não pensem que vou a um funeral. Não gostaria de ver as bodas de prata de Louisa conectadas de modo algum com a ideia de morte. Oh, perfume, senhorita Shirley! Flor de maçã! Não é adorável? Só um esguicho... Sempre penso que isso é tão feminino! Mamãe não me deixa comprar nenhum perfume. Senhorita Shirley, não vai se esquecer de alimentar

meu cachorro, vai? Deixei os ossos na despensa, em um prato coberto. Espero, de verdade – ela baixou o tom de voz, envergonhada, e sussurrou –, que ele não se comporte mal dentro de casa enquanto eu estiver fora.

Antes de sair, Pauline teve de passar pela inspeção da mãe. A emoção por causa do passeio e, ao mesmo tempo, a culpa em relação ao vestido de popelina escondido lhe causaram um rubor incomum. A senhora Gibson olhou com desagrado para a filha.

– Mas o que é isso?! Estamos indo a Londres ver a rainha, por acaso? Você está muito corada. As pessoas vão pensar que pintou o rosto. Tem certeza de que não fez isso?

– Oh, não, mamãe... *não*! – Pauline respondeu, indignada.

– Comporte-se bem e cruze as pernas decentemente quando se sentar. Lembre-se de não ficar perto de correntes de ar e de não falar demais.

– Vou fazer tudo isso, mamãe – Pauline prometeu seriamente, com um olhar ansioso para o relógio.

– Leve aquela garrafa com meu vinho de salsaparrilha para beberem no momento do brinde. Nunca me importei muito com Louisa, mas a mãe dela era uma Tackaberry. Não se esqueça de trazer a garrafa de volta e não aceite se ela quiser lhe dar um gato. Louisa tem o hábito de dar filhotes de gato para as pessoas.

– Está bem, mamãe.

– Está certa de que não deixou o sabão na água?

– Totalmente certa, mamãe – outro olhar aflito para o relógio.

– Os cadarços dos sapatos estão bem amarrados?

– Sim, mamãe.

– Você não está com um cheiro respeitável... se encharcou de perfume.

– Oh, não, mamãe querida... foi só um pouco... muito pouco.

– Quando eu disse encharcada, foi *encharcada* o que eu quis dizer. Não tem nenhuma costura desfeita debaixo de seus braços, tem?

– Oh, não, mamãe.

– Deixe-me ver – a senhora Gibson ordenou autoritariamente.

Pauline estremeceu. E se a saia do vestido cinza aparecesse quando ela levantasse os braços?

– Bem, então vá! – a mãe suspirou. – Se eu não estiver mais aqui quando você voltar, lembre-se de que quero ser enterrada usando meu xale de renda e minhas sapatilhas pretas de cetim. E cuide para que meu cabelo esteja cacheado.

– A senhora piorou, mamãe? – o vestido de popelina havia deixado a consciência de Pauline muito sensível. – Se estiver pior, desisto de ir...

– E vai desperdiçar o dinheiro gasto com os sapatos novos? É lógico que não vai desistir agora. E não desça escorregando pelo corrimão da escada!

Ao ouvir aquilo, a submissa e paciente Pauline se irritou.

– Mamãe, a senhora acha mesmo que eu faria isso?

– Foi exatamente o que fez no casamento de Nancy Parker.

– Trinta e cinco anos atrás! Acha que eu faria isso agora?

– Já passou da hora de você ir. Por que ainda está aqui tagarelando? Quer perder o trem?

Pauline saiu às pressas, e Anne suspirou aliviada. Havia temido que a velha senhora Gibson tivesse, no último momento, cedido a um impulso perverso de retê-la mais tempo em casa para que o trem já tivesse partido quando ela chegasse à estação.

– Finalmente, um pouco de paz – disse a senhora Gibson. – Esta casa se encontra em uma desordem horrível, senhorita Shirley. Espero que compreenda que não é sempre assim. Nesses últimos dias, Pauline tem estado com a cabeça nas nuvens. A senhorita poderia, por favor, empurrar aquele vaso ali uns três centímetros para a esquerda? Não, puxe-o de volta. A cúpula do abajur está torta. Bem, assim está *razoavelmente* melhor. Contudo, aquela cortina está um pouquinho mais baixa do que a outra. Gostaria que a senhorita as igualasse.

Sem querer, Anne puxou a cortina com muita força, ela escapou de suas mãos e subiu zunindo até o topo.

– Ora, veja o que fez! – exclamou a senhora Gibson.

Anne não soube como fez isto, mas logo ajustou a cortina meticulosamente.

– Agora não gostaria que eu lhe preparasse uma boa xícara de chá, senhora Gibson?

– Eu *realmente* preciso beber algo... Estou exausta com tanta preocupação e todo esse movimento. Meu estômago está péssimo! – a senhora Gibson respondeu dramaticamente. – A senhorita consegue fazer um chá decente? Prefiro beber lama a tomar o chá que algumas pessoas preparam.

– Marilla Cuthbert me ensinou a fazer chá. A senhora vai ver. Mas antes vou levá-la até a varanda para que possa apreciar o brilho do sol.

– Faz anos que não vou à varanda – a senhora Gibson protestou.

– O dia está lindo: ficar um pouco ao ar livre não vai lhe fazer mal nenhum. Quero que veja como a macieira está maravilhosa, toda florida, e é impossível admirá-la a não ser que saia de casa. O vento vem do sul hoje; assim, vamos poder sentir o perfume dos trevos no campo de Norman Johnson. Vou levar o chá e vamos tomá-lo juntas. Em seguida, pretendo buscar meu bordado, e então podemos ficar sentadas lá criticando todas as pessoas que passarem.

– Não costumo criticar as pessoas – a senhora Gibson afirmou virtuosamente. – Não é um hábito cristão. A senhorita se importaria de me dizer se todo esse cabelo é naturalmente seu mesmo?

– Cada fio – Anne riu.

– É uma pena que seja ruivo, embora o cabelo vermelho esteja ficando popular hoje em dia. De alguma maneira, gosto de sua risada, senhorita. Aquele riso nervoso da pobre Pauline sempre me incomoda muito. Bem, suponho que, se tenho de ir, que assim seja. É provável que eu pegue a gripe que vai me matar, mas a responsabilidade é toda sua, senhorita Shirley. Lembre-se de que estou com 80 anos de idade, vividos dia a dia, embora tenham me dito recentemente que o velho Davy Ackham anda dizendo por toda a cidade que são só 79. A mãe dele era uma Watt. Os Watt sempre foram invejosos.

Anne empurrou habilmente a cadeira de rodas até a varanda e provou ter um talento especial para ajeitar travesseiros. Pouco tempo depois, trouxe o chá, que obteve a aprovação da senhora Gibson.

– Sim, está bebível, senhorita Shirley. Ai de mim! Tive de passar um ano me alimentando somente de líquidos. Ninguém achou que eu sobreviveria. Sempre penso que seria melhor se eu não tivesse resistido. É aquela ali a macieira da qual falou com tanto entusiasmo?

– Não está encantadora? E não é esplêndido o contraste entre as flores brancas e o azul profundo do céu?

– Não é poético – foi o único comentário da senhora Gibson.

No entanto, ela ficou mais amável após tomar duas xícaras de chá, e a manhã fluiu tranquilamente até a hora de Anne pensar no almoço.

– Vou preparar a refeição e trazê-la aqui, junto com uma pequena mesa para a senhora.

– Não, não vai não, senhorita. Nada de exposições insanas como essa! As pessoas achariam terrivelmente estranho nos ver comendo aqui fora, em público. Não nego que este lugar está bastante agradável, embora o cheiro dos trevos frequentemente me deixe meio nauseada, nem que a manhã passou bem mais depressa do que de costume. Contudo, não vou almoçar a céu aberto para todos verem. Não sou cigana. E não deixe de lavar muito bem suas mãos antes de manusear a comida. Veja só, a senhora Storey deve estar esperando visitas. Toda a roupa de cama do quarto de hóspedes está pendurada no varal. Sabe, não se trata de hospitalidade verdadeira: é somente desejo de receber atenção. A mãe dela era uma Carey.

O almoço que Anne serviu satisfez até mesmo a senhora Gibson.

– Nunca pensei que alguém que escrevesse para periódicos pudesse cozinhar bem. Mas, é claro, a senhorita foi criada por Marilla Cuthbert! Afinal de contas, a mãe dela era uma Johnson. Suponho que Pauline vai comer até passar mal naquelas bodas. Ela não sabe quando já ingeriu o suficiente; o pai dela era assim também. Quantas vezes eu o vi se empanturrar de morangos sabendo que se contorceria de dor uma hora depois. Já lhe mostrei o retrato dele, senhorita Shirley? Bem, vá ao quarto

de hóspedes e traga a fotografia. Vai encontrá-la debaixo da cama. Trate de não mexer nas gavetas enquanto estiver lá em cima, mas dê uma espiada e confira se há tufo de poeira sob a cômoda. Não confio na faxina de Pauline.

Minutos depois.

– Ah, sim, este é meu marido. A mãe dele era uma Walker. Não existem mais homens como ele, senhorita Shirley. A era atual está degenerada.

– O poeta grego Homero disse a mesma coisa oitocentos anos antes de Cristo – Anne sorriu.

– Ora, alguns desses autores do Antigo Testamento estavam sempre descontentes – a senhora Gibson retrucou. – Eu diria que está chocada por me ouvir falar assim, mas meu marido sempre foi muito tolerante em seus pontos de vista. Ouvi dizer que está noiva de um estudante de medicina, senhorita. Creio que eles bebem muito – precisam, não é? – para suportar as aulas de dissecação. Nunca se case com um homem que bebe, senhorita Shirley; nem com um que não seja bom provedor. Não se vive de bebida nem de ar, posso lhe garantir. Não deixe de limpar a pia e lavar os panos de prato. Não tolero panos de prato engordurados. Suponho que deve também alimentar o cachorro. Ele está excessivamente gordo, mas Pauline continua enchendo-o de comida. Às vezes penso que deveria me livrar dele.

– Eu não faria isso, senhora Gibson. Assaltos acontecem frequentemente, e sua casa é isolada, quase sozinha por aqui. A senhora e Pauline precisam realmente de alguma proteção.

– Oh, está bem, como queira. Prefiro qualquer coisa a discutir com as pessoas, especialmente quando estou com essa dor latejante muito estranha na nuca. Suponho que isso queira dizer que vou ter um derrame cerebral a qualquer momento.

– A senhora precisa dormir um pouco. Depois de um cochilo, vai se sentir melhor. Vou cobri-la e reclinar a cadeira. Gostaria de fazer sua sesta na varanda?

– Dormir em público?! Isso seria pior do que almoçar por lá. A senhorita tem ideias tão esquisitas! Apenas me ajeite aqui na sala mesmo, feche as cortinas e encoste a porta, para manter os insetos longe de mim. Eu ousaria dizer que a senhorita também deseja um pouco de tranquilidade; afinal, sua língua já trabalhou bastante hoje.

A senhora Gibson dormiu bem e por um bom tempo, mas acordou de mau humor e se recusou a permitir que Anne a levasse para a varanda novamente.

– Imagino que queira que eu apresse minha morte ficando exposta ao relento – resmungou, embora ainda fossem apenas 5 horas da tarde.

Mais nada agradou a senhora Gibson. A bebida que Anne trouxe estava fria demais; a seguinte não estava suficientemente fria; estava óbvio que, já que era para *ela*, *qualquer coisa* deveria servir, não é? Onde estava o cachorro? Comportando-se mal, sem dúvida. Suas costas doíam, os joelhos doíam, a cabeça doía, o peito doía. Ninguém se compadecia dela, ninguém sabia o quanto sua vida era dolorosa. A cadeira ora estava alta demais, ora baixa demais. Ela precisava de um xale para os ombros, uma coberta para os joelhos e uma almofada para os pés. A senhorita Shirley poderia verificar de onde vinha aquela corrente de ar gelado? Uma xícara de chá seria muito bem-vinda, mas ela não queria dar trabalho a ninguém e logo descansaria em seu túmulo. Talvez as pessoas a apreciassem mais após sua partida.

Dizem que, seja o dia curto ou longo, por fim, o anoitecer vai chegar. Houve momentos em que Anne pensou que, naquele caso, ele jamais chegaria, mas finalmente anoiteceu. Veio o pôr do sol, e a senhora Gibson começou a perguntar por que Pauline não havia voltado. Veio o crepúsculo, e nada de Pauline. A noite, o luar... e nada de Pauline.

– Eu sabia – a senhora Gibson falou laconicamente.

– A senhora sabe que ela só pode vir quando o senhor Gregor quiser voltar para casa, e geralmente ele é o último a ir embora de uma festa – Anne tentou acalmá-la. – Permitiria que eu a colocasse na cama, senhora

Gibson? A senhora deve estar cansada. Sei que é um pouco fatigante ter um estranho à sua volta em vez de alguém com quem se está acostumado.

As pequenas rugas ao redor da boca da velha senhora se aprofundaram notavelmente.

– Não vou para a cama enquanto aquela garota não entrar em casa. Agora, se a senhorita está tão ansiosa para ir embora, vá! *Eu* posso ficar sozinha... ou morrer sozinha.

Às 21h30, a senhora Gibson decidiu que Jim Gregor não voltaria antes de segunda-feira.

– Ninguém deve esperar que Jim Gregor permaneça com a mesma ideia por pelo menos 24 horas. Além disso, ele acha errado viajar no domingo, mesmo que seja para voltar para a própria casa. Ele é um dos administradores da escola onde a senhorita leciona, não é? O que pensa verdadeiramente a respeito de Jim e de suas opiniões sobre educação?

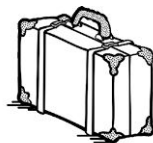
Anne cedeu a um impulso malvado.

– Acho que psicologicamente ele é antiquado para sua época – respondeu, séria.

A senhora Gibson se manteve impassível.

– Concordo com a senhorita – disse apenas.

Em seguida, entretanto, fingiu que havia adormecido.





Capítulo XIV

Às 22 horas, Pauline finalmente chegou. Era uma Pauline corada, com olhos brilhantes, parecendo dez anos mais jovem, apesar do velho vestido de tafetá preto e do chapéu antigo. Trazia nas mãos um belo buquê, que foi apressadamente entregue à senhora mal-humorada na cadeira de rodas.

– Louisa mandou o buquê dela para a senhora, mamãe! Não é maravilhoso? Vinte e cinco rosas brancas!

– Que bobagem! Suponho que ninguém pensou em me mandar uma migalha que fosse do bolo comemorativo. As pessoas de hoje em dia parecem não se importar com seus familiares. No meu tempo...

– Não é verdade, mamãe. Eu trouxe um pedaço bem grande de bolo aqui em minha valise. E todos perguntaram pela senhora e lhe mandaram lembranças.

– Você se divertiu? – Anne perguntou.

Pauline sentou-se em uma cadeira dura, pois sabia que a mãe ficaria ressentida caso se sentasse em uma que fosse macia.

– Muito – respondeu cautelosamente. – Tivemos um almoço adorável, e o senhor Freeman, o pastor de Gull Cove, casou Louisa e Maurice mais uma vez, e...

– Chamo isso de sacrilégio.

– E em seguida o fotógrafo tirou retratos de todos nós. As flores eram simplesmente deslumbrantes. A sala parecia um jardim.

– Como em um funeral, suponho.

– E, mamãe, Mary Luckley, quer dizer, a senhora Flemming, estava lá: veio do oeste. A senhora se lembra de como éramos amigas... Costumávamos chamar uma à outra de Molly e Polly.

– Nomes muito bobos.

– Foi tão bom vê-la de novo e conversar longamente sobre os velhos tempos! A irmã dela, Em, estava lá também, com um bebê delicioso.

– Você fala como se estivesse se referindo a algo de comer – a senhora Gibson murmurou. – Bebês são todos iguais.

– Oh, não, bebês nunca são iguais – disse Anne, trazendo um vaso com água para as rosas da senhora Gibson. – Cada um é um milagre.

– Bem, tive dez deles e nunca vi nada de milagroso em nenhum. Pauline, fique quieta, se conseguir. Sua agitação está me deixando nervosa. Notei que não perguntou como *eu* passei o dia. Contudo, acho que não deveria mesmo esperar por isso.

– Posso dizer como a senhora passou sem perguntar nada, mamãe. Está com uma aparência radiante e alegre. – Pauline ainda estava tão extasiada com os acontecimentos do dia que era capaz até de ser um pouco maliciosa com a mãe. – Não tenho dúvidas de que a senhora e a senhorita Shirley se distraíram bastante juntas.

– Ficamos suficientemente bem. Deixei que a senhorita Shirley fizesse tudo do jeito dela. E admito que foi a primeira vez, em anos, que escutei coisas interessantes. Ainda não estou tão perto da morte como algumas pessoas gostariam. Felizmente, não fiquei surda nem infantilizada. Bem,

Pauline, suponho que seu próximo passo será uma visita à Lua, não é? E suponho também que não gostaram de meu vinho, estou certa?

– Gostaram, sim. Todos acharam o vinho muito saboroso.

– Você demorou a responder. Trouxe a garrafa de volta, ou seria demais esperar que se lembrasse disso?

– A... a garrafa quebrou – Pauline respondeu, hesitante. – Alguém a derrubou quando ela estava na despensa. Entretanto, Louisa me deu outra exatamente igual, mamãe. Portanto, não precisa se preocupar.

– Eu possuía aquela garrafa desde que me tornei uma dona de casa. A de Louisa não pode ser exatamente igual. Já não fazem garrafas como aquela. Gostaria que você me trouxesse outro xale agora. Estou espirrando, acho que peguei uma gripe terrível. Parece que nenhuma de vocês aí é capaz de se lembrar de que o ar da noite me faz mal. É bem provável que meus nervos fiquem inflamados outra vez.

Nesse momento, uma velha vizinha que morava no alto da rua apareceu, e Pauline aproveitou a oportunidade para escapulir com Anne.

– Boa noite, senhorita Shirley – a senhora Gibson falou amavelmente. – Estou muito grata à senhorita. Se houvesse mais pessoas assim na cidade, seria melhor para todos.

Em seguida, sorriu sem mostrar os dentes, puxou Anne para perto dela e sussurrou:

– Não me importo com o que as pessoas dizem; *eu* a considero realmente bonita.

Pauline e Anne caminharam pela rua, em meio à noite fresca e agradável, e a primeira abriu seu coração, como não havia ousado fazer diante da mãe.

– Oh, senhorita Shirley, foi tudo divino. Como vou conseguir recompensá-la? Nunca tive um dia tão magnífico: sei que vou viver das lembranças dele por anos. Foi muito divertido ser uma dama de honra outra vez. E o capitão Isaac Kent foi o padrinho de casamento de Maurice novamente. Ele é... é um antigo namorado meu; bem, não, não chegamos a namorar realmente. Acho que ele nunca teve intenções sérias, mas

saímos juntos várias vezes. Isaac me fez dois elogios hoje. Primeiro ele disse: “Eu me lembro de como você estava bela naquele vestido cor de vinho no dia do casamento de Louisa”. Não foi maravilhoso ele ter se lembrado de meu vestido? Depois falou: “Seu cabelo continua bonito e dourado como um caramelo”. Não tem nada de impróprio nas coisas que ele disse, tem, senhorita Shirley?

– Absolutamente nada.

– Lou, Molly e eu jantamos juntas depois que todos tinham ido embora. Foi incrível! Eu estava faminta. Acho que há muitos anos não sentia tanta fome. Foi esplêndido comer exatamente o que eu queria, sem ninguém para me alertar sobre coisas que não caíam bem em meu estômago. Após o jantar, Mary e eu visitamos a antiga casa dos Luckley e vagamos pelo jardim enquanto falávamos sobre os velhos tempos. Vimos os arbustos de lilás que plantamos anos atrás. Passamos ótimos verões ali quando éramos meninas. Em seguida, quando o Sol estava se pondo, fomos até o velho e querido litoral, nos sentamos sobre uma pedra e permanecemos em silêncio. Havia um sino badalando no porto, e foi encantador sentir novamente o vento que vinha do mar e ver o reflexo das estrelas cintilando na água. Eu tinha me esquecido de como a noite no golfo podia ser tão linda. Quando o céu já estava escuro, voltamos, e o senhor Gregor já estava pronto para vir embora. E então... – Pauline concluiu, com uma risada – “...a velha voltou para casa naquela noite”.*****

– Eu gostaria... gostaria que você não tivesse uma vida tão difícil em sua casa, Pauline...

– Oh, senhorita Shirley, agora isso não me importa mais – Pauline a interrompeu rapidamente. – Afinal, minha pobre mãe precisa de mim, e é bom saber que alguém precisa de nós, minha querida.

“Sim, é bom ser necessário”, Anne refletiu, já em seu quarto na torre, onde Dusty Miller, tendo se esquivado de Rebecca Dew e das viúvas, estava encolhido sobre a cama. E pensou em Pauline retornando à sua escravidão, porém agora acompanhada do “espírito imortal de um dia feliz”.*****

– Espero que alguém sempre precise de mim – disse Anne ao gato. – E é extraordinário, Dusty Miller, poder proporcionar felicidade a uma pessoa. Você não imagina como me senti rica por possibilitar esse dia a Pauline. Contudo, oh, Dusty Miller, você não acha que, no futuro, eu vou ficar como a senhora Adoniram Gibson, mesmo que eu viva oitenta anos, acha?

O gato, ronronando profunda e calmamente, garantiu que não.





Capítulo XV

Anne chegou a Bonnyview na sexta-feira ao entardecer. O casamento de Sally seria no sábado, e os Nelson ofereceriam, na véspera, um jantar para alguns amigos da família e convidados, que chegavam de barco. A casa de verão do doutor Nelson, grande e antiga, foi construída entre abetos, em uma ponta de terra que avançava pelo mar, com uma enseada em cada um dos dois lados; atrás dela havia uma faixa de dunas douradas que sabiam tudo sobre todos os ventos.

Anne gostou do lugar assim que o viu. Uma velha casa de pedra sempre parece serena e digna; não teme os efeitos das chuvas, dos ventos ou da passagem do tempo. E naquela sexta-feira de junho, ela estava repleta de juventude e animação, com risadas de moças, saudações de velhos amigos, charretes entrando e saindo, crianças correndo para lá e para cá, presentes chegando... todos envolvidos na agitação que precede um casamento.

Enquanto isso, os dois gatos pretos do doutor Nelson – que atendiam pelos nomes de Barnabas e Saul, respectivamente – ficavam sentados na varanda, observando tudo como se fossem duas imperturbáveis esfinges negras.

Quando avistou Anne, Sally se separou de um grupo de pessoas e a levou rapidamente para o andar de cima.

– Reservamos o quarto do sótão do norte para você, mas é claro que vai ter de compartilhá-lo com mais três garotas. Há um verdadeiro alvoroço por aqui. Papai está providenciando uma barraca entre os abetos, para os rapazes passarem a noite, e mais tarde vamos armar camas dobráveis na varanda com teto e paredes de vidro, nos fundos da casa. A maioria das crianças vai ser acomodada no cômodo acima do palheiro. Oh, Anne, estou tão entusiasmada! Casar é uma diversão infindável. Meu vestido de noiva chegou hoje de Montreal. Um verdadeiro *sonho*... É cor de creme, com rendas no decote e bordados com pérolas. Recebi vários presentes, todos perfeitamente adoráveis. Olhe, esta é sua cama. As outras são para Mamie Gray, Dot Fraser e Sis Palmer. Mamãe queria que Amy Stewart dormisse aqui, mas não permiti. Amy odeia você porque ela queria ser minha dama de honra. Entretanto, eu não poderia ter uma moça tão baixa e gorda como dama, não acha? Além disso, ela fica com aparência de doente quando usa verde-claro. Oh, Anne, tia Mouser^{*****} também está aqui. Chegou há apenas alguns minutos, e já estamos simplesmente apavorados. É lógico que tivemos de convidá-la, mas jamais imaginamos que viesse antes de amanhã.

– Afinal, quem é essa tia Mouser?

– É a senhora James Kennedy, tia de papai. Na verdade, é tia Grace, mas Tommy a apelidou de “tia Mouser” porque ela está sempre falando da vida dos outros e se metendo onde não é chamada. Não há como escapar dela. Você acredita que tia Mouser acorda muito cedo todas as manhãs e é sempre a última a ir para a cama, à noite, só por medo de perder algum assunto para mexericos? Porém, isso ainda não é o pior. Se existe algo errado a ser dito em dado momento, pode ter certeza de que ela vai falar

aquilo. E tem mais: ela nunca aprendeu que há perguntas que não devem ser feitas. Papai chama suas falas de “as bênçãos de tia Mouser”. Oh, sei que ela vai estragar nosso jantar! Veja, aí vem ela.

A porta foi aberta, e tia Mouser entrou. Era uma mulher pequena e rechonchuda, morena, de olhos arregalados, cheirando a naftalina e com uma expressão de ansiedade crônica no rosto. Exceto pelo semblante preocupado, parecia mesmo uma pessoa bastante superficial.

– Então você é a senhorita Shirley sobre quem já ouvi falar tanto?! Não tem nenhuma semelhança com a senhorita Shirley que conheci certa vez. Ela tinha olhos tão bonitos! Bem, Sally, quer dizer que finalmente vai se casar?! Agora só resta a pobre Nora. Sua mãe tem sorte de já estar livre de cinco de vocês. Há oito anos, eu disse a ela: “Jane”, falei, “você acha que *algum dia* vai ver todas essas meninas casadas?”. Ora, em minha opinião, um homem só traz problemas, e o casamento é a coisa mais incerta de todas as coisas incertas. Entretanto, o que mais existe para uma mulher, neste mundo? Foi o que eu estava dizendo à pobre Nora minutos atrás. “Grave minhas palavras, Nora”, falei, “não existe graça em ser uma solteirona. Afinal, o que Jim Wilcox tem na cabeça?”, perguntei.

– Oh, tia Grace, gostaria que não tivesse feito isso. Jim e Nora tiveram uma espécie de desentendimento em janeiro passado, e desde então ele não veio mais aqui.

– Gosto de falar o que penso. As coisas devem ser ditas, Sally. Ouvi algo a respeito desse desentendimento. Foi por essa razão que perguntei sobre ele. “Creio que você deve saber que há um rumor de que ele está saindo com Eleanor Pringle”, eu a alertei. Então, Nora ficou vermelha e furiosa, e saiu apressadamente da sala. O que Vera Johnson está fazendo aqui? Ela não é da família.

– Vera sempre foi uma grande amiga minha, tia Grace. Ela vai tocar a marcha nupcial.

– Ah, é? Bem, tudo o que espero é que ela não se engane e toque a marcha fúnebre, como a senhora Tom Scott fez no casamento de Dora Best. Que mau agouro! Não sei onde você vai pôr toda essa multidão que

veio passar a noite aqui. Suponho que alguns terão de dormir pendurados no varal.

– Vamos encontrar espaço para acomodar todos, tia Grace.

– Bem, Sally, apenas desejo que você não mude de ideia no último momento, como fez Helen Summers. Causou um transtorno imenso. Achei seu pai extremamente agitado. Nunca fui de procurar problemas, longe de mim, mas espero que isso não lhe cause um derrame. Já vi acontecer.

– Papai está bem, tia Grace; apenas um pouco entusiasmado demais.

– Você ainda é muito jovem, Sally, para ter noção de tudo o que pode acontecer. Sua mãe me disse que a cerimônia vai ser amanhã ao meio-dia. Os costumes em relação a casamentos estão mudando rapidamente, assim como todos os outros, e não é para melhor. *Eu* me casei no fim da tarde, e meu pai ofereceu quase cem litros de bebidas para os convidados. É pena que as coisas não sejam mais como antes. Qual é o problema de Mercy Daniels? Nós nos encontramos na escada, e achei-a terrivelmente pálida.

– “A qualidade da misericórdia não se impõe”^{*****} – Sally deu uma risadinha, enquanto colocava o vestido que usaria no jantar.

– Não cite a Bíblia desrespeitosamente – retrucou tia Mouser. – Precisa desculpá-la, senhorita Shirley. Ela não está acostumada a se casar. Bem, tudo o que espero é que o noivo não esteja com uma aparência de quem foi laçado, como acontece com muitos. Suponho que eles realmente se sintam dessa maneira, mas não precisam deixar isso tão claro. E espero, também, que ele não se esqueça das alianças. Upton Hardy não se lembrou de levá-las: ele e Flora tiveram de improvisar com argolas da cortina. Agora vou dar mais uma espiada nos presentes. Você ganhou muitas coisas boas, Sally. Só desejo que não seja tão difícil manter tantas colheres sempre polidas quanto imagino que vai ser.

Naquela noite, o jantar na ampla varanda com paredes e teto de vidro foi um evento bastante animado. Lanternas chinesas tinham sido penduradas por todos os lados, lançando luzes suaves e coloridas sobre os belos vestidos, os cabelos brilhantes e as faces de pele viçosa das moças.

Barnabas e Saul permaneceram sentados como estátuas de ébano nos braços largos da cadeira do doutor, enquanto ele os alimentava alternadamente com petiscos.

– Praticamente tão errado quanto Parker Pringle – tia Mouser comentou –, cujo cachorro se senta à mesa, com direito a cadeira e guardanapo próprios. Bem, mais cedo ou mais tarde o julgamento vai chegar.

Foi uma grande festa, pois todas as filhas casadas do doutor Nelson e seus respectivos maridos estavam presentes, além dos padrinhos e das damas de honra. E foi uma comemoração alegre, apesar das “bênçãos de tia Mouser”, ou talvez por causa delas. Ninguém levava tia Mouser muito a sério: ela era evidentemente uma piada entre os jovens.

Quando, ao ser apresentada a Gordon Hill, tia Mouser comentou que ele era totalmente diferente do que ela esperava, já que sempre tinha achado “que Sally escolheria um rapaz alto e lindo”, as gargalhadas tomaram conta do ambiente. Gordon Hill, que era de estatura baixa e costumava ser descrito como “bonitinho” por seus melhores amigos, soube que zombariam dele com aquelas palavras pelo resto de sua vida.

E no momento em que ela disse a Dot Fraser que tudo o que esperava era que a carteira de seu pai ainda pudesse lhe comprar, por mais alguns anos, um vestido novo para cada nova ocasião, Dot poderia, logicamente, ter sido severa e dura com ela, mas algumas das garotas acharam aquilo divertido, e ela não se zangou.

Como se nada disso bastasse, tia Mouser ainda advertiu os anfitriões – pesarosamente e diante dos convidados:

– Só desejo que todos devolvam suas colheres, depois da sobremesa; cinco desapareceram após o casamento de Gertie Paul e nunca mais foram vistas.

A senhora Nelson, que havia pedido três dúzias de colheres emprestadas, e suas cunhadas, que eram quem as havia emprestado, pareceram apavoradas ao ouvir essas palavras, mas o doutor Nelson logo soltou uma gargalhada e disse:

– Não se preocupe, tia Grace. Vamos fazer cada um dos convidados mostrar o que tem nos bolsos antes de ir embora.

– Ah, você pode rir, Samuel. No entanto, não é brincadeira ter um caso assim na família. *Alguém* tem de estar com aquelas colheres. Quase nunca vou a lugar nenhum, mas sempre mantenho os olhos bem abertos para elas. Eu as reconheceria onde quer que as visse, embora o casamento tenha sido vinte e oito anos atrás. A pobre Nora ainda era apenas um bebê. Você se lembra, Jane, que naquele dia ela usava um vestido branco bordado? Vinte e oito anos! Ah, Nora, você já viveu muito, embora, com esta iluminação, não aparente tanto a idade que tem.

Nora não participou das risadas que se seguiram. Ao contrário, deu a impressão de que, a qualquer momento, poderia fuzilar as pessoas ao seu redor. E mesmo usando um vestido amarelo como um narciso e pérolas no cabelo escuro, ela fez com que Anne pensasse em uma mariposa preta. Em grande contraste com Sally, que tinha a pele e o cabelo bem claros, Nora possuía um cabelo magnificamente negro, sobrancelhas e olhos escuros, e bochechas rosadas e aveludadas. Nunca havia sido considerada uma pessoa bonita, e, com o tempo, seu nariz começava a se assemelhar ao bico de um falcão. Contudo, Anne sentia um interesse estranho por ela, apesar de sua expressão severa e amuada, e achava que poderia ser uma amiga mais querida do que a popular Sally.

Houve um baile após o jantar, e a música e as gargalhadas fluíram abundantemente pelas janelas amplas e baixas da velha casa de pedra. Às 22 horas, Nora havia desaparecido e Anne, sentindo-se cansada do barulho e da agitação, caminhou pelo *hall* até uma porta nos fundos pela qual se podia chegar à enseada. Desceu um lance de degraus rochosos e, tendo passado por um pequeno bosque de abetos pontiagudos, chegou à praia. Como era divino o ar fresco e salgado, depois da tarde quente e abafada! Como eram extraordinários os raios prateados do luar pousando sobre a baía! Como parecia parte de um sonho aquele navio que deslizara pelo mar enquanto a Lua nascia e agora se aproximava do porto! Era uma noite

em que ninguém se surpreenderia se, de repente, se deparasse com uma dança de sereias.

Nora estava sentada sobre uma pedra grande e sombria perto da água. Seu semblante parecia mais infeliz do que nunca.

– Posso me sentar ao seu lado por algum tempo? – Anne perguntou. – Estou um pouco cansada de dançar, e é uma pena deixar de apreciar esta noite maravilhosa. Invejo você por ter o porto como a vista do quintal.

– Como você se sentiria em um momento como este se não tivesse um namorado? – Nora perguntou, abrupta e pesadamente. – E nenhuma probabilidade de ter um? – acrescentou, em um tom ainda mais doloroso.

– Acredito que você mesma seja responsável por não ter um pretendente – disse Anne, sentando-se ao lado dela.

Então, Nora se viu desabafando suas mágoas. Havia algo em Anne que sempre levava as pessoas a lhe contar seus problemas.

– Está dizendo isso por educação, claro. Não precisa. Você sabe tão bem quanto eu que não sou o tipo de garota pela qual os homens costumam se apaixonar. Sou apenas a senhorita Nelson feia e sem graça. Não sou culpada por não ter ninguém. E não pude tolerar essa festa nem mais um segundo. Tive de vir até aqui e simplesmente me entregar à minha infelicidade. Estou farta de sorrir, de ser agradável a todos e fazer de conta que não me importo com comentários maldosos sobre o fato de eu ainda estar solteira. Não vou fingir mais. Eu me importo, *sim...* e muito! Sou a única filha do doutor Nelson que não se casou. De seis irmãs, cinco estão casadas... ou vão estar amanhã. Você escutou tia Mouser jogando minha idade em minha cara quando estávamos sentados à mesa. E eu a ouvi dizer a mamãe, antes do jantar, que eu envelheci “consideravelmente” desde o último verão. Ora, é lógico, já estou com 28 anos, e daqui a doze terei 40. Como vou suportar a vida aos 40 anos de idade sem ter criado minhas próprias raízes, Anne?

– Eu não daria nenhuma importância ao que uma velha tola pensa e diz.

– Não daria porque não tem um nariz como o meu. Daqui a dez anos, ele vai estar tão feio e pontudo quanto o de papai. E também não se importaria, suponho, se tivesse esperado durante anos que um homem a pedisse em casamento... e ele nunca fizesse isso?

– Ah, penso que, *nesse caso*, eu me importaria, sim.

– Pois bem, é exatamente essa a minha situação. Ora, sei que você já ouviu falar sobre Jim Wilcox e eu. É uma história tão antiga! Ele me cortejou por anos, mas nunca disse nada a respeito de nos casarmos.

– Você o ama?

– É óbvio que sim. Sempre fiz de conta que não, mas, como eu disse há pouco, não pretendo mais fingir. Porém, desde janeiro passado, ele nunca mais se aproximou de mim. Tivemos uma briga, mas já havíamos nos desentendido centenas de vezes antes, e ele sempre voltava. Dessa vez, não veio, nem vai vir. Ele não quer. Olhe a casa de Jim ali, do outro lado da baía, brilhando sob o luar. Imagino que ele esteja lá... e eu aqui... e toda esta água entre nós. É assim que vai continuar a ser. Isso... isso é horrível! O pior é que não posso fazer nada.

– Se você o procurasse, ele não voltaria?

– Procurar Jim?! Você acha que *eu* faria isso? Não, eu morreria antes. Se ele quisesse vir, não existiria nada que o impedisse. Se não veio, então sou *eu* que não o quero. Oh, sim... eu quero... quero sim! Amo Jim Wilcox e, além disso, desejo me casar. Quero ter minha própria casa, ser uma esposa e calar a boca de tia Mouser. Como eu gostaria de ser Barnabas ou Saul por alguns momentos só para poder xingá-la. Se ela me chamar de “pobre Nora” mais uma vez, atiro-lhe um balde de carvão. Entretanto, devo reconhecer que, afinal de contas, ela apenas diz o que todos pensam. Há algum tempo, mamãe perdeu as esperanças de me ver casada, por isso me deixa em paz, ao contrário das outras pessoas. Odeio Sally. É claro que sei que estou sendo mesquinha, mas eu a odeio. A partir de amanhã, ela vai ter um bom marido e uma casa adorável. Não é justo que possua tudo, e eu não tenha nada. Sally não é melhor, mais inteligente ou muito mais bonita

do que eu, é somente mais sortuda. Suponho que me acha uma pessoa horrível, não é verdade? Porém, o que você pensa não me importa.

– O que penso é que você está muito, muito cansada após todas essas semanas de preparativos e preocupações, e que aquilo que sempre foi difícil se tornou *insuportável*, de repente.

– Você compreende... Oh, sim, sempre soube que você me entenderia! Eu sempre quis ser sua amiga, Anne Shirley. Gosto do jeito que você ri. Como desejei poder rir da mesma maneira! Não sou tão mal-humorada quanto aparento; são as sobranceiras que dão essa impressão. Creio, realmente, que são elas que assustam e afastam os homens. Nunca tive uma amiga de verdade em toda a minha vida. Bem, é lógico que sempre houve Jim. Somos... amigos... desde que éramos crianças. Sabe, eu costumava levar uma lamparina até aquela pequena janela do sótão toda vez que o queria por perto, e ele navegava até aqui assim que a via. Íamos juntos a todos os lugares. Nenhum outro garoto jamais teve qualquer chance de se aproximar de mim, embora eu não suponha que algum tenha desejado isso. E agora está tudo acabado. O fato é que ele já estava cansado de mim e ficou contente por ter a desculpa da briga para então se ver livre de nosso relacionamento. Anne Shirley, sei que vou odiá-la amanhã por ter lhe dito tudo isso!

– Por quê?

– Acho que sempre odiamos as pessoas que conhecem nossos segredos – Nora explicou, melancolicamente. – Contudo, existe algo nos casamentos que nos sensibiliza, mas não me importo... nada mais me importa. Oh, Anne Shirley, estou tão infeliz! Apenas me deixe chorar em seu ombro por algum tempo. Amanhã vou *ter de* sorrir e parecer alegre o dia inteiro. Sally pensa que não aceitei o convite para dama de honra dela porque sou supersticiosa; afinal, falam que “se você for três vezes uma dama, nunca vai ser uma noiva”. Entretanto, não foi por isso. Eu simplesmente não conseguiria ficar lá na frente e ouvi-la dizer “Sim”, sabendo que nunca vou ter a chance de falar o mesmo para Jim. Eu teria um ataque de nervos. Sempre desejei ser uma noiva, ter um enxoval com peças de linho com

minhas iniciais e as de meu noivo bordadas, e receber presentes adoráveis. Até mesmo a manteigueira de prata que tia Mouser dá a todas as noivas: são objetos horrorosos, com tampas que se parecem com a cúpula da Basílica de São Pedro, no Vaticano, mas poderíamos colocá-la sobre a mesa de café da manhã somente para que Jim caçoasse dela. Oh, acho que estou enlouquecendo.

O baile já havia terminado quando as duas voltaram – de mãos dadas – para dentro da casa. Os convidados estavam sendo acomodados para dormir. Tommy Nelson tinha ido levar Barnabas e Saul para o celeiro. Tia Mouser ainda estava sentada no sofá, pensando em todas as coisas terríveis que esperava que não acontecessem no dia seguinte.

– Só desejo que ninguém se levante no meio da cerimônia e mencione uma boa razão para impedir a união dos noivos. Aconteceu no casamento de Tillie Hatfield.

– Gordon não teria essa sorte – o padrinho do noivo riu.

Tia Mouser o encarou com frieza e austeridade nos olhos castanhos.

– Rapaz, casamento não é uma brincadeira.

– Pode apostar que não é, mesmo – disse o jovem, sem demonstrar nenhum constrangimento. – Olá, Nora, quando teremos a oportunidade de dançar em seu casamento?

Nora não respondeu com palavras. Aproximou-se dele e o estapeou deliberadamente: primeiro em uma face e em seguida, na outra. E não foram tapas leves. Depois, ela subiu a escada sem sequer olhar para trás.

– Essa moça – concluiu tia Mouser – está fora de si.





Capítulo XVI

Na manhã de sábado, houve um movimento intenso devido aos preparativos de última hora. Anne, usando um dos aventais da senhora Nelson, ajudou Nora na cozinha, fazendo as saladas. A jovem estava ressentida, pois, como previra, havia se arrependido das confidências feitas na noite anterior.

– Vamos todos ficar exaustos por um mês – lamentou. – Além disso, papai não poderia realmente arcar com toda esta ostentação; no entanto, Sally estava determinada a ter o que chamou de “um casamento magnífico”, e ele acabou cedendo. Papai sempre fez todas as vontades dela.

– Rancor e inveja – disse tia Mouser, colocando subitamente a cabeça para fora da despensa, onde vinha torturando a senhora Nelson com suas esperanças em relação a todas as possibilidades improváveis.

– Ela está certa... totalmente certa – Nora admitiu amargamente, dirigindo-se a Anne. – Estou com raiva e ciúme. Odeio ver todas essas

peessoas tão felizes. E não me arrependo de ter estapeado o rosto de Jud Taylor ontem à noite. Só lastimo não ter esbofeteado o nariz dele também. Bem, as saladas estão prontas e com uma ótima aparência. Sabe, adoro criar coisas bonitas; e, no fundo, desejo que tudo dê certo, pelo bem de Sally. A verdade é que, acima de tudo, eu a amo muito, embora neste momento esteja me sentindo como se odiasse todas as pessoas, sobretudo Jim Wilcox.

– Tudo o que espero é que o noivo esteja presente na hora da cerimônia – vieram da despensa as palavras agourentas de tia Mouser. – Austin Creed não estava: simplesmente se esqueceu de que se casaria naquela data. Os Creed sempre tiveram memória fraca, mas, a meu ver, Austin foi longe demais.

As duas moças se entreolharam e riram. O rosto de Nora se transformou quando ela sorriu: iluminou-se, brilhou, ganhou vida. E então alguém entrou para lhe dizer que Barnabas tinha vomitado na escada, provavelmente por ter ingerido fígados de galinha em excesso. Nora correu para resolver o problema, e tia Mouser saiu da despensa para dizer que esperava que o bolo de casamento não desaparecesse, como havia acontecido nas núpcias de Alma Clark, dez anos antes.

Ao meio-dia, tudo estava perfeitamente pronto: a mesa posta, as camas enfeitadas, cestas de flores em todos os lugares. E em um quarto bem grande do segundo andar – o que ficava ao norte –, Sally e suas três damas de honra estavam esplendorosas e trêmulas de emoção. Anne, em seu vestido e chapéu verdes em tom pastel, olhou-se no espelho e desejou que Gilbert pudesse vê-la naquele momento.

– Você está tão bonita! – disse Nora, com uma ponta de inveja.

– E você está maravilhosa, Nora! Esse vestido de seda azul-acinzentado e o chapéu de aba larga realçam o brilho de seu cabelo e a cor de seus olhos.

– Não há ninguém aqui que possa se importar com minha aparência – Nora respondeu, amargurada. – Bem, veja se meu sorriso está convincente, Anne. Afinal, suponho que não devo estragar a alegria da festa. E, ainda

por cima, vou ter de tocar a marcha nupcial, pois Vera está com uma enxaqueca horrível. Minha vontade mesmo era tocar a marcha fúnebre que tia Mouser mencionou.

Já tia Mouser, que tinha passado a manhã inteira perambulando pela casa – com um roupão não muito limpo e uma velha touca de dormir – e incomodando todo mundo, apareceu ali usando um traje impecável de seda encorpada marrom e disse a Sally que uma de suas mangas não estava com bom caimento e que esperava que a anágua de nenhuma das mulheres presentes aparecesse sob o vestido, da mesma forma que tinha acontecido no casamento de Annie Crewson.

Nesse momento, a senhora Nelson também entrou no quarto e chorou ao ver como Sally estava linda e feliz.

– Ora, ora, não seja sentimental, Jane – tia Mouser falou. – Você ainda tem uma filha em casa e, pelo que as aparências nos fazem acreditar, provavelmente vai continuar a ter por bastante tempo. Lágrimas não trazem sorte a um evento como este. Bem, tudo o que espero é que ninguém caia morto de repente, como aconteceu com o velho tio Cromwell, que faleceu no meio da celebração do casamento de Roberta Pringle. A noiva ficou duas semanas acamada, em estado de choque.

Após essa inspiradora demonstração de entusiasmo, a noiva e suas acompanhantes desceram a escada ao som da marcha nupcial – tocada meio tempestuosamente por Nora –, e Sally e Gordon se casaram sem que ninguém caísse morto ou esquecesse as alianças. Foi uma cerimônia tranquila, tudo correu bem, e até tia Mouser fez uma pausa em sua preocupação com o universo.

– Afinal – ela disse a Sally mais tarde, em tom consolador –, mesmo que você não seja muito feliz casada, é bem provável que fosse mais infeliz se estivesse solteira.

Sentada diante do piano, Nora olhava sombriamente para tudo, mas, por fim, levantou-se, foi até Sally e lhe deu um abraço apertado, ignorando o véu da noiva e tudo o mais.

– Pronto, acabou – disse melancolicamente, quando o almoço terminou e os noivos, além da maioria dos convidados, já haviam saído.

Em seguida, olhou ao redor da sala, que parecia tão abandonada e desarrumada quanto todas as salas após uma festa; espalhados pelo chão, havia um pequeno buquê de flores esmagado, dois lenços, migalhas que as crianças deixaram cair. E no teto havia uma mancha escura, pois tia Mouser tinha virado uma jarra cheia no quarto de hóspedes, no andar de cima, e a água havia se infiltrado.

– Preciso dar um fim a esta bagunça – Nora falou, severa. – Ainda há muitos jovens esperando o barco e outros que vão ficar aqui até amanhã. Eles pretendem encerrar as comemorações com uma fogueira na praia e uma dança ao luar. Anne, você pode imaginar a vontade que sinto de dançar na praia? Só desejo ir para minha cama e chorar.

– Após um casamento, uma casa realmente parece um lugar ermo – Anne constatou. – Mas vou ajudá-la a limpar e arrumar tudo, e depois vamos tomar uma boa xícara de chá.

– Anne Shirley, você pensa que uma xícara de chá é remédio para tudo? Você é quem deveria ser a solteirona, não eu. Oh, esqueça! Não quero ser desagradável, mas suponho que esse é meu temperamento. Detesto essa ideia de festa na praia ainda mais do que a do casamento. Jim sempre estava em nossas danças ao luar. Anne, decidi me preparar para ser enfermeira. Sei que vou odiar isso e peço aos céus que protejam meus pacientes, mas não vou mais ficar em Summerside, sendo atormentada por ter ficado encalhada. Bem, vamos enfrentar esta pilha de pratos imundos e fazer de conta que adoramos este trabalho.

– Eu gosto mesmo, sempre gostei de lavar a louça. É divertido ver coisas sujas ficando limpas e brilhantes de novo.

– Ora, você deveria estar em um museu! – Nora exclamou.

Quando a lua apareceu no céu, já estava tudo pronto para a dança na praia. Os rapazes tinham armado uma fogueira enorme e brilhante com pedaços de madeira que encontraram por ali. As águas do porto cintilavam, tremeluzindo sob o luar. Anne achou que a festa seria bastante alegre, mas

a expressão no rosto de Nora no momento em que desceu os degraus de pedra carregando uma cesta com sanduíches a inquietou. “Ela está tão infeliz!”, Anne pensou. “Se houvesse algo que eu pudesse fazer...”

Então, uma ideia surgiu em sua mente. Anne sempre teve uma tendência a ceder a seus impulsos: no mesmo instante, correu para a cozinha, pegou uma pequena lamparina acesa, subiu apressadamente a escada dos fundos e praticamente voou até o sótão. Em seguida, pôs a luminária sobre o parapeito da janela que dava para o porto, de um modo que as árvores impedissem quem estava na praia de vê-la.

– Pode ser que ele veja e venha. Suponho que Nora vai ficar furiosa comigo, mas se pelo menos ele vier, vai valer a pena. Agora preciso separar um pedaço de bolo do casamento para Rebecca Dew.

Jim Wilcox não apareceu. Após algum tempo, Anne desistiu de esperá-lo e, em meio à agitação da festa, não pensou mais naquilo. Nora havia desaparecido, e tia Mouser, surpreendentemente, tinha ido dormir. Eram 23 horas quando a farra terminou, e os jovens, cansados da dança ao luar, dirigiram-se bocejando para suas camas.

Anne estava com tanto sono que nem se lembrou da luz na janela do sótão. Entretanto, às 2 horas da madrugada, tia Mouser entrou cautelosamente no quarto das moças e as acordou com o clarão de uma vela acesa.

– Minha nossa! O que houve? – Dot Fraser perguntou, assustada, sentando-se na cama.

– S-s-s-sh! – sussurrou tia Mouser, cujos olhos estavam quase saltando das órbitas. – Acho que tem algum intruso lá embaixo... *sei* que tem. Ouçam... que barulho é esse?

– Parece um gato miando ou um cão latindo – Dot riu.

– Não é disso que estou falando – retrucou tia Mouser, séria. – Sei que tem um cachorro latindo no celeiro, mas não foi esse barulho que me acordou. Foi um baque... uma pancada alta e bem nítida.

– “De fantasmas, espíritos macabros, feras de pernas compridas e coisas que fazem barulhos durante a noite, livrai-nos, Senhor”***** – Anne

murmurou.

– Senhorita Shirley, não é hora para brincadeiras. Há ladrões nesta casa. Vou chamar Samuel.

Tia Mouser saiu do quarto, e as moças se entreolharam.

– Vocês sabem... que todos os presentes do casamento estão na biblioteca – Anne lembrou.

– Seja como for, vou me levantar – disse Mamie. – Anne, você já viu, alguma vez em sua vida, algo como o rosto de tia Mouser naquele momento em que ela abaixou a vela e as sombras dançaram sobre ele, emoldurado por mechas de cabelo desgrenhado? Falo da Bruxa de Endor!*****

Quatro garotas vestidas de robe apareceram no corredor, onde encontraram tia Mouser, seguida pelo doutor Nelson de roupão e pantufas. A senhora Nelson, que não tinha conseguido achar seu robe, observava, apavorada, por uma fresta da porta entreaberta.

– Oh, Samuel – ela disse –, não se arrisque... Se houver ladrões, eles podem atirar...

– Bobagem! Não creio que haja nenhum estranho lá embaixo – o doutor respondeu.

– Estou dizendo que ouvi um baque – tia Mouser reafirmou em voz trêmula.

Alguns rapazes se juntaram ao grupo, que desceu lenta e cautelosamente a escada. O doutor Nelson seguiu na frente, e tia Mouser, com a vela acesa em uma das mãos e o atizador de fogo na outra, caminhou atrás de todos os outros.

Sem dúvida nenhuma, havia barulhos na biblioteca, mas o doutor abriu a porta e entrou corajosamente.

Barnabas, que havia dado um jeito de ser esquecido ali quando Saul foi levado para o celeiro, estava sentado no clássico sofá *Chesterfield*, piscando os olhos distraidamente. Nora e um rapaz estavam de pé no meio do cômodo levemente iluminado por uma vela com a chama oscilante. O

jovem tinha os braços ao redor de Nora e levava um lenço grande e branco até seu rosto.

– Ele está obrigando Nora a cheirar clorofórmio! – tia Mouser gritou, deixando o atizador cair e causar um estrondo tremendo.

O rapaz se virou e soltou o lenço. Apesar da expressão de susto, ele tinha uma boa aparência, com cabelo e olhos castanhos ligeiramente avermelhados e queixo saliente.

Nora, imediatamente, pegou o lenço no chão e o levou ao rosto.

– Jim Wilcox, o que significa isto?! – o doutor perguntou muito severamente.

– *Eu* não sei dizer o que significa – Jim falou, amuado. – Tudo o que sei é que Nora me chamou, com o sinal que costumávamos usar. Só vi a luz acesa quando cheguei à minha casa; era uma hora da madrugada, e eu voltava de um banquete da maçonaria. Então, naveguei imediatamente até aqui.

– Não fiz nenhum sinal para você – Nora protestou, zangada. – Pelo que há de mais sagrado, papai, não me olhe desse jeito. Eu estava acordada, sentada diante da janela de meu quarto; ainda não tinha trocado de roupa para dormir e avistei um homem vindo da praia. Assim que ele se aproximou, percebi que era Jim e desci correndo. Na pressa, escorreguei, bati o rosto na porta da biblioteca e meu nariz começou a sangrar. Jim só estava tentando estancar o sangue.

– Sim, eu entrei pela janela e derrubei aquele banco...

– Não falei que tinha ouvido um barulho estranho? – tia Mouser interrompeu.

– ...E já que Nora diz que não me chamou, vou livrá-los agora de minha presença indesejada, com pedidos de desculpas a todos as pessoas aqui presentes.

– Foi realmente horrível ter perturbado seu descanso noturno e feito você atravessar toda a baía em uma viagem inútil – disse Nora tão friamente quanto possível, enquanto procurava uma parte ainda sem mancha de sangue no lenço de Jim.

– Sim, uma viagem *inútil* – repetiu o doutor.
– É melhor você procurar uma porta para sair – tia Mouser sugeriu.
– Fui eu quem pôs a lamparina na janela – Anne reconheceu, envergonhada. – Depois, me distraí e esqueci...
– Como se atreveu?! – Nora exclamou. – Nunca vou perdoá-la!
– Vocês todos enlouqueceram? – indagou o doutor, perdendo a paciência. – Afinal, que confusão é essa? Por favor, feche essa janela, Jim! Está entrando uma corrente de vento que vai nos congelar até os ossos. Nora, incline a cabeça para trás e seu nariz vai parar de sangrar.

Nora derramava lágrimas de raiva e vergonha. Misturadas ao sangue em seu rosto, elas lhe deram um aspecto assustador. Jim Wilcox, por sua vez, parecia desejar que o chão se abrisse sob seus pés e ele caísse suavemente no porão.

– Bem – começou tia Mouser, em tom hostil –, tudo o que você pode fazer agora é se casar com ela, Jim Wilcox. Nora nunca vai conseguir um marido se correr por aí o rumor de que ela foi encontrada aqui sozinha com você às 2 horas da madrugada.

– Casar-me com ela?! – Jim gritou, irritado. – Ouçam, casar com Nora foi só o que desejei por toda a minha vida... Eu jamais quis outra coisa!

– Então, por que não disse isso há mais tempo? – perguntou Nora, virando-se para encará-lo.

– Dizer isso?! Você me menosprezou, me tratou friamente, zombou de mim por anos. Inúmeras vezes você demonstrou o quanto me desprezava. Concluí que não havia nenhuma razão para eu me declarar. E em janeiro passado...

– Você me instigou a dizer aquilo...

– *Eu* instiguei?! Essa é boa! Você começou aquela discussão só para se ver livre de mim e...

– Não... Eu não...

– E mesmo assim fui tolo o suficiente para navegar até aqui no meio da noite, porque pensei que você tinha me chamado por meio de nosso velho sinal na janela. Ora, casamento?! Pois bem, vou fazer o pedido agora e

acabar logo com isso. Quanto a você, pode se divertir me rejeitando na frente de toda essa plateia... Nora Edith Nelson, quer se casar comigo?

– Ora, é lógico que sim, claro! Como não? – Nora aceitou o pedido tão prontamente que até Barnabas enrubesceu por ela.

Jim lhe lançou um olhar incrédulo; depois, correu para seus braços. Talvez o sangramento no nariz de Nora tivesse estancado, talvez não. Isso não era mais importante.

– Acho que todos vocês se esqueceram de que já é domingo de manhã – disse tia Mouser, que havia acabado de se dar conta disso. – Uma xícara de chá cairia muito bem, se alguém se dispusesse a fazê-lo. Não estou acostumada a ver cenas como esta. Tudo o que espero é que a pobre Nora tenha finalmente fígado este rapaz. Pelo menos, ela tem testemunhas a seu favor.

Em seguida, foram todos para a cozinha – exceto Nora e Jim, que permaneceram fechados na biblioteca, tendo Barnabas como acompanhante –, e a senhora Nelson desceu e preparou o chá.

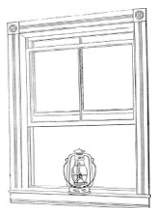
Anne só viu Nora depois que o dia já tinha clareado. Era uma Nora bem diferente, dez anos mais jovem e irradiando felicidade.

– Devo isso a você, Anne. Se não tivesse colocado o candeeiro aceso na janela... Embora, por dois minutos e meio, eu tenha tido vontade de arrancar suas orelhas com os dentes, na noite passada.

– E pensar que fiquei dormindo e perdi todo o espetáculo – Tommy Nelson murmurou pesarosamente.

Entretanto, as últimas palavras foram as de tia Mouser:

– Bem, só espero que não seja um casamento precipitado que cause arrependimento pelo resto da vida.





Capítulo XVII

(Fragmento de uma carta para Gilbert.)



Hoje foi o último dia do período letivo. Agora, dois meses de Green Gables, com samambaias perfumadas e úmidas de orvalho crescendo na beira do riacho, sombras preguiçosas espalhadas sobre a Vereda dos Apaixonados, morangos silvestres no pasto do senhor Bell e a penumbra encantadora dos abetos no Bosque Assombrado! É como se minha alma tivesse asas!

Jen Pringle me deu um buquê de lírios-do-vale e me desejou boas férias. Disse que vai passar um fim de semana comigo. Milagres acontecem!

Contudo, a pequena Elizabeth está inconsolável. Queria que ela também me visitasse, mas a senhora Campbell não achou “aconselhável”. Felizmente, eu não havia dito nada sobre isso a Elizabeth, e, portanto, ela foi poupada da decepção.

– Creio que vou ser Lizzie durante todo o tempo em que vai estar longe, senhorita Shirley – disse-me. – Acho que vou pelo menos me *sentir* como Lizzie.

– Pense na diversão que vamos ter quando eu voltar – respondi. – E é claro que não vai ser Lizzie. Não existe nenhuma Lizzie em você. Vou lhe escrever toda semana, pequena Elizabeth.

– Oh, senhorita Shirley, vai mesmo? Nunca recebi uma carta em toda a minha vida. Vou adorar! E responder às suas cartas, se me derem selos. Caso contrário, saiba que vou estar sempre pensando na senhorita. Dei seu nome ao esquilo que mora no quintal: Shirley! A senhorita não se importa, não é? Primeiro, pensei em batizá-lo de Anne Shirley, mas depois pensei que poderia não ser uma atitude respeitosa; de qualquer forma... Anne não combina com esquilos. Além disso, pode ser que ele seja um esquilo macho. Eles são animais tão adoráveis, não acha? Porém, a Mulher fala que eles comem as raízes das roseiras.

– Era esperado que ela dissesse algo assim – constatei.

Perguntei a Katherine Brooke onde vai passar o verão, e ela respondeu rispidamente:

– Aqui. Aonde supôs que eu iria?

Senti que deveria convidá-la para ficar comigo em Green Gables, mas simplesmente não consegui. Em todo caso, é lógico que não imaginei que ela aceitaria. E Katherine é tão desmancha-prazeres! Ela estragaria tudo. No entanto, quando penso nela sozinha naquela pensão barata por todo o verão, minha consciência dói bastante.

Outro dia, Dusty Miller trouxe para casa uma cobra e a jogou no chão da cozinha. Se Rebecca Dew pudesse ficar pálida, teria ficado.

– Esta é realmente a gota d'água que faltava! – exclamou.

O fato é que Rebecca Dew está um pouco irritada esses dias porque tem de passar seu tempo livre tirando besouros grandes, verdes-acinzentados, das roseiras, e jogando-os em uma lata com querosene. Ela acha que há insetos demais no mundo.

– Qualquer hora todo o planeta vai ser devorado por eles – Rebecca Dew costuma profetizar pesarosamente.

Nora Nelson e Jim Wilcox vão se casar em setembro; discretamente, sem alarde, nem convidados ou damas de honra. Nora me disse que essa foi a única maneira que encontrou para escapar de tia Mouser, pois *não* quer que a tia a veja se casar. No entanto, *eu* estarei lá extraoficialmente. Ela afirmou que Jim nunca voltaria se eu não tivesse colocado a luz na janela do sótão. Ele estava decidido a vender sua loja e se mudar para o oeste. Gilbert, quando penso em todos os casamentos que supostamente arranjei...

Sally acredita que os dois vão se desentender durante a maior parte do tempo, mas, ainda assim, vão ser mais felizes brigando um com o outro do que se estivessem concordando com qualquer outro cônjuge. Entretanto, eu não penso que eles vão brigar... não muito. Em minha opinião, são os mal-entendidos que causam a maioria dos problemas do mundo. Você e eu deixamos passar tanto tempo, e agora...

Boa noite, meu amado. Seu sono vai ser doce se receber alguma influência dos desejos de

Sua Anne

P.S.: A frase acima foi copiada literalmente de uma carta da avó de tia Chatty. ✉







Capítulo I

Windy Poplars,
Spook's Lane,
14 de setembro



Mal posso me conformar com a ideia de que nossos dois meses maravilhosos acabaram. Foram lindos, não foram, meu querido? E agora faltam só dois anos para...

(Vários parágrafos omitidos)

Porém, foi bastante prazeroso voltar para Windy Poplars: para *meu* quarto na torre, minha poltrona especial, minha cama com dossel... e até mesmo para Dusty Miller, deitado sobre o parapeito da janela da cozinha, aquecendo-se ao sol.

As viúvas ficaram contentes em me ver, e Rebecca Dew falou com sinceridade:

– É bom ter a senhorita de volta.

A pequena Elizabeth também se sentiu feliz: tivemos um encontro encantador na meia porta verde.

– Eu estava um pouco receosa de que a senhorita tivesse ido para o Amanhã antes de mim – ela disse.

– Não está um belo fim de tarde? – comentei.

– Sempre vai ser um belo fim de tarde onde a senhorita estiver – afirmou a pequena Elizabeth.

Que elogio!

– Como passou o verão, querida? – perguntei.

– Pensando em todas as coisas adoráveis que vão acontecer no Amanhã – respondeu docemente.

Em seguida, subimos até meu quarto na torre e lemos uma história sobre elefantes. A pequena Elizabeth está muito interessada nesse animal em particular, atualmente.

– Tem algo mágico no próprio nome *elefante*, não acha, senhorita Shirley? – disse seriamente, apoiando o queixo nas mãos pequenas, como costuma fazer. – Espero encontrar um grande número de elefantes no Amanhã.

Acrescentamos um parque de elefantes ao nosso mapa da terra da fantasia. Nem adianta fazer essa expressão de superioridade e desdém que sei que está em seu rosto enquanto lê isto, meu querido Gilbert. Não adianta nada mesmo. Sempre vai haver fadas no mundo: ele não pode sobreviver sem elas, e alguém precisa criá-las.

É bem agradável estar de volta à escola também. Katherine Brooke não está nem um pouco mais simpática, mas meus alunos demonstraram alegria em me rever. Jen Pringle quer que eu a ajude a fazer pequenas auréolas de metal para a cabeça dos anjos em uma apresentação da escola dominical.

Acho que o curso que vou dar este ano será bem mais interessante do que o do ano passado, pois a história do Canadá foi acrescentada ao currículo; tenho de fazer uma “palestra” breve amanhã sobre a Guerra Anglo-Americana de 1812. É tão esquisito rever a história das guerras do

passado... coisas que nunca mais vão se repetir. Suponho que nenhum de nós terá, algum dia, mais do que um interesse acadêmico por batalhas do passado. É impossível pensar no Canadá em guerra novamente. Sou muito grata por essa fase de nossa história estar encerrada.

Vamos reorganizar o Clube de Teatro imediatamente e convencer todas as famílias ligadas à escola a fazer doações para ele. Lewis Allen e eu vamos percorrer a Dawlish Road, no próximo sábado à tarde, para angariar contribuições dos moradores. Lewis tentará matar dois coelhos com uma só cajadada, pois está concorrendo a um prêmio oferecido pelo periódico *Casas de Campo* à melhor fotografia de uma casa de fazenda atraente e acolhedora. Esse prêmio é em dinheiro e pode significar um terno e um casaco novos, extremamente necessitados por Lewis. Ele trabalhou em uma fazenda durante todo o verão, e agora está fazendo tarefas domésticas e servindo mesas novamente na pensão em que mora. O garoto deve odiar o serviço, mas nunca diz uma palavra sequer a respeito.

Eu realmente gosto de Lewis: ele é corajoso e determinado, e tem um sorriso largo extraordinariamente charmoso. Não é um garoto muito robusto, e cheguei a temer que adocesse, no ano passado. Entretanto, parece que o verão na fazenda o fortaleceu um pouco. Este é seu último ano na escola, e depois ele pretende passar mais um na Queen's Academy.

Durante o inverno, as viúvas vão convidá-lo para o jantar de domingo tão frequentemente quanto possível. Tia Kate e eu tivemos uma conversa sobre os recursos disponíveis para isso, e eu a convenci a me deixar arcar com a despesa extra. Obviamente, não tentamos persuadir Rebecca Dew. Apenas perguntei a tia Kate, na presença de Rebecca, se eu poderia sugerir a Lewis Allen que nos visitasse no domingo à noite pelo menos duas vezes por mês. Tia Kate respondeu friamente que receava que elas não tivessem condições financeiras para isso, somado ao leite diário da menina solitária.

Rebecca Dew soltou um grito angustiado.

– Esta é a gota d'água que faltava! Estamos ficando tão pobres que nem podemos oferecer um prato de comida, de vez em quando, a um pobre garoto sério e trabalhador que está lutando para obter uma boa educação?!

Vocês gastam mais em fígado para Aquele Gato, que está prestes a explodir de tão gordo. Ora, tirem de meu salário o que for preciso e convidem Lewis Allen.

As palavras de Rebecca foram respeitadas. Lewis vai jantar conosco como combinado, e nem a quantidade de alimento de Dusty Miller nem o salário de Rebecca serão alterados. Querida Rebecca Dew!

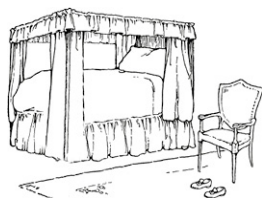
Tia Chatty entrou discretamente em meu quarto ontem à noite para me dizer que desejava uma capa bordada com miçangas, mas tia Kate falou que ela estava velha demais para isso; seus sentimentos haviam sido feridos.

– Acha que estou mesmo, senhorita Shirley? Não quero perder minha dignidade. Contudo, sempre sonhei tanto ter uma capa assim: para mim, elas parecem ser o que se pode chamar de “garbosas”. E agora estão na moda novamente.

– Velha demais?! Claro que não está, querida! – assegurei. – Ninguém nunca é velho demais para vestir exatamente o que está com vontade. Se a senhora fosse velha demais, não quereria usar uma capa com miçangas.

– Pois vou ter uma e desafiar Kate – tia Chatty concluiu, com um tom de voz que poderia ser qualquer coisa exceto desafiador. Mesmo assim, creio que ela vai usar a capa e penso que sei como fazer com que tia Kate se conforme com a ideia.

Estou sozinha em minha torre. Lá fora, há uma noite tranquila, tranquila, e um silêncio aveludado. Nem os álamos estão se movendo. Acabei de me inclinar em minha janela e mandar um beijo na direção de alguém que não está longe de Kingsport. ✉





Capítulo II

*A*Dawlish Road era uma estrada sinuosa, e, enquanto a percorriam, Anne e Lewis pensaram que aquela tarde estava ideal para uma caminhada. De vez em quando, eles paravam para apreciar uma súbita vista do mar cor de safira atrás da vegetação, ou para fotografar um pedaço particularmente adorável da paisagem, ou uma casa pequena e pitoresca em um vale arborizado. Provavelmente, não era tão agradável bater à porta das casas e pedir doações para o Clube de Teatro, mas Anne e Lewis se revezavam na tarefa de fazer o pedido: o garoto falava com as mulheres, e Anne se dirigia aos homens.

– Converse com os homens, já que a senhorita vai usar este vestido e este chapéu – Rebecca Dew havia aconselhado. – No meu tempo, tive certa experiência em arrecadar fundos, e tudo me levou a crer que, quanto melhor for sua aparência e quanto mais bem-vestida você estiver, mais

dinheiro... ou promessa dele... você vai conseguir, se estiver lidando com homens. Por outro lado, se for falar com mulheres, use as coisas mais velhas e feias que possuir.

– Não acha que uma estrada é algo interessante, Lewis? – Anne perguntou, sonhadora. – Não me refiro às que são retas, mas àquelas que têm um fim ou que possuem curvas após as quais qualquer coisa bela e surpreendente pode estar à espreita. Sempre amei as curvas nas estradas.

– Para onde vai esta Dawlish Road? – Lewis indagou, com senso prático, embora estivesse, ao mesmo tempo, se dando conta de como a voz da senhorita Shirley fazia com que ele se lembrasse da primavera.

– Posso ser insensível e professoral, Lewis, e falar que ela não vai a lugar algum, que fica exatamente aqui. Porém, não farei isso... Quanto a aonde ela vai ou para onde nos leva, que importância tem isso? Ao fim do mundo e de volta para cá, talvez. Lembre-se do que Emerson^{*****} diz: “Oh, o que tenho a ver com o tempo?”. Esse vai ser nosso lema, hoje. Suponho que o universo não vai ficar diferente se o deixarmos em paz esta tarde. Veja as sombras daquelas nuvens, a tranquilidade dos vales verdejantes e aquela casa, com uma macieira em cada lado! Imagine isso na primavera! Hoje é um daqueles dias em que as pessoas se sentem mais vivas, e cada brisa que sopra no mundo é uma espécie de irmã. Estou contente por haver tantas samambaias aromáticas nesta estrada, samambaias enfeitadas com teias de aranha. Elas me fazem lembrar do tempo em que eu fazia de conta, ou acreditava – sim, eu realmente acreditava que as teias de aranha eram toalhas de mesa das fadas.

Logo adiante, Anne e Lewis se depararam com uma nascente em um pequeno vale dourado e se sentaram sobre um amontoado do que pareciam ser samambaias minúsculas para beber água em um copo que Lewis improvisou a partir de uma casca de tronco de bétula.

– A gente só sente a verdadeira alegria de beber quando está com muita sede e encontra água – ele disse. – Num dia muito quente, naquele verão em que trabalhei na construção de uma estrada de ferro, no oeste, fiquei perdido em uma pradaria e caminhei por muitas horas. Achei que ia

morrer de sede, mas por fim encontrei a cabana de um colono, e ele tinha uma pequena nascente como esta, entre uns salgueiros. Como bebi! Desde então, compreendi melhor a Bíblia e sua mensagem de amor pela água limpa e cristalina.

– Vamos ter mais água, só que de outra fonte – observou Anne, ligeiramente apreensiva. – Vai chover daqui a pouco e... Lewis, eu adoro a chuva, mas estou usando meu melhor chapéu e meu segundo melhor vestido. E não há nenhuma casa a menos de um quilômetro daqui.

– Existe uma oficina de ferreiro abandonada não muito distante de onde estamos – disse Lewis –, mas vamos ter de correr até lá.

Foi o que fizeram, e, protegidos em seu abrigo, os dois desfrutaram da chuva, assim como de todas as outras coisas naquela tarde calma e alegre. Um silêncio solene pousou sobre o mundo. Todas as brisas recentes que haviam sussurrado e feito a vegetação farfalhar tão majestosamente ao longo da Dawlish Road recolheram suas asas e permaneceram mudas e imóveis. Nenhuma folha se mexeu, nenhuma sombra tremulou. As folhas dos bordos na curva da estrada estavam viradas de modo que as árvores pareciam estar pálidas de medo. Uma sombra enorme deu a impressão de que estava engolindo as árvores: a nuvem de chuva tinha chegado. Então, com uma rajada de vento, as águas despencaram, tamborilando fortemente nas folhas, dançando sobre a estrada vermelha fumegante e martelando sonoramente o telhado da velha oficina.

– Se esta tempestade durar muito... – Lewis falou.

Mas não foi o que aconteceu. Tão subitamente quanto veio, ela se foi, e o sol voltou a brilhar na superfície úmida e reluzente das árvores. Frestas deslumbrantes de céu azul surgiram entre as nuvens brancas, que se distanciavam umas das outras. Anne e Lewis puderam ver ao longe uma colina ainda escurecida pela chuva, mas uma névoa cor de pêssego parecia transbordar do vale abaixo deles. Os bosques ao redor da estrada brilhavam com se fosse um dia de primavera, e um pássaro pousado em um bordo próximo à oficina de ferreiro começou a cantar como se tivesse sido levado

a crer, erroneamente, que era mesmo primavera, de tão surpreendentemente fresco e doce o mundo havia ficado de repente.

– Vamos explorar esta trilha aqui – Anne sugeriu, quando eles retomaram a caminhada e se depararam com uma rua lateral margeada por cercas velhas de madeira encobertas por arbustos.

– Acho que não mora ninguém ao longo desta rua – disse Lewis, incrédulo. – Parece que é só uma trilha para o porto.

– Não importa, vamos percorrê-la. Sempre tive uma queda por ruas secundárias, aonde poucas pessoas vão, caminhos isolados, verdes e ermos. Sinta o aroma da grama molhada, Lewis. Além disso, tenho um pressentimento de que *há* uma casa por aqui... uma casa bastante fotogênica.

O pressentimento de Anne estava certo. Logo eles avistaram uma casa que sem dúvida poderia resultar em uma fotografia magnífica. Era velha e antiquada, com telhado baixo e janelas pequenas e quadradas. Salgueiros grandes estendiam seus galhos protetores sobre ela, e arbustos e outras plantas nativas se aglomeravam ao seu redor. Estava cinzenta e desgastada pela ação do tempo, mas os grandes estábulos atrás dela eram modernos, muito bem-cuidados e tinham uma ótima aparência.

– Sempre ouvi dizer, senhorita Shirley, que, quando os estábulos de um homem são melhores do que sua casa, é sinal de que sua renda é maior do que seus gastos – Lewis falou enquanto eles caminhavam pela alameda esburacada e coberta de relva.

– Eu diria que é sinal de que ele pensa mais em seus cavalos do que em sua família – Anne riu. – Não espero conseguir aqui uma contribuição para nosso Clube de Teatro, mas esta é a casa, entre todas as que já vimos, que tem mais probabilidade de lhe proporcionar o prêmio que você deseja; e o tom acinzentado não vai prejudicar em nada a fotografia.

– Esta alameda não parece ser percorrida frequentemente – Lewis comentou, encolhendo os ombros. – É evidente que as pessoas que moram aqui não são muito sociáveis. Receio que vamos descobrir que elas nem

sequer sabem o que é um Clube de Teatro. De qualquer modo, vou garantir minha fotografia antes de tirarmos qualquer uma delas de sua toca.

A casa parecia deserta, mas, depois que a foto foi tirada, eles abriram um pequeno portão branco, atravessaram o jardim e bateram à porta azul – com a pintura desbotada – da cozinha, pois estava claro que a porta da frente, assim como a de Windy Poplars, existia sobretudo para ser exibida e não usada, se é que se pode dizer que uma porta literalmente escondida atrás de uma hera pode ser exibida.

Anne e Lewis esperavam encontrar no mínimo a amabilidade com a qual tinham sido tratados até então em suas visitas, fosse ou não acompanhada de um ato de generosidade. Consequentemente, ficaram bastante surpresos quando a porta foi aberta violentamente e, em vez de quem esperavam ver – a esposa ou uma filha sorridente do fazendeiro –, quem apareceu foi um homem alto, de ombros largos, com aproximadamente 50 anos, cabelos grisalhos e sobrancelhas espessas, que perguntou rispidamente:

– O que vocês querem?

– Viemos aqui com a esperança de que o senhor pudesse se interessar pelo Clube de Teatro da Summerside High School e... – Anne começou humildemente, mas logo foi poupada de qualquer outro esforço.

– Nunca ouvi falar desse clube, não quero ouvir e não tenho nada a ver com isso – foi a interrupção intransigente que ela recebeu antes que a porta fosse prontamente fechada diante dos dois.

– Acho que não fomos muito bem recebidos – Anne ironizou, enquanto saíam dali.

– Que cavalheiro amável e simpático! – Lewis riu. – Tenho pena da esposa dele, se for casado.

– Não creio que ele possua uma esposa, pois ela o teria civilizado um pouco – respondeu Anne, tentando se recompor. – Gostaria que Rebecca Dew passasse uns dias com ele. Mas pelo menos encontramos a casa perfeita para a fotografia, e algo me diz que você vai ganhar o prêmio... Oh, não! Acaba de entrar uma pedrinha no meu sapato. Vou me sentar naquele

banco de pedra do cavalheiro gentil, com ou sem a permissão dele, para tirá-la.

– Felizmente, ele está fora do alcance da vista de quem está na casa – Lewis comentou.

Anne tinha acabado de amarrar novamente o cadarço do sapato quando eles escutaram alguém empurrar suavemente os arbustos à direita do banco. Em seguida, um menino de cerca de 8 anos apareceu e ficou observando-os timidamente; tinha um grande doce de maçã bem seguro entre as mãos pequenas e rechonchudas. Era uma criança bonita, com cabelo castanho brilhante e cacheado, olhos – também castanhos – grandes e expressivos, e traços delicados. Havia nele um ar de requinte, apesar de estar sem nada sobre a cabeça e com as pernas descobertas. O garoto usava apenas uma camisa de algodão azul já desbotada e uma calça curta de veludo puído. Ainda assim, parecia um pequeno príncipe disfarçado.

Bem atrás dele estava um cachorro grande e preto, da raça terra-nova, cuja cabeça estava quase no mesmo nível dos ombros do garoto.

Anne olhou para ele e sorriu daquela forma que conquistava o coração de todas as crianças.

– Olá, rapazinho – disse Lewis. – Quem é você?

O menino se aproximou, retribuindo o sorriso e estendendo a grande fatia de torta.

– Isto é para vocês comerem – ele disse, envergonhado. – Papai fez para mim, mas prefiro dar a vocês. Tenho muitas coisas para comer.

Lewis, pouco diplomaticamente, estava prestes a recusar a oferta do garoto, mas Anne o cutucou a tempo. Tendo entendido a mensagem, ele aceitou a guloseima com um ar sério e a entregou para Anne, que, com a mesma seriedade, dividiu-a ao meio e devolveu uma das partes para ele. Os dois sabiam que deveriam comer o doce e tinham dúvidas cruéis quanto à habilidade culinária de “papai”. Entretanto, a primeira mordida lhes provou que “papai” até podia não ser muito bom em cortesia, mas com certeza sabia fazer doces de maçã.

– Está delicioso! – Anne exclamou. – Qual é seu nome, querido?

– Teddy Armstrong – disse o jovem benfeitor –, mas papai sempre me chama de Little Fellow.***** Sabem, sou tudo o que ele tem. Papai me ama muito, e eu o adoro, também. Receio que vocês pensem que ele é indelicado porque fechou a porta tão rapidamente, mas não era essa a sua intenção. Ouvi vocês pedindo algo para comer.

“Não pedimos”, Anne pensou, “mas isso não importa”.

– Eu estava no jardim, atrás dos arbustos de malva, então pensei em trazer meu doce para vocês. Sinto muita compaixão pelas pessoas pobres que não têm bastante comida. Eu tenho, sempre. Meu pai é um cozinheiro excelente. Vocês precisam experimentar o pudim de arroz doce que ele faz.

– Ele põe uvas-passas no pudim? – Lewis perguntou, piscando um olho.

– Muitas! Papai não é nem um pouco sovina.

– Você não tem mãe, querido? – Anne perguntou.

– Não; minha mãe morreu. A senhora Merrill me disse uma vez que ela foi para o céu, mas papai falou que esse lugar não existe, e suponho que ele esteja certo. Meu pai é um homem sábio. Ele já leu milhares de livros. Quero ser exatamente como ele quando crescer, só que vou dar comida às pessoas sempre que elas quiserem. Sabem, papai não gosta muito de pessoas, mas ele é muito bondoso comigo.

– Você frequenta a escola? – Lewis indagou.

– Não. Meu pai me ensina tudo em casa. Porém, os administradores da escola falaram que vou ter de ser matriculado no ano que vem. Acho que eu gostaria de ir à escola e ter outros meninos para brincar comigo. Bem, é claro que tenho Carlo, e papai também brinca comigo maravilhosamente quando tem tempo. Sabem, ele é muito ocupado; tem de cuidar da fazenda e manter nossa casa limpa. É por isso que não pode ser incomodado por pessoas, vocês entendem, não é? Quando eu crescer, vou ajudar papai bastante, e então ele vai ter mais tempo para ser cortês com as pessoas.

– O doce estava muito bom, Little Fellow – Lewis elogiou, engolindo a última migalha.

Os olhos do garoto se iluminaram.

– Estou contente por terem gostado – ele disse.

– Você gostaria que tirássemos um retrato seu? – Anne perguntou, sentindo que não era o caso de oferecer dinheiro a essa pequena alma generosa. – Se quiser, Lewis pode fazer isso.

– Eu adoraria! – respondeu Little Fellow, entusiasmado. – Com Carlo junto comigo?

– Claro, com Carlo também.

Anne posicionou o menino e o cachorro graciosamente – ambos parecendo igualmente satisfeitos – diante de um fundo de arbustos, ele de pé com o braço em volta do pescoço grande e encaracolado de seu companheiro de brincadeiras, e Lewis tirou a última fotografia que restava em sua câmera.

– Se o retrato ficar bom, vou enviar para você pelo correio – Lewis prometeu. – Como devo endereçá-lo?

– Para Teddy Armstrong, aos cuidados do senhor James Armstrong, Glencove Road – disse o garoto. – Oh, como deve ser divertido receber algo pelo correio! Confesso que vou me sentir incrivelmente orgulhoso. Não vou contar nada a papai sobre isso; assim, vai ser uma surpresa esplêndida para ele.

– Aguarde duas ou três semanas por seu envelope – Lewis falou, quando se despediram.

Subitamente, Anne se inclinou e beijou o pequeno rosto bronzeado. Havia alguma coisa nele que tocou seu coração. Aquele menino era tão doce... tão afetuoso... tão órfão de mãe!

Anne e Lewis olharam para trás antes de virarem uma curva na alameda e o viram parado perto do banco de pedra, ao lado de seu cão, acenando para eles.

Obviamente, Rebecca Dew sabia tudo sobre os Armstrong.

– James Armstrong nunca superou a morte da esposa, cinco anos atrás – contou. – Ele não era tão desagradável antes disso. Era até simpático, embora fugisse um pouco do convívio social. É a personalidade dele. O homem era louco pela esposa. Ela tinha 20 anos a menos do que ele, e ouvi dizer que sua morte foi um grande choque para o marido. Parece que mudou completamente sua personalidade: James ficou amargo e rabugento. Até se recusou a ter uma criada e passou a cuidar pessoalmente do filho e da casa. Tinha vivido sozinho durante muito tempo antes de se casar, por isso conhece bem as tarefas domésticas.

– Mas o menino não tem uma vida adequada a uma criança – tia Chatty falou. – O pai nunca o leva à igreja ou a nenhum outro lugar onde ele passa ver gente.

– Ouvi dizer que ele venera o filho – disse tia Kate.

– “Não terás outros deuses além de Mim”^{*****} – Rebecca Dew citou subitamente.





Capítulo III

Já haviam se passado quase três semanas quando Lewis teve tempo para revelar as fotografias, e levou-as a Windy Poplars no primeiro domingo em que foi jantar lá. Tanto o retrato da casa quanto o de Little Fellow tinham ficado ótimos. O sorriso do garoto era “tão real quanto a vida”, disse Rebecca Dew.

– Ora, ele se parece com você, Lewis! – Anne exclamou.

– Parece mesmo – Rebecca Dew concordou, apertando os olhos para julgar melhor. – Quando vi a fotografia, o rosto dele me lembrou o de alguém, mas não consegui saber quem.

– Os olhos... a testa... a expressão do rosto... são características suas, Lewis – Anne constatou.

– É difícil acreditar que já fui um menino tão bonito – Lewis encolheu os ombros. – Tenho, em algum lugar, um retrato meu aos 7 anos. Preciso procurá-lo e comparar com este. A senhorita riria bastante se o visse,

senhorita Shirley. Pareço o garoto com o olhar mais sério que já existiu, cachos compridos, um colarinho de renda e uma postura rígida como um pedaço de pau. Suponho que tive a cabeça presa em uma daquelas geringonças de três garras que costumavam usar em partos na época em que nasci. Se esse menino realmente se parece comigo, deve ser apenas uma coincidência. Little Fellow não pode ser meu parente. Não há ninguém de minha família em Prince Edward Island, atualmente.

– Onde você nasceu? – tia Kate perguntou.

– New Brunswick. Meus pais morreram quando eu tinha 10 anos. Então, vim morar com uma prima de mamãe. Eu a chamava de tia Ida. Ela também morreu, há três anos.

– Jim Armstrong também veio de New Brunswick – disse Rebecca Dew.

– Ele não nasceu na ilha. Não seria tão ranzinza se fosse daqui. Temos nossas peculiaridades, mas somos *civilizados*.

– Não sei se quero descobrir um parentesco com o simpático senhor Armstrong – Lewis riu, enquanto atacava uma torrada com canela feita por tia Chatty. – Entretanto, quando tiver posto uma moldura na fotografia, vou levá-la pessoalmente a Glencove Road e investigar um pouco. Ele pode ser um primo distante ou alguma coisa assim. Eu realmente não sei nada sobre a família de minha mãe, nem ao menos se ela tinha algum parente vivo, mas sempre tive a impressão de que não. Sei que meu pai não tinha ninguém.

– Se você levar o retrato pessoalmente, será que Little Fellow não vai ficar desapontado por não ter a emoção de receber algo pelo correio? – Anne indagou.

– Posso compensá-lo por isso mandando outra coisa pelo correio para ele.

Na tarde do sábado seguinte, Lewis apareceu em Spook's Lane guiando uma charrete velha atrás de uma égua ainda mais velha.

– Vou a Glencove levar a fotografia para o pequeno Teddy Armstrong, senhorita Shirley. Se minha moderna carruagem de luxo não for lhe causar

uma insuficiência cardíaca, gostaria que a senhorita fosse comigo. *Acho* que nenhuma das rodas vai se soltar durante o percurso.

– Onde foi que você conseguiu essa relíquia, Lewis? – Rebecca Dew perguntou.

– Não caçoe de meu galante corcel, senhorita Dew. Tenha algum respeito pela idade. O senhor Bender me emprestou a égua e a charrete com a condição de que eu fizesse algo para ele na Dawlish Road. Hoje eu não teria tempo para caminhar até Glencove e voltar também a pé.

– Tempo?! – Rebecca Dew indignou-se. – Ora, eu poderia ir até lá e voltar andando mais depressa do que esse animal.

– E trazer um saco de batatas para o senhor Bender, na volta? *Que* mulher maravilhosa!

As bochechas vermelhas de Rebecca Dew ficaram ainda mais vermelhas.

– Não é bonito zombar dos mais velhos – repreendeu; logo depois, retribuiu a brincadeira de Lewis com uma gentileza.

– Não gostaria de comer umas rosquinhas fritas antes de saírem?

A égua branca demonstrou ter surpreendentes poderes de locomoção assim que eles partiram. Anne riu para si mesma enquanto trotavam pela estrada. O que será que a senhora Gardinerou até mesmo tia Jamesina diriam se pudessem vê-la naquele momento? Bem, ela não se importava. Era um lindo dia para um passeio por uma terra que mantinha seu antigo e adorável ritual de outono.

Além disso, Lewis era uma boa companhia. Ele alcançaria seus objetivos. Ninguém mais, entre todos os seus conhecidos, Anne refletiu, sonharia em convidá-la para percorrer um trajeto na charrete de Bender puxada pela égua de Bender. Simplesmente nunca ocorrera a Lewis que pudesse haver qualquer coisa estranha nisso. *Que* diferença faz o *modo* como você viaja, contanto que chegue aonde deseja? Independentemente do veículo em que viajasse, o contorno das colinas tranquilas continuaria azul, as estradas, vermelhas, os bordos, lindos.

Lewis era um filósofo e se preocupava tão pouco com o que as pessoas poderiam dizer quanto se importava quando alguns alunos de Summerside High School o chamavam de “maricas” porque ele fazia serviços domésticos na pensão em que morava. Deixe que falem! No futuro, seria ele quem riria: seus bolsos estavam vazios, mas sua mente, não. Por enquanto, a tarde estava belíssima, e eles viam Little Fellow novamente.

Quando o cunhado do senhor Bender acomodou o saco de batatas na traseira da charrete, eles lhe contaram o que fariam em seguida.

– Estão me dizendo que possuem uma fotografia do pequeno Teddy Armstrong?! – o senhor Merrill perguntou.

– Sim, tenho, e muito boa – disse Lewis, desembulhando o retrato e mostrando-o com orgulho. – Não creio que um fotógrafo profissional pudesse fazer algo melhor.

O senhor Merrill deu um tapa estrondoso na própria perna.

– Isso supera qualquer expectativa! – exclamou. – O pequeno Teddy Armstrong está morto e...

– Morto?! – exclamou Anne, horrorizada. – Oh, senhor Merrill... não... não me diga... que aquele menino tão pequeno e meigo...

– Sinto muito, senhorita, mas é verdade. O pai dele está desesperado, e o que agrava ainda mais sua dor é o fato de não ter absolutamente nenhum retrato do filho. Agora, aí estão vocês com um, e tão bom! Ora, ora!

– Parece... parece impossível – Anne murmurou, com os olhos cheios de lágrimas. Podia ver a figura esbelta e pequena do menino acenando ao longe quando se despediu deles.

– Lamento muito dizer isso, mas ele faleceu quase três semanas atrás. Pneumonia. Sofreu horivelmente, mas dizem que foi muito forte e corajoso. Não sei o que vai ser de Jim Armstrong agora. Ele está parecendo um louco; apenas anda de um lado para o outro, lento e atordoado, e resmunga o tempo todo. “Se pelo menos eu tivesse uma fotografia de meu Little Fellow”, fica murmurando.

– Tenho pena daquele homem – a senhora Merrill falou, subitamente.

Até então, ela não havia dito nada; apenas se mantinha quieta ao lado do marido. Era uma mulher grisalha, muito magra, mas vigorosa, e usava um vestido de chita surrado por baixo de um avental xadrez.

– Ele é rico e próspero – ela prosseguiu –, e sempre achei que se considerava superior a nós por sermos pobres. No entanto, temos nosso garoto, e não importa o quanto você é pobre, desde que tenha alguém para amar.

Anne olhou para a senhora Merrill com um novo respeito. A mulher não era bonita, mas, quando seus olhos cinzentos e fundos encontraram os de Anne, uma espécie de afinidade espiritual foi descoberta por ambas. Anne nunca tinha visto a senhora Merrill e nunca mais a viu novamente, mas sempre se lembrava dela como uma mulher que alcançou o segredo supremo da vida. Você nunca seria pobre enquanto tivesse algo ou alguém para amar.

O dia dourado de Anne estava arruinado. De alguma maneira, Little Fellow havia conquistado seu coração naquele breve encontro. Em silêncio, ela e Lewis percorreram o caminho até Glencove Road e, depois, a alameda coberta de relva que levava à casa. Carlo estava deitado na pedra em frente à porta azul. Quando Anne e Lewis desceram da charrete, o cão se levantou, aproximou-se e lambeu a mão de Anne, encarando-a melancolicamente com seus olhos grandes, como se estivesse pedindo notícias de seu amigo. A porta estava aberta e, no cômodo pouco iluminado, eles viram um homem com a cabeça inclinada sobre a mesa.

Quando Anne chamou, ele se levantou rapidamente e veio até a porta. Ela ficou chocada com a nova aparência dele. Tinha o rosto desfigurado, abatido, com a barba por fazer e, em seus olhos fundos, havia um brilho estranho.

No início, imaginou que o homem os enxotaria dali, mas ele pareceu reconhecê-la, pois disse apaticamente:

– Então voltaram? Little Fellow me contou que a senhorita conversou com ele e lhe deu um beijo. Ele gostou da senhorita. Lamento ter sido tão rude naquele dia. O que desejam?

– Queremos lhe mostrar uma coisa – Anne explicou, gentilmente.

– Gostariam de entrar e se sentar? – ele ofereceu, melancólico.

Sem dizer uma só palavra, Lewis tirou o retrato do embrulho e o entregou para Jim Armstrong. O homem agarrou a fotografia no mesmo instante, olhou-a avidamente, depois se deixou cair sobre a cadeira e explodiu em lágrimas e soluços. Anne nunca tinha visto um homem chorar daquele jeito. Ela e Lewis ficaram ali, solidariamente mudos e imóveis, até ele recuperar seu autocontrole.

– Oh, vocês não imaginam o que isto significa para mim – ele disse, por fim. – Eu não tinha nenhum retrato dele. E não sou como as outras pessoas... não consigo me lembrar de fisionomias. Não sou capaz de visualizar mentalmente os semblantes, como todo mundo. Tem sido muito difícil para mim desde que Little Fellow se foi; eu não me lembrava sequer de como ele era. E agora vocês me trouxeram este presente... mesmo após eu ter sido tão grosseiro com vocês. Sentem-se, sentem-se. Gostaria de expressar minha gratidão de alguma forma. Suponho que tenham salvado minha sanidade mental, e até mesmo minha vida, talvez. Oh, senhorita, não é um retrato perfeito? Dá a impressão de que vai falar. Meu Little Fellow adorado! Como vou viver sem meu garoto? Não tenho nenhuma razão para continuar daqui para a frente. Primeiro, foi a mãe... agora, ele.

– Era um menino tão encantador! – Anne falou docemente.

– Era mesmo. Meu pequeno Teddy... Theodore foi o nome que a mãe escolheu para ele. Ela dizia que nosso filho era um “presente dos deuses”. Era uma criança tão paciente, nunca se queixava de nada. Uma vez, ele sorriu para mim e disse: “Papai, acho que o senhor está errado em uma coisa; só uma. Acredito que existe um céu para onde vamos quando morremos, não existe? Não existe, papai?”. Respondi que sim, existe, sim. Que Deus me perdoe por eu ter um dia tentado lhe ensinar qualquer outra coisa diferente disso. Então, ele sorriu de novo, satisfeito, e falou: “Bem, papai é para onde eu vou e, como mamãe e Deus também estão lá, vou ficar muito bem. Só estou preocupado com o senhor, papai. Vai ficar terrivelmente solitário sem mim. Mas viva da melhor maneira que puder e

seja gentil com as outras pessoas. Um dia, o senhor vai se encontrar conosco lá no céu”. Ele me fez prometer que eu tentaria, mas, quando meu filho se foi, não pude suportar o vazio que ficou. Teria enlouquecido se vocês não tivessem me trazido esta fotografia. Agora minha vida vai ficar mais suportável.

Jim Armstrong falou sobre Little Fellow por algum tempo, como se encontrasse alívio e prazer nisso. Sua austeridade e seu mau humor haviam desaparecido como por encanto. Quando se calou, Lewis pegou a pequena foto descorada de si mesmo quando criança e mostrou a ele.

– Por acaso, já viu alguém semelhante a esta criança, senhor Armstrong?
– Anne perguntou.

O homem observou a fotografia, perplexo.

– É incrivelmente parecido com meu filho – falou finalmente. – De quem poderia ser esse retrato?

– Meu – Lewis falou –, quando eu estava com 7 anos. Foi por causa da estranha semelhança com Teddy que a senhorita Shirley me fez trazê-lo para mostrar ao senhor. Acho que é possível que eu e o senhor, ou eu e Little Fellow, sejamos parentes distantes. Meu nome é Lewis Allen e meu pai, George Allen. Nasci em New Brunswick.

James Armstrong balançou a cabeça. Em seguida, perguntou:

– Qual era o nome de sua mãe?

– Mary Gardiner.

Em silêncio, James Armstrong olhou bem para Lewis por um momento.

– Ela era minha meia-irmã – disse então. – Mal a conheci; só a vi uma vez. Fui criado na família de um tio após a morte de meu pai. Minha mãe se casou de novo e se mudou para um lugar distante. Ela veio me visitar uma vez e trouxe sua filha, ainda criança. Mamãe morreu logo depois, e nunca mais vi minha meia-irmã novamente. Quando vim morar na ilha, perdi totalmente o contato com ela. Lewis, você é meu sobrinho e primo de Little Fellow.

Essa foi uma notícia surpreendente para um rapaz que havia imaginado que era sozinho no mundo. Anne e Lewis passaram o resto da tarde com o

senhor Armstrong e descobriram que ele era um homem inteligente e culto. De algum jeito, ambos passaram a gostar dele. A forma grosseira como haviam sido recebidos anteriormente foi completamente esquecida, e eles passaram a enxergar apenas o caráter e o temperamento reais e valiosos daquele homem, os quais, até então, estavam ocultos sob uma capa nada promissora.

– Obviamente, Little Fellow não teria amado tanto o pai se fosse diferente – Anne comentou, enquanto ela e Lewis voltavam para Windy Poplars durante o pôr do sol.

Quando Lewis Allen foi visitar seu tio no fim de semana seguinte, este lhe disse:

– Rapaz, venha morar comigo. Afinal, é meu sobrinho, e posso fazer muito por você como teria feito por meu Little Fellow, se ele estivesse vivo. Você é só no mundo, e eu também. Preciso da sua companhia. Quero que me ajude a cumprir a promessa que fiz ao meu filho. O lugar dele está vazio. Venha preenchê-lo.

– Obrigado, tio. Vou tentar – disse Lewis, estendendo a mão.

– E traga aquela sua professora aqui de vez em quando. Simpatizei com essa moça. Little Fellow gostava dela. “Papai”, ele me disse, “eu achava que nunca ia achar bom se alguém que não fosse o senhor me beijasse, mas gostei quando ela fez isso. Havia alguma coisa especial nos olhos dela, papai”.





Capítulo IV

— O velho termômetro da varanda diz que a temperatura agora é zero grau, mas o novo informa dez acima de zero — Anne comentou durante uma tarde gelada de dezembro. — Portanto, não sei se devo usar luvas ou não.

— É melhor se guiar pelo termômetro antigo — recomendou Rebecca Dew, cautelosamente. — Ele provavelmente está mais acostumado ao nosso clima. Afinal, aonde a senhorita vai nesse frio?

— Vou à Temple Street convidar Katherine Brooke para passar o recesso de Natal comigo em Green Gables.

— Se fizer isso, a senhorita vai estragar seus feriados — Rebecca Dew afirmou, solenemente. — Aquela lá seria capaz de menosprezar até mesmo os anjos... quer dizer, se achasse que o céu era suficientemente digno para ela. E o pior de tudo é que tem orgulho de seu comportamento hostil; sem dúvida, acha que se comportar assim demonstra sua superioridade moral!

– Meu cérebro concorda com cada palavra que você diz, mas meu coração se recusa a aceitar isso – Anne falou. – Apesar de tudo, sinto que, por trás desse escudo desagradável, Katherine Brooke não é nada mais do que uma garota tímida e infeliz. Não consigo me aproximar dela em Summerside, mas em Green Gables creio que vai ser mais fácil sensibilizá-la.

– Não vai dar certo. Ela não vai aceitar seu convite – Rebecca Dew profetizou. – É provável que tome isso como um insulto, que pense que a senhorita está praticando um ato de caridade. Uma vez a *convidamos* para a ceia de Natal... um ano antes da chegada da senhorita. A senhora MacComber se lembra, não é? Aquele ano em que ganhamos dois perus e não sabíamos o que fazer com tanta comida. Tudo o que ela disse foi: “Não, obrigada. Se há algo que odeio é a palavra ‘Natal!’”.

– Nossa, odiar o Natal é assustador! Alguma coisa *tem* de ser feita, Rebecca Dew. Vou convidá-la e tenho um pressentimento de que vai acabar aceitando.

– De qualquer modo – Rebecca Dew concluiu, relutante –, quando a senhorita fala que algo vai acontecer, a gente acredita. A senhorita não é sensível, é? A mãe do capitão MacComber era e costumava me causar arrepios.

– Acho que não há nada em mim que possa lhe dar arrepios. Apenas venho sentindo há algum tempo que, com essa amargura aparente, Katherine Brooke esconde o fato de que está quase louca por causa de tanta solidão, e que meu convite combina perfeitamente com o perfil psicológico dela neste momento.

– Não frequentei nenhuma faculdade – disse Rebecca Dew, com grande humildade – e não lhe nego o direito de usar palavras que às vezes não compreendo. Muito menos nego que a senhorita sempre consegue o que quer das outras pessoas: basta ver como foi capaz de conquistar os Pringle. Porém, preciso dizer que tenho pena da senhorita se realmente levar aquela combinação de *iceberg* com vento cortante para passar o Natal em sua casa.

Anne não estava tão confiante quanto fez de conta para si mesma enquanto caminhava até a Temple Street. Katherine Brooke estava realmente intolerável nos últimos tempos. “Tendo sido várias vezes rejeitada”, Anne havia repetido para si mesma, em todas elas e tão sombriamente quanto o corvo de Poe*: “Nunca mais”. Na véspera, inclusive, Katherine tinha sido extremamente desagradável em uma reunião de funcionários da escola. Contudo, em um momento de descuido da colega mais velha, Anne percebeu no fundo dos olhos dela um sentimento intenso, exaltado, uma grande insatisfação, algo que a fez pensar em uma criatura enjaulada.

Anne passou a primeira metade da noite tentando resolver se convidaria Katherine Brooke para ir a Green Gables com ela. Por fim, adormeceu com sua decisão irrevogavelmente tomada.

* * *

A proprietária da pensão a acompanhou até a sala e encolheu os ombros roliços quando Anne pediu para falar com a senhorita Brooke.

– Vou dizer que a senhorita está aqui, mas não sei se ela vai descer. Está amuada. Eu lhe contei mais cedo que a senhora Rawlins disse que a maneira como ela se veste não é apropriada para uma professora da Summerside High School, e Katherine se sentiu ofendida, como sempre.

– Não acho que a senhora deveria ter falado isso com a senhorita Brooke – Anne afirmou, em tom de censura.

– Ora, achei que ela precisava saber – a senhora Dennis respondeu, irritada.

– Também supôs que ela deveria saber que o inspetor a considera uma das melhores professoras das províncias marítimas do Canadá? – Anne indagou. – Ou a senhora não sabia disso?

– Sim, ouvi qualquer coisa a esse respeito. Entretanto, ela já é arrogante demais para ainda receber elogios, não acha? “Orgulhosa” é uma palavra fraca para descrevê-la, embora eu não saiba que motivos ela tem para sentir tanto orgulho. De qualquer modo, é claro que a senhorita Katherine já

estava de mau humor hoje porque eu havia dito que ela não poderia ter um cachorro. Imagine que agora a moça cismou que quer um cachorro! Falou que pagaria pela ração e que ele não me incomodaria. E o que é que eu faria com o animal durante o tempo em que ela estivesse na escola? Fui inflexível. “Não vou hospedar cães”, falei.

– Oh, senhora Dennis, por que não lhe dá permissão para ter um? Ele não perturbaria a senhora, não muito. Poderia mantê-lo no porão enquanto ela estivesse dando aulas. Além disso, um cachorro é sempre uma ótima proteção à noite. Eu gostaria tanto se a senhora deixasse... *por favor!*

Havia sempre um fascínio nos olhos de Anne Shirley quando ela dizia “por favor”, e as pessoas achavam difícil resistir a esse encanto. Além disso, apesar de ser intrometida e ter a língua um pouco maldosa, a senhora Dennis tinha bom coração. O fato é que Katherine Brooke frequentemente a irritava bastante com seus modos indelicados.

– Não vejo que diferença pode fazer para a senhorita se ela possui ou não um cachorro. Não sabia que eram tão amigas. Essa moça *não* tem ninguém. Nunca vi uma pensionista tão antissocial.

– Deve ser por isso mesmo que ela quer um cachorro, Senhora Dennis. Ninguém pode viver sem nenhuma companhia.

– Bem, essa é a primeira característica humana que vejo nela – a senhora Dennis comentou. – Na verdade, nem sei se tenho alguma grande objeção a um cachorro, mas não gostei do modo sarcástico com que a senhorita Brooke me pediu permissão. “Suponho que a senhora não consentiria se eu quisesse trazer um cachorro aqui, não é mesmo?”, perguntou arrogantemente. Ela já veio com a resposta! “Supôs corretamente”, falei, com a mesma empáfia. Como a maioria das pessoas, não gosto de voltar atrás em minhas decisões, mas a senhorita está autorizada a lhe dizer que ela pode ter um cachorro, contanto que me garanta que o animal não vai se comportar mal em minha sala de visitas.

Anne pensou que a sala não poderia ficar muito pior do que já era caso o cachorro realmente se comportasse mal. Chegou a estremecer quando viu as cortinas de renda encardidas e as rosas roxas horrorosas estampadas

no tapete. “Sinto dó de qualquer pessoa que tenha de passar o Natal em uma pensão como esta”, pensou. “Não me surpreende Katherine odiar essa palavra. Bem que eu gostaria de arejar essa sala; ela cheira a mil refeições. *Por que* será que Katherine continua morando aqui, se tem um bom salário?”

– Ela disse que a senhorita pode subir – foi a mensagem que a senhora Dennis trouxe com certa estranheza, pois, como era de se esperar de qualquer outra pessoa, a senhorita Brooke tinha sido cordial com ela.

A escada, estreita e íngreme, era repugnante – parecia não gostar das pessoas –, e ninguém a usava se não fosse realmente necessário. O tapete do *hall* estava muito velho e puído. O quarto pequeno, no fundo do corredor, onde Anne se encontrava agora, era ainda mais sombrio do que a sala. Estava iluminado por uma chama brilhante de lamparina a gás descoberta. Havia uma cama de ferro com uma cavidade no meio do colchão e uma janela estreita – com uma cortina leve – que dava vista para o quintal, onde latas de alumínio se amontoavam por todo o chão. No entanto, mais adiante, estava um céu maravilhoso e uma fileira de álamos que contrastava com colinas longas e arroxeadas à distância.

– Oh, senhorita Brooke, veja este pôr do sol! – Anne exclamou, encantada, assim que se acomodou na cadeira de balanço que rangia e não tinha almofada, e que Katherine lhe havia apontado com certa má vontade.

– Já vi o Sol se pôr um número mais do que suficiente de vezes – a mulher respondeu friamente, sem se mover. (“Veio com essa conversa de pôr do sol só para se mostrar mais sensível do que eu”, ela pensou, amarga.)

– Mas não viu este. Nenhum é igual ao outro. Venha, sente-se aqui e vamos deixar que ele mergulhe em nossas almas – disse Anne. (E pensou: “A senhorita *nunca* fala alguma coisa agradável?”.)

– Não seja ridícula, por favor.

Foram as palavras mais insultantes do mundo! E com um toque extra de ultraje pelo tom de menosprezo na voz de Katherine. Anne desviou os olhos do céu e encarou a moça, sentindo-se bastante inclinada a se

levantar e ir embora. Contudo, achou que havia algo um pouco estranho nos olhos dela. Será que estivera *chorando*? Claro que não... É impossível imaginar Katherine Brooke chorando.

– A senhorita não me faz sentir muito bem-vinda – Anne falou, lentamente.

– Não sei fingir; não tenho *seu* dom extraordinário de sempre agir como uma rainha, dizendo exatamente a coisa certa para cada pessoa. A senhorita *não é* bem-vinda. Que tipo de quarto é este para receber bem seja lá quem for?

Katherine fez um gesto de desdém para as paredes desbotadas, as cadeiras em mau estado e sem almofadas, e a penteadeira bamba, enfeitada com uma toalhinha desgastada de musselina.

– Não é mesmo um quarto bom, mas por que a senhorita mora aqui, se não gosta dele?

– Ora, por quê? Por quê? A *senhorita* não entenderia. E nem precisa. Não me importo com o que os outros pensam. O que a trouxe aqui neste fim de tarde, afinal? Suponho que não tenha vindo exclusivamente para tomar um banho de sol poente.

– Vim convidá-la para passar os feriados de Natal comigo em Green Gables. (“Agora”, Anne pensou, “outro ataque de sarcasmo. Se pelo menos ela se sentasse! Mas não, fica parada de pé, como se estivesse apenas esperando que eu saia”).

No entanto, houve silêncio por um momento. Em seguida, Katherine falou vagarosamente:

– Por que está me convidando? Não é porque gosta de mim. Nem a senhorita poderia fingir isso.

– É porque não suporto pensar em nenhum ser humano passando o Natal em um lugar como *este* – Anne explicou com sinceridade.

Então, veio o sarcasmo.

– Entendo. Um ato repentino e oportuno de caridade. *Ainda* não necessito de tanto, senhorita Shirley.

Anne se levantou. Havia perdido a paciência com essa criatura esquisita e hostil. Atravessou o quarto e olhou diretamente para Katherine.

– Katherine Brooke, caso não saiba disso, o que a senhorita precisa é de uma boa surra!

As duas se entreolharam por alguns segundos.

– Deve ter sido um alívio dizer isso, não? – Katherine quebrou o silêncio, por fim. Entretanto, o tom de insulto havia sumido de sua voz, e havia até mesmo uma leve ameaça de sorriso nos cantos de sua boca.

– Foi mesmo – respondeu Anne. – Faz algum tempo que venho desejando lhe falar isso. A senhorita sabe perfeitamente que não a convidei por caridade. Já contei francamente o que me levou a fazer isso. *Ninguém* deveria passar o Natal aqui, a simples ideia disso é absurda.

– Só me convidou para ir a Green Gables porque tem pena de mim.

– Sim, tenho pena da senhorita, pois se fechou para a vida, e agora é ela que a está deixando de fora. Pare com isso, Katherine! Abra suas portas para a vida. Deixe-a entrar.

– A versão Anne Shirley do antigo provérbio: “A vida é como um espelho: vai sorrir para nós se sorrirmos para ela” – disse Katherine, encolhendo os ombros.

– Como todos os provérbios, esse é absolutamente verdadeiro. Bem, vai ou não passar o Natal em Green Gables comigo?

– O que diria se eu aceitasse o convite? A si mesma, não a mim.

– Eu pensaria que, pela primeira vez desde que a conheci, a senhorita estaria demonstrando um leve sinal de bom senso – Anne respondeu.

Surpreendentemente, Katherine riu. Depois, foi até a janela, olhou com desprezo para os raios fracos que restavam do desdenhado pôr do sol, virou-se para Anne e afirmou:

– Pois bem, eu vou. Agora a senhorita pode fingir que está muito contente e me dizer que vamos nos divertir bastante.

– Estou realmente feliz, senhorita Brooke. Mas não sei se vai se divertir ou não. Isso vai depender muito da senhorita.

– Vou me comportar bem. Vai ficar surpresa. A senhorita certamente não vai me achar uma hóspede alegre e animada, suponho, mas prometo que não vou comer com a faca nem insultar as pessoas quando elas me disserem que o dia está lindo. Agora, vou admitir com franqueza que a única razão pela qual aceitei seu convite foi o fato de que nem eu mesma tolero a ideia de ficar aqui sozinha durante os feriados do fim de ano. A senhora Dennis vai passar a semana do Natal com a filha, em Charlottetown. Não gosto nem de pensar em ter de preparar minhas refeições: sou uma péssima cozinheira. Neste caso, temos o triunfo da matéria sobre a mente. Mas tenho uma condição: a senhorita tem de me dar sua palavra de honra que não vai me desejar um feliz Natal. Não quero estar feliz no Natal.

– Prometo. Entretanto, não posso responder pelos gêmeos.

– Não vou convidá-la para se sentar aqui, a senhorita congelaria. Porém, vejo que há uma bela Lua no lugar de seu pôr do sol, e, se a senhorita quiser, vou acompanhá-la até sua casa e ajudá-la a admirar o céu.

– Eu quero – Anne falou, com veemência. – Mas gostaria que a senhorita soubesse desde já que temos luas muito mais encantadoras em Avonlea.

– Está me dizendo que ela vai?! – perguntou Rebecca Dew enquanto enchia a bolsa de água quente de Anne. – Ora, senhorita Shirley, espero que nunca tente me converter ao islamismo: provavelmente, conseguiria. Onde está Aquele Gato? Deve estar lá fora, divertindo-se pelas ruas de Summerside com a temperatura a zero grau.

– Não no termômetro novo. Dusty Miller está encolhido sobre a cadeira de balanço perto do meu fogareiro no quarto da torre, ronronando alegremente.

– Que bom! – exclamou Rebecca Dew, estremecendo ao fechar a porta da cozinha. – Gostaria que todo mundo estivesse abrigado e agasalhado como nós esta noite.





Capítulo V

Quando partiu de Windy Poplars, Anne não sabia que uma pequena e melancólica Elizabeth a espiava pela janela de um dos sótãos de The Evergreens. Uma Elizabeth que tinha lágrimas nos olhos e se sentia a mais Lizzie de todas as Lizzies, como se tudo o que fazia a vida valer a pena tivesse ido embora, ainda que temporariamente, de sua vida. E assim que o trenó que levava Anne à estação dobrou a esquina da Spook's Lane e sumiu de vista, a menina se ajoelhou ao lado da cama.

– Querido Deus – murmurou –, sei que não adianta pedir ao Senhor um Natal feliz para mim, porque vovó e a Mulher nunca ficariam felizes, mas, por favor, permita que a minha querida senhorita Shirley tenha um Natal muito, muito feliz, e traga-a de volta sã e salva quando os feriados terminarem.

Em seguida, levantou-se, dizendo:

– Pronto! Fiz tudo o que eu podia.

A essa altura, Anne já saboreava a alegria do Natal. Quando o trem deixou a estação, a moça estava verdadeiramente radiante. As ruas feias iam ficando para trás: estava indo para seu lar adorado... para Green Gables! Lá fora, o mundo estava branco, dourado, lilás e salpicado aqui e acolá pela magia dos abetos escuros e pela delicadeza das bétulas sem folhas. À medida que o trem ganhava velocidade, o Sol baixo atrás dos bosques nevados parecia correr entre as árvores como uma divindade esplêndida. Katherine estava em silêncio, mas não parecia mal-humorada.

– Não espere que eu converse – tinha advertido Anne secamente.

– Fique tranquila. Espero que não pense que sou uma daquelas pessoas terríveis que fazem com que as outras sintam que têm de falar com elas o tempo todo. Só vamos conversar se tivermos vontade. Admito que é provável que eu fale durante boa parte do tempo, mas a senhorita não é obrigada, de jeito nenhum, a dar atenção ao que vou dizer.

Davy se encontrou com elas na estação de Bright River com um trenó espaçoso de dois lugares, muitas mantas de lã... e um abraço de urso para Anne. As duas moças se aconchegaram no banco de trás. A viagem da estação até Green Gables sempre foi uma parte muito prazerosa dos fins de semana de Anne em Avonlea. Sempre que fazia esse percurso, ela se lembrava da primeira vez, com Matthew. Aquela havia sido na primavera, e agora era dezembro; entretanto, tudo ao longo da estrada parecia perguntar: “Você se lembra?”.

A neve se encrespava sob o trenó, a música dos sinos tilintava entre as fileiras de abetos altos, pontiagudos e esbranquiçados. O Caminho Branco do Encantamento estava enfeitado com pequenas grinaldas de cristais de gelo nas árvores. E, ao chegar à penúltima colina, elas puderam avistar, sob a Lua, o golfo grande, branco e misterioso, mas ainda não completamente coberto de gelo.

– Tem apenas um lugar nesta estrada no qual eu sempre sinto, subitamente, que estou em casa – disse Anne. – É o topo da próxima colina, de onde vamos ver as luzes de Green Gables. Só consigo pensar no

jantar que Marilla está preparando para nós. Acho que até consigo sentir o aroma. Oh, como é bom, muito bom, estar em casa novamente!

Em Green Gables, cada árvore parecia lhe dar as boas-vindas, e cada janela iluminada parecia acenar para ela. E como estava delicioso o cheiro da cozinha de Marilla quando a porta foi aberta! Houve abraços, exclamações e risos. De alguma forma, até Katherine dava a impressão de ser de casa, e não uma estranha. A senhora Rachel Lynde havia colocado sua lamparina de estimação acesa sobre a mesa. Era um objeto realmente feio, com um globo vermelho horroroso, mas que luz rosada e calorosa ele irradiava sobre tudo! Como as sombras eram belas e animadoras! Como Dora estava crescendo e ficando cada vez mais bonita! E Davy já parecia quase um homem.

Havia novidades. Diana tinha uma filhinha, e Josie Pye, um namorado; e diziam que Charlie Sloane estava noivo. As notícias eram todas tão interessantes quanto se fossem sobre o Império. A nova colcha de *patchwork* da senhora Lynde, recém-terminada e contendo cinco mil retalhos, estava exposta e recebeu os merecidos elogios.

– Quando você vem para casa, Anne – Davy falou –, tudo parece ganhar vida.

– É assim que a vida deveria ser o tempo todo – pareceu ronronar a gata de Dora.

– Sempre achei difícil resistir ao encanto de uma noite de luar – disse Anne, depois do jantar. – Que tal um passeio com sapatos próprios para a neve, senhorita Brooke? Acho que já ouvi falar que tem muita habilidade para caminhar na neve.

– Sim, é a única coisa que sei fazer bem, mas não uso esses sapatos há seis anos – Katherine reconheceu, encolhendo os ombros.

Anne tirou do baú seus calçados em forma de raquete para andar na neve, e Davy correu até Orchard Slope para pegar emprestado um par antigo de Diana para Katherine. Elas percorreram a Vereda dos Apaixonados, cheia de sombras adoráveis das árvores, e atravessaram campos – onde pequenos abetos jovens margeavam as cercas –, bosques

cheios de segredos – que pareciam estar sempre a ponto de sussurrar algo para quem passasse por ali, mas nunca o faziam – e clareiras que pareciam lagoas de prata.

Anne e Katherine não quiseram conversar; ficaram em silêncio. Era como se temessem falar e, com isso, estragar algo muito bonito. Entretanto, Anne nunca tinha se sentido tão perto de Katherine Brooke. Por algum encanto próprio, a noite de inverno havia aproximado as duas... *um pouco*, não muito.

Quando chegaram à estrada principal e um tremó passou por elas rapidamente, com os sinos badalando e risadas ecoando, elas suspiraram involuntariamente. Ambas tiveram a impressão de que acabavam de deixar para trás um mundo que não tinha nada em comum com aquele ao qual retornavam: um mundo onde o tempo não existia, um mundo eternamente jovem, em que as almas comungavam umas com as outras de uma forma que não requeria nada tão banal como as palavras.

– Foi maravilhoso – disse Katherine, mas estava tão claro que havia falado para si mesma que Anne não respondeu.

Então percorreram a estrada e entraram na alameda de Green Gables. Porém, pouco antes de chegar ao portão da propriedade, as duas pararam como por um impulso comum e ficaram em silêncio, encostadas na velha cerca de musgo, olhando pensativamente para a casa antiga e acolhedora que podia ser vista vagamente atrás do véu de árvores. Como Green Gables era linda em uma noite de inverno!

Mais abaixo, o Lago das Águas Brilhantes estava coberto de gelo, enfeitado em suas bordas com sombras de árvores. O silêncio estava por toda parte, exceto pelo trote de um cavalo atravessando a ponte. Anne sorriu ao recordar quantas vezes tinha ouvido aquele barulho, deitada em seu quarto no sótão, e fingia para si mesma que era o galope de cavalos de fadas passeando à noite.

Subitamente, outro som se fez presente.

– Katherine... você não está... ora, você está chorando?!

Parecia impossível pensar em Katherine chorando. No entanto, ela estava mesmo, e de repente suas lágrimas a humanizaram. Anne já não sentia mais receio dela.

– Katherine... querida Katherine... o que foi? Posso ajudar?

– Oh, você não entenderia! – a outra murmurou. – Tudo sempre foi fácil para Anne Shirley. Você parece... parece viver em um mundo encantado de beleza e romance. “Qual será a descoberta adorável que vou fazer hoje?” Tenho a impressão de que essa é sua atitude perante a vida, Anne. Quanto a mim, esqueci como viver. Ou melhor, eu nunca soube. Sou... sou como uma criatura presa em uma jaula. Não consigo me libertar. E sinto que tem sempre alguém me cutucando com uma vara por entre as grades. E a senhorita... ora, nem sabe o que fazer com toda a felicidade que possui. Amigos em todos os lugares... um namorado! Não que eu queira um, pois detesto os homens, mas, se eu morresse esta noite, nenhuma alma viva sentiria minha falta. Já parou para pensar como seria se não tivesse nenhum amigo no mundo?

Katherine teve um novo acesso de choro.

– Você diz que gosta de franqueza, portanto, vou ser franca. Se não tem mesmo nenhum amigo, como está afirmando, a culpa é inteiramente sua, Katherine. Tento ser sua amiga, mas você me trata com farpas e espinhos.

– Eu sei... eu sei. Como odiei você quando chegou a Summerside! Ostentando seu anel de noivado...

– Katherine, eu não ostentei nada!

– Suponho que não, mesmo. É só meu ódio nato. Mas ele parecia se exibir por si mesmo. Não que eu a invejasse por seu namorado. Nunca desejei me casar. Quanto a isso, vi o suficiente com meu pai e minha mãe. Porém, detestei ver você me ultrapassar mesmo sendo mais jovem do que eu. Fiquei contente quando os Pringle criaram problemas para você, que parecia ter tudo o que eu não possuía: encanto, amizades, juventude. Juventude! Minha juventude foi carente de tudo. Você não sabe nada sobre isso. Não sabe... não tem a menor ideia do que é não ser amada por ninguém... ninguém!

– Ora, é claro que sei! – Anne exclamou.

Em poucas frases comoventes, ela contou como foi sua infância antes de sua ida para Green Gables.

– Gostaria de ter sabido disso antes – Katherine lamentou. – Tudo teria sido diferente. Para mim, você parecia ser uma daquelas pessoas abençoadas pelo destino. Como sofri com inveja de você! Além de tudo, ainda ficou com o cargo que eu queria. Eu sei que é mais qualificada, mas, mesmo assim, não me conformei. E você é bonita, ou, pelo menos, faz as pessoas acreditarem que é. Minha lembrança mais antiga é a de alguém dizendo: “Que criança feia!”. Você fascina as pessoas quando entra em algum lugar; eu me recordo bem da primeira manhã em que chegou à escola. Contudo, acho que a verdadeira razão pela qual a odiei tanto foi o fato de sempre parecer que tem uma felicidade secreta, como se cada dia da sua vida fosse uma bela aventura. Apesar de minha cólera, houve momentos em que admiti para mim mesma que você só poderia ter vindo de alguma estrela distante.

– Francamente, Katherine, você me deixa sem fôlego com todos esses elogios. Mas agora não me odeia mais, não é? Podemos ser amigas a partir de hoje.

– Não sei. Nunca tive nenhum amigo de nenhuma espécie, muito menos alguém mais ou menos da minha idade. Não pertenco a lugar nenhum, nunca pertenci. Acho que não sei ser amiga. Oh, não, não a odeio mais. Na verdade, não sei o que sinto por você. Suponho que seu famoso encanto já tenha começado a produzir efeito sobre mim. Só sei que tenho vontade de falar com você sobre minha vida. Eu jamais poderia fazer isso se você não tivesse me contado como foi a *sua* antes de vir morar em Green Gables. Quero que entenda o que me levou a ser como sou. Não sei por que, mas desejo que você me compreenda.

– Então me conte tudo, Katherine querida. Eu realmente quero entendê-la.

– Admito que você saiba *bem* como é não ser amada; no entanto, não tem noção do que seja estar ciente de que seus pais não querem você. Foi o

que aconteceu comigo. Meu pai e minha mãe me odiaram desde o momento em que nasci, e até antes: eles se detestavam. Sim, meus pais abominavam um ao outro. Brigavam o tempo todo; eram discussões horríveis, mesquinhas e sem propósito. Minha infância foi um pesadelo. Eles morreram quando eu tinha 7 anos, e fui morar com a família de tio Henry, que também não me queria. Todos se achavam superiores a mim porque eu *vivia da caridade* deles. Eu me lembro de todas as ofensas que recebi, de cada uma delas. E não me recordo de nenhuma palavra gentil. Tinha de usar as roupas descartadas de minhas primas. Não consigo me esquecer, em particular, de um chapéu horrível que me deixava parecida com um cogumelo. Todos zombavam de mim quando eu o colocava na cabeça. Um dia, rasguei e queimei o chapéu. Depois disso, tive de usar um gorro ainda mais horroroso para ir à igreja durante todo o resto do inverno. Nunca pude ao menos ter um cachorro... e como eu quis um! Eu tinha alguma inteligência e ansiava por um curso de bacharelado, mas, naturalmente, isso era o mesmo que desejar a Lua. No entanto, surpreendentemente, tio Henry concordou em financiar meus estudos na Queen's Academy, com a condição de que eu lhe restituísse o dinheiro quando conseguisse um emprego em uma escola. Meu tio pagou minha hospedagem em uma pensão de péssima qualidade, onde eu tinha um quarto sobre a cozinha. Era um cômodo gelado no inverno, tórrido no verão e com cheiro de comida estragada em todas as estações do ano. Oh, e as roupas que eu tinha de usar para frequentar a Queen's! Mesmo assim, consegui minha licença para lecionar e uma vaga na Summerside High School – o único presente da sorte que já recebi. Desde então, venho me sacrificando e economizando cada centavo para pagar ao tio Henry não só o que ele gastou com a Queen's, como também o dinheiro que investiu em minha estadia durante os anos em que estudei lá. Estava determinada a não dever nem mesmo um centavo a ele. É por isso que estou hospedada com a senhora Dennis e me visto mal. Finalmente, agora acabei de quitar minha dívida. Pela primeira vez na vida, me sinto livre. Nesse meio-tempo, entretanto, levei minha vida pessoal por um caminho errado. Sei que sou

antissocial, que nunca consigo pensar na coisa certa a dizer, que a culpa é minha se sempre sou ignorada e negligenciada nos eventos sociais. Sei também que transformei o ser desagradável em uma arte, que sou sarcástica, que meus alunos me consideram uma tirana e me odeiam. Você acha que não me machuca saber disso? Eles sempre parecem ter medo de mim. Eu detesto pessoas que me olham como se me temessem. Oh, Anne, o ódio se tornou uma doença em mim. Eu queria muito ser como as outras pessoas, mas já não posso mais. Isso é o que me torna tão amarga.

– É lógico que pode! – Anne pôs o braço ao redor do ombro de Katherine. – Você pode tirar o ódio de seu coração, curar-se dele. Agora, a vida está só começando para você, já que está totalmente livre e independente. E nunca se sabe o que vamos encontrar depois de uma curva na estrada.

– Já ouvi você dizer isso uma vez; ri muito da sua “curva na estrada”. O problema é que não há nenhuma curva em minha estrada. Posso vê-la se estendendo à minha frente até a linha do horizonte: monotonia sem fim. Existem momentos em que a vida *assusta* você, Anne, com seu *vazio*, sua enorme quantidade de pessoas frias e desinteressantes? Não, é claro que não. Você não precisa lecionar pelo resto da vida. E tudo indica que acha todo mundo interessante, até mesmo aquela criatura pequena, redonda e vermelha que você chama de Rebecca Dew. A verdade é que detesto dar aulas, e não há mais nada que eu saiba fazer. Um professor é simplesmente um escravo do tempo. Sim, sei que você gosta de lecionar, só não entendo como consegue. Anne, eu quero viajar... é o que sempre desejei de verdade. Lembro-me do único quadro que havia nas paredes de meu quarto no sótão de tio Henry. Era uma fotografia velha e desbotada, descartada com desdém de algum quarto. Viam-se palmeiras ao redor de uma nascente no deserto e uma fila de camelos andando ao longe. Aquela cena me fascinava, literalmente. Eu sempre quis encontrar aquele deserto e tenho uma grande vontade de ver a constelação do Cruzeiro do Sul, o Taj Mahal e as colunas do Templo de Karnak. Quero saber – e não apenas acreditar – que o mundo é redondo. Ora, nunca vou poder visitar esses

lugares com o salário de professora. Tenho de continuar eternamente tagarelando sobre as esposas do rei Henrique VIII da Inglaterra ou os recursos inesgotáveis do Império Britânico.

Anne riu. Naquele momento, era seguro rir: a amargura havia desaparecido da voz de Katherine, que soava meramente pesarosa e aflita.

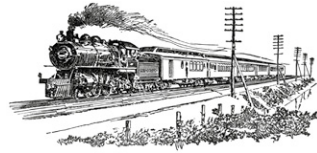
– Seja como for, vamos ser amigas e passar dez dias alegres aqui para começar nossa amizade. Eu sempre quis ser sua amiga, Katherine... com K! Sentia que, por trás de suas farpas, havia alguma coisa que faria valer a pena ser sua amiga.

– Então era isso que você pensava de mim? Eu costumava ter essa curiosidade. Bem, o pau que nasceu torto vai tentar se endireitar, se é que isso é possível. Talvez seja. Posso acreditar em quase tudo nesta sua Green Gables. É o primeiro lugar, entre todos em que já estive, que me dá a sensação de *lar*. Eu realmente gostaria de ficar mais parecida com as outras pessoas... se não for tarde demais. Vou até treinar um sorriso iluminado para quando seu Gilbert chegar, amanhã à noite. É óbvio que me esqueci de como falar com rapazes, se é que algum dia eu soube. Ele vai simplesmente me achar uma velha solteirona imatura. Estou me perguntando se, quando eu for para a cama, hoje, estarei furiosa comigo por ter tirado minha máscara e deixado você ver minha alma frágil.

– Nada disso. Você vai pensar: “Estou contente por ela ter descoberto que sou humana”. Vamos nos aconchegar em cobertores felpudos e confortáveis, provavelmente com duas bolsas de água quente, pois é bastante possível que Marilla providencie uma e a senhora Lynde também, cada uma com medo de que a outra se esqueça desse cuidado. E você vai se sentir deliciosamente sonolenta, após esta caminhada sob o luar gélido, e adormecer. Então, quando acordar, vai perceber que já amanheceu e vai se sentir como se fosse a primeira pessoa a descobrir que o céu é azul. Em seguida, vai aprender a preparar um tradicional pudim de ameixas, já que vai me ajudar a fazer um para terça-feira... um pudim bem grande e recheado de ameixas.

Anne se surpreendeu com a boa aparência de Katherine quando as duas entraram em casa. A longa caminhada ao ar puro e frio tinha deixado seu rosto radiante e ruborizado, o que fez toda a diferença do mundo em seu semblante.

“Ela ficaria bonita se usasse roupas e chapéus mais apropriados para seu tipo”, Anne refletiu, tentando imaginar como ficaria certo chapéu de veludo vermelho-escuro – que tinha visto em uma loja de Summerside – sobre o cabelo negro de Katherine, realçando seus olhos cor de âmbar. “Tenho de pensar sobre o que pode ser feito quanto a isso.”





Capítulo VI

Sábado e segunda-feira foram dias cheios de atividades em Green Gables. O pudim de ameixas foi preparado, e a árvore de Natal, trazida para casa. Katherine, Anne, Davy e Dora foram ao bosque à procura de um pinheiro e se decidiram por um abeto jovem e belo, com cujo corte Anne só concordou porque ele estava em uma pequena clareira do senhor Harrison que, inevitavelmente, seria arada na primavera.

Eles caminharam entre as árvores reunindo galhos de pinheiros para montar guirlandas e até encontraram, em um vale fundo do bosque, algumas samambaias que continuavam verdes durante todo o inverno. Quando a noite anunciou sua chegada sobre os topos brancos das colinas, os quatro voltaram triunfantes para Green Gables, onde encontraram um homem alto e jovem, com olhos castanhos e um início de bigode que o fez

parecer tão mais velho e maduro que Anne teve um momento terrível em que se perguntou se aquele era realmente Gilbert ou um estranho.

Katherine, com um leve sorriso que tentou, em vão, ser sarcástico, deixou-os na sala e foi brincar com os gêmeos na cozinha por um bom tempo. A certa altura, para sua surpresa, ela se deu conta de que estava se divertindo. E gostou ainda mais de descer ao porão com Davy e constatar que, verdadeiramente, ainda restavam no mundo coisas como maçãs doces.

Até então, ela nunca havia estado no porão de uma casa no campo e não tinha a menor ideia de como ele poderia ser um local sinistro e sombrio, mas, ao mesmo tempo, encantador à luz de velas. A vida já parecia mais agradável. Pela primeira vez, Katherine se deu conta de que a vida poderia ser bonita até mesmo para ela.

Assim que o sol nasceu, na manhã de Natal, Davy fez barulho suficiente para acordar os Sete Adormecidos^{**}: subia e descia a escada badalando um sino velho. Marilla ficou horrorizada com a atitude do garoto, pois havia uma hóspede na casa; porém, Katherine desceu a escada rindo. De alguma forma, uma estranha camaradagem havia surgido entre ela e Davy. A moça já tinha comentado francamente com Anne que não se identificava em nada com a impecável Dora, mas sentia que ela e Davy eram farinha do mesmo saco.

Todos se reuniram na sala e distribuíram os presentes antes do café da manhã porque os gêmeos – sim, a comportada Dora inclusive – não conseguiriam comer se não fosse assim. Katherine, que não esperava ganhar nada de ninguém, exceto, talvez, uma pequena lembrança de Anne por obrigação, se viu recebendo vários presentes. A senhora Lynde lhe deu uma manta de crochê; Dora, um sachê com raízes de lírio; Davy, uma espátula; Marilla, uma cesta cheia de pequenos potes de geleias e conservas de frutas; e até de Gilbert, um peso para papel feito de bronze em forma de gato.

E, amarrado ao tronco da árvore, enrolado em um pedaço de cobertor de lã, estava um pequeno e adorável filhote de cão, com olhos castanhos, orelhas sedosas e alertas, e cauda bajuladora. Preso ao pescoço do animal,

um cartão onde se lia: “De Anne, que ousa, afinal de contas, desejar a você um feliz Natal”.

Katherine pegou-o nos braços e falou com voz trêmula:

– Anne, ele é adorável! Contudo, a senhora Dennis jamais vai permitir que eu fique com ele. Eu lhe pedi autorização para ter um cachorro, e ela negou.

– Já conversei com a senhora Dennis. Você vai descobrir que ela está de acordo. E, de qualquer maneira, Katherine, você não vai ficar lá por muito mais tempo. Pode encontrar um lugar melhor para morar, agora que pagou tudo o que achava que devia. Veja como é linda a caixa de papel de carta que Diana me enviou. Não é fascinante olhar para as páginas em branco e se perguntar o que estará escrito nelas no futuro?

A senhora Lynde estava grata por ser um Natal branco, pois acreditava na antiga superstição de que, quando não nevava nessa data, haveria depois muitas doenças e mortes. Entretanto, para Katherine, aquele pareceu um Natal lilás, vermelho e dourado. E a semana seguinte foi tão esplêndida quanto aquele dia. Ela havia se perguntado tantas vezes, frequente e amargamente, como seria a felicidade, e agora, finalmente, descobria. E desabrochou de um jeito tão surpreendente que Anne percebeu que gostava de sua companhia.

“E pensar que tive medo de que Katherine Brooke arruinasse meus feriados de Natal!”, ela refletiu, perplexa.

“E pensar que eu estava prestes a recusar o convite de Anne para passar esses dias aqui!”, Katherine disse para si mesma.

As duas fizeram longas caminhadas pela Vereda dos Apaixonados e pelo Bosque Assombrado, onde o simples silêncio parecia um grande amigo; por colinas sobre as quais a neve fina caía lembrando uma dança de duendes no inverno; por antigos pomares cheios de sombras arroxeadas; entre matas banhadas por raios gloriosos de sol poente. Não havia pássaros para cantar ou piar, nem riachos para borbulhar, nem esquilos para tagarelar. Entretanto, o vento criava uma música ocasional que tinha em qualidade o que faltava em quantidade.

– Sempre é possível encontrar algo maravilhoso para contemplar ou escutar – disse Anne.

As duas falavam de “repolhos e reis”,^{***} confidenciavam metas grandiosas e voltavam para casa com um apetite cuja dimensão podia até ser constatada na despensa de Green Gables.

Um dia, choveu, e elas não puderam sair. O vento leste soprava fortemente lá fora, e o golfo, cinzento, urrava. Contudo, em Green Gables, até mesmo um temporal tinha seus encantos. Era aconchegante sentar-se perto do fogão e ficar observando, sonhadoramente, a luz do fogo brilhar no teto da cozinha enquanto se saboreava maçãs e doces. Como era gostoso jantar com a chuva caindo ruidosamente lá fora!

Houve um fim de tarde em que Gilbert as levou para ver Diana e sua filha recém-nascida.

– Nunca, em toda a minha vida, eu tinha carregado um bebê – disse Katherine enquanto voltavam para casa. – Primeiro porque não quis, e depois por receio de que ele se despedaçasse em meu colo. Vocês não podem imaginar como me senti... tão grande e desajeitada, com aquele ser minúsculo e delicado em meus braços. Notei que a senhora Wright pensou o tempo todo que eu o deixaria cair. Pude vê-la se esforçando para esconder seu terror. Mas ela – e estou me referindo ao bebê – me tocou... só não compreendi ainda de que forma.

– Bebês são criaturas tão fascinantes – Anne falou, pensativa. – São, o que ouvi alguém dizer em Redmond, “porções fabulosas de potencialidades”. Pense nisto, Katherine: Homero, o poeta grego, já foi um bebê, um bebê com covinhas e olhos grandes e cheios de luz. Dizem que era cego, mas é claro que ele enxergava quando nasceu.

– Sinto pena ao pensar que a mãe dele não sabia quem ele se tornaria – Katherine comentou.

– Por outro lado, suponho que fico contente ao pensar que a mãe de Judas não sabia que tipo de homem ele seria – Anne respondeu, suavemente. – Espero que ela nunca tenha vindo a saber.

* * *

Houve um *show* no clube, certa noite, seguido por uma festa na casa de Abner Sloane, e Anne convenceu Katherine a ir aos dois eventos.

– Quero que você leia para nós como parte do programa de apresentações, Katherine. Ouvi dizer que você recita esplendidamente.

– Eu costumava declamar. Acho que até gostava de fazer isso. Contudo, no verão anterior ao passado, recitei em um *show* na praia que um grupo de turistas organizou. Logo depois, notei que estavam rindo de mim.

– Como sabe que era de você que eles riam?

– Só podia ser. Não havia nenhum outro motivo para rirem.

Anne disfarçou um sorriso e insistiu no convite.

– Recite “Genevra” — quando a plateia pedir mais uma apresentação. Já me disseram que você faz isso maravilhosamente. A senhora Stephen Pringle me contou que não pregou o olho na noite em que a ouviu declamar esse poema.

– Não, nunca gostei de “Genevra”. Como ele está no livro de leitura dos alunos, eu ocasionalmente mostro a eles como deve ser lido, mas não tenho nenhuma paciência com “Genevra”. Por que ela não gritou quando viu que estava presa? É claro que alguém a teria encontrado quando procuravam por ela em todos os lugares.

Por fim, Katherine prometeu fazer a leitura. No entanto, estava insegura quanto à festa.

– Está bem, eu vou, mas ninguém vai me convidar para dançar, e vou me sentir rejeitada, envergonhada e sarcástica. Sempre fico triste em festas; quer dizer, nas poucas a que já fui. Parece que ninguém acha que sei dançar. Mas sabe, Anne, eu danço razoavelmente bem. Aprendi na casa de tio Henry, porque uma pobre criada que eles tinham também queria saber dançar, então treinávamos juntas na cozinha, à noite, ao som da música que vinha da sala. Acho que eu gostaria de dançar... com o parceiro certo, claro.

– Você não vai ficar triste na festa de Abner Sloane, Katherine. Não vai observar de fora. Há uma diferença enorme, sabe, entre estar dentro olhando para fora e estar fora olhando para dentro. Seu cabelo é tão bonito, Katherine! Você se importaria se eu tentasse fazer um penteado diferente?

Katherine encolheu os ombros.

– Ora, vá em frente. Suponho que meu cabelo esteja mesmo horrível, mas não tenho tempo para ficar me enfeitando. Não possuo nenhum vestido de festa. Será que aquele de tafetá verde serve?

– Vai ter de servir... embora a cor verde seja, entre todas, a que menos combina com você, minha querida. Por isso, vai usar também um colarinho de *chiffon* vermelho que fiz para você. Vamos prendê-lo com alfinetes. Sim, vai ficar ótimo. Você deveria ter um vestido vermelho, Katherine.

– Sempre odiei vermelho. Quando fui morar com o tio Henry, a tia Gertrude sempre me fazia usar aventais de um tom de vermelho forte e brilhante. As outras crianças da escola costumavam gritar “Fogo!” quando eu chegava com um desses aventais sobre o vestido. De qualquer modo, não devo me importar com roupas.

– Santa Paciência! Roupas são muito importantes – Anne falou severamente enquanto trançava e enrolava o cabelo da amiga.

Depois examinou seu trabalho e constatou que o resultado tinha sido bom. Então pôs as mãos sobre os ombros de Katherine e a colocou diante do espelho.

– Você não acha, sinceramente, que somos um par de moças bastante formosas? – Anne riu. – E não é realmente adorável pensar que as pessoas vão gostar de olhar para nós? Existe tanta gente sem graça que seria bem mais atraente se desse um pouco mais de atenção à aparência... Três domingos atrás, na igreja... lembra-se daquele dia em que o velho senhor Milvain, coitado, fez o sermão, mas estava tão gripado que ninguém conseguia entender o que ele falava? Bem, fiquei o tempo todo embelezando mentalmente as pessoas ao meu redor. Dei um nariz novo à

senhora Brent, soltei o cabelo de Mary Addison e enxaguei o de Jane Marden com suco de limão; vesti Emma Dill de azul em vez de marrom e troquei a roupa xadrez de Charlotte Blair por uma listrada. Removi várias manchas de pele e verrugas e tirei as longas e crespas costeletas de Thomas Anderson. Você não reconheceria ninguém quando terminei minhas mudanças. E com exceção, talvez, do nariz da senhora Brent, os outros poderiam fazer por si mesmos tudo aquilo que eu fiz. Katherine, seus olhos têm uma cor linda de chá de âmbar, entre o castanho e o amarelo. Faça jus ao seu nome esta noite: afinal, um riacho^{*****} deve ser cintilante, límpido, alegre.

– Tudo o que não sou.

– Tudo o que tem sido nos últimos dias. Logo, você *pode* ser assim.

– É só a magia de Green Gables. Quando eu voltar para Summerside, o relógio terá soado meia-noite para a Cinderela.

– A magia vai junto com você. Olhe para sua imagem! Você está agora como deveria ser o tempo todo.

Katherine contemplou seu reflexo no espelho como se estivesse duvidando de sua identidade.

– Realmente, pareço anos mais jovem – admitiu. – Você estava certa, as roupas podem fazer muito por nós. Sei que pareço mais velha do que sou. Porém, nunca me importei. Por que deveria? Ninguém mais se importava. Além disso, não sou como você, Anne, que parece ter nascido sabendo como viver. Eu não sei nada sobre a vida... nem mesmo o ABC. Será que é tarde demais para aprender? Tenho sido sarcástica por tanto tempo que não sei se consigo ser diferente. Para mim, o sarcasmo foi a única maneira que encontrei de impressionar as pessoas. E penso também que sempre temi a companhia dos outros, por medo de falar bobagens e receio de que rissem de mim.

– Katherine Brooke, olhe-se neste espelho e leve esta imagem com você: um cabelo deslumbrante emoldurando seu rosto, em vez de puxado para trás, olhos brilhantes como duas estrelas, um leve rubor de entusiasmo nas bochechas. Assim, você não vai ter medo de nada. Agora venha, senão

vamos nos atrasar. Felizmente, os participantes têm o que escutei Dora chamar de assentos “preservados” na plateia.

Gilbert as levou ao clube. Como era tudo semelhante aos velhos tempos, exceto por Katherine, que estava com ela no lugar de Diana! Anne suspirou. Os interesses de Diana eram agora bem diferentes: nada de *shows* e festas, por enquanto.

A noite estava magnífica. A estrada parecia feita de cetim prateado, sob o céu verde-pálido a oeste, após uma leve nevasca. Órion, o gigante da mitologia grega colocado entre as estrelas na forma de uma constelação, trilhava seu caminho majestoso pelos céus. E colinas, campos e bosques repousavam em um silêncio tranquilo.

O recital de Katherine cativou a audiência desde a primeira linha, e na festa não houve música suficiente para todos os rapazes que quiseram dançar com ela. Subitamente, a moça se viu rindo sem amargura.

Quando voltaram para Green Gables, aqueceram os pés no fogo da lareira da sala, à luz de duas velas generosas. Mais tarde, a senhora Lynde entrou no quarto delas, na ponta dos pés, para perguntar se queriam mais cobertores e garantir a Katherine que seu cãozinho estava confortavelmente acomodado e aquecido em uma cesta atrás do fogão da cozinha.

“Tenho um novo olhar para a vida”, pensou Katherine, quase adormecendo. “Eu não sabia que existiam pessoas assim no mundo.”

– Venha mais vezes – disse Marilla, quando estavam se despedindo.

Marilla nunca dizia isso para ninguém, a não ser que realmente desejasse a visita.

– É claro que ela vem! – Anne exclamou. – Para fins de semana... e para *semanas* durante o verão. Vamos armar fogueiras e trabalhar no jardim, colher maçãs e cuidar das vacas; remar no lago e nos perder nos bosques... Katherine, quero lhe mostrar o jardim da pequena Hester Gray, Echo

Lodge e o Vale das Violetas, quando estiver completa e magnificamente florido.





Capítulo VII

Windy Poplars,
A rua por onde fantasmas (supostamente) andam,
5 de janeiro



Meu estimado amigo,
A avó de tia Chatty não escreveu nada disso. É só algo
que ela teria escrito se tivesse lhe ocorrido.

Fiz uma resolução de ano novo: vou escrever cartas de amor sensatas.
Você acha possível uma coisa dessas?

Deixei para trás minha adorada Green Gables, mas voltei para a querida
Windy Poplars. Rebecca Dew tinha acendido o fogo no quarto da torre e
colocado uma bolsa de água quente em minha cama.

Fico tão contente quando penso que gosto de Windy Poplars. Seria
horrível morar onde eu não me sentisse bem, em um lugar que não me
parecesse amigável, que não me desse a impressão de que está feliz por me

ter de volta. Isso não acontece em Windy Poplars. Tudo aqui é um pouco antiquado e formal, mas sei que a casa gosta de mim.

Além disso, me alegrei ao rever tia Kate, tia Chatty e Rebecca Dew. Não consigo deixar de enxergar o lado engraçado de cada uma delas, mas amo as três, inclusive por essas características.

Rebecca Dew me falou algo emocionante ontem:

– Spook’s Lane tem sido muito diferente depois que a senhorita veio morar aqui, senhorita Shirley.

Também fiquei contente por você ter gostado de Katherine, Gilbert. Ela foi surpreendentemente amável com você. É impressionante descobrir o quanto pode ser simpática, quando tenta. E acho que a própria Katherine está tão perplexa com essa revelação quanto qualquer outra pessoa. Ela não tinha a menor ideia de que seria tão fácil.

Vai ser bem melhor ter, na escola, uma vice com quem eu possa trabalhar harmoniosamente. Ela pretende se mudar de onde mora e já a convenci a comprar aquele chapéu de veludo vermelho; ainda não perdi a esperança de persuadi-la a cantar no coral.

O cão do senhor Hamilton esteve aqui ontem e atormentou Dusty Miller.

– Esta é a gota d’água que faltava – disse Rebecca Dew.

Em seguida, com as bochechas vermelhas ainda mais vermelhas, o corpo rechonchudo tremendo de raiva e com uma pressa que a fez colocar o chapéu com a parte da frente virada para trás – sem jamais ter notado isso –, ela correu até a casa do senhor Hamilton e o repreendeu severamente. Posso ver perfeitamente a expressão simplória e cordial no rosto dele enquanto ouvia as palavras furiosas de Rebecca Dew.

– Não tenho apreço por Aquele Gato – ela me falou –, mas ele é *nosso*, e o cachorro de nenhum Hamilton vai vir aqui importuná-lo em seu próprio território. Jabez Hamilton se explicou dizendo que o cachorro dele só perseguiu Dusty Miller por diversão. Então eu disse: “O conceito de diversão de um Hamilton é diferente do de uma MacComber, de uma MacLean e, se quer saber, de uma Dew também”. E ele retrucou: “Ora,

ora, sou capaz de apostar que comeu repolho no almoço, senhorita Dew”. “Não comi”, falei, “mas poderia, se quisesse. A senhora capitão MacComber *não* vendeu todos os repolhos que colheu no último outono, deixando a família sem nenhum, só porque o preço deles estava bom. Existem algumas pessoas”, continuei, “que não pensam em mais nada ou ninguém além do tilintar em seus bolsos”. Então, fui embora e deixei o homem refletir sobre isso. Mas o que se pode esperar de um Hamilton? Ralé!

Há uma estrela baixa sobre o Rei da Tempestade, meu monte que atualmente está branco. Eu gostaria que você estivesse aqui para contemplá-la comigo. Se fosse assim, tenho certeza de que este seria mais do que um momento de estima e amizade. ✉

12 de janeiro



A pequena Elizabeth veio aqui duas noites atrás para me perguntar que tipo de animal terrível era a “mula pontifícia”***** e me contar, com lágrimas nos olhos, que sua professora a convidou para cantar em uma apresentação que a escola pública está organizando, mas a senhora Campbell se negou veementemente a lhe dar permissão para participar do *show*. Quando ela tentou implorar, a avó disse:

– Por favor, Elizabeth, tenha a bondade de não me contestar.

Naquela noite, Elizabeth chorou algumas lágrimas amargas em meu quarto na torre e afirmou que aquilo a tornaria Lizzie para sempre, que nunca mais ela poderia ter nenhum dos outros nomes.

– Na semana passada eu amava Deus. Nesta, não O amo – declarou, em tom de desafio.

Todos os seus colegas de turma vão participar do evento, e ela disse que estava se sentindo “como uma aloprada”. Suponho que a doce Elizabeth quis dizer que se sentia como uma leprosa, e aquilo me cortou o coração. Uma criança tão querida não pode se sentir como uma leprosa.

Diante disso, inventei uma desculpa para ir a The Evergreens no dia seguinte. A Mulher – que, de tão velha que parece, pode ter nascido antes do dilúvio – me encarou friamente com seus grandes olhos cinzentos e, sem nenhuma expressão, me conduziu, carrancuda, até a sala de visitas e foi avisar à senhora Campbell que eu estava à sua espera.

Acho que não entrou nenhum raio de sol naquela sala desde que a casa foi construída. Vi um piano em um dos cantos, mas certamente nunca foi tocado. Cadeiras imponentes e duras, forradas com seda bordada, ficam encostadas na parede. Aliás, toda a mobília está encostada nas paredes, exceto uma mesa de centro com tampo de mármore, e nenhum móvel parece combinar com os outros.

A senhora Campbell entrou na sala. Eu nunca a tinha visto antes. Tem um rosto fino que parece ter sido esculpido e poderia ser o de um homem; a pele é enrugada, o cabelo, branco, e as sobrancelhas, pretas e espessas. Ainda é vaidosa e não descartou os adornos corporais, pois usava um par de brincos grandes de ônix preto que chegavam aos ombros. A avó de Elizabeth foi extremamente bem-educada comigo, e eu, com ela, cada uma a seu modo. Nós nos sentamos e conversamos sobre temas leves, tais como o clima, por algum tempo. Ambas, como Tacitus^{*****} escreveu alguns milhares de anos atrás, “com o semblante ajustado à ocasião”. Eu disse, e não era mentira, que tinha ido até lá para ver se ela poderia me emprestar o livro de memórias do reverendo James Wallace Campbell por um curto período de tempo, porque eu imaginava que havia muitas coisas ali sobre o início da história da ilha que seriam úteis para mim na escola.

A senhora Campbell se enterneceu imediata e visivelmente; mandou chamar Elizabeth e lhe disse para subir a seu quarto e trazer o livro de memórias. O rosto da menina dava sinais de que havia chorado, e a avó explicou que a professora de Elizabeth havia mandado outro bilhete insistindo para que ela tivesse permissão para cantar no *show* da escola. Em seguida, a senhora Campbell me disse que tinha escrito uma resposta bastante categórica, que Elizabeth teria de entregar à professora na manhã seguinte.

– Não acho certo meninas da idade de Elizabeth cantarem em público – afirmou. – Isso pode fazer com que elas fiquem atrevidas e arrogantes.

Como se alguma coisa pudesse levar a pequena Elizabeth a se tornar atrevida ou arrogante!

– Acho que talvez esteja mesmo sendo sábia, senhora Campbell – falei em meu tom mais complacente. – Mabel Phillips vai cantar no evento, e ouvi dizer que a voz dela é tão fascinante que vai fazer qualquer outra parecer comum. Sem dúvida, é bem melhor Elizabeth não competir com ela.

A expressão no rosto da senhora Campbell se transformou. Ela pode ser uma Campbell externamente, mas sua essência é Pringle. Contudo, ela não disse nada, e eu soube que, psicologicamente, aquele era o momento de parar. Agradei pelo livro e fui embora.

No final da tarde seguinte, quando a pequena Elizabeth veio buscar o leite, seu rosto – normalmente pálido – estava iluminado como uma estrela. Contou que a avó havia lhe dito que, no fim das contas, ela poderia cantar se promettesse não ficar pretensiosa por isso.

O fato é que Rebecca Dew havia me informado que os clãs Phillips e Campbell sempre foram grandes rivais no que se refere a boas vozes!

Dei a Elizabeth, como presente de Natal, um quadro para ela pendurar acima de sua cama. É a figura de um caminho em um bosque; está salpicada de raios do sol e leva a uma casa pequena e pitoresca entre árvores. A menina me disse que já não tem tanto medo de dormir no escuro porque, assim que se deita, faz de conta que está percorrendo essa trilha, e, quando entra na casa, todas as luzes estão acesas e seu pai está lá.

Pobre criança! Não posso deixar de odiar aquele pai dela! ☒

19 de janeiro

Houve um baile na casa de Carry Pringle ontem à noite. Katherine estava lá, usando um vestido vermelho-escuro de seda com modernos babados laterais, e seu penteado foi feito por uma cabeleireira. Acredite você ou

não, as pessoas que a conhecem desde que ela veio lecionar em Summerside ficaram literalmente perguntando umas às outras quem era a moça que havia acabado de entrar na sala. Pessoalmente, acho que o que fez ainda mais diferença do que a roupa e o cabelo foi a mudança indefinível nela mesma.

Anteriormente, sempre que estava com outras pessoas, seu pensamento parecia ser: “Essa gente me aborrece; suponho e espero que eu também as aborreça”. Entretanto, ontem me pareceu que sua alma estava propositalmente iluminada.

Tive muita dificuldade em conquistar a confiança e a afeição de Katherine, mas nada do que realmente vale a pena é fácil, e desde o começo achei que a amizade dela compensaria meu esforço.

Tia Chatty está de cama, febril há dois dias por causa de uma gripe. É provável que o médico venha vê-la amanhã, pois ela teme que seja uma pneumonia. Então, Rebecca Dew, com um pano enrolado na cabeça, passou o dia todo limpando loucamente a casa para deixar tudo em perfeito estado antes da possível visita do médico. Agora ela está na cozinha passando a camisola branca de algodão e crochê de tia Chatty, a fim de que esteja perfeitamente pronta para ser vestida sobre a de flanela. Estava imaculadamente limpa antes, mas Rebecca Dew a considerou um pouco encardida por ter permanecido algum tempo na gaveta da cômoda. ☒

28 de janeiro



Até hoje, janeiro tem sido um mês de dias frios e cinzentos, com tempestades ocasionais e violentas que atravessam o porto e enchem a Spook's Lane de neve. Porém, ontem à noite, os flocos de gelo derreteram, lindamente prateados pela Lua, e hoje o Sol brilhou. Durante o dia, meu bosque de bordos ficou repleto de esplendores inimagináveis. Até os lugares mais triviais se tornaram encantadores, como as cercas de arame que se transformaram em fascinantes rendas de cristais.

Hoje à tarde, Rebecca Dew esteve examinando, em uma de minhas revistas, um artigo intitulado “Tipos de mulheres lindas” e ilustrado com fotografias.

– Não seria maravilhoso, senhorita Shirley, se pudéssemos simplesmente balançar uma varinha mágica e fazer com que todas as pessoas ficassem lindas? – comentou melancolicamente. – Imagine como eu me sentiria, senhorita Shirley, se subitamente me visse bonita no espelho!

No entanto, logo em seguida, ela suspirou e acrescentou:

– Se todos nós fôssemos bonitos, quem faria o trabalho braçal? ✉





Capítulo VIII

— Estou tão cansada! – suspirou prima Ernestine Bugle, deixando-se cair sobre sua cadeira diante da mesa de jantar de Windy Poplars. – Às vezes, tenho receio de me sentar, por medo de nunca mais ser capaz de levantar de novo.

Ernestine, uma prima de terceiro grau do falecido capitão MacComber, mas, ainda assim, como tia Kate costumava dizer, próxima demais, tinha vindo de Lowvale naquela tarde para fazer uma visita a Windy Poplars. Não se pode dizer que as viúvas a receberam entusiasticamente, apesar dos sagrados laços de família.

Prima Ernestine não era uma pessoa alegre ou divertida: era uma daquelas criaturas infelizes que se preocupam constantemente não só com seus assuntos pessoais, como também com os de todo mundo, e não dão nenhum descanso nem a si mesma nem aos outros. Como Rebecca Dew

costumava dizer, só de olhar para ela a gente sentia que a vida era um vale de lágrimas.

Certamente, prima Ernestine não era bonita – e é duvidoso que algum dia tivesse sido. Tinha um rosto pequeno e contraído, olhos azuis-claros sem brilho, várias verrugas mal posicionadas e uma voz chorosa. Usava um vestido preto puído e antiquado, e um xale de pele muito velho, que não tirava nem mesmo à mesa, porque tinha medo de correntes de ar.

Rebecca Dew poderia ter se sentado à mesa com elas, se quisesse, pois as viúvas não consideravam a prima Ernestine exatamente uma “visita”. No entanto, ela sempre declarava que não conseguiria saborear suas refeições perto de uma desmancha-prazeres. Preferia comer “seu quinhão” na cozinha, o que não a impedia de dar opiniões enquanto servia a refeição.

– Talvez a primavera esteja atuando em seus ossos – comentou, friamente.

– Espero que seja só isso, senhorita Dew. Mas receio que meu caso seja como o da pobre senhora Oliver Gage. Ela comeu cogumelos no verão passado, e certamente tinha algum que era venenoso misturado aos outros, pois, desde então, ela nunca mais se sentiu bem.

– Não é possível que a essa hora do dia você já tenha comido cogumelos – disse tia Chatty.

– Não, mas pode ter sido alguma outra coisa que comi. Não tente me animar, Charlotte. Sei que tem boas intenções, porém elas são inúteis. Já passei por muita coisa nesta vida. Tem certeza de que não há uma aranha nessa tigela de creme, Kate? Tenho a impressão de ter visto uma quando você me serviu.

– Nunca há aranhas em *nossas* tigelas de creme – Rebecca Dew afirmou, irritada, saindo da sala e batendo a porta da cozinha.

– Talvez tenha sido apenas uma sombra – prima Ernestine respondeu, humildemente. – Meus olhos já não são mais como eram. Temo que logo ficarei cega. Isso me faz lembrar que fui ver Martha MacKay esta tarde, e ela estava com febre e alguma espécie de erupção em todo o corpo.

“Tenho a impressão de que você pegou sarampo”, falei. “É provável que essa doença a deixe quase cega. Toda a sua família tem a visão fraca.” Achei que ela tinha de estar preparada. A mãe de Martha também está debilitada. O médico diagnosticou uma indigestão, mas receio que seja um tumor. “E, se você tiver de passar por uma cirurgia e for sedada com clorofórmio”, acrescentei, “receio que nunca mais volte dessa anestesia. Lembre-se de que você é uma Hillis, e todos os Hillis sempre tiveram o coração frágil. Seu pai morreu de insuficiência cardíaca, você sabe”.

– Aos 87 anos! – exclamou Rebecca Dew, enquanto retirava um prato da mesa.

– E você sabe que 70 anos é o limite que a Bíblia estabelece – comentou tia Chatty, animada.

Prima Ernestine se serviu de uma terceira colher cheia de açúcar e misturou tristemente seu chá.

– Assim falou o rei Davi, Charlotte, mas receio que ele não fosse um homem muito bom, em certos aspectos.

Anne percebeu a expressão nos olhos de tia Chatty e riu, sem conseguir evitar.

Prima Ernestine a encarou com ar de desaprovação.

– Já ouvi dizer que você é uma garota que gosta muito de rir. Bem, espero que seja assim por muito tempo, mas temo que isso não aconteça. Receio que descubra muito brevemente que a vida é um processo melancólico. Bem, eu também já fui jovem um dia.

– Foi mesmo? – indagou Rebecca Dew, sarcasticamente, enquanto colocava uma bandeja de bolinhos sobre a mesa. – Tenho a impressão de que sempre tive medo de ser jovem. É preciso coragem para isso, posso lhe assegurar, senhorita Bugle.

– Rebecca Dew tem um modo tão estranho de ver as coisas! – prima Ernestine se queixou. – Não que eu me importe com ela, claro. E não há nenhum problema em rir, senhorita Shirley; só temo que esteja desafiando a Providência com tanta felicidade. A senhorita se parece demais com a tia da esposa do pastor que tivemos anteriormente: ela estava sempre rindo e

acabou morrendo de derrame cerebral. O terceiro sempre mata. Receio que nosso pastor atual, em Lowvale, tenha uma tendência a ser fútil. No momento em que o vi, eu disse a Louisy: “Receio que um homem com pernas como aquelas seja viciado em dança”. Suponho que ele tenha deixado esse gosto de lado desde que se tornou um sacerdote, mas temo que o vício apareça em sua família. A esposa dele é jovem, e dizem que está escandalosamente apaixonada por ele. Não consigo me conformar com a ideia de que alguém possa se casar com um ministro da igreja por amor. Temo que seja uma irreverência. Ele faz sermões bastante bons, mas receio que, com base no que disse sobre o profeta Elias^{*****} no domingo passado, ele seja liberal demais em seu entendimento da Bíblia.

– Vi nos jornais que Peter Ellis e Fanny Bugle se casaram na semana passada – tia Chatty comentou.

– Ah, sim. Temo que seja uma daquelas histórias de casamento precipitado que causa arrependimento pelo resto da vida. Eles se conhecem há apenas três anos. Receio que Peter descubra que, às vezes, as aparências enganam, pois temo que Fanny seja muito preguiçosa. Ela passa os guardanapos só de um lado; não alisa o avesso. É muito diferente de sua santa mãe. Ah, aquela era uma mulher perfeita, se é que já houve alguma. Quando estava de luto, até as camisolas que usava eram pretas. Dizia que se sentia tão triste à noite quanto durante o dia. No dia do casamento, fui bem cedo à casa de Andy Bugle, para ajudar na cozinha, e não é que vi Fanny comer um ovo no café da manhã? Algumas horas antes de se casar! Suponho que não acreditem nisso. Eu mesma não acreditaria se não tivesse visto com meus próprios olhos. Minha pobre falecida irmã passou três dias sem comer absolutamente nada antes de seu casamento. E depois que o marido morreu, achamos que ela nunca mais comeria novamente. Existem momentos em que penso que não compreendo mais os Bugle. Houve um tempo em que conhecíamos bem nossa família, mas agora não é mais assim.

– É verdade que Jean Young vai se casar de novo? – indagou tia Kate.

– Receio que sim. Obviamente, todos supõem que Fred Young está morto, mas tenho muito medo de que ele ainda apareça. Ninguém nunca pôde confiar naquele homem. Ela vai se casar com Ira Roberts. Temo que ele esteja se casando com ela apenas para fazê-la feliz. O tio dele, Philip, já quis se casar comigo, mas falei para ele: “Nasci Bugle e vou morrer Bugle. Casamento é um salto no escuro”, eu disse, “e não vou correr esse risco”. Tem havido um número enorme de casamentos em Lowvale, neste inverno. Receio que haja funerais durante todo o inverno para compensar isso. Annie Edwards e Chris Hunter se casaram no mês passado. Temo que, dentro de alguns anos, eles não gostem tanto um do outro como atualmente. Suponho que ele só tenha conquistado o coração de Annie por causa de seus galanteios. Hiram, um tio dele, era louco: acreditou durante anos que era um cachorro.

– Se o homem só latia, ninguém precisava ter se importado com a diversão dele – Rebecca Dew comentou, trazendo a conserva de pera e o bolo de camadas.

– Nunca ouvi dizer que ele latia – prima Ernestine retrucou. – Apenas roía ossos e os enterrava quando ninguém estava vendo. A esposa sofreu bastante com isso.

– Onde está a senhora Lily Hunter neste inverno? – tia Chatty perguntou.

– Com o filho, em São Francisco, e estou com muito medo de que haja outro terremoto antes que ela saia de lá. Se ela conseguir, provavelmente vai ter problemas na fronteira. Quando não é uma coisa, é outra. As pessoas parecem ser loucas por viagens. Meu primo Jim Bugle passou o inverno na Flórida. Receio que esteja ficando rico e fútil. Falei com ele antes da viagem; lembro que foi na véspera da morte do cachorro dos Coleman... ou não? Sim, foi. Eu disse: “a soberba precede a ruína, e a altivez de espírito precede a queda”.***** A filha dele leciona na escola de Bugle Road e não consegue decidir com qual dos dois pretendentes quer se casar. “Tem uma coisa que posso lhe garantir, Mary Annetta”, falei com ela, “e é que você nunca vai ter aquele que mais ama. Portanto, é melhor ficar com

o que a ama... se tiver certeza do amor dele”. Espero que ela faça uma escolha melhor do que foi a de Jessie Chipman. Receio que ela só vá se casar com Oscar Green porque ele sempre esteve por perto. “Tem certeza de que é esse que você quer?”, perguntei. Afinal, o irmão dele morreu de tuberculose galopante. E aconselhei: “Não se case em maio: é um mês que dá azar para casamentos”.

– Sempre tão animadora! – exclamou Rebecca Dew, trazendo um prato com biscoitos de amêndoas.

– Alguém pode me dizer – disse prima Ernestine, ignorando Rebecca Dew e se servindo de uma segunda porção de peras em calda – se uma calceolária é uma flor ou uma doença?

– Uma flor – tia Chatty respondeu.

Prima Ernestine pareceu um pouco desapontada.

– Bem, seja lá o que for, a viúva de Sandy Bugle tem. Eu a escutei dizer à irmã na igreja, no domingo passado, que finalmente conseguiu uma. Seus gerânios estão sem viço, Charlotte. Receio que ela não esteja adubando essas plantas corretamente. A senhora Sandy já tirou o luto, e tem só quatro anos que o coitado do esposo morreu. Ora, os mortos são esquecidos muito depressa, atualmente. Minha irmã usou uma fita preta, de crepe, em sinal de luto, até vinte e cinco anos depois da morte do marido.

– Sabe que há botões abertos em sua saia? – Rebecca perguntou, colocando uma torta de coco diante de tia Kate.

– Não tenho tempo para ficar me olhando no espelho toda hora – prima Ernestine respondeu, secamente. – O que tem de mais se os botões estão abertos? Não estou usando três anáguas? Ouvi dizer que hoje em dia as moças só usam uma. Receio que o mundo esteja deixando, cada vez mais, de respeitar a moral e os bons costumes. Fico me perguntando se as pessoas se esqueceram do Dia do Juízo Final.

– Acredita de verdade que, no Dia do Juízo Final, vão nos perguntar quantas anáguas estamos usando? – indagou Rebecca Dew, escapando para a cozinha antes que alguém pudesse manifestar horror.

Até tia Chatty pensou que Rebecca Dew tinha realmente ido um pouco longe demais.

– Suponho que tenham visto nos jornais a notícia da morte do velho Alec Crowdy, na semana passada – prima Ernestine suspirou. – A esposa dele faleceu dois anos atrás; uma morte literalmente apressada, pobre criatura. Dizem que ele andava muito solitário desde que ela partiu, mas receio que isso seja bom demais para ser verdade. E receio também que a família ainda não esteja livre dos problemas dele, embora o homem já esteja enterrado. Ouvi contar que ele se recusava a fazer um testamento, e suponho que vai haver um conflito horroroso por causa da propriedade. Parece que Annabel Crowdy vai se casar com um “pau pra toda obra”. O primeiro marido da mãe dela era um, então talvez seja um gosto hereditário. Annabel sempre teve uma vida dura, mas receio que esteja saindo da lama para cair no atoleiro; isso se não descobrir que ele já tem uma esposa.

– O que Jane Goldwin está fazendo neste inverno? – tia Kate perguntou.
– Faz muito tempo que ela não vem à cidade.

– Ah, pobre Jane! Vem definhando misteriosamente. Ninguém sabe o que há de errado com ela, mas receio que descubram que se trata de um álibi. Por que Rebecca Dew está rindo na cozinha como se fosse uma hiena? Tenho medo de que vocês ainda tenham de cuidar dela um dia. Tem um número enorme de mentes fracas entre os Dew.

– Fiquei sabendo que Thyra Cooper teve um bebê – tia Chatty comentou.

– Sim, pobre alma. Só um, misericordiosamente. Receava que fossem gêmeos. Eles são muito frequentes entre os Cooper.

– Thyra e Ned formam um jovem casal maravilhoso! – exclamou tia Kate, como se estivesse determinada a resgatar alguma coisa da destruição do universo.

Entretanto, prima Ernestine não admitia a existência de nenhum bálsamo em Gilead,^{*****} muito menos em Lowvale.

– Ah, ela ficou muito grata por finalmente ter conseguido fisgá-lo. Houve um tempo em que ela temeu que ele não voltasse do oeste. Eu a preveni. “Pode ter certeza de que ele vai decepcioná-la”, falei. “Ele sempre desapontou as pessoas. Todos esperavam que morresse antes de completar um ano de idade, mas podem ver que continua bem vivo.” Quando o rapaz comprou a propriedade dos Holly, eu a adverti novamente. “Receio que a água da fonte deles esteja contaminada com a bactéria da febre tifoide”, avisei. “Um homem contratado para trabalhar lá morreu, dessa doença, cinco anos atrás”. Se acontecer alguma coisa, não vão poder me culpar. Joseph Holly está com algum problema nas costas. Ele diz que é um trauma na coluna, mas temo que seja o início de uma meningite.

– O velho tio Joseph Holly é um dos melhores homens do mundo – afirmou Rebecca Dew, trazendo o bule de chá reabastecido.

– Ele é bom – prima Ernestine falou, em tom lúgubre. – Excessivamente bom! Por isso, receio que seus filhos sigam o caminho do mal. Isso acontece frequentemente. Parece que tem de haver um equilíbrio. Não, obrigada, Kate, não vou tomar mais chá... talvez um biscoito de amêndoas. Eles não pesam no estômago, embora eu receie que já tenha comido muito mais do que deveria. Preciso ir embora, pois temo que escureça antes que eu entre em casa. Não quero que meus pés se molhem: tenho muito medo de pegar uma pneumonia. Tem algo que passeia de meus braços para as pernas desde o começo do inverno. Passo noites em claro por causa disso. Ah, ninguém sabe o que tenho passado, mas não sou do tipo que se queixa. Decidi vir vê-las mais uma vez, já que posso não estar mais aqui na primavera. Contudo, encontrei ambas tão mais envelhecidas que pode ser que partam antes de mim. Bem, de qualquer modo, é melhor morrermos enquanto ainda há alguém dos nossos para nos sepultar. Misericórdia, como o vento está ficando cada vez mais intenso! Temo que o telhado de nosso celeiro voe pelos ares, se tivermos um vendaval. Ventou tanto na primavera que receio que o clima esteja sofrendo transformações. Obrigada, senhorita Shirley – agradeceu, enquanto Anne a ajudava a vestir o casaco. – E tome cuidado com sua

saúde. A senhorita parece terrivelmente pálida. Receio que as pessoas ruivas não tenham uma constituição muito forte.

– Acho que não há nada de errado com minha constituição – Anne sorriu, entregando à prima Ernestine um chapéu realmente indescritível, com uma pena viscosa de avestruz pendurada atrás. – Minha garganta está ligeiramente dolorida hoje, senhorita Bugle, é só isso.

– Ah! – Mais um mau agouro de prima Ernestine se seguiu: – Preocupe-se com essa dor de garganta. Os sintomas de difteria e amigdalite são exatamente os mesmos até o terceiro dia. Porém, há um consolo nisso: a senhorita vai ser poupada de um número enorme de problemas se morrer jovem.





Capítulo IX

Windy Poplars,
Quarto da torre,
20 de abril



Meu pobre e querido Gilbert,

“Do riso disse: Está doido; e da alegria: De que serve esta?”***** Receio que eu fique grisalha ainda jovem.

Temo que eu vá passar o fim de minha vida em um asilo de pobres e receio que nenhum de meus alunos seja aprovado no final do ano letivo. O cão do senhor Hamilton latiu para mim no sábado à noite, e receio que tenha contraído raiva. Temo que minha sombrinha vire pelo avesso quando eu for me encontrar com Katherine, hoje à noite. Temo que Katherine goste tanto de mim atualmente que nossa amizade não dure muito tempo mais. Receio que, afinal de contas, meu cabelo não seja mesmo castanho-avermelhado. Receio que me apareça uma verruga na ponta do nariz quando eu completar 50 anos. Temo que minha escola não tenha

condições de segurança em caso de incêndio. Receio que eu ache um camundongo em minha cama esta noite. Temo que você tenha ficado noivo de mim só porque eu estava sempre por perto. Receio que logo estarei ralhando com a colcha.

Não, meu querido, não fiquei maluca, não ainda. Só estou contagiada pela prima Ernestine.

Agora entendo por que Rebecca Dew sempre a chama de “senhorita Receosa”. A pobre alma pegou tantos problemas emprestados que deve ter uma dívida impagável com o destino.

Existem tantos Bugles no mundo! Acho que talvez muitos não sejam tão “Buglistas” como prima Ernestine, mas, sem dúvida, são desmancha-prazeres que temem desfrutar do presente por causa daquilo que o futuro pode trazer.

Gilbert querido, vamos nos esforçar para que nunca tenhamos medo das coisas? É uma escravidão horrível. Vamos ser ousados, aventureiros e esperançosos. Vamos dançar para encontrar a vida e tudo o que ela pode nos trazer, mesmo que sejam muitos problemas, febre tifoide e... gêmeos!

Hoje é um dia de junho que caiu em abril. A neve toda se foi. Os prados marrons e as colinas douradas celebram a primavera. Tenho certeza de que ouvi uma música tocada na flauta lá no pequeno vale verde do bosque de bordos, e meu Rei da Tempestade ficou envolvido na mais sublime de todas as brumas púrpuras.

Tivemos um grande volume de chuva recentemente, e adorei ficar sentada diante da janela de meu quarto durante as horas do crepúsculo úmido e calmo da primavera. Porém, hoje temos uma noite com rajadas de vento, e até as nuvens que correm pelo céu estão apressadas, assim como o luar que brilha entre elas e quer inundar o mundo.

Imagine, Gilbert, que neste momento estamos caminhando de mãos dadas por uma das longas estradas de Avonlea.

Gilbert, receio que eu esteja escandalosamente apaixonada por você. Você não acha que isso seja uma irreverência, acha? Em todo caso, tudo bem, pois, afinal, você não é pastor. ☒





Capítulo X

— Sou tão diferente! – Hazel suspirou.

Era realmente desagradável ser muito diferente das outras pessoas, e, ao mesmo tempo, maravilhoso também, como se fôssemos um ser proveniente de outro planeta. Por *nenhuma* razão, Hazel seria como as outras pessoas, independentemente do quanto sofresse por ser incomum.

– Todo mundo é diferente, Hazel – Anne falou distraidamente.

– A senhorita está sorrindo! – a garota entrelaçou as mãos muito brancas, com covinhas, e olhou para Anne com adoração; em seguida, prosseguiu, enfatizando pelo menos uma sílaba em todas as palavras. – Seu sorriso é tão fascinante, tão marcante! No momento em que a vi pela primeira vez, eu soube que entenderia tudo. Estamos no mesmo plano. Às vezes penso que devo ser vidente, senhorita Shirley. Sempre que conheço uma pessoa, sei imediata e instintivamente se vou ou não gostar dela. Logo me identifiquei com a senhorita e percebi que me *compreenderia*. É tão

bom ser compreendida! Ninguém me entende, senhorita Shirley, *ninguém*. Entretanto, quando pus os olhos sobre a senhorita, alguma voz dentro de mim sussurrou: “Ela vai compreendê-la; com ela, você pode ser quem realmente é”. Oh, senhorita Shirley, vamos ser nós mesmas, sempre verdadeiras?! Senhorita Shirley, posso acreditar que me ama ao menos um pouco, um pouquinho que seja?

– Para mim, você é uma querida – disse Anne, rindo e desfazendo, com os dedos finos, os cachos dourados do cabelo de Hazel.

Era bastante fácil gostar de Hazel. Ela havia aberto sua alma para Anne no quarto da torre, de onde contemplavam a lua crescente pairando sobre o porto e o crepúsculo do fim de tarde de maio preenchendo os cálices rubros das tulipas abaixo da janela.

– Podemos não acender nenhuma luz, por enquanto? – Hazel tinha suplicado, e Anne respondera:

– Sim... Não é adorável ter a escuridão como amiga? Quando acendemos uma luz, ela faz com que a escuridão se torne nossa inimiga e nos encare com rancor.

– Também penso coisas assim, mas nunca consigo expressá-las tão belamente – lamentou Hazel, com uma mistura de êxtase e angústia. – A senhorita fala a língua das violetas.

Hazel não saberia explicar o que quis dizer com essas palavras, mas isso não teve nenhuma importância, pois elas soaram tão poéticas!

O quarto da torre era o único cômodo tranquilo da casa. Rebecca havia dito na manhã daquele dia, com um ar atormentado: “Temos de trocar o papel de parede da sala e do quarto de hóspedes antes que a Sociedade de Ajuda Humanitária se reúna aqui”. Logo em seguida, tinha arrastado todos os móveis dos dois cômodos para que o profissional colocasse os papéis novos; porém ele acabou avisando que só poderia fazer o trabalho no dia seguinte. Windy Poplars estava em desordem completa, e o único lugar arrumado era o quarto da torre.

Hazel Marr tinha uma “paixão” evidente por Anne. Os Marr eram recém-chegados a Summerside: tinham se mudado de Charlottetown para

lá durante o inverno. Hazel era uma “loura de outubro”, como gostava de se descrever. Seu cabelo tinha um tom de laranja escuro, e os olhos eram castanhos. Como Rebecca Dew havia declarado, ela nunca mais tinha sido boa para o mundo desde que descobriu que era bonita. No entanto, Hazel era popular, especialmente entre os rapazes, que achavam seus olhos e cachos uma combinação irresistível.

Anne gostava da moça. Um pouco mais cedo, sentia-se cansada e um pouco pessimista, após ter passado horas em uma sala de aula, mas agora estava bem. Se foi por causa da brisa de maio – doce, com a fragrância das flores de macieira – soprando na janela, ou da tagarelice de Hazel, não poderia dizer. Talvez pelas duas razões. De alguma forma, Hazel lembrava a Anne sua própria juventude, com todos os seus arrebatamentos, ideais e visões românticas.

Hazel pegou a mão de Anne e pressionou contra seus lábios, em um gesto de reverência.

– Odeio todas as pessoas que a senhorita amou antes de mim. E odeio todas as pessoas que ama atualmente, senhorita Shirley. Eu a quero *exclusivamente* para mim.

– Não está sendo um pouco insensata, meu bem? Você ama outras pessoas além de mim. O que me diz de Terry, por exemplo?

– Oh, senhorita Shirley! É sobre ele que desejo lhe falar. Não posso mais *suportar* isso calada, não posso. Preciso conversar com alguém a esse respeito... alguém que me compreenda. No fim da tarde de anteontem, saí e fiquei dando voltas e voltas ao redor do lago. Fiz isso a noite toda; bem, quase toda: até meia-noite, mais ou menos. Tenho sofrido tanto!

Hazel tinha uma expressão tão trágica quanto um rosto redondo e rosado, com cílios longos e uma moldura de cachos encantadores, possibilitava.

– Hazel, querida, achei que você e Terry estavam extremamente felizes, que tudo estava perfeito.

Anne não poderia ser culpada por pensar assim. Durante as três semanas anteriores, Hazel havia falado entusiasmadamente a respeito de Terry

Garland, pois, para ela, não havia sentido em ter um noivo se não pudesse falar com alguém sobre dele.

– Todos acham isso – a moça retrucou amargamente. – Oh, senhorita Shirley, a vida parece ser tão repleta de problemas complexos! De vez em quando, penso que gostaria de me deitar em algum lugar, qualquer um, cruzar os braços e não pensar nunca mais.

– Minha querida, o que foi que deu errado?

– Nada... e tudo. Oh, senhorita Shirley, posso lhe contar tudo? Posso falar abertamente com a senhorita a respeito de meus sentimentos mais íntimos?

– Claro que sim, meu bem.

– Não tenho como abrir meu coração – disse Hazel, de um modo comovente –, exceto em meu diário, é lógico. Gostaria de ver meu diário qualquer dia desses, senhorita Shirley? Ele é um desabafo, uma revelação, e ainda assim não consigo escrever o que aflige minha alma. Estou sufocada!

Hazel levou as mãos ao pescoço dramaticamente.

– É óbvio que eu gostaria de ver seu diário, se você quiser mostrá-lo. Mas qual é o problema entre você e Terry?

– Oh, Terry! Senhorita Shirley, acreditaria se eu dissesse que Terry parece um estranho para mim? Um desconhecido! Alguém que nunca vi antes? – acrescentou, para não deixar dúvidas.

– Ora, Hazel, pensei que o amasse. Você me disse...

– Eu sei. Eu também pensei que o amasse. No entanto, agora sei que foi tudo um engano terrível. A senhorita não pode imaginar como minha vida está difícil... impossível, até.

– Entendo um pouco sobre isso – Anne falou solidariamente, lembrando-se de Roy Gardiner. —————

– A verdade é que tenho certeza de que não o amo o suficiente para me casar com ele. Só percebi isso agora – agora, que já é tarde demais. O fascínio do luar me fez crer que amava Terry. Se não fosse pela Lua, estou certa de que teria lhe pedido algum tempo para pensar sobre sua proposta.

Entretanto, eu estava enlevada; hoje enxergo claramente. Vou fugir! Oh, vou cometer algum ato de desespero.

– Hazel, minha querida, se você acha que cometeu um erro, por que não conversa com ele e...

– Não posso, senhorita Shirley! Eu o mataria. Ele simplesmente me adora. Não, realmente, não há como fugir disso. E o pior é que Terry está começando a falar em casamento. Imagine! Uma criança como eu! Só tenho 18 anos. Todos os amigos a quem contei secretamente sobre o noivado me parabenizaram. Porém, só fizeram isso porque acham que Terry é um ótimo partido, já que vai pôr as mãos em uma pequena fortuna quando completar 25 anos de idade. A avó deixou essa herança para ele. Como se eu me importasse com algo sórdido como o *dinheiro*! Oh, senhorita Shirley, por que este mundo é tão mesquinho? Por quê?

– Suponho que ele seja mesquinho em alguns aspectos, mas não em todos, Hazel. E, se você se sente dessa forma em relação a Terry... ora, todos nós cometemos erros. Às vezes, é muito difícil saber o que queremos verdadeiramente...

– Não é mesmo? Eu *sabia* que a senhorita me compreenderia. Acreditei mesmo que amava Terry, senhorita Shirley. Na primeira vez em que o vi, fiquei sentada olhando o tempo todo para ele. Quando nossos olhares se cruzavam, eu tinha a sensação de que havia ondas percorrendo meu corpo. Ele era tão bonito! Porém, apesar de tudo, naquela mesma ocasião, achei que seu cabelo era encaracolado demais e, também, que seus cílios eram excessivamente brancos. Aquilo deveria ter servido como um aviso. Mas sempre me atiro de corpo e alma em tudo, a senhorita sabe; sou muito intensa. Sentia pequenos tremores de êxtase toda vez que ele se aproximava de mim. E agora não sinto nada... nada! Como envelheci nessas últimas três semanas, senhorita Shirley! Não tenho comido quase nada desde que fiquei noiva. Pergunte à minha mãe. Tenho certeza de que não o amo o suficiente para me casar com ele. Posso ter dúvidas sobre qualquer outra coisa, exceto isso.

– Então não deveria...

– Até mesmo naquela noite de luar, quando ele fez o pedido, eu pensava sobre que roupa usaria na festa a fantasia de Joan Pringle. Imaginava que seria ótimo ir como uma rainha, usando um vestido verde-claro, com uma faixa em um tom de verde mais escuro, e um arranjo de flores cor-de-rosa no cabelo. E levaria um bastão decorado com rosas bem pequenas e fitas verdes e rosadas. Não seria adorável? No entanto, o tio de Joan teve de morrer, e a festa não aconteceu; portanto, meus planos foram em vão. Mas o que importa é que, se eu estivesse realmente apaixonada por ele, meus pensamentos não teriam vagado assim, não acha?

– Não sei... nossos pensamentos nos pregam peças inacreditáveis, às vezes.

– Creio que nem quero me casar um dia, senhorita Shirley. Por acaso, tem uma lixa de unha ao alcance da mão? Minhas unhas estão arranhando e posso arrumá-las enquanto conversamos. Não é esplêndido trocar confidências assim? É tão raro termos essa oportunidade: o mundo nos impede frequentemente. Bem, o que era mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim, Terry. O que devo fazer, senhorita Shirley? Quero um conselho seu. Estou me sentindo como uma criatura aprisionada!

– Ora, Hazel, é tão simples; basta...

– Não é nem um pouco simples, senhorita Shirley. É horrivelmente complicado. Mamãe está tão deslumbrada com meu noivado! Devo admitir que tia Jean não se sente dessa forma: ela não gosta de Terry. Sabe, todos dizem que tia Jean é muito sensata. Na verdade, não quero me casar com ninguém. Sou ambiciosa. Quero uma carreira. De vez em quando, penso que gostaria de ser freira. Não seria magnífico ser uma noiva de Cristo? Acho a igreja católica tão pitoresca! Não, é claro que não sou católica e, de qualquer modo, suponho que dificilmente se possa dizer que essa é uma carreira. Sempre acreditei que adoraria ser enfermeira. É uma profissão tão romântica, a senhorita não concorda? Eu curaria a febre das pessoas, e outras coisas assim... e, a certa altura, um paciente milionário e lindo se apaixonaria por mim e me levaria para passar a lua de mel em uma bela propriedade na Riviera Francesa, onde eu desfrutaria do sol da

manhã diante do azul fascinante do mar Mediterrâneo. Já sonhei tanto com isso. Devaneios tolos, talvez, mas tão encantadores! Não posso desistir deles em nome dessa realidade sem poesia alguma que se resume a me casar com Terry Garland e viver em Summerside.

Hazel estremeceu só de pensar naquilo e examinou criticamente as unhas.

– Suponho... – Anne começou a falar.

– Não temos nada em comum, sabe disso, senhorita Shirley. Ele não se importa com poesia e romance, e essas coisas são a minha vida. Às vezes, penso que devo ser a reencarnação de Cleópatra... ou seria Helena de Troia? Ora, uma dessas duas criaturas atraentes e sedutoras. Penso e sinto coisas tão *fascinantes* que não sei de onde vêm, se essa não for a explicação. E Terry é absolutamente prático: ele não pode ser a reencarnação de ninguém. Uma prova disso é o que ele me disse quando lhe contei sobre a caneta de pena de Vera Fry, não acha?

– Hazel, nunca ouvi falar de qualquer caneta de Vera Fry – Anne respondeu, pacientemente.

– Não? Achei que eu tinha lhe contado. Conteí tantas coisas a você. O noivo de Vera lhe deu uma, feita com uma pena de corvo que ele havia encontrado, e disse: “Sempre que usá-la, deixe seu espírito se elevar até o paraíso, como o corvo de cuja asa veio esta pena”. Isso não foi simplesmente maravilhoso? Entretanto, Terry disse que a caneta se desgastaria em pouco tempo, principalmente se ela escrevesse tanto quanto fala; e que, além do mais, corvos voam alto, mas não a ponto de chegar ao paraíso. Ele não entendeu nada da mensagem que havia na fala do noivo... a verdadeira essência.

– E qual era a mensagem?

– Ora, ele falou em “se elevar”... afastar-se do mundo material. A senhorita viu o anel de Vera? Uma safira! Em minha opinião, as safiras são escuras demais para anéis de noivado. Eu preferiria ter um mais romântico, de pérolas, como o seu. Terry queria me dar o anel imediatamente, mas eu

disse que ainda era cedo, que pareceria um grilhão, sabe como é, tão definitivo... Eu não teria feito isso se o amasse verdadeiramente, teria?

– Não, receio que não.

– Não imagina como está sendo bom falar com alguém sobre meus sentimentos reais. Oh, senhorita Shirley, se pelo menos eu pudesse me ver livre novamente! Livre para buscar o mais profundo sentido da vida! Terry não entenderia minhas palavras se eu dissesse isso a ele. Além do mais, ele tem pavio curto: todos os Garland têm. Senhorita Shirley, poderia conversar com ele? Explicar como eu me sinto? Terry a admira muito. Creio que ele refletiria sobre o que a senhorita lhe falasse.

– Hazel, minha querida menina, como eu poderia fazer isso?

– Não vejo por que não – Hazel terminou de arrumar a última unha e pôs a lixa de lado, dramaticamente. – Bem, se a senhorita não vai me ajudar, ninguém mais vai. Ainda assim, não posso nunca, nunca, *nunca* me casar com Terry Garland!

– Se você não ama Terry, deve procurá-lo e lhe dizer isso, não importa o quanto vá aborrecê-lo. Um dia você vai encontrar alguém que realmente ame, Hazel querida. E então não vai ter nenhuma dúvida: vai saber que o ama de verdade.

– Não, nunca mais vou amar ninguém – declarou Hazel, calma e friamente. – O amor só traz sofrimento. Sou tão jovem e já aprendi isso. Este seria um ótimo enredo para suas histórias, não seria, senhorita Shirley? Agora preciso ir, não me dei conta de que já é tão tarde. Estou bem mais aliviada depois de ter aberto meu coração para a senhorita; “toquei sua alma no mundo das sombras”, como disse Shakespeare.

– Acho que quem escreveu isso foi Pauline Johnson^{*****} – Anne a corrigiu, gentilmente.

– Ora, eu sabia que era de alguém... de alguém que *viveu*. Creio que vou dormir esta noite, senhorita Shirley. Quase não tenho dormido desde que fiquei noiva de Terry, sem nenhuma noção de como deixei isso acontecer.

Hazel ajeitou o cabelo e colocou o chapéu; era um chapéu com forro cor-de-rosa até as bordas e botões de flor do mesmo tom ao redor. Ficou tão perturbadoramente bonita com ele que Anne beijou impulsivamente sua bochecha.

– Você é a garota mais linda de todas, querida! – disse, com admiração.

Hazel ficou imóvel. Depois, ergueu os olhos e os fixou no teto do quarto da torre, como se pudesse ver através dele e do sótão em cima dele e estivesse enxergando as estrelas.

– Nunca, nunca vou esquecer este momento maravilhoso, senhorita Shirley – murmurou, enlevada. – Sinto que minha beleza... se eu tiver alguma... foi consagrada. Oh, senhorita Shirley, não sabe como é horrível ter uma reputação de beleza e estar sempre com medo de que, quando te encontrarem, os outros pensem que você não é tão bonita quanto ouviram dizer. É uma *tortura*. Às vezes, morro de humilhação e vergonha porque tenho a sensação de ver o desapontamento no rosto das pessoas. Talvez seja apenas minha imaginação... sou tão imaginativa! Excessivamente, ao que parece. Tanto que imaginei que estava apaixonada por Terry! Senhorita Shirley, consegue sentir o perfume de flores de maçã?

Obviamente, Anne sentia.

– Não é divino? Espero que haja milhares de flores no Céu. Qualquer pessoa poderia ser boa se vivesse em um lírio, não é?

– Talvez fosse um pouco apertado – Anne comentou, perversamente.

– Por favor, senhorita Shirley, não seja sarcástica com sua pequena adoradora. O sarcasmo simplesmente me faz murchar como uma flor seca.

– Vejo que sobreviveu à tagarelice dela – disse Rebecca Dew quando Anne entrou em casa após acompanhar Hazel até o final da Spook's Lane.

– Não sei como a senhorita a suporta.

– Gosto dela, Rebecca, de verdade. Fui uma tagarela terrível quando era criança. Fico me perguntando se parecia tão tola para quem tinha de me ouvir quanto Hazel me dá a impressão de ser, algumas vezes.

– Não a conheci quando era criança, mas tenho certeza de que não pareceu – Rebecca falou. – A senhorita sempre foi sincera, não importa a

maneira como expressa o que quer dizer. Hazel Marr, não: é dissimulada.

– É claro que Hazel é um pouco dramática, como a maioria das garotas da idade dela, mas acredito que é franca em relação a algumas coisas que diz – Anne retrucou, pensando em Terry.

É possível que tenha sido por causa da opinião pouco favorável que tinha a respeito de Terry que Anne acreditou que Hazel havia sido sincera em tudo o que disse sobre ele. Anne pensava que a jovem estaria jogando sua felicidade fora se ficasse com o rapaz, mesmo levando em conta o dinheiro que ele herdaria. Considerava Terry um rapaz bonito, mas fraco, que se apaixonaria pela primeira garota charmosa que demonstrasse interesse por ele, e pela próxima com igual facilidade, se a primeira o rejeitasse ou o deixasse sozinho por um tempo demasiado longo.

Anne tinha visto Terry com frequência naquela primavera, pois Hazel sempre insistia para que fosse com eles a eventos diversos. E o veria ainda mais, porque a moça tinha ido visitar amigos em Kingsport, e, durante sua ausência, Terry se apegou a Anne, levando-a para passear e acompanhando-a até Windy Poplars. Os dois se tratavam por Anne e Terry, já que tinham quase a mesma idade, embora ela possuísse um sentimento bastante maternal em relação a ele. Terry estava imensamente lisonjeado por pensar que a “inteligente Anne” apreciava sua companhia e acabou agindo de um modo tão sentimental na noite da festa de May Connelly – em um jardim iluminado pela Lua, onde as sombras das acácias dançavam graciosamente –, que Anne achou melhor lembrá-lo, espirituosa, da ausente Hazel.

– Ora, Hazel! – Terry exclamou. – Aquela criança?!

– Você está noivo daquela “criança”, não está? – Anne falou, severamente.

– Não exatamente noivo: nada além de uma bobagem de dois jovens. Acho que fiquei influenciado pelo luar.

Anne pensou rapidamente por alguns segundos. Se Terry realmente se importava tão pouco assim com Hazel, a menina se livraria bem mais facilmente do compromisso com ele. Talvez aquela fosse uma

oportunidade enviada do céu para desembaraçar os dois do emaranhado tolo que haviam criado e do qual nem um, nem outro, considerando a seriedade implacável da juventude, sabia como escapar.

– É claro que – Terry continuou, ignorando o silêncio de Anne – estou em uma situação difícil, admito. Receio que Hazel tenha me levado um pouco a sério demais, e agora não sei como lhe abrir os olhos para seu erro.

A impulsiva Anne assumiu seu ar mais maternal possível.

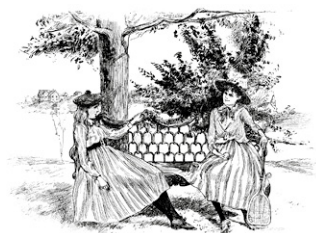
– Terry, vocês são um casal de crianças brincando de adultos. Na verdade, Hazel não o ama mais do que você a ela. Parece que aquele luar influenciou os dois. Ela quer desfazer o compromisso, mas teme lhe dizer isso por medo de magoá-lo. Ela é apenas uma garota romântica e confusa, e você, um rapaz apaixonado pelo amor. Um dia, ambos ainda vão dar uma boa risada ao lembrar tudo isso.

“Acho que me expressei muito bem”, Anne pensou, satisfeita.

Terry respirou longa e profundamente.

– Você tirou um peso de minhas costas, Anne. Hazel é uma menina adorável, é claro, e eu odiava pensar em machucá-la, mas há algumas semanas percebi meu... nosso... erro. Quando um homem conhece uma mulher, *a* mulher... Anne, você não vai entrar ainda, vai? Será que vamos desperdiçar essa Lua fascinante? Você parece uma rosa branca ao luar, Anne...

Entretanto, Anne já tinha saído apressadamente.





Capítulo XI

Em um crepúsculo de meados de junho, enquanto corrigia exames de alunos no quarto da torre, Anne fez mais uma pausa para limpar o nariz. Já havia feito isso tantas vezes, nas últimas horas, que ele estava vermelho e dolorido. O fato é que havia contraído uma gripe muito forte e nada romântica, que não lhe permitia desfrutar do céu suavemente esverdeado atrás dos pinheiros de The Evergreens, da Lua branca e prateada que pairava sobre o Rei da Tempestade, do perfume delicioso dos lilases abaixo de sua janela ou das flores de íris azuis sobre sua mesa de trabalho. A enfermidade havia obscurecido todo o seu passado e encoberto totalmente seu futuro.

– Uma gripe em pleno mês de junho é algo imoral – disse ela a Dusty Miller, que meditava sobre o parapeito da janela. – Porém, dentro de duas semanas, vou estar em minha adorada Green Gables, em vez de ficar aqui

me preocupando com estas provas cheias de erros grosseiros e assoando este nariz exaurido. Pense nisso, Dusty Miller.

Aparentemente, o gato pensou naquilo. Pode ser que ele também tenha imaginado que a jovem que veio correndo ao longo da Spook's Lane e entrou às pressas em Windy Poplars estava muito zangada, perturbada e distante da atmosfera de um mês de junho. Era Hazel Marr, apenas um dia após voltar de Kingsport, e, evidentemente, uma Hazel Marr muito fora de si que, poucos minutos depois, irrompeu tempestuosamente no quarto da torre sem esperar resposta para sua batida forte na porta.

– Hazel querida (*atchim!*). Já voltou de Kingsport? Só esperava vê-la na próxima semana!

– Suponho mesmo que sim – Hazel respondeu, sarcasticamente. – Sim, senhorita Shirley, *estou de volta*. E o que foi que descobri? Que andou se esforçando ao máximo para afastar Terry de mim, e *tudo* indica que conseguiu.

– Hazel! (*atchim!*)

– Já sei de *tudo*! Disse a Terry que eu não o amava... que queria romper nosso noivado... nosso compromisso *sagrado*!

– Hazel, minha querida! (*atchim!*)

– Muito bem, zombe de mim... *caçoe* de tudo! Mas não tente negar. A senhorita fez isso, e fez *deliberadamente*!

– É lógico que fiz. Você me pediu.

– *Eu* pedi que fizesse?!

– Aqui, neste mesmo quarto. Disse que não o amava e que nunca poderia se casar com ele.

– Ah, aquilo foi só um estado de espírito temporário, suponho. *Jamais* sonhei que me levaria a sério! Pensei que a *senhorita* compreenderia meu temperamento artístico. É claro que é muito mais velha do que eu, mas ainda assim não pode ter se *esquecido* das loucuras que as garotas sentem... e dizem! A senhorita *fingiu* ser minha amiga!

“Isto só pode ser um pesadelo”, a pobre Anne pensou, limpando mais uma vez o nariz.

– Sente-se, Hazel, por favor.

– Sentar-me?! – A moça andava agitada de um lado para o outro do quarto. – Como eu poderia me sentar... como poderia *qualquer pessoa* se sentar quando sua vida está arruinada? Ora, se é isso que a maturidade faz conosco, se nos torna invejosos da felicidade dos mais novos e determinados a *estragá-la*, vou orar todos os dias para jamais envelhecer!

Subitamente a mão de Anne formigou com um desejo estranho, primitivo e horrível de estapear as orelhas de Hazel. Contudo, ela se controlou tão instantaneamente que nem acreditou depois que havia realmente sentido aquilo. Por outro lado, achou que um pequeno castigo era indicado.

– Se não pode se sentar e conversar sensatamente, Hazel, eu gostaria que fosse embora (Um *atchim!* bastante violento). Tenho trabalho a fazer. (*Snif... snif... snif.*)

– Não vou embora enquanto não tiver dito exatamente o que penso da senhorita. Entendo que, na verdade, sou a única culpada; eu deveria ter percebido. Aliás, eu *soube*; senti instintivamente, na primeira vez em que a vi, que era *perigosa*. Esse cabelo ruivo e esses olhos esverdeados não poderiam ter me enganado! Apenas não *imaginei* que a senhorita iria tão longe para criar problemas entre mim e Terry. Achei que ao menos era *cristã*. Nunca ouvi falar de *ninguém* que tivesse feito algo semelhante. Bem, se isso a deixa satisfeita, saiba que a senhorita partiu meu coração.

– Sua tolinha...

– Não quero ouvir mais nada! Oh, Terry e eu éramos tão felizes até a senhorita estragar tudo. *Eu* estava nas nuvens. A *primeira* do meu círculo de amigas a ficar noiva! Já tinha até planejado meu casamento. Seriam quatro madrinhas, usando lindos vestidos de seda azul-claros, com uma fita de veludo preto nos babados. Tão chique! Não sei se a odeio ao extremo ou se tenho muita pena da senhorita. *Como pôde* me tratar dessa forma, apesar do tanto que a *amei*, que *confiei* e *acreditei* na senhorita?

Hazel se calou; seus olhos estavam cheios de lágrimas, e ela desabou na cadeira de balanço.

“Não podem ter lhe restado muitos pontos de exclamação”, pensou Anne, “mas sem dúvida seu suprimento de itálicos é inesgotável”.

– Isso vai praticamente matar minha pobre mãe – Hazel soluçou. – Ela estava tão contente... *todos* estavam tão satisfeitos... achavam que éramos um casal *perfeito*. Oh, será que *alguma coisa* pode voltar a ser como antes?

– Espere até a próxima noite de luar e tente – Anne aconselhou, gentilmente.

– Pois bem, ria, senhorita Shirley... ria de meu sofrimento. Não tenho a menor dúvida de que acha tudo muito divertido... muito divertido *mesmo*! Não sabe o que é sofrimento! É horrível... *horrível*!

Anne olhou para o relógio e espirrou.

– Então não sofra – falou impiedosamente.

– Vou sofrer. Meus sentimentos são *muito* profundos. Logicamente, uma alma *superficial* não sofreria. Contudo, sou grata por *não* ser superficial, mesmo sendo qualquer outra coisa. Tem *alguma* ideia do que seja estar apaixonada, senhorita Shirley? Verdadeiramente, profundamente, *maravilhosamente* apaixonada? Sabe o que é confiar e ser enganada? Fui a Kingsport *tão* feliz... encantada com o mundo todo! Falei para o Terry ser gentil com você enquanto eu estivesse fora, pedi que não a deixasse sentir-se solitária. Ontem à noite, voltei para casa *tão* alegre! E o que aconteceu? Tive de ouvi-lo dizer que não me ama mais... que tudo não passou de um engano... um *erro*! E ele me contou que a senhorita havia falado que eu também não o amava mais e queria me libertar de nosso compromisso!

– Minhas intenções foram nobres – Anne afirmou, sorrindo. Seu esperto senso de humor havia chegado para salvá-la, e ela riu tanto de si mesma quanto de Hazel.

– Como sobrevivi a uma noite tão terrível? – perguntou Hazel, atormentada. – Apenas andei de um lado para o outro. E a senhorita não sabe, não pode sequer imaginar o que já passei hoje. Tive de escutar... literalmente *escutar*... comentários sobre o deslumbramento de Terry com a senhorita. As pessoas observaram vocês! Sabem o que andaram fazendo. Ora, por quê? Por quê? É isso que não consigo entender. Você tinha seu

próprio noivo, por que não me deixou com o meu? O que tem contra mim? Afinal, o que foi que eu lhe fiz?

– Eu acho – disse Anne completamente exasperada – que você e Terry precisam de uma boa surra. Se você não estivesse tão furiosa para ouvir a razão...

– Não estou furiosa, senhorita Shirley, apenas magoada, imensamente magoada – Hazel falou com a voz entrecortada pelos soluços. – Sinto que fui traída em tudo... na amizade e no amor. Bem, dizem que depois que seu coração é partido, você não sofre nunca mais. Gostaria que fosse verdade, mas receio que não seja.

– O que foi feito de sua ambição, Hazel? Do paciente milionário? Da lua de mel em um lugar esplêndido diante do azul fascinante do Mediterrâneo?

– Posso lhe garantir que não sei do que está falando, senhorita Shirley. Não sou nem um pouco ambiciosa. Não estou entre essas mulheres modernas e desagradáveis. *Minha* maior ambição era ser uma esposa feliz e proporcionar um lar abençoado para meu marido. Era... *era*! E pensar que tenho de usar o verbo no passado! Ora, não vale a pena confiar em *ninguém*. Aprendi isso. Uma lição muito, muito amarga!

Hazel enxugou os olhos, Anne limpou o nariz, e Dusty Miller fitou melancolicamente a estrela vespertina.

– Acho que é melhor você ir agora, Hazel. Estou realmente bastante ocupada e não vejo o que temos a ganhar prolongando esta conversa.

Hazel dirigiu-se à porta com ar de Mary Queen of Scots caminhando para sua morte cruel^{*****} e, ali, virou-se dramaticamente para Anne:

– Adeus, senhorita Shirley. Deixo-a com sua consciência.

A sós com sua consciência, Anne pôs a caneta de lado, espirrou três vezes e falou francamente consigo mesma:

– Você pode até ter cursado uma faculdade, Anne Shirley, mas ainda tem algumas coisas a aprender; coisas que Rebecca Dew poderia lhe ter dito e que, na verdade, *disse*. Seja honesta com você mesma, minha querida, e aceite a verdade humildemente, sem reclamar. Admita que se

deixou levar pelos elogios. Reconheça que apreciava bastante a adoração declarada de Hazel por você. Admita que sentiu prazer em ser reverenciada. Reconheça que gostou da ideia de ser uma espécie de *deus ex machina*,^{*****} salvando uma pessoa de sua própria insensatez, quando ela nem mesmo queria ser resgatada daquela tolice. E então, após admitir tudo isso e sentir-se mais sábia, triste e alguns milhares de anos mais velha, pegue sua caneta e continue a corrigir as provas, pausando apenas para observar, ligeira e ocasionalmente, que Myra Pringle pensa que um serafim é “um animal que vive na África”.





Capítulo XII

*U*ma semana depois, Anne recebeu uma carta escrita em papel azul-claro, com bordas prateadas.

Prezada senhorita Shirley,

Estou lhe escrevendo para dizer que todo o mal-entendido entre Terry e eu foi esclarecido e que estamos tão profunda, intensa e maravilhosamente felizes que decidimos perdoá-la. Terry disse que estava apenas influenciado pelo luar quando achou que estava apaixonado pela senhorita, mas que, na verdade, seu coração nunca deixou realmente de ser fiel a mim. Falou que, assim como todos os homens, gosta de mulheres doces e simples, e que não tem nenhum interesse pelas que conspiram e criam intrigas.

Até hoje não entendemos por que a senhorita se comportou daquela maneira conosco, nunca vamos entender. Talvez só quisesse material para um de seus contos e achasse que poderia encontrá-lo

intrometendo-se na primeira história de amor romântica e sensível de uma garota. Entretanto, somos gratos à senhorita por nos ter revelado para nós mesmos. Terry percebeu que, até então, nunca havia conhecido o sentido mais profundo da vida. Portanto, tudo aconteceu para o nosso bem.

Nós nos damos tão bem que podemos sentir os pensamentos um do outro. Ninguém compreende Terry como eu, e quero ser sempre uma fonte de inspiração para ele. Não sou inteligente como a senhorita, mas sei que posso ser essa fonte, pois somos almas gêmeas e juramos ser eternamente verdadeiros e constantes, não importando quantas pessoas ciumentas ou quantos amigos falsos tentem criar problemas entre nós.

Vamos nos casar assim que meu enxoval estiver pronto. Vou comprá-lo em Boston, pois em Summerside não há nada que eu realmente queira. Meu vestido de noiva vai ser de moiré***** branco, e vou viajar para a lua de mel usando um conjunto cinza prata e chapéu, luvas e blusa em um lindo tom de azul anil. É óbvio que ainda sou muito jovem, mas quero me casar enquanto sou nova, antes que a flor da vida comece a murchar.

Terry é tudo o que eu poderia desejar em meus sonhos mais ambiciosos, e meu coração bate exclusivamente para ele. Sei que vamos ser infinitamente felizes juntos. Houve um tempo em que acreditei que todos os meus amigos se alegrariam com minha felicidade, mas depois aprendi uma amarga lição, e hoje já sou mais sábia quanto aos assuntos terrenos.

Cordialmente,

Hazel Marr

P.S.1: A senhorita me disse que Terry tem pavio curto. Ora, a irmã dele me contou que meu noivo é manso como um cordeiro.

H.M.

P.S.2: Ouvi dizer que suco de limão clareia sardas. A senhorita deveria experimentar em seu nariz.

H.M.

– Citando Rebecca Dew – Anne falou com Dusty Miller –, esse pós-escrito número dois é “a gota d’água que faltava”.





Capítulo XIII

Com os sentimentos confusos, Anne foi para casa passar suas segundas férias de Summerside. Gilbert não estaria em Avonlea naquele verão, pois tinha ido para o oeste trabalhar em uma ferrovia em construção. Contudo, Green Gables ainda era Green Gables, e Avonlea ainda era Avonlea. O Lago das Águas Brilhantes cintilava e reluzia como antes. As samambaias continuavam a crescer densamente sobre a Bolha da Dríade, e a ponte de troncos, embora ficasse um pouco mais frágil e coberta de musgo a cada ano, ainda conduzia às sombras, aos silêncios e às canções do vento no Bosque Assombrado.

Anne havia persuadido a senhora Campbell a permitir que a pequena Elizabeth ficasse com ela em Green Gables por uma quinzena, nem sequer um dia a mais. Porém, a garota, ansiosa por duas semanas inteiras com a senhorita Shirley, não queria mais nada na vida.

– Hoje eu me sinto como senhorita Elizabeth – disse a Anne, com um suspiro de alegria e entusiasmo, enquanto se afastavam de Windy Poplars.
– A senhorita poderia, por favor, me apresentar a seus amigos de Green Gables como senhorita Elizabeth? Isso faria eu me sentir tão adulta!

– Certamente que sim – prometeu Anne, séria, lembrando-se de uma criança ruiva que, no passado, implorou para ser chamada de Cordélia.

A viagem de Elizabeth de Blight River a Green Gables, por uma estrada que apenas Prince Edward Island podia mostrar em junho, foi quase tão extasiante para ela quanto tinha sido para Anne naquele inesquecível crepúsculo de primavera tantos anos atrás. O mundo era maravilhoso, com prados que pareciam ondular com o vento por todos os lados e surpresas à espera em cada curva. Estava com sua adorada senhorita Shirley; ficaria livre da Mulher por duas semanas inteiras; tinha um vestido novo, de algodão cor-de-rosa, e um par de adoráveis botas marrons, também novas. Era quase como se o Amanhã já fosse ali; e, melhor ainda, com quatorze Amanhãs pela frente. Os olhos de Elizabeth brilhavam cheios de sonhos quando elas entraram na alameda de Green Gables, ladeada por rosas silvestres.

A vida pareceu mudar magicamente para Elizabeth no momento em que chegou a Green Gables. Por duas semanas, a menina viveu em um mundo de romance. Era impossível atravessar a porta sem entrar em algum lugar romântico. As coisas estavam sempre prestes a acontecer em Avonlea: se não hoje, então no dia seguinte. Elizabeth sabia que *ainda* não tinha chegado ao Amanhã, mas percebia que estava bem próxima dele.

Tudo em Green Gables e ao redor parecia familiarizado com ela. Até mesmo o conjunto de chá decorado com botões de rosa de Marilla dava a impressão de ser um velho amigo. Os cômodos a olhavam como se ela sempre tivesse conhecido e amado cada um deles. A grama ali era mais verde do que em qualquer outro lugar. E as pessoas que moravam em Green Gables eram do mesmo tipo que aquelas que viviam no Amanhã. Elizabeth amou-as e foi amada por elas. Davy e Dora a adoraram e mimaram. Marilla e a senhora Lynde a aprovaram: afinal, ela era asseada,

bem-educada e amável com os mais velhos. Ambas sabiam que Anne não concordava com os métodos da senhora Campbell, mas estava claro que ela havia criado adequadamente a bisneta.

– Eu não quero dormir, senhorita Shirley – Elizabeth sussurrou quando as duas estavam na cama, no pequeno quarto do sótão, após um fim de tarde delicioso. – Não quero dormir um único minuto desses dias maravilhosos que vou passar aqui. Eu gostaria de poder ficar o tempo todo acordada enquanto estiver em Green Gables.

Durante algum tempo ela não dormiu, mesmo. Era divino estar ali e escutar aqueles estrondos baixos e distantes que a senhorita Shirley havia explicado que eram das ondas do mar quebrando na praia. Elizabeth amou aquele som, assim como o dos suspiros do vento sobre o telhado. Sempre tinha tido medo da noite. Quem poderia imaginar que coisas esquisitas saltariam, no escuro e subitamente, sobre você? Entretanto, agora não temia mais nada. Pela primeira vez em sua vida, a noite lhe pareceu uma amiga.

A senhorita Shirley havia prometido que iriam à praia no dia seguinte e mergulhariam naquelas ondas prateadas que tinham visto quebrar para além das dunas verdes de Avonlea, quando subiram a última colina antes de chegar a Green Gables. Elizabeth podia vê-las se aproximando, uma após a outra, até que veio a grande e escura onda do sono, pela qual, com um delicioso suspiro de rendição, a menina se deixou levar. “É... tão... fácil... amar... Deus... aqui” foi seu último pensamento consciente.

Nas noites de sua estada em Avonlea, Elizabeth ficou acordada, pensando por um bom tempo depois que Anne já havia adormecido. Por que a vida em The Evergreens não poderia ser como era em Green Gables?

Ela nunca havia morado em um lugar onde pudesse fazer barulho, se assim desejasse. Todos em The Evergreens tinham de se mover suavemente, falar suavemente... e até, como Elizabeth havia entendido, pensar suavemente. E existiam momentos em que ela queria perversamente berrar bem alto e por bastante tempo.

– Aqui você pode fazer todo o barulho que quiser – Anne havia dito.

Porém, estranhamente, agora que nada a impedia, ela não queria gritar: gostava de fazer tudo em silêncio, caminhando levemente entre todas as coisas encantadoras ao redor. Mas, em Green Gables, Elizabeth aprendeu a rir. Quando voltou para Summerside, levou consigo lembranças adoráveis e deixou para trás outras recordações igualmente fascinantes.

Para os habitantes de Green Gables, a casa ficou cheia de memórias da pequena Elizabeth durante meses. E, apesar de Anne ter apresentado solenemente a menina como “senhorita Elizabeth”, ela foi para todos a “pequena Elizabeth”. Era tão pequenina, tão radiante, tão parecida com um elfo que ninguém poderia pensar nela sem ser como “pequena Elizabeth”.

Era a pequena Elizabeth dançando entre os narcisos do jardim durante o crepúsculo, sentada em um galho da grande macieira, lendo contos de fadas, livre e desimpedida; a pequena Elizabeth quase toda escondida em um campo de botões-de-ouro, onde sua cabeça dourada parecia apenas um botão-de-ouro maior, correndo atrás de mariposas verdes e prateadas ou tentando contar os vagalumes da Vereda dos Apaixonados, ouvindo o zumbido dos zangões entre as campânulas, sendo servida na despensa, por Dora, de morangos com creme ou comendo groselhas no quintal.

– Groselhas são coisas tão bonitas, não acha, Dora? É como estar comendo joias, não acha?

Era a pequena Elizabeth cantando para si mesma na penumbra assombrada dos abetos, com os dedos perfumados após colher enormes rosas de cem pétalas, observando a Lua imensa que pairava sobre o riacho no vale.

– Acho que a Lua tem um *olhar preocupado*, não tem, senhora Lynde?

A pequena Elizabeth chorando amargamente porque um capítulo da história em série da revista de Davy terminou com o herói em uma situação perigosa.

– Oh, senhorita Shirley, tenho certeza de que ele não vai escapar!

A pequena Elizabeth, corada e doce como uma rosa silvestre, encolhida no sofá da cozinha para um cochilo à tarde, com os filhotes de gato de Dora aninhados em volta dela; dando gargalhadas ao ver o vento levantar as penas das galinhas e tirar toda a dignidade delas (poderia mesmo a pequena Elizabeth rir daquela maneira?); ajudando Anne a decorar *cupcakes*, a senhora Lynde, a cortar retalhos para uma colcha nova e Dora, a polir castiçais antigos de bronze até elas poderem ver seus rostos refletidos neles; cortando biscoitos minúsculos apertando um dedal na massa, sob a supervisão de Marilla.

Ora, os habitantes de Green Gables mal podiam olhar para um local ou uma coisa sem se lembrar da pequena Elizabeth.

“Será que ainda vou ter outra quinzena tão feliz como essa?”, pensou a pequena Elizabeth enquanto partia de Green Gables. A estrada que levava à estação estava tão bonita quanto duas semanas antes, mas, durante grande parte do percurso, a menina não pôde vê-la por causa das lágrimas.

– Nunca imaginei que um dia eu sentiria tanta falta de uma criança – a senhora Lynde comentou.

Depois que a pequena Elizabeth se foi, Katherine Brooke e seu cachorro chegaram para passar o resto do verão. Ela havia se demitido da Summerside High School no final do ano letivo e pretendia se mudar no outono, para fazer um curso de secretariado na universidade de Redmond, seguindo um conselho de Anne.

– Sei que vai gostar desse trabalho: você nunca teve prazer em lecionar – Anne afirmou, num fim de tarde em que estavam sentadas num canto de um campo de trevos cheio de samambaias contemplando um glorioso pôr do sol.

– A vida me deve algo além do que já me deu, e vou em busca disso – Katherine respondeu, determinada. – Como me sinto mais jovem do que nesta mesma época, no ano passado! – acrescentou, com uma risada.

– Estou certa de que é a melhor coisa que tem a fazer, mas detesto pensar em Summerside e na escola sem você. Como vai ser o quarto da torre no próximo ano sem nossas noites de conversas e discussões, e sem

nossas horas de falar bobagens, quando transformávamos tudo e todos em motivo de piada?







Capítulo I

Windy Poplars,
Spook's Lane,
8 de setembro



Meu querido,

O verão acabou. Um verão em que estive com você somente naquele fim de semana de maio. E agora estou de volta a Windy Poplars para meu terceiro e último ano na Summerside High School. Katherine e eu nos divertimos muito em Green Gables, e vou sentir terrivelmente a falta dela aqui, este ano. A professora que veio para substituí-la é uma mulher pequena, gorducha e rosada; é alegre e amável como um filhote de cão ou gato. Entretanto, sinto que não há nada mais nela além disso. Tem olhos azuis brilhantes, mas nenhum pensamento por trás deles. Gosto dela, sempre vou gostar – nem mais, nem menos, pois não há nada para *descobrir* nela. Havia tanto para descobrir em Katherine, depois que, finalmente, conquistei sua confiança!

Não houve mudanças em Windy Poplars – ou melhor, houve, sim. A velha vaca vermelha foi para seu lar eterno, Rebecca Dew me informou tristemente, quando desci para jantar na segunda-feira à noite. As viúvas decidiram não se dar ao trabalho de arrumar outra: vão comprar leite e creme do senhor Cherry. Isso quer dizer que a pequena Elizabeth não virá mais à porta verde para buscar seu leite fresco. Porém, a senhora Campbell parece ter aceitado que ela venha aqui sempre que quiser, portanto, isso já não faz muita diferença mais.

Outra mudança está sendo planejada. Tia Kate me contou, para meu desgosto, que elas resolveram dar Dusty Miller assim que encontrarem um lar adequado para ele. Quando protestei, disse que tomaram essa decisão em busca de paz. Rebecca Dew tinha passado todo o verão reclamando constantemente dele, e não havia outra maneira de satisfazê-la. Pobre Dusty Miller. É um gato tão corajoso, ruidoso e querido!

Como amanhã é sábado, vou tomar conta dos gêmeos da senhora Raymond enquanto ela vai a Charlottetown para o funeral de uma parente. Ela é uma viúva que se mudou para Summerside no inverno passado. Rebecca Dew e as viúvas de Windy Poplars (sim, esta cidade é realmente um ótimo lugar para viúvas) a consideram “um pouco requintada demais” para Summerside, mas ela foi maravilhosamente prestativa quando ajudou Katherine e eu nas atividades do Clube de Teatro da escola. Um favor se paga com outro.

Gerald e Geraldine estão com 8 anos de idade e formam um par de crianças de aparência angelical. Contudo, Rebecca Dew “fechou a cara”, para usar uma de suas expressões, quando lhe contei o que eu faria.

– Eu amo crianças, Rebecca!

– Crianças, sim, mas aqueles ali são duas pestes, senhorita Shirley. A senhora Raymond acredita que crianças nunca devem ser castigadas. Ela diz que está determinada a permitir que seus filhos sejam “espontâneos”. Eles enganam as pessoas com aquela aparência doce e meiga, mas eu já ouvi o que os vizinhos têm a dizer sobre esses gêmeos. A esposa do pastor foi fazer uma visita uma tarde dessas e... bem, a senhora Raymond a tratou

como uma rainha; porém, quando ela estava se despedindo, uma chuva de cebolas caiu do alto da escada, e uma delas derrubou seu chapéu.. “As crianças sempre agem de um modo abominável quando queremos que elas sejam especialmente bem-comportadas” foi tudo o que a senhora Raymond falou; naturalmente, como se tivesse orgulho das travessuras dos filhos. A família veio dos Estados Unidos, a senhorita entende, não é?

Rebecca Dew acha que a proveniência deles explica tudo. Ela tem o mesmo ponto de vista da senhora Lynde em relação aos “ianques”. ✉





Capítulo II

Na manhã de sábado, Anne se dirigiu ao chalé antigo e bonito, em uma rua que levava ao campo, onde moravam a senhora Raymond e seus famosos gêmeos. Quando chegou, a viúva já estava completamente pronta e realmente bela para viajar, embora estivesse vestida de uma forma talvez alegre demais para um funeral, principalmente no que se referia ao chapéu enfeitado com flores coloridas que cobria parte de seu cabelo castanho, sedoso e ondulado. Os gêmeos de 8 anos, que haviam herdado sua beleza, estavam sentados na escada, com os rostos pequenos e delicados com uma expressão bastante angelical. Tinham a pele alva, bochechas rosadas, olhos azul-claros grandes e brilhantes, e um cabelo louro-claro fino e cacheado que parecia formar auréolas em suas cabeças.

Os dois sorriram com uma doçura cativante quando a mãe os apresentou a Anne e contou que a prezada senhorita Shirley havia feito a gentileza de vir cuidar deles para que ela pudesse ir ao funeral da adorada tia Ella. Disse também que era óbvio que eles seriam obedientes e não dariam a ela absolutamente nenhum trabalho, “não é, meus queridos?”.

Os queridos acenaram afirmativa e seriamente com a cabeça e assumiram, apesar de parecer impossível, um ar mais angelical do que nunca.

A senhora Raymond pediu a Anne que percorresse com ela o caminho até o portão.

– Eles são tudo o que tenho... agora – falou dramaticamente. – É possível que eu os tenha mimado um pouco, sei que as pessoas dizem isso. Todo mundo sempre sabe muito melhor do que nós mesmas como devemos educar nossos filhos, já percebeu, senhorita Shirley? No entanto, *eu* penso que, em qualquer caso, o amor é bem mais indicado do que uma surra, não concorda, senhorita Shirley? Tenho *certeza* de que não vai ter nenhum problema com eles. As crianças *sabem* com quem devem se comportar e com quem podem brincar, não concorda? Sabe aquela velha senhorita Prouty, coitada, que mora no final da rua? Certa vez eu lhe pedi para ficar aqui com eles, mas os pobres queridos não conseguiram suportá-la. Portanto, é claro que eles a provocaram um pouco... a *senhorita* sabe como são as crianças. E ela se vingou contando os casos mais absurdos sobre eles por todos os lados da cidade. A senhorita, porém, não precisa se preocupar: eles vão amá-la, e sei que vão se comportar como anjos. É lógico que são cheios de energia... crianças têm de ser, não acha? É tão triste ver crianças com uma expressão intimidada no rosto. Gosto quando são espontâneas, e a senhorita? Crianças muito perfeitas parecem não agir naturalmente, *não parecem*? Por favor, não permita que eles brinquem com os barquinhos na banheira nem que fujam para o lago. Tenho tanto medo de que peguem uma gripe! O pai deles morreu de pneumonia.

Os grandes olhos azuis da senhora Raymond deram a impressão de que transbordariam, mas ela conteve elegantemente as lágrimas.

– Não se preocupe se eles brigarem um pouco: crianças pequenas sempre se desentendem, não é mesmo? Entretanto, se alguém de fora ataca um deles, misericórdia! Na verdade, os dois se adoram, sabe? Eu poderia levar um deles ao funeral, mas eles se recusariam até a me ouvir falar sobre isso. Jamais se separaram por um dia sequer em sua vida. E eu *não* conseguiria tomar conta de duas crianças em um funeral, conseguiria?

– Fique tranquila, senhora Raymond – Anne falou, amavelmente. – Não tenho dúvidas de que Gerald, Geraldine e eu vamos passar um dia ótimo juntos. Simplesmente amo crianças.

– Eu sei. Na primeira vez em que a vi, notei que ama crianças. A gente sempre percebe, não é? Essas pessoas possuem alguma coisa *especial*. A velha e pobre senhorita Prouty as detesta. Só procura o que há de errado nelas, e, sendo assim, é claro que encontra. A senhorita não imagina o quanto me acalma saber que meus queridos estão sob os cuidados de alguém que ama e compreende as crianças. Estou certa de que vou aproveitar o dia.

– A senhora bem que poderia *nos* levar ao funeral! – Gerald berrou, pondo a cabeça, de repente, para fora de uma janela do andar de cima. – Nunca tivemos uma diversão como essa.

– Oh, eles estão no banheiro! – a senhora Raymond exclamou em um tom trágico. – Querida senhorita Shirley, por favor, suba e tire-os de lá. Gerald querido, você sabe que mamãe não poderia levar *vocês dois* com ela ao funeral. Veja, senhorita Shirley, ele já pegou aquele tapete de pele de coioote do chão da sala e amarrou no pescoço mais uma vez. Vai acabar arruinando meu tapete. Faça com que ele o devolva para seu lugar imediatamente. Agora, *preciso* me apressar ou vou acabar perdendo o trem.

A senhora Raymond atravessou graciosamente o portão, e Anne subiu a escada às pressas, a tempo de encontrar a angelical Geraldine segurando o irmão pelas pernas e, aparentemente, tentando jogá-lo pela janela.

– Senhorita Shirley, mande Gerald parar de mostrar a língua para mim – exigiu ferozmente.

– Isso machuca você? – perguntou Anne, sorrindo.

– Não quero que ele continue a fazer caretas para *mim*! – retrucou Geraldine, lançando um olhar maligno para Gerald, que retribuiu com desdém.

– A língua é minha, e você não pode me impedir de colocá-la para fora quando eu quiser. Pode, senhorita Shirley?

Anne ignorou a pergunta.

– Crianças queridas, falta apenas uma hora para o almoço. Que tal nos sentarmos no jardim e brincarmos ou contarmos histórias? Gerald, por que não leva essa pele de coio de volta para o chão da sala?

– Eu quero brincar de lobo! – Gerald respondeu.

– Ele quer brincar de lobo! – Geraldine exclamou, aliando-se subitamente ao irmão.

– Nós queremos brincar de lobo! – ambos gritaram ao mesmo tempo.

O toque da campainha pôs fim ao dilema de Anne.

– Venham, vamos ver quem é! – gritou Geraldine imediatamente.

Os gêmeos correram até a escada e, por terem descido escorregando pelo corrimão – a pele de coio tendo se soltado do corpo do menino e voado para o chão durante o processo –, chegaram à porta da frente bem mais depressa do que Anne.

– Nunca compramos nada de vendedores ambulantes – Gerald informou à mulher que estava diante dele.

– Posso falar com sua mãe? – ela perguntou.

– Não, não pode. Mamãe foi ao funeral de tia Ella. A senhorita Shirley está tomando conta de nós. Ali vem ela, descendo a escada. E vai dispensá-la rapidamente.

Anne *realmente* teve vontade de “dispensar” a visita quando viu quem era. A senhorita Pamela Drake não era uma pessoa muito bem-vinda aos lares de Summerside. Estava frequentemente pedindo apoio a alguma causa ou vendendo algum produto, e geralmente era impossível se livrar dela a menos que você fizesse o que solicitava, já que a senhorita Drake era totalmente imune a desprezos e insinuações e, além disso, parecia ter todo o tempo do mundo sob seu controle.

Naquele dia, estava recebendo encomendas de uma enciclopédia recém-lançada, algo que nenhuma professora poderia deixar de ter. Em vão, Anne afirmou veementemente que não precisava de enciclopédias novas, pois a Summerside High School já possuía uma excelente.

– Publicada há dez anos, completamente desatualizada! – retrucou firmemente a senhorita Pamela. – Vamos nos sentar aqui neste banco rústico, senhorita Shirley, e vou lhe mostrar os folhetos.

– Sinto muito, mas não tenho tempo agora, senhorita Drake. Tenho de cuidar das crianças.

– Não vou lhe tomar mais do que alguns minutos. Eu estava mesmo pensando em procurá-la, e considero uma grande sorte ter encontrado a senhorita aqui. Afastem-se e brinquem um pouco, crianças, enquanto a senhorita Shirley e eu folheamos estes belos folhetos.

– Mamãe contratou a senhorita Shirley para ficar conosco – disse Geraldine, balançando seus cachos louros.

Nesse momento, Gerald puxou a menina para trás e bateu a porta, deixando Anne a sós com a visitante.

– Olhe bem, senhorita Shirley, observe como a enciclopédia é *magnífica*. E veja a qualidade do papel, *sinta* sua textura! E as gravuras não são esplêndidas? Nenhuma outra enciclopédia no mercado tem metade do número de gravuras desta. E a qualidade da impressão não é fantástica? Até um cego poderia ler... E tudo isso por apenas oitenta dólares! Oito agora e oito por mês até ela estar paga. A senhorita nunca mais terá outra oportunidade como esta. Este é o preço de lançamento; no ano que vem, a coleção vai custar cento e vinte dólares.

– Mas eu não quero uma enciclopédia, senhorita Drake – Anne repetiu, atormentada.

– Ora, é lógico que quer... *todo mundo* deseja ter uma como esta! Uma enciclopédia *nacional*! Não sei como vivi antes de conhecê-la! Estou falando de viver! Eu não vivia... meramente existia. Preste atenção na gravura deste casuar, por exemplo. Dizem que é uma ave muito perigosa. A senhorita já tinha visto um casuar antes?

– Ouça, senhorita Drake, eu...

– Se acha que as parcelas vão pesar um pouco em seu bolso, tenho certeza de que posso fazer um desconto especial para a senhorita. Afinal, é uma professora! O que acha de seis dólares por mês em vez de oito? Não pode recusar uma oferta como esta, senhorita Shirley!

Anne quase pensou que não poderia realmente. Não valeria a pena pagar seis dólares por mês para se ver livre daquela mulher terrível, evidentemente determinada a não ir embora enquanto não conseguisse o que queria? E os gêmeos? O que estariam fazendo? Estavam alarmantemente silenciosos. E se estivessem brincando com os barquinhos na banheira? Ou, ainda pior, se tivessem fugido pela porta de trás e ido para o lago?

Preocupada, fez mais um esforço doloroso para escapar.

– Vou pensar, senhorita Drake, e depois aviso...

– Não há tempo melhor do que o presente – a senhorita Pamela Drake a interrompeu, pegando rapidamente sua caneta-tinteiro. – A senhorita *sabe* que vai adquirir a Enciclopédia Nacional, portanto é melhor encomendá-la de uma vez. Nunca se ganha nada adiando as coisas. O preço pode subir a qualquer momento, e então vai ter de pagar cento e vinte. Assine aqui, por favor, senhorita Shirley.

Anne sentiu a caneta-tinteiro ser colocada à força em sua mão. Segundos depois, ela ouviu um grito estridente e horripilante vindo da senhorita Drake, e deixou a caneta cair entre as flores amarelas do canteiro ao lado do banco rústico. A jovem olhou perplexa e horrorizada para a visita.

Aquela era a senhorita Drake? Uma criatura indescritível, sem óculos, sem chapéu e quase sem cabelo? Chapéu, óculos e peruca estavam pendurados no ar, acima da cabeça dela e a meio caminho da janela do banheiro, na qual Anne pôde ver duas cabeças pequenas e douradas. Gerald segurava uma vara de pescar com duas linhas e um anzol em cada. Com que passe de mágica tinha conseguido fisgar três objetos, só ele

mesmo poderia dizer. É mais provável, porém, que tenha sido por pura sorte.

Anne entrou correndo e subiu apressadamente a escada. Quando chegou ao banheiro, os gêmeos não estavam mais lá. Gerald tinha deixado a vara cair, e uma espiada pela janela revelou uma senhorita Drake furiosa, recuperando seus pertences – inclusive a caneta-tinteiro – e marchando para o portão. Pela primeira vez em sua vida, a senhorita Pamela Drake tinha fracassado na concretização de uma venda.

Anne encontrou os gêmeos comendo maçãs, candidamente, na varanda dos fundos. Foi difícil saber como agir. Certamente, aquele comportamento não poderia ficar sem uma punição, mas, por outro lado, era inegável que Gerald a havia livrado de uma situação complicada. Além do mais, a senhorita Drake *era* uma criatura odiosa que precisava de uma lição. Ainda assim...

– Você acabou de comer uma lagarta enorme! – Gerald gritou. – Eu a vi desaparecer em sua garganta.

Geraldine pôs sua maçã de lado e começou imediatamente a passar mal, muito mal. Anne ficou bastante ocupada por algum tempo. E, quando a menina melhorou, já era a hora do almoço, e Anne decidiu castigar Gerald apenas com uma reprimenda leve. Afinal de contas, a senhorita Drake não sofreu nenhum dano duradouro e provavelmente manteria, para seu próprio bem, segredo absoluto sobre o incidente.

– Gerald, você acha – Anne perguntou gentilmente – que o que fez foi digno de um cavalheiro?

– Não – o menino respondeu –, mas foi bastante divertido. Sou um bom pescador, não sou?

O almoço estava excelente. A senhora Raymond havia preparado tudo antes de sair – e, quaisquer que fossem suas deficiências como disciplinadora, era uma ótima cozinheira. Os gêmeos, ocupados em empanturrar-se, não brigaram nem exibiram piores modos à mesa do que o costume geral das crianças. Depois do almoço, Anne lavou a louça, Geraldine a ajudou a secá-la, e Gerald, a guardar tudo cuidadosamente no

armário. Ambos eram muito habilidosos, e Anne refletiu, complacentemente, que tudo o que eles precisavam era de uma educação sábia e um pouco de firmeza.





Capítulo III

*A*s 2 horas da tarde, o senhor James Grand chegou. Era o presidente do conselho de administradores da escola e tinha assuntos importantes dos quais gostaria de tratar antes de partir, na segunda-feira, para participar de uma conferência educacional em Kingsport. Anne havia sugerido que ele fosse a Windy Poplars naquele sábado à noite, mas, infelizmente, ele tinha outro compromisso.

O senhor Grand era um homem bom, à sua maneira, mas Anne tinha descoberto, já havia um bom tempo, que ele deveria ser tratado com algum tato. Além disso, ela estava muito ansiosa para obter seu apoio em uma batalha difícil por um equipamento novo para a escola. Portanto, disse aos gêmeos:

– Meus amores, vocês poderiam brincar comportadamente no quintal enquanto eu tenho uma pequena conversa com o senhor Grand? Não vai

demorar muito. Em seguida, na hora do chá, vamos fazer um piquenique na beira do lago e vou ensiná-los a fazer bolhas de sabão vermelhas. Elas ficam lindas!

– A senhorita vai dar uma moeda para cada um se não fizermos nenhuma travessura? – Gerald indagou.

– Não, Gerald querido – Anne falou, determinada. – Não vou subornar vocês. Sei que vai ser um bom menino simplesmente porque estou lhe pedindo: é o que um cavalheiro deve fazer.

– Vamos nos comportar bem, senhorita Shirley – Gerald prometeu solenemente.

– Maravilhosamente bem – Geraldine acrescentou, tão solene quanto o irmão.

É possível que tivessem cumprido sua promessa se Ivy Trent não houvesse chegado pouco depois que Anne se reuniu com o senhor Grand na sala de visitas. Entretanto Ivy Trent chegou, e os gêmeos Raymond detestavam aquela menina impecável que nunca fazia nada errado e sempre parecia estar pronta para ir a uma grande festa.

Naquela tarde em particular, era evidente que Ivy Trent tinha ido até lá para exibir seu novo e lindo par de botas marrons, e seus enfeites de fita vermelha na cintura, nos ombros e no cabelo. A senhora Raymond, apesar de deixar a desejar em alguns aspectos, tinha ideias razoavelmente sensatas sobre como vestir crianças. Seus vizinhos caridosos costumavam dizer que ela investia tanto dinheiro nela mesma que não sobrava nenhum para gastar com os gêmeos.

Geraldine nunca tinha tido a chance de desfilas na rua com um vestido à altura de Ivy Trent, que possuía um para cada tarde da semana. A senhora Trent sempre vestia a filha com todo o esmero, e as roupas da menina eram limpíssimas. Bem, pelo menos quando ela saía de casa; e, se não estavam tão imaculadas no momento em que voltava, era óbvio que a culpa só poderia ser das crianças “invejosas”, das quais a vizinhança estava repleta.

De fato, Geraldine era invejosa. Cobiçava a faixa e os laços vermelhos de Ivy Trent, e o que não daria por vestidos brancos com belos bordados e botas com botões como aquelas?

– O que acham da minha faixa e dos laços novos? – Ivy perguntou orgulhosamente.

– O que acham da minha faixa e dos laços novos? – Geraldine a arremedou, provocativa.

– Você não tem laços para enfeitar os ombros – Ivy a afrontou.

– Você não tem laços para enfeitar os ombros – Geraldine repetiu, com voz esganiçada.

Ivy pareceu confusa.

– Tenho sim. Não está vendo?

– Tenho sim. Não está vendo? – Geraldine imitou a vizinha, muito satisfeita com a ideia brilhante de repetir com desdém tudo o que Ivy dizia.

– Não foram pagos – Gerald falou.

Ivy Trent ficou furiosa; estava claro em seu rosto, que se tornou tão vermelho quanto seus laços de fita.

– É *lógico* que foram. Minha mãe paga todas as contas dela.

– Minha mãe paga todas as contas dela – Geraldine repetiu.

Ivy estava aflita: não sabia como lidar com aquilo. Então, virou-se para Gerald, que era, sem dúvida, o garoto mais bonito da rua, sobre quem ela já havia tomado uma decisão.

– Eu vim aqui para lhe dizer que escolhi você para ser meu namorado – ela disse eloquentemente, encarando-o com um par de olhos castanhos que, mesmo com apenas 7 anos de idade, Ivy sabia que tinham um efeito devastador sobre a maioria dos meninos que conhecia.

Imediatamente, Gerald ficou mais vermelho do que as fitas de Ivy Trent.

– Não vou ser seu namorado – afirmou.

– Você tem de ser – ela respondeu, serena.

– Você tem de ser – Geraldine cantarolou, olhando para o irmão e balançando a cabeça.

– Não vou ser! – gritou Gerald, furioso. – E não me importune mais com esse absurdo, Ivy Trent.

– Mas você tem de ser – a menina insistiu teimosamente.

– Mas você tem de ser – Geraldine ecoou.

Ivy olhou para ela e ordenou:

– Cale a boca, Geraldine Raymond!

– Suponho que, em meu próprio quintal, posso falar o quanto eu quiser – retrucou Geraldine.

– É claro que ela pode – disse Gerald. – E, se *you* não se calar, Ivy Trent, vou até sua casa agora e arranco os olhos de sua boneca favorita.

– Minha mãe espancaria você se fizesse isso! – Ivy gritou.

– Ah, ela me daria uma surra, não é? Bem, você sabe o que *minha* mãe faria se a sua me batesse? Ela simplesmente daria um soco no nariz da senhora Trent.

– Ora, seja como for, você tem de ser meu namorado – Ivy afirmou, voltando calmamente ao assunto mais importante.

– Eu vou... vou mergulhar sua cabeça no barril de água da chuva! – berrou o enfurecido Gerald. – Vou esfregar seu rosto em um formigueiro! Vou rasgar sua faixa e seus laços! – acrescentou, triunfante, pois pelo menos esse último ato de vingança era possível.

– Vamos fazer isso? – sugeriu Geraldine.

Os gêmeos atacaram com fúria a infeliz Ivy, que chutou, gritou e tentou morder, mas não foi páreo para os dois. Juntos, os irmãos a arrastaram pelo pátio até o depósito de lenha, onde seus gritos não poderiam ser ouvidos.

– Depressa – Geraldine falou, ofegante –, antes que a senhorita Shirley apareça.

Não havia tempo a perder. Gerald prendeu as pernas de Ivy enquanto Geraldine segurava seus pulsos com uma das mãos e arrancava a faixa e todos os laços com a outra.

– Vamos pintar as pernas dela! – gritou Gerald, quando seu olhar pousou em algumas latas de tinta deixadas ali na semana anterior por algum empregado. – Vou segurá-la, e você pinta, está bem?

Desesperada, Ivy berrou em vão. Suas meias foram abaixadas, e, em poucos momentos, as pernas da menina estavam enfeitadas com listras largas vermelhas e verdes. Durante o processo, uma boa quantidade de tinta respingou sobre seu belo vestido bordado e suas botas novas. E, como um toque final, os gêmeos encheram seus cachos de carrapichos.

Quando finalmente a libertaram, Ivy Trent tinha uma aparência verdadeiramente lamentável. Os irmãos gargalharam alegremente quando viram o resultado de sua obra. Longas semanas de arrogância e ares de superioridade de Ivy tinham sido vingadas.

– Agora vá para casa – ordenou Gerald. – Isso vai ensiná-la a não ficar por aí informando aos garotos que eles têm de ser seus namorados.

– Vou contar tudo para minha mãe – a menina choramingou. – Vou direto para casa denunciar você a ela, seu garoto desagradável, horrível, *feio!*

– Não chame meu irmão de feio, sua coisa esnobe! – exclamou Geraldine. –Você e seus laços de fita! Tome, leve-os consigo. Não os queremos aqui entulhando nosso depósito de lenha.

Ivy, seguida pelos laços de fita que Geraldine atirava nela, saiu correndo e chorando pelo quintal, atravessou o portão e desceu a rua.

– Rápido, vamos subir discretamente a escada dos fundos e nos lavar no banheiro, antes que a senhorita Shirley nos veja – Geraldine falou, ofegante.





Capítulo IV

Senhor Grant falou tudo o que tinha a dizer, despediu-se cordialmente e foi embora. Anne ficou um momento na soleira, perguntando-se ansiosamente onde estariam as crianças. Subindo a rua, veio uma mulher irada, de mão dada com a filha pequena, desolada e chorosa. As duas atravessaram o portão, e a senhora Trent perguntou:

– Senhorita Shirley, onde está a senhora Raymond?

– A senhora Raymond...

– Eu insisto em falar com ela. Quero que a senhora Raymond veja com seus próprios olhos o que *seus filhos* fizeram com minha indefesa e inocente Ivy. Olhe para ela, senhorita Shirley. Basta *olhar* para ela!

– Oh, senhora Trent, eu sinto muito! É tudo culpa minha. A senhora Raymond não está em casa. Eu prometi tomar conta dos gêmeos, mas o senhor Grand veio falar comigo e...

– Não, a culpa não é sua, senhorita Shirley. Eu não a responsabilizo. Ninguém consegue controlar aquelas crianças diabólicas. A rua toda já os conhece. Bem, se a senhora Raymond não está, não tenho por que permanecer aqui. Vou levar minha pobre filha para casa. Porém, a senhora Raymond vai saber disso, esteja certa de que vai. Nossa, escutou *isso*, senhorita Shirley? Eles estão tentando matar um ao outro?

“Isso” era uma mistura de berros, uivos, grunhidos e rosnados que vinham do andar de cima. Anne subiu a escada às pressas. No chão do corredor, encontrou as duas crianças, que se contorciam, mordiam, socavam, estapeavam e arranhavam. Com dificuldade, separou os gêmeos furiosos e, segurando cada um firme e separadamente, exigiu uma explicação para aquele comportamento.

– Ela disse que tenho de ser namorado de Ivy Trent – Gerald resmungou.

– Ele tem de ser! – gritou Geraldine.

– Não tenho, não!

– Você tem, sim!

– Crianças! – Anne disse em um tom que os assustou e intimidou.

Os dois olharam para ela e enxergaram uma Anne que nunca tinham visto antes. Pela primeira vez em suas jovens vidas, os gêmeos sentiram a força da autoridade.

– Você, Geraldine – ela disse calmamente –, vai ficar em sua cama por duas horas. Quanto a você, Gerald, vai permanecer esse mesmo tempo na sala de leitura ao lado do quarto de vocês. Não quero ouvir nenhuma palavra. Vocês se comportaram horivelmente e precisam ser punidos. Sua mãe os deixou sob minha responsabilidade, e, portanto, vão me obedecer.

– Então nos castigue juntos – pediu Geraldine, começando a chorar.

– Isso mesmo... a senhorita não tem o direito de nos separar... nunca fomos separados – Gerald murmurou.

– Pois agora vão ser – Anne ainda estava bastante segura.

Geraldine trocou de roupa humildemente e se deitou em sua cama. Gerald, também docilmente, entrou na sala de leitura. Era um cômodo

grande e arejado, com uma janela e uma poltrona confortável. Ninguém poderia ter dito que o castigo foi injusto ou rigoroso demais. Anne trancou a porta, pegou um livro e se sentou perto da janela do corredor. Ao menos por duas horas, teria um pouco de sossego.

Uma espiada em Geraldine alguns minutos mais tarde revelou que ela dormia profundamente e parecia tão encantadora em seu sono que Anne quase se arrependeu de sua severidade. Contudo, de todo modo, uma soneca faria bem à menina. Quando acordasse, teria permissão para se levantar, mesmo se ainda não tivessem se passado duas horas.

Ao final de uma hora, Geraldine ainda dormia. Gerald tinha ficado tão quieto e silencioso que Anne decidiu que o garoto havia recebido sua punição com maturidade e poderia ser perdoado. Afinal, Ivy Trent era uma criança vaidosa e arrogante e deve tê-lo irritado demasiadamente.

Anne destrancou e abriu a porta.

Não havia nenhum Gerald no cômodo. A janela estava aberta, e o telhado da varanda lateral ficava logo abaixo. Os lábios de Anne se contraíram, e ela correu para o andar de baixo e para o jardim. Nem sinal do menino. Ela examinou o depósito de lenha e a rua. Nada.

Em seguida, atravessou apressadamente o jardim e o portão, que se abria para uma alameda que, por sua vez, levava a um pequeno bosque, atrás do qual estava o lago, dentro da propriedade do senhor Robert Creedmore. Gerald estava flutuando alegremente sobre uma espécie de jangada que o senhor Creedmore mantinha na margem e impulsionando essa embarcação de um lado para o outro com a ajuda de um pedaço comprido de pau. Exatamente no momento em que Anne surgiu entre as árvores, o “remo” do menino ficou preso na lama do fundo do lago e, no terceiro puxão, ele se soltou com uma facilidade inesperada, fazendo com que Gerald se desequilibrasse e caísse de costas na água, com as pernas para o ar.

Anne soltou um grito involuntário de susto e medo, mas, na verdade, não havia motivo para alarme: na parte mais funda do lago, a água não chegaria aos ombros do garoto e, no ponto em que ele mergulhou, ela ia

até um pouco acima de sua cintura. Segundos depois, ele já tinha conseguido ficar de pé e estava parado, com uma expressão abobalhada no rosto e os cachos louros emplastrados de barro e pingando água.

O grito de Anne ecoou, e logo Geraldine, de camisola, saiu do bosque e correu até a estreita plataforma de madeira onde o bote costumava ficar amarrado. Berrando desesperadamente o nome do irmão, ela deu um salto repentino e, com um “*tchibum!*”, aterrissou ao lado dele, fazendo com que o menino quase afundasse novamente.

– Gerald, você se afogou? – ela bradou. – Você se afogou, meu querido?

– Não... não... minha querida – Gerald garantiu, batendo os dentes de frio.

Os dois se abraçaram e trocaram beijinhos ternos.

– Crianças, venham aqui, já! – Anne ordenou.

Os gêmeos caminharam na água até a margem. Aquele dia de setembro, que havia sido quente durante a manhã, tinha se tornado frio no final da tarde, e um vento gelado soprava. Os irmãos tremiam, seus rostos estavam roxos. Sem pronunciar uma só palavra de censura, Anne os levou rapidamente para casa, tirou suas roupas molhadas e colocou os dois na cama da senhora Raymond com bolsas de água quente nos pés. Mesmo assim, eles ainda tremiam. Será que tinham contraído uma gripe? Estariam a um passo de uma pneumonia?

– A senhorita deveria ter cuidado melhor de nós – disse Gerald, ainda batendo os dentes.

– É lógico que deveria, senhorita Shirley – Geraldine concordou.

Muito apreensiva, ela disparou para o telefone e chamou o médico, mas, quando ele chegou, os gêmeos já estavam aquecidos, e o doutor assegurou a Anne que Gerald e Geraldine não corriam nenhum perigo. Se permanecessem na cama até o dia seguinte, ficariam perfeitamente bem.

Ao voltar para casa, o médico se encontrou com a senhora Raymond na estação, e foi com uma mulher pálida, quase histérica, que Anne se deparou pouco depois.

– Senhorita Shirley, como pôde permitir que meus pequenos tesouros se arriscassem tanto?!

– Foi exatamente isso que dissemos a ela, mamãe – as crianças falaram em coro.

– Confiei na senhorita... Eu pedi para...

– Não vejo razão para a senhora me culpar – Anne a interrompeu com um olhar impassível. – Vai perceber isso, acho, quando estiver mais calma, senhora Raymond. As crianças estão bem. Só chamei o médico por precaução. Se Gerald e Geraldine tivessem me obedecido, isso não teria sido necessário.

– Pensei que uma *professora* tivesse alguma autoridade sobre crianças – a senhora Raymond afirmou rispidamente.

“Sobre crianças talvez, mas não sobre pequenos demônios”, Anne pensou; porém, disse apenas:

– Já que está em casa, senhora Raymond, vou embora. Suponho que eu não seja útil em mais nada por aqui e tenho alguns trabalhos escolares para corrigir esta noite.

Juntos e imediatamente, os gêmeos pularam da cama e a abraçaram.

– Espero que haja um funeral a cada semana! – Gerald exclamou. – Gosto da senhorita e desejo que venha cuidar de nós toda vez que mamãe tiver de sair.

– Eu também – Geraldine concordou.

– Gosto muito mais da senhorita do que da senhorita Prouty.

– Muito mais! – disse Geraldine.

– Vai nos incluir em uma de suas histórias? – Gerald perguntou.

– Por favor, faça isso – Geraldine suplicou.

– Senhorita Shirley, tenho certeza de que suas intenções foram boas – a senhora Raymond admitiu, com voz trêmula.

– Obrigada – Anne respondeu friamente, tentando se desembaraçar dos braços dos gêmeos.

– Ora, não vamos levar esse incidente a sério – implorou a senhora Raymond, enquanto seus olhos enormes se enchiam de lágrimas. – Não

suporto brigar com ninguém.

– Claro que não – Anne falou com dignidade; e ela sabia ser verdadeiramente nobre. – Acredito que não haja a menor necessidade de brigarmos. Imagino que Gerald e Geraldine tenham se divertido bastante hoje, embora eu não possa dizer o mesmo da pobre Ivy Trent.

Anne voltou para casa sentindo-se anos mais velha. “E pensar que eu achava Davy endiabrado”, pensou. Encontrou Rebecca no jardim de Windy Poplars colhendo amores-perfeitos à luz do crepúsculo.

– Rebecca Dew, eu costumava crer que o ditado “crianças devem ser vistas, e não ouvidas” era exageradamente severo, mas agora o compreendo.

– Minha pobre querida. Vou fazer um jantar bem caprichado para a senhorita – prometeu Rebecca Dew, sem acrescentar: “Eu bem que a preveni!”.





Capítulo V

(Fragmento de uma carta para Gilbert.)



A senhora Raymond esteve aqui ontem à noite e, com lágrimas nos olhos, rogou que eu a perdoasse por sua “reação precipitada”.

– Se conhecesse o coração de uma mãe, senhorita Shirley, não teria nenhuma dificuldade em me desculpar.

De fato, não tive problemas em perdoá-la: existe algo na senhora Raymond de que não posso deixar de gostar, e, além disso, ela foi tão colaborativa em relação ao Clube de Teatro! Ainda assim, *não* falei: “Qualquer sábado que a senhora quiser se ausentar de casa, posso tomar conta de seus filhos”. As pessoas aprendem com a experiência, e isso vale até para alguém incorrigivelmente otimista e confiante como eu.

Descobri que certo segmento da sociedade de Summerside está atualmente bastante ansioso a respeito do relacionamento amoroso entre

Jarvis Morrow e Dovie Westcott, noivos há mais de um ano mas que, como Rebecca Dew costuma dizer, não “atam nem desatam”. Tia Kate, que é parente distante de Dovie – para ser exata, acho que ela é tia de uma prima de segundo grau da jovem, por parte de mãe –, está profundamente interessada no caso, por considerar que Jarvis pode ser um excelente marido para Dovie e também, suspeito, porque ela odeia Franklin Westcott e gostaria de vê-lo totalmente derrotado. Não que tia Kate admita que “odeia” alguém, mas a senhora Franklin Westcott era uma amiga de infância dela, muito querida, e tia Kate afirma solenemente que ele a assassinou.

Gilbert, *estou* interessada nisso por dois motivos: primeiro, porque gosto muito de Jarvis e moderadamente de Dovie; e depois, porque começo a suspeitar que sou uma intrometida incorrigível nos assuntos de outras pessoas... sempre com excelentes intenções, lógico.

Em resumo, a situação é a seguinte: o senhor Franklin Westcott é um comerciante alto, carrancudo, introvertido e antissocial. Mora em uma casa grande e antiquada chamada Elmcroft, logo depois da divisa da cidade, na estrada de cima que conduz ao porto. Já vi esse homem uma ou duas vezes, mas, na verdade, sei muito pouco sobre ele, exceto que possui um hábito esquisito de dizer alguma coisa e, em seguida, dar uma risada longa e silenciosa.

Ele nunca mais foi à igreja desde que os hinos foram introduzidos nos cultos e insiste em manter todas as janelas da casa abertas, até mesmo durante as tempestades de neve ou gelo que ocorrem no inverno. Confesso que nesse último ponto tenho certa simpatia por ele, mas é provável que eu seja a única pessoa em Summerside que admitiria isso. Entretanto, esse homem se tornou um cidadão com muita liderança, e nenhuma decisão municipal é tomada sem sua aprovação.

A esposa já faleceu. Dizem que era uma escrava dele, a ponto de não poder dizer que sua própria alma lhe pertencia. As pessoas comentam que, quando Franklin a levou para sua casa, disse-lhe que seria seu dono.

Dovie, cujo nome verdadeiro é Sibyl, é filha única. Tem 19 anos e é uma garota muito bonita e amável, com um corpo roliço, uma boca vermelha que frequentemente está entreaberta, deixando à mostra dentes pequenos e brancos, cabelos castanhos brilhantes, olhos azuis fascinantes e cílios negros tão longos que nem parecem reais. Jen Pringle costuma dizer que foi pelos olhos de Dovie que Jarvis se apaixonou. Jen e eu temos conversado bastante sobre esse caso, pois o rapaz é o primo favorito dela.

(A propósito, você não acreditaria se eu dissesse o quanto Jen gosta de mim, e eu, dela. Jen é realmente adorável!)

Franklin Westcott nunca permitiu que Dovie namorasse. Quando Jarvis Morrow se interessou por ela, ele o proibiu de visitar a filha e disse a ela que não haveria mais “passeios para cima e para baixo com aquele rapaz”. Contudo, era tarde demais: Dovie e Jarvis já estavam perdidamente apaixonados.

Todos na cidade estão solidários com o casal. A atitude de Franklin Westcott é realmente insensata. Afinal, Jarvis é um jovem advogado bem-sucedido, de boa família, com um futuro promissor... É um rapaz muito bom e decente.

– Nenhum outro poderia ser um marido melhor para ela – Rebecca Dew declarou. – Jarvis Morrow poderia ter a garota de Summerside que *quisesse*. A verdade é que Franklin Westcott decidiu que a filha vai ser uma solteirona, porque deseja ter certeza de que ela vai cuidar dele e da casa depois que tia Maggie morrer.

– Não existe uma pessoa sequer que possua influência sobre ele? – indaguei.

– Não, ninguém se atreve a contestá-lo. Franklin Westcott é extremamente sarcástico. E, quando alguém tem argumentos melhores do que os dele, o homem simplesmente tem um ataque de fúria. Eu mesma nunca presenciei um desses ataques, mas ouvi a senhorita Prouty descrever como ele agiu certa vez em que ela estava na casa, costurando para Dovie. Ele ficou irritado com alguma coisa, ninguém nunca soube o quê. Mas Prouty contou que o senhor Westcott pegou tudo o que viu pela frente e

jogou pela janela. Os poemas de Milton***** passaram voando sobre a cerca e caíram no lago coberto por flores de lótus da propriedade do senhor George Clarke. O pai de Dovie sempre teve uma espécie de ressentimento contra a vida. A senhorita Prouty disse que a mãe dela contou que os gritos de Franklin Westcott, no momento em que a filha nasceu, ultrapassaram tudo o que ela já havia escutado em toda a sua vida. Suponho que Deus tenha motivos para criar homens como ele, embora eu não possa imaginar quais sejam. Não, não vejo outra saída para Jarvis e Dovie senão a fuga. Essa pode ser considerada uma atitude desprezível ou covarde, embora haja uma grande quantidade de besteiras românticas ditas a respeito de casais que fogem para ser felizes. Entretanto, este é um caso em que qualquer pessoa os compreenderia e perdoaria.

Ainda não sei o que, mas tenho de fazer alguma coisa. Não posso ficar de braços cruzados vendo as pessoas arruinarem suas vidas debaixo de meu nariz, não me importa quantos ataques Franklin Westcott venha a ter. Jarvis Morrow não vai esperar eternamente. Corre um rumor de que ele já está perdendo a paciência e que foi visto desmanchando ferozmente o nome de Dovie que havia gravado em uma árvore. Além do mais, existe uma garota muito atraente, da família Palmer, que, pelo que contam, está tentando conquistá-lo. E dizem ainda que a irmã do rapaz afirmou que a mãe deles falou que o filho não precisa ficar anos esperando uma garota decidir se vai ou não ficar com ele.

Sinceramente, Gilbert, estou angustiada com isso.

Há um luar maravilhoso esta noite, meu amado. A Lua brilha sobre os álamos ao redor da casa, as águas do porto, de onde o vulto de um navio se distancia lentamente, o antigo cemitério, meu vale particular, o Rei da Tempestade. E certamente há um luar sobre a Vereda dos Apaixonados, o Lago das Águas Brilhantes, o Bosque Assombrado e o Vale das Violetas. Deve haver danças de fadas nas colinas, esta noite. No entanto, Gilbert querido, um luar sem você ao meu lado é apenas... um luar.

Eu gostaria de levar a pequena Elizabeth para um passeio. Ela adora fazer caminhadas em noites de lua cheia. Realizamos algumas deliciosas

quando ela estava em Green Gables. Contudo, em Summerside, nunca desfruta do luar, a não ser pela janela de seu quarto.

Estou começando a ficar bastante preocupada com ela também. A menina vai completar 10 anos, e aquelas duas senhoras não possuem a menor noção a respeito do que ela precisa, tanto espiritual quanto emocionalmente. A senhora Campbell e a Mulher não conseguem imaginar que Elizabeth possa ter necessidade de qualquer outra coisa além de comida e roupas boas. E essa situação tende a piorar a cada ano. Que tipo de juventude essa pobre menina vai ter? ✉





Capítulo VI

Jarvis Morrow acompanhou Anne na volta para casa, após a cerimônia de formatura na Summerside High School, e falou sobre seu infortúnio.

– Você vai ter de fugir com ela, Jarvis. Todo mundo tem essa opinião. Geralmente, não aprovo fugas (“eu disse isso como se fosse uma professora com quarenta anos de experiência”, pensou Anne, com um sorriso invisível), mas existem exceções para todas as regras.

– Quando um não quer, dois não fogem juntos, Anne. Não adianta nada eu fugir sozinho. Dovie tem tanto medo do pai que não consigo convencê-la a ir embora comigo. E, de fato, nem seria uma fuga. Qualquer noite dessas, ela iria à casa de minha irmã, Julia – a senhora Stevens, você conhece. Eu levaria o pastor até lá e nos casaríamos respeitosamente o bastante para agradar qualquer pessoa. Em seguida, passaríamos nossa lua de mel na casa de tia Bertha, em Kingsport. É simples assim. Porém, não

consigo persuadir Dovie a concordar com isso. Minha pobre querida tem cedido aos caprichos e às manias do pai há tanto tempo que nem tem vontade própria mais.

– Você vai ter de encontrar uma maneira de convencê-la, Jarvis.

– Por tudo que existe de mais sagrado, Anne, você realmente supõe que já não tentei de todas as maneiras possíveis? Até implorei de joelhos. Quando estamos juntos, ela quase promete que vai se casar comigo, mas, assim que entra em casa, manda uma mensagem dizendo que não pode fazer isso. Parece estranho, Anne, mas a pobrezinha gosta realmente do pai e não suporta pensar que ele nunca vai perdoá-la.

– Você deve lhe dizer que ela tem de escolher entre o pai e você.

– E se ela escolher o senhor Westcott?

– Não creio que haja perigo de isso acontecer...

– Nunca se sabe – disse Jarvis melancolicamente. – Porém, alguma coisa tem mesmo de ser decidida logo. Não posso ficar eternamente nesta situação. Sou louco por Dovie, todos os moradores de Summerside sabem disso. Mas ela é uma linda rosa vermelha fora de meu alcance... e eu *preciso* dela, Anne.

– A poesia é uma coisa muito boa em seu devido tempo, mas, neste momento, Jarvis, não vai ser útil em nada – Anne afirmou friamente. – Isso parece um comentário de Rebecca Dew, mas é a mais pura verdade. O que você precisa agora é de bom senso: tem de ser realista e prático. Diga a Dovie que está cansado de sua indecisão e que ela precisa assumir ou deixar você. Se ela não o ama o suficiente para trocar o pai por você, é melhor que você saiba disso o quanto antes.

Jarvis suspirou fundo.

– Você não passou a vida toda sob o domínio de Franklin Westcott, Anne. Não imagina como ele é. Bem, vou tomar uma última e decisiva atitude. Como disse, se Dovie realmente me ama, ela vai me escolher; caso contrário, devo me conformar com a pior hipótese. Estou começando a sentir que tenho feito papel de bobo.

“Se ele está começando a se sentir assim”, Anne pensou, “Dovie precisa tomar cuidado”.

Poucos dias depois, em um fim de tarde, Dovie foi a Windy Poplars pedir conselhos a Anne.

– O que devo fazer? O que *posso* fazer, Anne? Jarvis quer que eu fuja... ou melhor, quase isso. O fato é que papai vai passar uma noite em Charlottetown, na semana que vem: haverá um grande jantar da maçonaria lá. Essa seria uma boa oportunidade para nós: tia Maggie nunca suspeitaria de nada. Jarvis quer que eu aproveite a chance e vá à casa da senhora Stevens, para o pastor nos casar.

– Por que você não faria isso, Dovie?

– Oh, Anne, você acha realmente que eu devo? – Dovie ergueu o rosto com uma expressão doce e persuasiva. – Por favor, *por favor*, decida por mim. Estou muito confusa – pediu, com voz chorosa. – Anne, você não conhece papai. Ele simplesmente odeia Jarvis, e não consigo imaginar por que razão. Você consegue? Como alguém pode *odiar* Jarvis? Na primeira vez em que ele foi me visitar, papai o proibiu de voltar à minha casa e ameaçou mandar nosso cachorro atacá-lo caso ele aparecesse novamente. Nosso enorme buldogue! Você sabe que esses cães não largam a presa facilmente. Papai nunca vai me perdoar se eu fugir com Jarvis.

– Você tem de escolher entre os dois, Dovie.

– Foi exatamente o que Jarvis disse – ela soluçou. – Oh, ele foi tão severo! Eu nunca o tinha visto daquele jeito. E eu não... não *posso* vi-viver s-sem ele, Anne.

– Então viva com ele, minha querida. E não chame isso de fuga. Ir até a casa da senhora Stevens e se casar com Jarvis, entre os amigos dele, não é fugir.

– Papai vai pensar que é – disse Dovie, engolindo um soluço. – Porém, vou seguir seu conselho, Anne. Tenho certeza de que *você* não me diria para dar um passo errado. Vou falar com Jarvis para providenciar tudo o que for necessário para o casamento. Decidi ir à casa da irmã dele na noite em que papai estiver em Charlottetown.

Triunfante, Jarvis contou a Anne que Dovie, finalmente, havia cedido.

– Vou me encontrar com ela no final da alameda na próxima terça-feira à noite. Ela prefere que eu não vá até a porta da frente, tem medo de que tia Maggie me veja. Então, vamos à casa de Julia e nos casaremos em um piscar de olhos. Todos os meus amigos vão estar lá, e isso vai fazer com que minha amada se sinta mais segura. Franklin Westcott declarou que eu nunca me casaria com sua filha, e agora vou lhe mostrar que estava equivocado.





Capítulo VII

*A*terça-feira foi um dia sombrio de final de novembro. Pancadas de chuva vinham ocasionalmente das colinas. Visto através de uma garoa cinzenta, o mundo parecia um lugar triste, sem vida.

“Coitada de Dovie. Hoje não é um dia bonito para um casamento”, Anne pensou. “E se... e se...”, ela estremeceu. “E se, no fim das contas, der tudo errado? A culpa vai ser toda minha. Dovie jamais concordaria com esse plano se eu não a tivesse aconselhado a realizá-lo. E se Franklin Westcott não a perdoar nunca mais? Anne Shirley, pare já com isso! É o clima que está fazendo você pensar essas coisas.”

No início da noite, a chuva tinha cessado, mas o ar estava desagradavelmente frio e úmido, e o céu, pesado. Anne corrigia trabalhos dos alunos no quarto da torre, enquanto Dusty Miller se aquecia, encolhido perto do fogareiro. Subitamente, ouviu-se uma batida forte e alta na porta da frente.

Anne desceu a escada apressadamente. Rebecca Dew pôs um rosto alarmado para fora da porta de seu quarto. Anne fez um gesto para que ele voltasse a dormir.

– Tem alguém na *porta da frente*! – Rebecca murmurou.

– Está tudo bem, Rebecca querida. Ou melhor, temo que haja algum problema... mas, seja como for, é apenas Jarvis Morrow. Eu o vi da janela lateral do quarto da torre e sei que ele quer falar comigo.

– Jarvis Morrow! – Rebecca se virou e fechou sua porta. – Esta é a gota d'água que faltava!

– Jarvis, o que houve?

– Dovie não apareceu – respondeu Jarvis, atormentado. – Esperamos durante horas... o pastor está lá... meus amigos... o jantar preparado por Julia... tudo pronto, e Dovie não chegou. Esperei por ela no final da alameda até quase enlouquecer. Não ousei ir até a casa porque não sabia o que havia acontecido. Aquele Franklin Westcott velho e bruto pode ter voltado inesperadamente. Talvez tia Maggie a tenha trancafiado. Eu *preciso* saber, Anne. Você tem de ir a Elmcroft e descobrir por que ela não foi à casa de Julia.

– Eu ir até lá?! – Anne falou, incrédula e gramaticalmente incorreta.

– Sim, você. Não confio em mais ninguém; é a única pessoa que sabe de tudo. Oh, Anne, não me falte agora. Você nos apoiou até este momento. Dovie diz que você é a única amiga verdadeira que ela possui. Ainda não é tarde, são só 21 horas. Por favor, vá!

– Para ser mastigada pelo buldogue? – Anne perguntou, sarcasticamente.

– Aquele cachorro idoso?! – Jarvis retrucou, com desdém. – Ele não assustaria nem mesmo um mendigo. Você não supôs que fiquei com medo do buldogue, supôs? Além disso, ele sempre fica preso à noite. Eu simplesmente não quero criar problemas para Dovie, caso tenham descoberto tudo. Por favor, Anne!

– Acho que não tenho alternativa – disse Anne, encolhendo os ombros, conformada.

Jarvis a acompanhou até o início da longa alameda de Elmcroft, mas Anne não permitiu que ele fosse mais adiante.

– Como você mesmo disse, isso pode complicar a situação se o pai dela tiver realmente voltado para casa.

Anne percorreu rapidamente a alameda comprida e margeada por árvores. Às vezes, o vento deixava a Lua aparecer entre as nuvens, mas, na maior parte do tempo, estava terrivelmente escuro, e ela se sentia bastante insegura quanto ao cachorro.

Parecia haver apenas uma luz acesa em Elmcroft, brilhando na janela da cozinha. A própria tia Maggie abriu a porta lateral para Anne. Era uma irmã idosa de Franklin Westcott, uma mulher um pouco curvada e enrugada que nunca tinha sido considerada muito inteligente, embora fosse uma excelente dona de casa.

– Tia Maggie, posso falar com Dovie?

– Ela está na cama – tia Maggie respondeu, secamente.

– Na cama? Dovie está doente?

– Não que eu saiba. Ela me pareceu bem agitada o dia todo. Depois do jantar, disse que estava cansada e subiu para se deitar.

– Preciso vê-la por alguns instantes, tia Maggie. Eu... eu só quero uma informação pequena, porém importante.

– Então é melhor ir ao quarto dela. É a primeira porta à direita, lá em cima.

Tia Maggie apontou para a escada e foi para a cozinha.

Dovie se sentou na cama quando Anne entrou no quarto sem nenhuma cerimônia, após uma batida ligeira na porta. Como pôde ser visto à luz de uma vela pequena, Dovie estava chorando, mas suas lágrimas só irritaram Anne.

– Dovie Westcott, você se esqueceu de que prometeu se casar com Jarvis Morrow esta noite? *Hoje à noite?*

– Não... não – gemeu Dovie. – Oh, Anne, estou tão infeliz! Tive um dia horrível. Você jamais vai poder imaginar o que estou passando...

– Sei muito bem o que o pobre Jarvis está passando. Esperou você por duas horas naquela alameda, no frio e na garoa – Anne falou impiedosamente.

– Ele está... muito zangado, Anne?

– Foi só o que deu para notar – a resposta foi irônica.

– Fiquei com medo, Anne. Não preguei o olho na noite passada. Eu não poderia levar isso adiante, não poderia. Há algo realmente vergonhoso em uma fuga, Anne. Além do mais, eu não ganharia nenhum presente; bem, pelo menos, não muitos. Sempre quis me ca-casar na igreja, com uma decoração maravilhosa, usando vestido e véu brancos e sapatos prateados.

– Dovie Westcott, saia dessa cama *imediatamente*! Vista-se e venha comigo.

– Anne, agora é tarde demais.

– Não, não é tarde demais. É agora ou nunca! Você deve saber disso, Dovie, se tiver um mínimo de sensatez. Você deve imaginar que Jarvis Morrow jamais vai lhe dirigir a palavra de novo se você o fizer de bobo esta noite.

– Ora, Anne, ele vai me perdoar quando souber...

– Não vai, Dovie. Conheço Jarvis Morrow. O rapaz não vai permitir que você continue brincando indefinidamente com a vida dele. E então, você quer que eu a arraste literalmente para fora dessa cama?

Dovie estremeceu e suspirou.

– Eu não tenho nenhum vestido adequado...

– Você tem meia dúzia de vestidos lindos. Use aquele de tafetá cor-de-rosa.

– E não possuo enxoval. Os Morrow sempre vão jogar isso na minha cara.

– Você pode comprar um depois. Dovie, você não pensou em nada disso antes?

– Não. É exatamente este o problema. Só comecei a pensar em todas essas coisas ontem à noite. E papai... você não conhece papai, Anne.

– Dovie, vou lhe dar exatamente dez minutos para você se arrumar!

A jovem ficou pronta dentro do prazo estipulado.

– Este vestido está... está... ficando muito apertado – ela lamentou enquanto Anne o abotoava. – Se eu engordar muito, acho que Jarvis não vai me amar mais. Eu gostaria de ser alta, magra e pálida como você, Anne. Oh, e se tia Maggie nos ouvir?

– Não vai. Está fechada na cozinha, e você sabe bem que ela é meio surda. Aqui está seu chapéu e seu casaco. Coloquei algumas coisas nesta bolsa para você.

– Meu coração está disparado. Estou muito feia, Anne?

– Está encantadora – Anne falou sinceramente.

A pele acetinada de Dovie tinha um tom rosa claro, e as lágrimas não haviam deformado seus olhos. Entretanto, Jarvis não conseguia vê-los no escuro e, além disso, estava um pouco aborrecido com sua amada e a tratou friamente durante o trajeto até a cidade.

– Por tudo o que há de mais sagrado, Dovie, não fique tão assustada porque vai se casar comigo! – ele disse impacientemente enquanto ela descia a escada da casa dos Stevens. – E não chore, seu nariz vai ficar inchado. Já são quase 22 horas, e temos de pegar o trem das 23.

Dovie ficou muito bem assim que se viu irrevogavelmente casada com Jarvis. O que Anne, com certa malícia, descreveu em uma carta para Gilbert como “expressão de lua de mel” já estava visível em seu rosto.

– Anne querida, devemos tudo a você. Nunca vamos nos esquecer disso, não é verdade, Jarvis? E Anne, querida, você faria só mais uma coisa por mim? Por favor, dê a notícia a papai. Ele vai estar em casa amanhã ao anoitecer; *alguém* precisa contar tudo a ele. Se existe alguém capaz de acalmá-lo, essa pessoa é você. Por favor, faça o possível para que ele me perdoe.

Anne sentiu que ela era quem precisava ser acalmada naquele momento. Contudo, sentiu-se também um pouco apreensiva por ser, de certo modo, responsável pelo desfecho do caso e, portanto, prometeu que falaria com o senhor Westcott.

– É claro que ele vai reagir de uma maneira horrorosa... simplesmente terrível, Anne. Mas não vai matar você – Dovie acrescentou, tentando tranquilizá-la. – Oh, Anne, você não sabe... não pode imaginar o quanto me sinto *segura* com Jarvis.

Quando Anne entrou em casa, Rebecca Dew já havia chegado a um ponto em que enlouqueceria se não satisfizesse imediatamente sua curiosidade. De camisola e com um lenço de flanela enrolado na cabeça, ela seguiu Anne até o quarto da torre e ouviu toda a história.

– Bem, suponho que isso é o que se pode chamar de “vida” – ela declarou, sarcasticamente. – Porém, estou feliz por Franklin Westcott ter finalmente recebido seu castigo; e sei que a senhora capitão MacComber também vai gostar desse desenlace. Mas não invejo sua missão de dar a notícia a ele. O homem vai ficar furioso e dizer coisas horríveis. Se eu estivesse em seu lugar, senhorita Shirley, não dormiria um minuto sequer esta noite.

– Acho que não vai ser mesmo uma experiência muito agradável – Anne concordou, pesarosamente.





Capítulo VIII

Durante o crepúsculo do dia seguinte, Anne se dirigiu a Elmcroft. Caminhou sentindo um aperto no coração pela paisagem, que mais parecia a de um sonho, por causa da bruma de novembro. A sua não era uma tarefa exatamente agradável. Como Dovie tinha dito, era óbvio que o pai não a mataria.

Anne não receava a violência física, embora, caso todas as histórias contadas a respeito dele fossem verdade, Franklin Westcott pudesse jogar objetos nela. Será que ele teria um acesso de fúria? Ficaria fora de si? Anne nunca tinha visto um homem totalmente descontrolado e imaginou que deveria ser uma cena detestável. Provavelmente, ele exercitaria seu notável dom para o sarcasmo ofensivo, e esta era a única arma, no homem ou na mulher, que Anne temia profundamente. O sarcasmo sempre a machucava: criava em sua alma feridas que doíam por meses.

“Tia Jamesina costumava dizer: ‘Nunca, se puder evitar, seja o portador de más notícias’”, Anne pensou. “Ela era tão sábia nesse conselho quanto em todos os outros. Bem, aqui estou.”

Elmcroft era uma casa antiquada, com torres em todos os cantos e uma cúpula no telhado. E, no topo do lance da escada da frente, estava o buldogue. “Esses cães não largam a presa facilmente”, Anne lembrou. Deveria procurar a porta lateral? Entretanto, o pensamento de que Franklin Westcott pudesse estar observando tudo da janela a fortaleceu. Anne nunca lhe daria a satisfação de ver que tinha medo de seu cachorro. Determinada e de cabeça erguida, a moça subiu os degraus, passou pelo buldogue e tocou a campainha. O animal não se mexeu. Quando ela olhou para trás, sobre o ombro, concluiu que ele dormia.

Franklin Westcott não estava em casa, foi informada, mas chegaria a qualquer momento, pois o trem de Charlottetown já deveria estar na estação. Tia Maggie a acompanhou até o que chamou de “biblioteca” e a deixou esperando lá. O cão havia acordado e seguido as duas. Calmamente, acomodou-se aos pés de Anne, que logo se viu gostando da “biblioteca”. Era um aposento antigo, porém alegre, com um fogo aconchegante crepitando na lareira e tapetes de pele de urso sobre o desgastado carpete vermelho. Era evidente que Franklin Westcott apreciava bons livros e cachimbos.

Pouco tempo depois, ela o ouviu entrar em casa. Ele pendurou o chapéu e o casaco no *hall* e parou na porta da biblioteca com um semblante severo. Anne se lembrou imediatamente de que sua impressão, quando o conheceu, tinha sido a de estar diante de um pirata garboso, e sentiu que isso se repetia.

– Ah, é a senhorita?! – o homem falou, rispidamente. – O que deseja?

Ele nem sequer estendeu a mão para ela. “Entre ele e o cão”, ela pensou, “certamente este último é mais gentil”.

– Senhor Westcott, por favor, ouça pacientemente tudo o que tenho a dizer, antes de...

– Eu sou paciente... muito paciente. Prossiga!

Anne compreendeu que não havia sentido em fazer rodeios com um homem como Franklin Westcott.

– Vim aqui para lhe contar que Dovie se casou com Jarvis Morrow – falou firmemente e, em seguida, esperou pelo terremoto.

No entanto, ele não veio. Nenhum músculo no rosto magro e moreno de Franklin Westcott se moveu. Ele entrou na sala e sentou-se em uma cadeira de couro em frente a Anne.

– Quando? – perguntou.

– Ontem à noite... na casa da irmã dele.

Franklin Westcott encarou-a durante alguns segundos, com os olhos castanhos amarelados sob as sobrancelhas grisalhas. Por um momento, Anne se perguntou como ele teria sido quando era um bebê. Então, ele jogou a cabeça para trás e deu uma de suas risadas longas e silenciosas.

– O senhor não deve culpar Dovie – Anne afirmou seriamente, recuperando sua capacidade de falar, agora que a terrível revelação já havia sido feita. – Não foi culpa dela....

– Aposto que não mesmo – disse Franklin Westcott.

Estaria sendo *sarcástico*?

– Foi toda minha – Anne admitiu simples e bravamente. – *Eu* a aconselhei a fu... a se casar... eu a convenci a tomar essa atitude. Portanto, por favor, perdoe sua filha, senhor Westcott.

Friamente, Franklin Westcott pegou seu cachimbo e começou a enchê-lo.

– Se conseguiu fazer com que Sibyl fugisse com Jarvis Morrow, senhorita Shirley, foi mais hábil do que imaginei que alguém um dia seria capaz de ser. Eu já estava começando a temer que ela nunca teria coragem suficiente para tomar essa decisão. E, nesse caso, eu teria de voltar atrás. Ora, só Deus sabe o quanto os Westcott odeiam voltar atrás! A senhorita me salvou, senhorita Shirley, e sou extremamente grato por isso.

Houve um longo silêncio enquanto Franklin Westcott ajeitava o tabaco no cachimbo e olhava com um ar divertido para o rosto de Anne. Esta, por sua vez, estava tão confusa que não sabia o que dizer.

– Suponho – ele finalmente quebrou o silêncio – que a senhorita tenha vindo aqui tremendo de medo de me dar a notícia, não foi?

– Sim – disse Anne, sucintamente.

Franklin Westcott riu silenciosamente mais uma vez.

– Pois não precisava. A senhorita não poderia ter trazido notícias melhores. Ora, escolhi Jarvis Morrow para Sibyl quando eles ainda eram crianças. Assim que os outros garotos começaram a reparar nela, eu os afastei, um a um. E foi isso que fez com que Jarvis mordesse a isca; ele achou que iria me dar uma lição! Contudo, o rapaz era tão popular com as moças que quase não acreditei na sorte incrível que foi ele ter se interessado verdadeiramente por ela. Foi naquele momento que pus meu plano em prática. Acho que não é o caso da senhorita, mas eu conheço os Morrow como a palma de minha mão. É uma boa família, mas os homens nunca querem aquilo que podem ter facilmente. Por outro lado, estão sempre decididos a conquistar o que lhes é proibido: querem sempre o contrário. O pai de Jarvis partiu o coração de três garotas porque os pais delas praticamente as entregaram a ele. Quanto ao filho, eu sabia exatamente o que aconteceria. Sibyl se apaixonaria perdidamente por ele, que se cansaria dela em pouco tempo. Eu tinha certeza de que ele não a desejaria mais se visse que ela seria conquistada facilmente. Por isso, proibi o rapaz de se aproximar dela e ordenei a Sibyl que não lhe dirigisse a palavra. Exerci com perfeição o papel de pai severo e rigoroso. Pense na atração que sentimos pelas coisas difíceis de ser obtidas! Ora, isso não é nada se comparado ao encantamento que temos por aquelas que se revelam inatingíveis. Tudo corria de acordo com o planejado, mas a fraqueza de minha filha começou a me preocupar. Ela é uma ótima pessoa, mas é *covarde*. Eu já acreditava que nunca ousaria se casar com Jarvis às escondidas. Agora, se a senhorita já se recuperou do susto, minha prezada jovem, conte-me toda a história.

Mais uma vez, o senso de humor de Anne chegou para salvá-la. Ela nunca recusava uma oportunidade para dar uma boa gargalhada, mesmo se

fosse para rir de si mesma. E subitamente ela se sentiu bastante à vontade com Franklin Westcott.

Ele ouviu tudo calmamente, dando tragos silenciosos e ocasionais em seu cachimbo. Quando Anne terminou seu relato, o homem acenou positivamente com a cabeça.

– Vejo que lhe devo mais do que imaginava. Ela jamais teria reunido coragem para agir desse modo se não fosse pela senhorita. E Jarvis Morrow não se arriscaria a fazer papel de bobo duas vezes: não, se bem conheço aquela família. Nossa, por pouco meus planos não falharam! Vou estar sempre às ordens para o que a senhorita precisar. Foi muito valente em vir falar comigo, apesar de todos os rumores que certamente já ouviu a meu respeito. Devem ter lhe dito muitas coisas inacreditáveis, não é verdade?

Anne concordou. A essa altura, o buldogue havia repousado a cabeça sobre o colo dela e roncava sossegadamente.

– Todos concordaram que o senhor é rabugento, mal-humorado e rude – ela falou, ingenuamente.

– E suponho que também lhe falaram que fui um tirano, que infernizei a vida de minha pobre esposa, e que sempre controlei minha família com mãos de ferro?

– Sim, mas tomei com uma dose de desconfiança tudo o que escutei, senhor Westcott. Senti que Dovie não poderia amá-lo tanto se o senhor fosse tão medonho quanto as más línguas o descreveram.

– Garota sensata! Minha esposa era uma mulher feliz, senhorita Shirley. Quando a senhora capitão MacComber lhe disser que eu maltratei Mollie até a morte, mande-a calar a boca por mim. Desculpe, por favor, esse meu jeito de falar. A mãe de Sibyl era linda... mais do que nossa filha. Tinha uma pele rosada, cabelos castanhos dourados e os olhos azuis mais brilhantes que já existiram! Era a mulher mais bela de Summerside. Tinha de ser. Eu não suportaria ver um homem entrar na igreja com uma esposa mais bonita do que a minha. Governei meu lar como um marido deve fazer, mas *não* fui tirânico. Bem, é claro que tinha meus acessos ocasionais de fúria, porém Mollie se acostumou logo com eles e nem se importava

mais. Um homem tem o direito de brigar com a esposa de vez em quando, não tem? As mulheres se cansam de maridos monótonos. Além disso, eu sempre a presenteava com um anel, um colar ou coisa parecida quando ficava mais calmo. Não havia mulher em Summerside que possuísse joias melhores do que as dela. Preciso dá-las para Sibyl.

Anne cedeu à curiosidade.

– E quanto aos poemas de Milton?

– Poemas de Milton?! Oh, essa história! Não eram de Milton... eram de Tennyson.***** Eu reverencio John Milton, mas não aguento Alfred. Ele é meloso demais. Aqueles dois últimos versos de “Enoch Arden” me deixaram tão irritado certa noite que atirei o livro pela janela. Mas busquei-o no dia seguinte, por causa da “Canção do Clarim”. Eu perdoaria qualquer pessoa em nome daqueles versos. E o livro não caiu no lago com flores de lótus de George Clarke: isso é invenção da velha Prouty. A senhorita não está indo embora, está? Fique e jante com um velho solitário cuja única cria foi roubada.

– Sinto muito mesmo, mas não posso, senhor Westcott. Tenho de ir a uma reunião dos professores agora.

– Então vejo a senhorita quando Sibyl voltar. Não há dúvida de que preciso organizar uma festa para eles. Nossa, que alívio essa notícia me trouxe. A senhorita não faz ideia de como eu odiaria ter de voltar atrás e dizer: “Case-se com ela”. Agora, tudo o que tenho a fazer é fingir que estou com o coração partido, mas resignado, e perdoá-la tristemente em nome de sua pobre mãe. Vou fazer isso lindamente. Jarvis nunca vai suspeitar de nada. Por favor, senhorita, mantenha meu plano como um *segredo* nosso para sempre.

– Não vou contar a ninguém – Anne prometeu.

Franklin Westcott a acompanhou amavelmente até a porta. O buldogue sentou-se e uivou para ela. Antes que Anne partisse, o pai de Dovie tirou o cachimbo da boca e bateu-o levemente no ombro dela.

– Lembre-se sempre – falou solenemente – que existem muitas maneiras de alcançar um objetivo. Isso pode ser feito sem que os

envolvidos no caso jamais saibam que foram manipulados. Dê lembranças a Rebecca Dew; é uma velha e boa mulher, se soubermos lidar com ela. E obrigado... muito obrigado!

O anoitecer estava suave e calmo quando Anne voltou para casa. A névoa havia se dissipado, o vento, mudado de direção, e o céu verde pálido anunciava uma geada.

“As pessoas me disseram que eu não conhecia Franklin Westcott”, ela refletiu. “Estavam certas... eu não o conhecia mesmo. Entretanto, elas também não.”

– Como ele recebeu a notícia? – Rebecca Dew perguntou ansiosamente. Ela mal pôde conter sua curiosidade durante toda a ausência de Anne.

– Não foi tão mal quanto eu havia esperado – disse Anne, em tom de confiança. – Suponho que, com o tempo, ele vai perdoar a filha.

– Nunca vi ninguém com sua habilidade para persuadir as pessoas – Rebecca Dew comentou, com admiração. – A senhorita realmente tem um dom muito especial.

– “Uma tentativa bem-sucedida no decorrer do dia garante uma boa noite de repouso”***** – Anne citou para si mesma naquela noite enquanto subia os três degraus que a levavam à sua cama. – Contudo, esperem até que alguém venha me pedir conselhos novamente sobre alguma fuga! – acrescentou.





Capítulo IX

(Fragmento de uma carta para Gilbert.)



Fui convidada para jantar amanhã com uma antiga moradora de Summerside. Você não vai acreditar, Gilbert, quando eu lhe disser que o nome dela é Tomgallon... senhorita Minerva Tomgallon. Sei que você vai pensar que ando lendo Dickens tardia e excessivamente.*****

Meu querido, não fica contente em saber que seu sobrenome é Blythe? Tenho certeza de que nunca poderíamos nos casar se você fosse um Tomgallon. Anne Tomgallon?! Não, é impossível imaginar isso.

Esta é a homenagem suprema que Summerside tem a oferecer: um convite para visitar a Tomgallon House. Obviamente, a propriedade não poderia ter outro nome; nada de Elms, Chestnuts, Crofts ou qualquer outra coisa desse tipo para os Tomgallon, que foram a “família real” no passado. Os Pringle os sucederam, mas não se comparam a eles. E agora, de todo o

clã, só restou a senhorita Minerva, a única sobrevivente de seis gerações de Tomgallon.

Ela mora sozinha em uma casa imensa na Queen Street. A mansão tem chaminés enormes e persianas verdes, e é a única residência particular na cidade que possui uma janela com vitral. É grande o suficiente para abrigar quatro famílias, mas é ocupada apenas pela senhorita Minerva, uma cozinheira e uma criada. Está sempre muito bem-cuidada; no entanto, toda vez que passo por ela, sinto, de alguma forma, que é um lugar esquecido pela vida.

A senhorita Minerva raramente sai de casa, exceto para ir à igreja anglicana, e só a conheci poucas semanas atrás, quando ela foi a uma reunião dos funcionários e administradores para fazer a doação solene da preciosa biblioteca de seu pai à escola. Ela tem exatamente a aparência que se espera de uma mulher chamada Minerva Tomgallon. É alta e magra, com um rosto comprido, estreito e pálido, e boca e nariz longos e finos. Essa descrição não sugere uma pessoa muito atraente, mas, na verdade, a senhorita Minerva é bonita, de um modo imponente e aristocrático, e está sempre vestida com bastante elegância, embora seus trajes sejam um pouco antiquados. Rebecca Dew me falou que ela era linda quando jovem, e posso afirmar que seus olhos negros e grandes ainda estão cheios de luz e brilho. As palavras nunca lhe faltam, e acho que nunca vi ninguém que gostasse mais de fazer um discurso.

Ela foi especialmente amável comigo, e ontem recebi um pequeno bilhete com um convite formal para jantar com ela. Quando contei a Rebecca Dew, ela arregalou os olhos como se eu tivesse sido chamada para uma refeição no Buckingham Palace.

– É uma grande honra ser convidada para a Tomgallon House! – ela exclamou, bastante admirada. – Nunca ouvi dizer que algum diretor da Summerside High tivesse jantado com a senhorita Minerva. Porém, na verdade, eram todos homens, e, portanto, dificilmente teria sido apropriado. Bem, espero que ela não fale até deixar a senhorita exausta. Todos os Tomgallon sempre gostaram de tagarelar incessantemente por

horas a fio e de estar à frente de tudo. Há quem diga que a senhorita Minerva vive tão isolada atualmente porque está velha e não pode mais comandar, como costumava fazer: ela jamais se subordinaria a alguém. O que vai vestir, senhorita Shirley? Eu gostaria de vê-la usar seu vestido de seda creme com rendas e laços de veludo preto. Ele é tão chique!

– Receio que seja “chique” demais para um jantar tranquilo, Rebecca Dew – respondi.

– Pois eu acho que a senhorita Minerva ficaria satisfeita. Os Tomgallon sempre fizeram questão de que suas visitas estivessem muito bem-arrumadas. Eu soube que, certa ocasião, o avô da senhorita Minerva fechou a porta diante de uma mulher que tinha sido convidada para um baile só porque ela usava seu segundo melhor vestido. Ele declarou que nem o melhor traje daquela senhora seria suficientemente bom para um evento na Tomgallon House.

Contudo, ainda acho que vou colocar meu vestido de *voile* verde, e os fantasmas dos Tomgallon que se satisfaçam com ele.

Vou confessar algo que fiz na semana passada, Gilbert. Suponho que você pense que estou mais uma vez me intrometendo na vida das outras pessoas. Entretanto, eu *precisava* fazer alguma coisa. Não vou mais estar em Summerside no próximo ano e não suporto pensar que Elizabeth ficará à mercê daquelas duas mulheres idosas e sem nenhum afeto, que ficam mais amargas e intolerantes a cada ano que passa. Que espécie de juventude a pobrezinha vai viver com elas naquela casa velha e sombria?

– Eu me pergunto – ela me disse tristemente, não muito tempo atrás – como seria ter uma avó de quem não se tivesse medo.

Foi isto o que fiz: *escrevi para o pai dela*. Ele mora em Paris, e eu não sabia seu endereço, mas Rebecca Dew se lembrava do nome da companhia cuja filial ele gerencia lá. Então arrisquei e enderecei o envelope a ele, aos cuidados da empresa. Fiz a carta mais diplomática que pude, mas falei claramente que ele deveria levar Elizabeth para morar com ele. Conte sobre como ela anseia e sonha com ele, e revelei que a senhora Campbell é realmente severa e fria demais com a pobrezinha. Talvez não

aconteça nada, mas, se eu não tivesse feito isso, ficaria para sempre assombrada pela convicção de que não cumpri meu dever.

O que me levou a ter essa ideia foi Elizabeth ter me falado muito seriamente, um dia, que havia escrito “uma carta para Deus”, pedindo que Ele trouxesse o pai de volta para ela e o fizesse amá-la. A menina disse que parou no caminho de casa, na volta da escola, no meio de um terreno baldio, e leu a carta em voz alta, olhando para o céu. Eu já sabia que ela tinha feito algo estranho, porque a senhorita Prouty tinha visto a cena e me contado, quando veio costurar para as viúvas, no dia seguinte. Ela achou que Elizabeth estava agindo de uma forma muito “esquisita, falando com o céu daquele jeito”.

Assim que tive uma oportunidade, perguntei a Elizabeth, e ela me explicou melhor:

– Achei que talvez Deus prestasse mais atenção a uma carta do que a uma prece – disse. – Já tenho orado há tanto tempo... e Ele deve receber tantas preces...

Naquela mesma noite, escrevi ao pai da pequena Elizabeth.

Antes de me despedir, preciso lhe falar sobre Dusty Miller. Há algum tempo, tia Kate me falou que sentia que havia chegado a hora de encontrar um novo lar para ele, pois Rebecca Dew vivia reclamando do gato, e ela não suportaria mais aquilo por muito tempo. Em um fim de tarde da semana passada, quando cheguei da escola, não encontrei Dusty Miller, e tia Chatty me disse que elas o haviam doado para a senhora Edmonds, que mora do lado oposto a Windy Poplars. Fiquei triste: afinal, Dusty Miller e eu tínhamos uma amizade excelente. “Contudo”, pensei, “ao menos Rebecca Dew vai ser uma mulher mais feliz”.

Rebecca tinha estado fora o dia todo, ajudando uma parente que vive no campo a fazer uns tapetes. Quando ela voltou para casa, no crepúsculo, ninguém lhe disse nada, mas, na hora de dormir, no momento em que ela se dirigiu à varanda e começou a gritar o nome do gato, tia Kate falou, calmamente:

– Você não precisa chamar Dusty Miller, Rebecca. Ele não está por aqui. Encontramos outro lar para ele. Aquele Gato não vai incomodá-la mais.

Como digo de vez em quando, se Rebecca Dew pudesse ficar pálida, teria ficado.

– Não está aqui?! Encontraram um lar para ele?! Misericórdia! Este não é o lar dele?!

– Nós o doamos para Jane Edmonds. Ela tem se sentido muito solitária depois que a filha se casou e concordou que um bom gato seria ótima companhia.

Rebecca Dew entrou em casa e fechou a porta. Parecia furiosa.

– Esta é a gota d’água que faltava! – exclamou. E, realmente, dessa vez, pareceu que era mesmo, porque eu nunca tinha visto tanta ira nos olhos de Rebecca Dew. – Vou embora no fim do mês, senhora MacComber, ou mesmo antes, se me permitirem.

– Mas, Rebecca – disse tia Kate, perplexa –, não estou entendendo nada. Você nunca gostou de Dusty Miller. Ainda na semana passada, falou que...

– Muito bem! – Rebecca retrucou, amargamente. – Joguem isso na minha cara! Não tenham nenhuma consideração por meus sentimentos. Oh, Aquele Gato tão querido... pobrezinho! Cuidei dele, mimei, levantei da cama durante tantas noites para deixá-lo entrar. Agora, vocês o levam embora furtivamente, sem sequer me pedir permissão. E o doam para a senhora Edmonds, uma mulher que não compraria um pedaço minúsculo de fígado para a pobre criatura por nada neste mundo. A única companhia que eu tinha na cozinha!

– Mas, Rebecca, você sempre...

– Ora, continue... prossiga! Não *me* dê a chance de falar, senhora MacComber. Criei aquele gato desde que era um filhotinho. Cuidei de sua saúde e de sua educação. E para quê? Para aquela Jane Edmonds ter um gato bem-treinado como companhia. Só espero que ela enfrente o frio das noites, como eu fiz, para ficar chamando Aquele Gato *por horas*, em vez de deixá-lo congelar lá fora. Porém, duvido que ela faça isso... duvido

seriamente! Bem, senhora MacComber, tomara que sua consciência não a atormente na próxima vez que os termômetros marcarem dez graus abaixo de zero. Eu mesma não vou pregar o olho quando isso acontecer, mas é óbvio que *isso* não tem a menor importância para ninguém, não é?

– Rebecca, se pelo menos você...

– Senhora MacComber, não sou um verme, nem um capacho. Bem, esta foi uma lição para mim... uma lição valiosa! Nunca mais vou me afeiçoar a nenhum animal, seja ele de qualquer tipo ou raça. Se vocês tivessem feito isso honesta e abertamente... Mas... pelas minhas costas?! Tirando vantagem de minha ausência? Nunca ouvi falar de nada tão cruel! Mas quem sou eu para esperar que meus sentimentos sejam levados em consideração!

– Rebecca – tia Kate falou, desesperadamente – se você quer Dusty Miller de volta, podemos buscá-lo.

– Ora, por que não disse isso antes? – Rebecca Dew perguntou. – Contudo, duvido que Jane Edmonds devolva Aquele Gato. Ela já se apossou dele. Será possível que ela desista do pobrezinho?

– Acho que sim – disse tia Kate, que repentinamente pareceu frágil e submissa. – E, se o trouxermos de volta, você não vai nos deixar, vai, Rebecca?

– Posso pensar a respeito – Rebecca Dew admitiu com ar de quem estava fazendo uma enorme concessão.

No dia seguinte, tia Chatty trouxe Dusty Miller para casa em uma cesta coberta. Percebi um olhar de cumplicidade sendo trocado entre ela e tia Kate depois que Rebecca Dew levou o gato para a cozinha e fechou a porta. Fiquei me perguntando se teria sido tudo um plano arquitetado secretamente pelas viúvas, auxiliadas e instigadas por Jane Edmonds.

Rebecca nunca mais pronunciou uma queixa sequer contra Dusty Miller, e há um verdadeiro tom de vitória em sua voz quando grita por ele na hora de dormir, como se quisesse que toda a Summerside soubesse que Aquele Gato está de volta ao lugar ao qual pertence e que, mais uma vez, ela venceu as viúvas! ☒





Capítulo X

*P*oi durante um anoitecer frio e com vento forte, em março, quando até mesmo as nuvens que cruzavam o céu pareciam ter pressa, que Anne subiu os três degraus largos e baixos, ladeados por grandes vasos e leões de pedra que levavam à enorme porta da frente de Tomgallon House. Em geral, quando ela passava em frente à mansão, à noite, tudo estava escuro e sombrio, exceto por um brilho fraco de luz em uma ou duas janelas. No entanto, agora a casa estava toda iluminada: até as construções anexas brilhavam, como se a senhorita Minerva fosse receber todos os moradores de Summerside. Todo aquele esplendor em sua honra impressionou tanto Anne que ela quase desejou estar usando seu vestido de seda cor de creme.

No entanto, ela estava bastante charmosa em seu traje de *voile* verde, e é provável que a senhorita Minerva tenha pensado assim quando a recebeu

no *hall*, pois seu rosto e sua voz foram autenticamente cordiais. A anfitriã estava majestosa em um vestido de veludo preto, com uma tiara de diamantes adornando seus pesados cachos grisalhos e um enorme broche de camafeu cercado por uma trança de cabelo de algum Tomgallon que já havia morrido. Todo o traje estava um pouco fora de moda, mas a senhorita Minerva o usava com um ar tão grandioso que ele parecia tão atemporal quanto os usados pela realeza.

– Seja bem-vinda a Tomgallon House, minha querida – ela disse, estendendo a mão magra, também enfeitada com diamantes. – Estou muito contente em tê-la aqui como minha convidada.

– Eu estou...

– Nos velhos tempos, Tomgallon House sempre foi um local frequentado por pessoas jovens e belas. Costumávamos promover inúmeras festas e proporcionar diversão a todas as celebridades que visitavam nossa região – contou a senhorita Minerva enquanto conduzia Anne, sobre um carpete de veludo vermelho desbotado, a uma suntuosa escadaria. – Mas agora tudo mudou. Eu me divirto muito pouco. Sou a última dos Tomgallon. E talvez seja melhor assim. Nossa família, minha querida, tem sido *vítima de uma maldição*.

A senhorita Minerva disse isso com um tom de voz tão assustador e misterioso que Anne quase estremeceu. “A maldição dos Tomgallon”: que título para uma história!

– Esta é a escada na qual meu bisavô Tomgallon tropeçou e quebrou o pescoço na noite da festa de inauguração de sua nova residência. Esta casa foi batizada com sangue humano. Veja, ele caiu exatamente ali!

A senhorita Minerva apontou um longo dedo branco para um tapete de pele de tigre no *hall*, de uma forma tão dramática que Anne quase pôde ver o falecido Tomgallon morrendo sobre ele. Sem saber o que dizer, ela exclamou simplesmente:

– Oh!

A senhorita Minerva a conduziu por um corredor decorado com muitos retratos e fotografias desbotados, mas ainda assim encantadores, e em cujo

final estava o famoso vitral. As duas entraram em um quarto de hóspedes grande e imponente, com o pé direito bastante alto. A enorme cama de nogueira, com uma cabeceira também imensa, estava coberta por uma colcha de seda tão linda que Anne achou que seria um sacrilégio colocar seu casaco e seu chapéu sobre ela.

– Você tem um cabelo muito bonito, minha querida – a senhorita Minerva elogiou, com admiração. – Sempre gostei de cabelo ruivo. Minha tia Lydia tinha um maravilhoso. Ela foi a única Tomgallon ruiva. Certa noite, quando o escovava no quarto do norte, encostou-o em uma vela acesa, e o cabelo pegou fogo. Ela desceu a escada aos berros, envolta em chamas. Tudo parte da maldição, minha querida... tudo parte da maldição.

– Ela mor...

– Não, ela não morreu queimada, mas perdeu toda a beleza. Ela era muito bela e vaidosa. Nunca mais saiu de casa, desde aquele dia até sua morte, e deixou instruções para que seu caixão ficasse fechado, de modo que ninguém pudesse ver seu rosto cheio de cicatrizes... Não quer se sentar para tirar as galochas, minha querida? Esta cadeira aqui é bastante confortável. Minha irmã morreu nela, de um derrame cerebral. Era viúva e tinha voltado a morar aqui depois que o marido faleceu. A filhinha dela foi escaldada em nossa cozinha por uma panela de água fervente. Não é uma maneira trágica para uma criança morrer?

– Oh, como...

– Contudo, pelo menos a gente sabe *como* ela morreu. Minha tia Eliza, quer dizer, seria minha tia se não tivesse morrido, simplesmente *desapareceu* quando tinha 6 anos de idade. Ninguém nunca soube o que aconteceu com ela.

– Mas certamente...

– *Todas* as buscas foram feitas, mas nada foi descoberto. Disseram que a mãe dela, que também era madrastra de minha mãe, tinha sido muito cruel com uma sobrinha órfã de meu avô que estava sendo criada aqui. Ela a trancou no armário do alto da escada, em um dia quente de verão, como castigo, e, quando foi soltá-la, encontrou-a... *morta*. Algumas pessoas

pensaram que o desaparecimento de Eliza foi uma punição pela maldade feita por aquela mulher. Entretanto, eu acho que a menina sumiu por causa de nossa maldição.

– Quem...

– Como o dorso de seu pé é alto, minha querida! O meu também costumava ser admirado. Diziam que um fluxo de água poderia correr por baixo dele; o pé típico de um aristocrata.

Modestamente, a senhorita Minerva tirou um chinelo de debaixo da saia de veludo e revelou o que era, sem dúvida, um pé muito bonito.

– Sem dúvida...

– Gostaria de conhecer a casa, minha querida, antes de jantarmos? Ela costumava ser o orgulho de Summerside. Suponho que tudo seja muito antiquado, agora, mas talvez você ache algumas coisas interessantes. Aquela espada pertenceu a meu trisavô; ele era um oficial do exército britânico e recebeu um pedaço de terra em Prince Edward Island por serviços prestados à nação. Ele nunca morou nesta casa, mas minha trisavó viveu aqui durante algumas semanas. Ela não sobreviveu por muito tempo à morte trágica do filho.

A senhorita Minerva marchou com Anne, impiedosamente, por toda a mansão, cheia de cômodos imensos – salão de festas, jardim de inverno, sala de bilhar, três salas grandiosas, copa, inúmeros quartos e um sótão enorme –, todos magníficos e tristes.

– Aqueles ali eram meus tios Ronald e Reuben – disse a senhorita Minerva, indicando as fotografias de dois homens nobres, cada um de um lado da lareira, que pareciam estar trocando olhares de ódio. – Eles eram gêmeos e se detestavam profundamente desde que nasceram. A casa tremia com suas brigas. Isso arruinou a vida da mãe deles. E, durante o último conflito entre eles, exatamente aqui neste cômodo, enquanto uma tempestade caía lá fora, Reuben foi morto por um raio. Ronald nunca superou esse acontecimento. A partir de então, ele foi um homem atormentado... A esposa dele – a senhorita Minerva acrescentou, como se tivesse se lembrado subitamente – engoliu a aliança de casamento dela.

– Que his....

– Ronald achou que foi muita falta de cuidado da mulher, e por isso não tomou nenhuma atitude. Ora, algo que a fizesse vomitar poderia ter resolvido o problema, mas nunca mais se ouviu falar no assunto novamente. Isso estragou a vida da coitada. Ela sempre se sentiu descasada sem o anel.

– Que bela...

– Ah, sim, esta era tia Emilia... Não era minha tia, realmente, claro, apenas a esposa de tio Alexander. Era conhecida por seu misticismo, mas matou o marido com um ensopado de cogumelos... cogumelos venenosos, na verdade. Sempre fizemos de conta que tinha sido um acidente, pois um assassinato é algo horrível de se ter na família, mas nós todos sabíamos o que havia acontecido de fato. É óbvio que ela se casou com ele contra a vontade. Tia Emília era jovem e alegre, e ele era excessivamente velho para ela. Entretanto, isso não justifica o envenenamento. Ela adoeceu logo depois. Estão enterrados juntos em Charlottetown. Todos os Tomgallon são enterrados lá. Esta aqui era minha tia Louise. Ela tomou láudano.***** O médico conseguiu salvá-la com uma lavagem estomacal, mas toda a família sentiu que não poderia mais confiar nela. Foi um grande alívio quando ela morreu, respeitosamente, de pneumonia. É lógico que nós não a culpamos muito. Afinal, o marido a espancava.

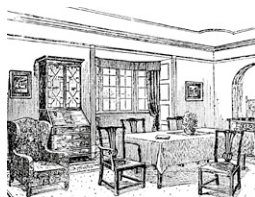
– Espancava a...

– Exatamente. Há coisas que nenhum cavalheiro deve fazer, minha querida, e uma delas é bater na esposa. Derrubá-la pode até ser, mas espancar, jamais! Eu gostaria – comentou majestosamente – de ver o homem que ousasse bater em *mim*.

Anne sentiu que também desejaria vê-lo. E se deu conta de que, no final das contas, há limites para a imaginação. Por mais que tentasse, não conseguiu imaginar um marido espancando a senhorita Minerva Tomgallon.

– Este é o salão de baile. É claro que atualmente nunca é usado. No entanto, já houve inúmeros bailes aqui. As festas dos Tomgallon eram

famosas. Vinham pessoas de todos os cantos da ilha. Aquele lustre custou uma fortuna a meu pai. Minha tia-avó Patience caiu morta enquanto dançava aqui uma noite... bem ali naquele canto. Ela estava sofrendo terrivelmente por causa de um homem que a decepcionou. Não consigo entender por que as jovens permitem que os homens as deixem com o coração partido. Os homens – a senhorita Minerva prosseguiu, olhando para uma fotografia de seu pai, um senhor com costeletas fartas e nariz semelhante ao bico de um gavião – sempre me pareceram criaturas tão *triviais*!





Capítulo XI

A sala de jantar tinha o mesmo estilo imponente do resto da mansão. Havia outro lustre muito enfeitado, um espelho sofisticado, com moldura dourada, na parede acima da lareira, e uma mesa belamente arrumada com objetos de prata, cristal e porcelana branca de alta qualidade. O jantar, servido por uma criada idosa e sombria, era farto e delicioso, e o apetite jovem e saudável de Anne lhe fez justiça.

A senhorita Minerva ficou em silêncio por algum tempo, e Anne não ousou dizer nada por medo de dar início a uma nova avalanche de tragédias. A certa altura, um gato preto grande e lustroso entrou na sala e, com um miado rouco, sentou-se ao lado da anfitriã, que imediatamente pôs creme em um pires e o colocou diante dele. Depois disso, ela pareceu tão mais humana que Anne perdeu grande parte do temor que sentia pela última representante dos Tomgallon.

– Sirva-se de mais pêsegos, minha querida. Você não comeu nada, nada mesmo.

– Oh, senhorita Tomgallon, eu apreciei muito...

– Os Tomgallon sempre prepararam mesas bonitas e repletas de comidas saborosas – disse a senhorita Minerva amavelmente. – Minha tia Sophia fazia o melhor pão de ló que comi na vida. Creio que a única pessoa que meu pai já detestou que visitasse nossa casa foi sua irmã Mary, porque ela tinha um apetite tão fraco, coitada! Só beliscava e experimentava. Papai tomava isso como um insulto pessoal. Ele era um homem implacável. Nunca perdoou meu irmão Richard por ter se casado contra sua vontade: expulsou-o de casa, e ele nunca mais pôde entrar aqui. Papai sempre rezava o Pai Nosso em família todas as manhãs, mas, depois que Richard o enfrentou, ele passou a omitir a parte que diz: “Perdoai nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Posso vê-lo – afirmou a senhorita Minerva, sonhadoramente – ajoelhado ali, deixando de mencionar esse fragmento.

Após a refeição, elas foram para a menor das três salas de visitas, que ainda assim era enorme e bem formal, e passaram um bom tempo diante de um fogo forte, agradável e aconchegante. Anne trabalhou em um conjunto complicado de toalhinhas de crochê, e a senhorita Minerva, em uma colcha de tricô, enquanto mantinha o que foi praticamente um monólogo, composto, em sua maior parte, de histórias sobre os Tomgallon repletas de acontecimentos terríveis.

– Esta é uma casa cheia de memórias trágicas, minha querida.

– Senhorita Tomgallon, nunca aconteceu *nada* bom nesta casa? – perguntou Anne, conseguindo pronunciar uma sentença completa por mero acaso: a senhorita Minerva tinha parado de falar pelo tempo suficiente para assoar o nariz.

– Suponho que sim – ela respondeu como se odiasse ter de admitir isso.

– Claro, tivemos ocasiões alegres aqui quando eu era garota. Ouvi dizer que está escrevendo um livro sobre todas as pessoas de Summerside, minha querida.

– Não estou... não há nenhuma palavra de verdade...

– Oh! – a senhorita Minerva ficou visivelmente desapontada. – Bem, se algum dia escrever, sinta-se à vontade para incluir todas as nossas histórias que lhe interessarem, talvez com os nomes trocados. Agora, que tal um jogo de tabuleiro?

– Receio que seja hora de eu ir...

– De jeito nenhum, minha querida. Você não pode voltar para casa hoje. Está chovendo muito, e ouça o vento! Não mantenho mais uma carruagem, pois quase não tenho necessidade de uma. E você não pode caminhar por quase um quilômetro neste dilúvio. Vai ter de ser minha hóspede esta noite.

Anne não estava certa de que desejava passar a noite em Tomgallon House. Entretanto, também não queria andar até Windy Poplars durante uma tempestade de março. Portanto, jogaram uma partida de ludo, na qual a senhorita Minerva estava tão interessada que se esqueceu de falar sobre os horrores da família, e em seguida fizeram um pequeno lanche antes de irem para a cama. Comeram torradas com canela e beberam chocolate quente em xícaras antigas esplendidamente finas e belas.

Por fim, a anfitriã a acompanhou até um quarto de hóspedes que Anne, a princípio, sentiu-se aliviada por não ser aquele onde a irmã da senhorita Minerva havia morrido de derrame.

– Este é o quarto de tia Annabella – disse a senhorita Minerva, acendendo as velas nos castiçais de prata sobre uma penteadeira verde muito bonita e apagando a lamparina a gás. (Certa noite, Matthew Tomgallon tinha explodido uma dessas lamparinas e, conseqüentemente, perdido sua vida nesse acidente). – Ela era a mais bonita de todas as Tomgallon. Aquele é seu retrato, ali, acima do espelho. Viu como tinha uma boca magnífica? Foi tia Annabella que fez esta colcha maluca que está sobre a cama. Quero que você se sinta confortável, minha querida. Mary arejou os lençóis e colocou duas bolsas quentes debaixo deles. Ela também preparou esta camisola – acrescentou, apontando para uma peça de roupa de flanela, bastante larga e cheirando a naftalina, pendurada no

encosto de uma cadeira. – Espero que sirva em você: não é usada desde que minha pobre mãe morreu vestida com ela... Ah, quase me esqueci de lhe contar – a senhorita Minerva parou na porta do quarto e se virou para Anne. – Este é o quarto em que Oscar Tomgallon ressuscitou, depois de ter sido considerado morto por dois dias. Contudo, *ninguém queria que ele voltasse... Essa foi a tragédia*. Durma bem, minha querida.

Anne não sabia nem mesmo se conseguiria dormir. Repentinamente, teve a impressão de que havia alguma coisa estranha naquele aposento, algo um pouco hostil. “Entretanto”, pensou, “não existem coisas esquisitas em qualquer quarto que já foi ocupado por várias gerações?”. A morte tinha passado por lá; o amor havia sido celebrado ali; nascimentos tinham acontecido, diversas expectativas e decepções foram vividas. Esses cômodos são invariavelmente repletos de sentimentos.

Mas aquela, particularmente, era uma casa muito antiga e terrivelmente assombrada por fantasmas de ódios e corações partidos, por feitos sombrios que nunca haviam sido revelados e ainda apodreciam em seus cantos e esconderijos. Muitas mulheres devem ter chorado naquela mansão. O vento uivava assustadoramente nos abetos próximos à janela. Por um momento, Anne teve vontade de sair correndo, com ou sem tempestade.

Então ela se controlou, resoluta, e usou o bom senso. Se coisas trágicas e terríveis aconteceram ali, muitos anos sombrios atrás, também deve ter havido ocasiões divertidas e adoráveis. Jovens bonitas e felizes dançaram naquele salão e falaram sobre seus segredos encantadores; bebês com covinhas nasceram lá; houve casamentos, bailes, música e risos. A senhora que fazia o melhor pão de ló deve ter sido uma criatura amável, e o imperdoável Richard, um cavalheiro galante.

“Vou me concentrar nisso e me deitar. Que colcha extravagante! Será que amanhã de manhã vou estar tão maluca quanto ela? E pensar que este é um quarto de hóspedes! Nunca me esqueci da emoção que eu sentia no passado ao dormir em qualquer quarto de hóspedes.”

Anne soltou e escovou o cabelo debaixo do nariz de Annabella Tomgallon, que a encarava com uma expressão de orgulho, vaidade e um

bocado da insolência característica das grandes beldades. Ela se sentiu ligeiramente assustada quando se olhou no espelho. Quem saberia dizer que pessoas a observavam do outro lado? Provavelmente, todas as mulheres atormentadas e vítimas de tragédias que um dia se viram nele.

Corajosamente, ela abriu a porta do armário, em parte esperando que dele caíssem alguns esqueletos, e pendurou seu vestido. Depois, sentou-se calmamente em uma cadeira austera, que parecia ofender-se caso alguém a usasse, e tirou os sapatos. Em seguida, vestiu a camisola de flanela, apagou as velas e se deitou na cama agradavelmente aquecida por Mary. Por algum tempo, o barulho da chuva batendo nas vidraças e o assovio do vento em torno dos velhos beirais a impediram de dormir. Porém, Anne logo esqueceu todas as tragédias dos Tomgallon e dormiu um sono sem sonhos até que se viu contemplando os ramos de pinheiros escuros contra a luz de um nascer do sol vermelho.

– Gostei imensamente de recebê-la aqui, minha querida – a senhorita Minerva declarou quando Anne se despediu após o café da manhã. – Passamos horas muito prazerosas, não foi? Tenho vivido sozinha há tanto tempo que quase esqueci como falar. E nem preciso dizer o quanto é bom encontrar uma garota realmente charmosa e nem um pouco estragada pelas frivolidades da juventude. Não lhe contei ontem, mas era meu aniversário, e foi ótimo ter um pouco de diversão nesta casa. Hoje em dia não existe mais ninguém para se lembrar de meu aniversário – suspirou levemente –, e já houve um tempo em que havia tantas pessoas...

– Bem, suponho que tenha escutado histórias bastante sinistras – tia Chatty falou naquela noite.

– Todas aquelas coisas que a senhorita Minerva me contou realmente aconteceram, tia Chatty?

– O pior de tudo é que sim – respondeu tia Chatty. – É algo inacreditável, senhorita Shirley, mas muitas coisas horríveis ocorreram com os Tomgallon.

– Não creio que tenham sido muitas mais do que em qualquer família grande em um espaço de tempo que compreende seis gerações – tia Kate comentou.

– Acho que foram. Eles parecem mesmo ser vítimas de uma maldição. Muitos deles tiveram mortes súbitas ou violentas. Obviamente, há certa insanidade nos membros daquela família, todo mundo sabe. Só isso já seria uma maldição e tanto. No entanto, já ouvi uma história antiga... Não me lembro bem dos detalhes, mas parece que o carpinteiro que construiu a casa a amaldiçoou. O motivo tinha a ver com o contrato: a mansão acabou custando muito mais do que o velho Paul Tomgallon havia calculado, então ele não aceitou arcar com as despesas extras, o que arruinou o tal construtor.

– A senhorita Minerva demonstrou ter certo orgulho dessa maldição – Anne falou.

– Coitadinha, é tudo o que lhe restou – Rebecca Dew explicou.

Anne sorriu ao pensar na majestosa senhorita Minerva sendo chamada de “coitadinha”. Então, subiu para o quarto da torre e escreveu para Gilbert.



Eu achava que Tomgallon House era apenas um velho lugar adormecido onde nada houvesse ocorrido, nunca. Bem, talvez as coisas não aconteçam agora, mas, evidentemente, inúmeros fatos se sucederam lá. Elizabeth sempre fala no Amanhã. Penso que Tomgallon House é o Ontem. Fico contente por não viver no Ontem e por ainda ser amiga do Amanhã.

É lógico que sei que a senhorita Minerva, como todos os Tomgallon, gosta de ficar em evidência, e que as tragédias de sua família lhe proporcionam uma satisfação sem fim. Representam para ela o mesmo que marido e filhos para outras mulheres. Mas, oh, Gilbert, não importa o quanto nós ficarmos velhos nos anos que estão por vir, jamais encaremos a vida como uma sucessão de tragédias e nos orgulhemos disso. Acho que eu

detestaria viver em uma casa que tivesse 120 anos de idade. Espero que, quando nós tivermos nossa casa dos sonhos, ela seja nova, sem fantasmas nem tradições, ou, caso isso não seja possível, que pelo menos ela tenha sido ocupada por pessoas razoavelmente felizes. Nunca vou me esquecer da noite que passei em Tomgallon House. E devo reconhecer que, pela primeira vez na vida, encontrei uma pessoa que fala mais do que eu. ✉





Capítulo XII

A pequena Elizabeth Grayson havia nascido esperando as coisas acontecerem. O fato de que elas raramente aconteciam, impedidas pelos olhos vigilantes da avó e da Mulher, nunca abalou, minimamente que fosse, suas expectativas. As coisas aconteceriam em algum momento: se não hoje, então amanhã.

Quando a senhorita Shirley veio morar em Windy Poplars, Elizabeth sentiu que o Amanhã deveria estar iminente; depois, sua visita a Green Gables foi como uma amostra dele. Contudo, agora, no mês de junho do terceiro e último ano da senhorita Shirley na Summerside High School, o moral da pequena Elizabeth foi lá embaixo, desceu à altura de seus pés calçados com as botas com botões que a avó sempre comprava para ela. Muitas crianças na escola onde a menina estudava invejavam aquelas lindas botas, mas a pequena Elizabeth não lhes dava nenhuma importância, já que não podia trilhar com elas o caminho da liberdade.

Sua adorada senhorita Shirley ia embora para sempre. No final de junho, deixaria Summerside e voltaria para aquele lugar lindo chamado Green Gables. A pequena Elizabeth simplesmente não conseguia suportar essa ideia, e de nada adiantava a senhorita Shirley prometer que a levaria para Green Gables no verão, antes de se casar. De alguma forma, sabia que a avó não lhe daria permissão para ir a Avonlea novamente. A pequena Elizabeth percebia que a senhora Campbell nunca havia realmente aprovado sua amizade com Anne.

– Vai ser o fim de tudo, senhorita Shirley – ela soluçou.

– Vamos esperar, meu bem, que seja apenas um novo começo – disse Anne, tentando consolar a menina.

No entanto, ela mesma se sentia desanimada. Nenhuma resposta do pai da pequena Elizabeth havia chegado. Ou a carta nunca chegara às suas mãos, ou ele não se importava mesmo com a filha. E, se ele realmente não a quisesse, o que seria daquela criança? Sua infância já era suficientemente triste, mas depois não seria ainda pior?

– Aquelas duas senhoras idosas vão exercer um controle arbitrário sobre a menina até a morte – Rebecca Dew tinha profetizado, e Anne sentiu que havia naquelas palavras mais verdade do que elegância.

Elizabeth sabia que era “controlada arbitrariamente”. E se ressentia, sobretudo, de ter de obedecer às ordens da Mulher. Obviamente, a menina não gostava disso na senhora Campbell, porém admitia, relutantemente, que talvez sua avó tivesse algum direito de mandar nela. Mas que direito tinha a Mulher? Elizabeth sempre quis lhe perguntar isso diretamente. E o *faria*, quando o Amanhã chegasse. E nesse dia, oh, como seria bom apreciar a expressão no rosto da Mulher!

A avó nunca deixaria a pequena Elizabeth sair para passear sozinha, por medo, havia dito, de que a menina fosse sequestrada por ciganos. Isso tinha acontecido uma vez, quarenta anos antes. Raramente os ciganos vinham à ilha agora, e a pequena Elizabeth achava que era apenas uma desculpa inventada pela senhora Campbell.

Entretanto, por que a avó se importaria se ela fosse sequestrada ou não? A menina sabia que a senhora Campbell e a Mulher não a amavam. Ora, sempre que podiam, elas até evitavam se referir a ela pelo nome. Era frequentemente “a criança”. Elizabeth odiava ser chamada de “a criança”, da mesma maneira que as duas diriam “o cachorro” ou “o gato”, se houvesse algum. Mas, quando se aventurou a protestar, o rosto da avó ficou sombrio e zangado, e a pequena Elizabeth foi punida por impertinência, enquanto a Mulher apenas observava, satisfeita.

A pequena Elizabeth sempre se perguntava por que a Mulher a odiava. Por que alguém deveria odiar uma pessoa tão nova e pequena? Valeria a pena odiá-la? A menina não sabia que sua mãe, cuja vida ela custara, havia sido muito amada por aquela mulher amarga; e, mesmo que soubesse, não teria compreendido as formas perversas que um amor frustrado pode assumir.

A menina sempre detestou a grandiosa e sombria The Evergreens, onde tudo parecia desconhecido, embora tivesse vivido ali durante toda a sua vida. Contudo, depois que a senhorita Shirley veio para Windy Poplars, isso tinha mudado magicamente. A pequena Elizabeth vivia em um mundo de romance após a chegada de Anne. Havia beleza onde quer que olhasse. Felizmente, a senhora Campbell e a Mulher não podiam impedi-la de olhar, apesar de Elizabeth nunca ter tido nenhuma dúvida de que o fariam, se conseguissem.

As breves caminhadas ao longo da estrada vermelha e encantada do porto, que muito raramente ela tinha autorização para compartilhar com a senhorita Shirley, eram os momentos felizes de sua vida melancólica. A menina se maravilhava com tudo o que via: o farol distante pintado de branco com estranhos anéis vermelhos, os litorais longínquos em tons de azul-escuro, as pequenas ondas prateadas, as luzes que brilhavam no céu arroxado do pôr do sol – todas essas coisas lhe proporcionavam tanta alegria que chegava a doer. Sem falar no porto, nas pequenas ilhas envoltas em névoa e nos crepúsculos esplendorosos! Elizabeth costumava subir até a janela que havia no telhado, para observá-los entre as copas das árvores e

para ver os navios que zarpavam durante o nascer da Lua: navios que voltavam, navios que nunca retornavam... Ela ansiava por partir em um deles para uma viagem à Ilha da Felicidade. Os navios que não voltavam tinham ficado lá, onde era sempre o Amanhã.

Aquela misteriosa estrada vermelha seguia, seguia, e os pés da pequena Elizabeth desejavam ardentemente percorrê-la. Aonde ela levava? Algumas vezes, a menina pensou que explodiria se não descobrisse. Quando o Amanhã realmente chegasse, ela tomaria aquela estrada e talvez encontrasse uma ilha só sua, onde somente ela e a senhorita Shirley viveriam. A avó e a Mulher nunca poderiam ir até lá: ambas tinham pavor de água e não colocariam os pés em um barco por nada neste mundo. A menina gostava de se imaginar em sua ilha, caçoando delas, enquanto as duas, lá do outro lado, a olhavam, furiosas.

– Aqui é o Amanhã! – ela gritaria, com um sorriso zombeteiro. – As senhoras não podem me alcançar, pois estão apenas no Hoje!

Como seria divertido! Como adoraria ver a expressão no rosto da Mulher!

Então, em um entardecer no final de junho, algo surpreendente aconteceu. Na véspera, Anne havia dito à senhora Campbell que tinha sido incumbida de ir a Flying Cloud no dia seguinte para conversar com a senhora Thompson, presidente do comitê de gerenciamento do bufê da Sociedade de Ajuda Humanitária, e pedido autorização para levar Elizabeth com ela. Com sua severidade habitual, a avó da menina havia dado permissão. A menina jamais conseguiria entender o porquê daquela concessão, já que ignorava completamente o temor que os Pringle sentiam a respeito de certa informação que Anne possuía; mas o que importava mesmo é que poderia sair com a senhorita Shirley.

– Vamos até o porto – Anne sussurrou – depois que eu cumprir minha missão em Flying Cloud.

A pequena Elizabeth foi para a cama tão entusiasmada naquela noite que achou que não conseguiria pregar o olho. Finalmente, poderia percorrer a estrada pela qual tinha sido atraída por tanto tempo.

Entretanto, apesar de sua exaltação, cumpriu meticulosamente seu pequeno ritual de todas as noites: dobrou suas roupas, escovou os dentes e os cabelos. Elizabeth achava seu cabelo louro muito bonito, embora não fosse, claro, tão encantador quanto o ruivo com reflexos dourados da senhorita Shirley, com suas ondas e os cachos que se formavam em volta das orelhas. A menina daria qualquer coisa para ter um cabelo como o de Anne.

Antes de se deitar, Elizabeth abriu uma das gavetas da cômoda antiga, preta e alta que havia em seu quarto, e tirou uma fotografia cuidadosamente escondida debaixo de uma pilha de lenços: era um retrato da senhorita Shirley, que havia recortado de uma edição especial do periódico *Weekly Courier*, a qual trazia fotos de todas as pessoas que trabalhavam na escola.

– Boa noite, querida senhorita Shirley – murmurou, beijou a fotografia e a devolveu a seu esconderijo.

Em seguida, a menina subiu na cama e se aninhou nos cobertores. A noite de junho estava fresca, e a brisa do porto soprava forte. De fato, naquela noite, foi mais do que uma brisa. O vento assobiava, chiava, gemia, e Elizabeth sabia que, no porto, as ondas estavam bastante agitadas. Como deveria ser bom ir até lá e ver tudo de perto sob o luar! Contudo, isso só poderia ser feito no Amanhã.

Onde ficava Flying Cloud? Que nome! Parecia saído do Amanhã... Era desesperador estar tão perto do Amanhã e não poder entrar nele. E se o vento trouxesse chuva no dia seguinte? Elizabeth sabia que jamais teria permissão para ir a lugar algum se estivesse chovendo.

Então, sentou-se na cama e juntou as mãos.

– Querido Deus, não gosto de me intrometer, mas o Senhor poderia nos proporcionar um dia de sol amanhã? *Por favor*, querido Deus.

A tarde seguinte estava gloriosa. A pequena Elizabeth se sentiu como se houvesse se desvencilhado de algemas invisíveis quando ela e a senhorita Shirley se afastaram daquela casa sombria. Tomou um grande gole de liberdade, mesmo sabendo que a Mulher olhava carrancuda atrás delas,

observando-as através do vidro vermelho da grande porta da frente. Como era fabuloso caminhar com a senhorita Shirley por um mundo adorável! Era sempre maravilhoso ficar sozinha com ela. O que faria quando ela fosse embora? Imediatamente, Elizabeth afastou o pensamento, determinada. Não estragaria o passeio pensando sobre isso. Talvez – um talvez bem grande! – ela e a senhorita Shirley entrassem no Amanhã naquela tarde mesmo, e assim nunca mais se separariam.

Elizabeth só queria caminhar calmamente rumo ao azul do fim do mundo, absorvendo toda a beleza ao seu redor. Cada volta e cada curva revelavam um novo encanto. E a estrada era bastante sinuosa, pois acompanhava o curso de um pequeno rio que parecia ter surgido do nada.

Por todos os lados havia campos repletos de botões-de-ouro e trevos, sobre os quais muitas abelhas zumbiam. De vez em quando, elas se deparavam com uma via láctea de margaridas. Lá longe, o mar sorria para elas com ondas de bordas prateadas. O porto parecia estar coberto por seda molhada. A pequena Elizabeth gostava mais quando ele estava assim do que quando parecia envolto em cetim azul-claro. Elas saborearam o vento. Era uma brisa suave que as acariciava e incentivava a prosseguir.

– Não é delicioso caminhar com um vento como este? – a pequena Elizabeth comentou.

– Uma brisa gostosa, doce, perfumada... – falou Anne, mais consigo mesma do que com a menina. – Era como eu imaginava que fosse o *mistral*: o nome parece com este vento. Como fiquei desapontada quando descobri que *mistral* é o nome de um vento forte, frio, seco e desagradável!

Elizabeth não entendeu muito bem; nunca tinha ouvido falar em *mistral*. Porém, a melodia da voz de sua adorada era suficiente para ela. O próprio céu estava alegre. Um marinheiro com argolas de ouro nas orelhas – exatamente o tipo de pessoa que seria vista no Amanhã – sorriu ao passar por elas. Elizabeth se lembrou de um versículo que havia aprendido na escola dominical: “as colinas se vestem de alegria”.***** Será que quem escreveu isso tinha visto colinas como aquelas azuis atrás do porto?

– Acho que esta estrada leva diretamente a Deus – falou, sonhadoramente.

– Talvez – disse Anne. – É provável que todas as estradas levem a Ele, Elizabeth. Agora, vamos parar aqui. Temos de ir até aquela ilha: é Flying Cloud.

Flying Cloud era uma ilhota comprida e estreita, a cerca de quatrocentos metros do litoral. Nela havia árvores e uma casa. A pequena Elizabeth sempre desejara ter uma ilha própria, com uma pequena baía de areia prateada.

– Como vamos chegar lá?

– Vamos neste barco a remo – Anne explicou, enquanto se dirigiam a um pequeno bote amarrado ao tronco de uma árvore inclinada.

A senhorita Shirley sabia remar. Ora, e existia alguma coisa que a senhorita Shirley não conseguia fazer? Quando chegaram à ilha, constataram que era um lugar fascinante, onde tudo poderia acontecer. Era evidente que ela ficava no Amanhã. Ilhas como aquela não poderiam existir, exceto no Amanhã. Não tinham espaço no tedioso Hoje.

A criada que as recebeu disse a Anne que a senhora Thompson estava colhendo morangos silvestres na outra ponta da ilhota. Não era realmente incrível uma ilha onde cresciam morangos silvestres?

Anne foi procurar a senhora Thompson, mas antes indagou se a pequena Elizabeth poderia esperar por ela na sala de visitas. Achou que a menina parecia muito fatigada após caminharem por tanto tempo e precisava descansar. Elizabeth não pensava da mesma forma, mas, para ela, o menor desejo de Anne era lei.

Era uma sala bonita – com flores por toda parte – e arejada pela brisa que vinha do mar. Elizabeth gostou do espelho sobre a lareira, pois ele refletia lindamente a sala e, através da janela aberta, proporcionava um vislumbre do porto, das colinas e do mar.

Subitamente, um homem atravessou a porta. A menina teve um momento de susto e terror. Será que era um cigano? Ele não correspondia à ideia que fazia de um cigano, mas, obviamente, ela nunca tinha visto um.

Portanto, aquele homem poderia ser um cigano. Então, como se por uma intuição, ela pensou que não se importaria caso ele a sequestrasse. Elizabeth havia gostado de seus olhos cor de avelã ladeados por algumas rugas, de seus cabelos castanhos ondulados, do queixo quadrado e do belo sorriso. Sim, ele estava sorrindo.

– Olá, quem é você? – o homem perguntou.

– Eu sou... eu sou eu – ela gaguejou, ainda um pouco confusa.

– Sim, com certeza... você. Emergiu do mar, suponho, ou das dunas, não tem um nome como todos os mortais.

A menina sentiu que ele estava zombando dela, mas não se importou. Na verdade, até gostou. E respondeu apropriadamente:

– Meu nome é Elizabeth Grayson.

Houve um silêncio, um silêncio muito esquisito. O homem a observou por alguns segundos sem dizer nada. Em seguida, convidou-a amavelmente para se sentar.

– Estou esperando a senhorita Shirley – Elizabeth explicou. – Ela foi falar com a senhora Thompson a respeito do jantar da Sociedade de Ajuda Humanitária. Quando ela voltar, vamos ao fim do mundo.

“Agora, se tem alguma intenção de me raptar, senhor homem...”, pensou.

– Claro, compreendo. Porém, enquanto isso, você pode muito bem ficar à vontade, e eu devo fazer as honras da casa. O que gostaria de comer? O gato da senhora Thompson provavelmente trouxe algumas coisas para nós.

A menina se sentou. Sentia-se estranhamente feliz e em casa.

– Posso pedir o que eu quiser?

– Certamente.

– Então – disse Elizabeth, triunfalmente – eu gostaria de comer sorvete com geleia de morango por cima.

O homem tocou uma campainha e deu uma ordem. Sim, aqui só pode ser o Amanhã... não há nenhuma dúvida. Sorvete e geleia de morango não apareceriam dessa maneira mágica no Hoje, com ou sem gatos misteriosos.

– Vamos separar um pouco para sua amiga senhorita Shirley? – o homem sugeriu.

Os dois logo se tornaram bons amigos. O homem não falou muito, mas observou Elizabeth atentamente. Havia ternura em seu olhar; uma ternura que ela nunca tinha visto antes no rosto de ninguém, nem mesmo no da senhorita Shirley. A menina sentiu que o homem gostava dela. E que ela gostava dele.

Por fim, ele olhou para a janela e se levantou.

– Acho que tenho de ir agora – falou. – Vejo que sua senhorita Shirley está chegando e, portanto, você não vai ficar sozinha.

– O senhor não vai esperar para conhecer a senhorita Shirley? – indagou Elizabeth, lambendo a colher para aproveitar o último vestígio da geleia; a avó e a Mulher teriam morrido de horror se a tivessem visto naquele momento.

– Não desta vez – o homem respondeu.

Elizabeth constatou que ele, evidentemente, não tinha a menor intenção de sequestrá-la, e teve a mais estranha e inexplicável sensação de desapontamento.

– Até logo e obrigada – despediu-se educadamente. – É tudo maravilhoso aqui no Amanhã.

– Amanhã?

– Aqui é o Amanhã – Elizabeth explicou. – Sempre desejei entrar no Amanhã e agora estou aqui.

– Ah, entendi. Bem, lamento dizer que não me importo muito com o Amanhã. Eu gostaria mesmo era de voltar para o Ontem.

A pequena Elizabeth teve pena. Como ele poderia ser infeliz? Como alguém que vive no Amanhã poderia não ser extraordinariamente feliz?

A menina contemplou Flying Cloud melancolicamente enquanto Anne remava na volta para Summerside. Assim que atravessaram os abetos e arbustos que margeavam a costa e entraram na estrada, ela se virou para dar uma última olhada de despedida da ilha. Naquele exato momento, dois

cavalos desenfreados, presos a uma carroça, surgiram de uma curva, evidentemente fora do controle de seu condutor.





Capítulo XIII

O quarto rodava estranhamente. Os móveis balançavam, sacolejavam. A cama... por que estava em uma cama desconhecida? Uma pessoa usando uma touca branca saiu pela porta. Que porta era aquela? Como sua cabeça estava esquisita! Havia vozes em algum lugar, sussurros. Elizabeth não podia ver quem conversava, mas, de algum modo, sabia que eram a senhorita Shirley e o homem.

O que estavam dizendo? Ela distinguia frases entrecortadas, em meio a uma confusão de murmúrios.

– O senhor é realmente...? – a voz da senhorita Shirley parecia muito animada.

– Sim... sua carta... ver com meus próprios olhos... antes de procurar a senhora Campbell... Flying Clouds é a casa de veraneio de nosso gerente geral...

Se pelo menos aquele cômodo parasse de girar! Realmente, as coisas se comportavam de um jeito muito excêntrico no Amanhã... Elizabeth lamentou não poder virar a cabeça para ver quem estava ali e, nesse momento, deu um longo suspiro.

Eles se aproximaram da cama. A senhorita Shirley e o homem. A senhorita Shirley estava muito alta e pálida, como um grande lírio branco; aparentava ter acabado de viver uma experiência horrível, mas, ao mesmo tempo, havia um esplendor interno irradiando por trás disso – um esplendor semelhante à luz dourada do pôr do sol que repentinamente inundou o quarto. O homem sorria para ela. Elizabeth sentiu que ele a amava profundamente e que existia, entre os dois, um segredo terno e precioso, que ela compreenderia assim que aprendesse a língua falada no Amanhã.

– Está se sentindo melhor, meu bem? – a senhorita Shirley perguntou.

– Eu fiquei doente?

– Você foi derrubada por cavalos desembestados na estrada principal – Anne explicou. – Eu... eu não fui suficientemente rápida para impedir. Achei que eles a tinham matado. Trouxe você imediatamente de volta para cá, no mesmo barco, e seu... e este homem chamou um médico e uma enfermeira.

– Vou morrer?

– Não, de jeito nenhum, meu bem. Você ainda está um pouco atordoada, mas logo vai ficar bem. Elizabeth, minha querida, este é seu pai.

– Papai está na França. Também estou na França?

Elizabeth não ficaria surpresa se estivesse. Ali não era o Amanhã? Tudo era possível. Além disso, as coisas ainda estavam um pouco embaralhadas na cabeça dela.

– Papai está exatamente aqui, meu amor – dizendo isso, com uma voz tão doce que conquistaria qualquer pessoa que a ouvisse, ele se inclinou e lhe deu um beijo. – Vim buscar você. Nunca mais vamos nos separar.

A mulher de touca branca aproximou-se da porta para entrar no quarto de novo e, de alguma maneira, Elizabeth entendeu que o que quer que quisesse dizer teria de ser falado antes que ela se aproximasse.

– Vamos morar juntos?

– Para sempre – o pai prometeu.

– A vovó e a Mulher vão morar conosco?

– Não.

O brilho dourado do pôr do sol começou a se dissipar, e a enfermeira, a mostrar nitidamente sua desaprovação. Entretanto, Elizabeth não se importou.

– Encontrei o Amanhã – ela concluiu, enquanto a enfermeira acompanhava o homem e Anne até a porta.

– E eu encontrei um tesouro que não sabia que possuía – disse o pai de Elizabeth quando a enfermeira fechou a porta atrás deles. – Nunca vou poder agradecer-lhe o suficiente por aquela carta, senhorita Shirley.

“E então”, Anne escreveu a Gilbert naquela noite, “a estrada misteriosa da pequena Elizabeth a levou para a felicidade e para o fim de seu antigo mundo”.





Capítulo XIV

Windy Poplars,
Spook's Lane,
(Pela última vez),
27 de junho



Meu querido,
Cheguei a mais uma curva na estrada. Durante os últimos três anos, escrevi uma boa quantidade de cartas para você neste antigo quarto da torre. Suponho que esta seja a última que lhe escrevo por muito, muito tempo. Afinal, a partir de agora, não haverá mais nenhuma necessidade de trocar cartas. Dentro de apenas algumas semanas, vamos pertencer um ao outro para sempre; vamos estar juntos. Pense nisto: juntos! Conversando, caminhando, comendo, sonhando, planejando juntos, compartilhando os momentos maravilhosos um do outro, fazendo da nossa casa dos sonhos um lar! *Nossa casa!* Isso não soa “místico e maravilhoso”, Gilbert? Construí casas dos sonhos por toda a

minha vida, e agora uma delas vai se tornar realidade. Quanto à pessoa com quem desejo realmente viver em minha casa dos sonhos... bem, vou lhe dizer isso às 4 horas da tarde de um certo dia do ano que vem.

No início, três anos pareceram uma eternidade, Gilbert. E agora eles se passaram “como a vigília da noite”.***** Foram anos muito felizes, exceto pelos problemas que tive com os Pringle, nos primeiros meses. Depois daquilo, a vida pareceu fluir como um rio dourado e tranquilo. E tenho a impressão de que minha antiga rixa com os Pringle foi apenas um sonho. Agora eles gostam de mim pelo que sou, e esqueceram que me odiaram no passado. Cora Pringle, uma integrante da casta das *viúvas Pringle*, trouxe um buquê de rosas para mim ontem, e, preso aos caules, estava um papel onde se lia: “Para a melhor professora de todo o mundo”. Imagine isso vindo de um Pringle!

Jen está com o coração partido porque vou embora. Vou acompanhar a carreira profissional dela com interesse. Ela é brilhante, e posso dizer que bastante imprevisível. Uma coisa é certa: Jen não vai ter uma vida banal. Não é à toa que ela se parece tanto com Becky Sharp!

Lewis Allen vai estudar na Universidade McGill, em Montreal, e Sophy Sinclair vai frequentar a Queen’s Academy e lecionar até economizar dinheiro suficiente para cursar a Escola de Expressão Dramática, em Kingsport. Myra Pringle vai ser apresentada à sociedade no outono. Ela é tão bonita que não vai ter nenhum problema se não reconhecer um pretérito mais-que-perfeito, caso o escute na rua.

Não existe mais uma vizinha pequenina no outro lado da meia porta verde no muro coberto por uma trepadeira. A pequena Elizabeth foi embora – para sempre – daquela casa sombria: agora vive em seu Amanhã. Se eu fosse ficar em Summerside, morreria de saudade dela; porém, como também vou embora, estou contente. Pierce Grayson levou-a consigo. Ele não vai mais morar em Paris, mas sim em Boston. Elizabeth chorou amargamente quando nos despedimos, mas ela está tão feliz com o pai que tenho certeza de que suas lágrimas vão secar logo, logo. A senhora Campbell e a Mulher não gostaram da partida da menina e puseram a

culpa em mim, que aceitei com muita alegria e sem o menor arrependimento.

– Ela tinha um bom lar nesta casa – a senhora Campbell falou, majestosamente.

“Onde não ouviu uma única palavra de afeto”, pensei, mas não disse.

– Acho que a partir de agora vou ser Betty o tempo todo, querida senhorita Shirley – Elizabeth disse em nossa despedida –, exceto quando eu estiver com muita saudade da senhorita. Nessas ocasiões, vou ser Lizzie – acrescentou.

– Jamais se atreva a ser Lizzie. Haja o que houver – respondi.

Jogamos beijos uma para a outra até não podermos nos ver mais. Depois subi, com lágrimas nos olhos, para meu quarto na torre. Como é doce aquela pequena criatura de cabelos dourados! Ela sempre me lembrou de uma harpa eólica,***** por ser tão sensível ao mais minúsculo sopro de afeto que vinha em sua direção. Ser amiga dela é uma aventura. Espero que Pierce Grayson saiba dar o devido valor à filha que tem. Na verdade, acho que ele sabe, pois me pareceu realmente grato e arrependido.

– Não me dei conta de que ela já não era mais um bebê – ele me disse –, nem de como o ambiente em que ela vivia era hostil. Mil vezes obrigado por tudo o que a senhorita fez por ela.

Encomendei uma moldura para nosso mapa da terra da fantasia e o entreguei à pequena Elizabeth, como uma lembrança.

Lamento deixar Windy Poplars. É claro que estou um pouco cansada de morar em um quarto pequeno, mas adorei isto aqui... Amei as horas frescas da manhã em minha janela, minha cama alta, com os degraus que subi para me deitar todas as noites, minha almofada azul parecida com um biscoito frito, todos os ventos que sopraram aqui. Receio nunca mais ser tão amiga dos ventos como fui neste lugar. E me pergunto se vou ter novamente um quarto de onde eu possa ver o nascer e o pôr do sol.

É hora de deixar para trás Windy Poplars e os anos que passei em Summerside. E sempre fui fiel. Nunca revelei o esconderijo de tia Chatty

para tia Kate, nem o segredo do leite desnatado que cada uma escondia da outra.

Creio que elas estão tristes com minha partida, e me alegro por isso. Seria horrível pensar que estavam felizes porque vou deixá-las, ou que não sentiriam nenhuma saudade de mim depois que eu for embora. Há uma semana, Rebecca Dew tem feito todos os meus pratos favoritos; já até gastou dez ovos, *duas vezes*, para fazer meu bolo predileto. E está usando a porcelana guardada para as visitas. Os olhos castanhos e doces de tia Chatty se enchem de água toda vez que menciono o fim de minha estada nesta casa. Até Dusty Miller parece me encarar com reprovação quando se senta perto de mim.

Recebi uma carta longa de Katherine na semana passada. Ela tem um dom para escrever cartas. Contou que está trabalhando como secretária particular de um membro do Parlamento que faz viagens frequentes pelo mundo. Que frase fascinante esta: “viagens pelo mundo”! Uma pessoa que diz: “Vamos ao Egito!” como se estivesse falando: “Vamos a Charlottetown!”, e vai *mesmo*! É a vida ideal para Katherine.

Ela insiste em me responsabilizar por toda a sua mudança no modo de ver as coisas e em suas expectativas. “Gostaria de poder expressar tudo o que você trouxe para minha vida”, escreveu. Suponho que realmente a ajudei. E, no início, não foi nada fácil. Ela raramente dizia algo sem uma grande dose de sarcasmo, e ouvia qualquer sugestão que eu fazia a respeito do trabalho na escola com um ar de desdém, como se estivesse conversando com um lunático. Mas, de alguma forma, já esqueci tudo: era somente o fruto de sua amargura secreta em relação à vida.

Todos estão me convidando para jantar, até Pauline Gibson. A velha senhora Gibson morreu poucos meses atrás, por isso Pauline ousou me chamar. Também voltei a Tomgallon House, para outra refeição com a senhorita Minerva, semelhante à anterior, com a mesma conversa unilateral. Contudo, me diverti muito, saboreando a comida deliciosa que ela providenciou, e a senhorita Minerva se entreteve bastante me relatando mais algumas tragédias. Ela não conseguiu esconder o fato de que sente

pena de todas as pessoas que não são Tomgallon, mas me fez vários elogios encantadores e me deu um anel maravilhoso, com uma água-marinha de uma cor que é uma mistura de azul e verde, sob a luz da lua; a joia foi um presente de seu pai quando ela completou 18 anos.

– Ganhei quando eu era jovem e bonita, querida... *muito* bonita! Suponho que *agora* posso dizer isso – ela falou.

Fiquei satisfeita pelo anel ter pertencido à senhorita Minerva e não à esposa do tio Alexander. Tenho certeza de que nunca o usaria se tivesse sido dela. A pedra é linda. Existe um encanto misterioso nas joias que têm a cor do mar.

Tomgallon House é, sem dúvida, um lugar esplêndido, especialmente agora que seus jardins estão muito verdes e repletos de flores. Entretanto, eu não trocaria minha casa dos sonhos (ainda não encontrada) por uma propriedade cheia de fantasmas. Não nego que um fantasma possa dar um charme interessante e aristocrático a um lugar, e até digo que minha única queixa a respeito de Spook's Lane – que, pelo nome, seria a rua do fantasma – é exatamente não haver nenhum aqui. Mas não trocaria.

Fui ao cemitério antigo ontem, no final da tarde, para uma última visita; andei por toda parte e me perguntei se Herbert Pringle ria ocasionalmente, sozinho, em seu túmulo. E vou me despedir hoje do velho Rei da Tempestade, com o pôr do sol em sua copa, e de meu pequeno vale sinuoso cheio de crepúsculo.

Estou um pouco cansada após um mês de exames, despedidas e “últimas providências”. Pretendo ficar preguiçosa por uma semana quando chegar a Green Gables. Só quero me sentir livre em um mundo colorido pela beleza do verão. Vou sonhar ao lado da Bolha da Dríade ao entardecer e ficar à deriva no Lago das Águas Brilhantes em uma canoa feita de raios de luar, ou no barco do senhor Barry, se não for época de canoas de raios de luar. Vou colher primulas e campânulas no Bosque Assombrado e encontrar muitos morangos silvestres na colina onde fica o pasto do senhor Harrison. Vou participar da dança dos vagalumes na Vereda dos Apaixonados e visitar o velho e esquecido jardim de Hester Gray. Quero

me sentar no degrau da porta dos fundos, sob as estrelas, e ouvir o chamado do mar durante seu sono.

E, quando a semana terminar, *você vai estar em casa... e então não vou* desejar nenhuma outra coisa. ✉



No dia seguinte, quando chegou a hora de Anne dizer adeus às moradoras de Windy Poplars, Rebecca Dew não estava presente. No entanto, tia Kate, muito séria, entregou-lhe uma carta.

Querida senhorita Shirley,

Escrevo esta para me despedir porque não posso confiar em mim mesma para fazer isso pessoalmente. Por três anos, a senhorita morou sob nosso teto. Abençoada possuidora de um espírito alegre e um gosto natural pelas alegrias da juventude, a senhorita nunca se entregou aos prazeres fúteis da multidão frívola e volúvel. Comportou-se em todas as ocasiões e com todas as pessoas, especialmente a que lhe escreve estas linhas, com a mais refinada delicadeza. Sempre deu valor a meus sentimentos, e minha alma se entristece com a ideia de sua partida. Contudo, não devemos nos queixar do que a Providência determinou (1 Samuel 29:18, Antigo Testamento).

Sua falta será sentida por todos os habitantes de Summerside que tiveram o privilégio de conhecê-la. A admiração e o respeito de um coração fiel, embora humilde, sempre serão dedicados à senhorita. Minhas preces também serão sempre por sua felicidade e seu bem-estar neste mundo e na eternidade que está por vir.

Algo me diz que, em um futuro muito próximo, não vou mais chamá-la de senhorita, pois estará conectada em uma união de almas com aquele que seu coração elegeu para marido e que, por tudo que já ouvi, sei que é um rapaz verdadeiramente extraordinário.

A autora desta carta, possuidora de poucos encantos pessoais e já começando a sentir o peso da idade (nada que me impeça de ainda viver alguns anos), nunca se permitiu nutrir nenhuma aspiração matrimonial. No entanto, ela não se nega ao prazer de um interesse nas núpcias de seus amigos e pede permissão para expressar aqui um desejo fervoroso de que sua vida de casada seja ininterrupta e infinitamente feliz. (Só não espere muito de um homem.)

Minha estima e, devo dizer, meu afeto sincero pela senhorita nunca diminuirão. De vez em quando, quando não tiver nada melhor para fazer, lembre-se gentilmente de que existe alguém que é

Sua serva obediente,

Rebecca Dew.

P.S.: Deus a abençoe!

Os olhos de Anne estavam úmidos quando ela dobrou a carta. Embora suspeitasse fortemente que Rebecca Dew houvesse copiado várias frases de seu “Livro de conduta e etiqueta” favorito, não pensou que isso as tornava menos sinceras; e teve certeza de que o P.S. tinha vindo diretamente do coração afetuoso de Rebecca Dew.

– Digam à querida Rebecca Dew que nunca vou me esquecer dela; prometo que venho visitá-las todos os verões.

– Temos recordações da senhorita que nada vai apagar – soluçou tia Chatty.

– Nada – tia Kate concordou enfaticamente.

Porém, enquanto Anne se distanciava de Windy Poplars, a última mensagem que recebeu de lá foi uma grande toalha de banho branca tremulando freneticamente na janela da torre, agitada por Rebecca Dew.



* Prince Edward Island. (N.T.)

** Spook é “fantasma”, em inglês. (N.T.)

*** Anne se refere ao poema homônimo do escritor inglês Alfred Tennyson (1809-1892). (N.T.)

**** Parte do versículo 8 do Salmo 148, do Antigo Testamento. (N.T.)

***** Referência ao livro *At the Back of the North Wind* (Nas costas do Vento Norte, em tradução livre), do autor escocês George MacDonald (1824-1905), no qual um menino chamado Diamond vive grandes aventuras com o vento norte. (N.T.)

***** Rebecca “Becky” Sharp é a protagonista do livro *Vanity Fair* (Feira das vaidades), do romancista britânico [William Makepeace Thackeray \(1847-1848\)](#). (N.T.)

***** Samuel de Champlain (1567-1635) foi o geógrafo e explorador francês que, em 1608, fundou a cidade de Quebec, no Canadá. (N.T.)

***** Nero Claudius Caesar Augustus Germanicus (37 d.C.-68 d.C.) foi um imperador romano cujo reinado é associado à tirania e à extravagância. (N.T.)

***** Anne provavelmente se refere a Lucrecia Borgia (1480-1519), que era filha do papa Alexandre VI (1431-1503) e tem fama de envenenadora de maridos. (N.T.)

***** Vá e pergunte a ela, em tradução livre do inglês. (N.T.)

***** A Batalha de Minden ocorreu em 1759 e teve um papel importante na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), que foi uma série de conflitos travados entre diversas monarquias europeias devido a disputas econômicas e territoriais envolvendo, além da Europa, a América do Norte, a África e a Ásia. (N.T.)

***** Imagens obtidas por meio de um antigo aparelho fotográfico de mesmo nome inventado pelo francês Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) e divulgado em 1839. (N.T.)

***** Tradução livre de um verso do poema “The Sisters”, do escritor inglês Alfred Tennyson (1809-1892). (N.T.)

***** Também conhecida como Mary Stuart ou Mary I of Scotland, Mary Queen of Scots (1542-1587) foi rainha da Escócia entre 1542 e 1567. (N.T.)

***** Apocalipse 14:13. (N.T.)

***** Verso, em tradução livre, do poema “Sir Galahad”, do escritor inglês Alfred Tennyson (1809-1892). (N.T.)

***** Anne se refere a versos do poema “There was a little girl”, do escritor estadunidense Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882). (N.T.)

***** O doutor Carter se refere a Samuel Pepys (1633-1703), um parlamentar inglês que ficou famoso por seu diário, no qual, além de relatar acontecimentos de sua vida pessoal, também escrevia sobre grandes eventos de sua época, como o incêndio de 1666, uma das maiores catástrofes que atingiram a cidade de Londres. (N.T.)

***** Verso em tradução livre do poema narrativo “A Morsa e o Carpinteiro”, de Lewis Carroll (1832-1898), que aparece no capítulo quatro “Tweedledum e Tweedledee” de sua obra *Alice Através do Espelho*. (N.T.)

***** Tradução livre dos dois primeiros versos do poema “St. Agnes’ Eve”, do escritor inglês Alfred Tennyson (1809-1892). (N.T.)

***** Anne se refere ao versículo 3:7 do livro do Apocalipse, no Novo Testamento. (N.T.)

***** Anne faz referência ao versículo 2:10 do livro de Eclesiastes, no Antigo Testamento. (N.T.)

***** A senhora Gibson cita o versículo 5:7 do livro de Jó, no Antigo Testamento. (N.T.)

***** Pauline cita a frase final do conto do folclore inglês “Fire! Fire! Burn stick!”, popularizado pelo escritor Joseph Jacobs (1854-1916) e conhecido no Brasil como “A velhinha e o porco”. (N.T.)

***** Verso do poema “There is a little unpretending Rill” (Há um pequeno e modesto regato, em tradução livre), do poeta romântico inglês William Wordsworth (1770-1850). (N.T.)

***** A palavra mouser, em inglês, pode se referir, entre outras coisas, a uma pessoa bisbilhoteira, xereta, intrometida. (N.T.)

***** Tradução livre de uma fala do personagem Pórcia, na cena 1 do ato IV da peça The Merchant of Venice (O Mercador de Veneza) do poeta, dramaturgo e ator inglês William Shakespeare (1564-1616). A narradora faz um jogo de palavras com o nome “Mercy”, que quer dizer “misericórdia”. (N.T.)

***** De acordo com o escritor e folclorista estadunidense Dan L. Ashliman (1938), essa é uma prece escocesa tradicional, aqui em tradução livre. (N.T.)

***** Mamie se refere a um personagem bíblico do Antigo Testamento (1 Samuel 28). (N.T.)

***** Ralph Waldo Emerson (1803-1882) foi um importante escritor, filósofo e poeta estadunidense. (N.T.)

***** Pequeno companheiro. (N. T.)

***** Um dos Dez Mandamentos, encontrado no versículo 20:3 do livro Êxodo, do Antigo Testamento. (N.T.)

* Referência ao poema narrativo “O Corvo”, do escritor estadunidense Edgar Allan Poe (1809-1849). (N.T.)

** A autora se refere a uma lenda sobre sete jovens que viviam na cidade de Éfeso, na Turquia, no século 3 d.C., e se esconderam em uma caverna devido a perseguições religiosas. Ali, dormiram por cerca de trezentos anos e, quando acordaram, o mundo já estava completamente transformado. (N.T.)

*** Verso em tradução livre do poema narrativo “A Morsa e o Carpinteiro”, de Lewis Carroll (1832-1898), que aparece no capítulo quatro “Tweedledum e Tweedledee” de sua obra *Alice através do espelho*. (N.T.)

**** Poema do escritor britânico Francis Hastings Doyle (1810-1888). (N.T.)

***** O sobrenome de Katherine é Brooke, e brook, em inglês, quer dizer “riacho”. (N.T.)

***** A pequena Elizabeth se referia à Bula pontifícia, documento assinado pelo papa católico e cuja finalidade está relacionada a questões judiciais ou administrativas da igreja ou à designação de bispos, à concessão de graças e indulgências, entre outras. (N.T.)

***** Publius (ou Gaius) Cornelius Tacitus (56 d.C.-c. 120 d.C.) foi um funcionário público, orador e importante historiador romano. (N.T.)

***** A história do profeta Elias é contada no livro 1, Reis, do Antigo Testamento, da Bíblia Sagrada. (N.T.)

***** Provérbio 16:18, do Antigo Testamento. (N.T.)

***** Referência ao versículo 8:22 do livro de Jeremias, do Antigo Testamento: “Porventura, não há bálsamo em Gileade? [...]”. (N.T.)

***** Anne cita aqui o versículo 2:2 do livro de Eclesiastes, do Antigo Testamento. (N.T.)

***** Namorado de Anne em *Anne da Ilha*. (N.E.)

***** Emily Pauline Johnson (1861-1913), poeta e atriz canadense. O verso é de um poema chamado “Moonset” (N.T.)

***** Mary Queen of Scots (1542-1587) foi rainha da Escócia entre 1542 e 1567. Aos 44 anos, foi condenada por trama de assassinato e decapitada. (N.T.)

***** Expressão em latim que quer dizer “deus surgido da máquina” e que foi criada no teatro grego clássico para se referir a uma solução inesperada, improvável e mirabolante para concluir uma obra ficcional e salvar o herói. Na Antiguidade, esse artifício consistia em colocar em cena, subitamente, uma divindade, que surgia no palco por meio de uma máquina que a fazia descer do teto. (N.T.)

***** Tecido (também conhecido como “chamalote”) originário do Oriente, feito com pelo – ou lã – geralmente misturado à seda, no qual a posição do fio produz um efeito de ondas. (N.T.)

***** John Milton (1608-1674) foi um importante poeta inglês do século XVII. (N.T.)

***** Poeta inglês Alfred Tennyson (1809-1892). (N.T.)

***** Verso em tradução livre do poema “O ferreiro da aldeia”, do educador e poeta estadunidense Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882) (N.T.)

***** Referência ao escritor e dramaturgo inglês Thomas Henry Gallon (1866-1914), conhecido como Tom Gallon, cujo primeiro livro de sucesso foi considerado uma espécie de plágio da obra *A Christmas Carol*, do romancista, também inglês, Charles Dickens (1812-1870), de quem ele era um grande admirador. (N.T.)

***** Tintura de ópio que tem efeito sedativo. (N.T.)

***** Fragmento do Salmo 65:12, do Antigo Testamento. (N.T.)

***** Referência ao versículo 90:4 (“Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite”) do livro de Salmos, do Antigo Testamento. (N.T.)

***** A harpa eólica, ou harpa de vento, é um instrumento musical de cordas que é colocado em um local exposto ao vento. Os sons são criados ao acaso pela ação do fluxo de ar nas cordas, sendo que cada uma delas tem uma espessura maior ou menor do que a das outras, produzindo, portanto, [notas](#) musicais diferentes. (N.T.)

VOZES NEGRAS EM COMUNICAÇÃO

Mídia, racismo e resistências

Laura Guimarães Cordeiro (org.)

Angélica M. Silva
Luisiana Rodrigues
Tatiana Louro
Olivia Araújo
Priscilla Lora
Laura Guimarães Cordeiro
Leticia Sousa Fátima Filho
Marina Maria Costa
Marta Almeida Silva
Marta Rodrigues Cordeiro
Paula Maria Perceval Viana
Rafaela Pereira de Jesus
Rafaela Gomes
Walter da Silva
Mônica Rodrigues Pereira



Cultura
e
Linguagens

autêntica

Vozes Negras em Comunicação

Corrêa, Laura Guimarães

9788551307144

244 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tensionadas pelos sujeitos e pelos movimentos emancipatórios, as articulações entre comunicação e raça, bem como as imbricações entre mídia e racismo, apresentam-se como desafio para aquelas e aqueles que acreditam e lutam pela justiça social e cognitiva. Os artigos que compõem este livro interpretam, indagam e propõem alternativas a esse tema por meio de análises de autoras e autores de diversos campos teóricos em diálogo com a comunicação. São experiências e investigações que compreendem a centralidade da raça na realidade brasileira. E mais: compreendem sua centralidade nas teorizações e nas práticas políticas interseccionais que desmascaram a colonialidade do ser, do poder e do saber, escondidas sob o mito da democracia racial. Nada melhor do que uma investigação crítica, política e epistemologicamente engajada para compreender e desvelar como a mídia, que

atravessa as nossas vidas, é forjada, historicamente, no contexto de profundas desigualdades. Nilma Lino Gomes

[Compre agora e leia](#)



Virginia Kastrup

A invenção de si e do mundo

Uma introdução do tempo e do
coletivo no estudo da cognição

autêntica

A invenção de si e do mundo

Kastrup, Virgínia

9788582178812

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

"É muito agradável o sentimento que agora me cativa diante desta singela certeza: a de que estarei vivendo feliz minha tentativa de escrever [...] coisas favoráveis a este livro. Digo tentativa porque pressinto que minhas frases elogiosas serão insuficientes para delinear a efetiva importância que as pessoas descobrirão nesta obra, sejam elas especialistas ou não. Primeiramente, trata-se de um livro bem escrito. Não digo isso apenas para salientar a qualidade prazerosa de sua leitura. Ele é bem escrito porque sua clareza é especial. Com efeito, em vez de fingir simplicidade, em vez de expor-se como fácil luz comunicativa, dessas que acabam ofuscando por exibirem tão-somente a si próprias, a clareza deste livro envolve-se com a complexidade do assunto que o imanta, que nos dispõe e nos leva a pensá-lo com rigor que ele merece. A fluência do estilo de Virgínia Kastrup, com simpatia, carinho e competência, e sem perder um ar de paciente sorriso, vai cuidando de um tema difícil e

escorregadio, o tema da cognição, essa misteriosa potência que é capaz de nos lançar para além da mera aquisição de conhecimento." Luiz B. L. Orlandi

[Compre agora e leia](#)

L. M. MONTGOMERY

ANNE DE GREEN GABLES



autêntica

adaptado por Márcia Soares Guimarães

O livro que
inspirou a série
da **NETFLIX**
"Anne With an E"

Anne de Green Gables

Montgomery, Lucy Maud

9788551305959

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se você gostou de Pollyanna, vai se apaixonar por Anne de Green Gables. Quando os irmãos Marilla e Matthew Cuthbert, de Green Gables, na Prince Edward Island, no Canadá, decidem adotar um órfão para ajudá-los nos trabalhos da fazenda, não estão preparados para o "erro" que mudará suas vidas: Anne Shirley, uma menina ruiva de 11 anos, acaba sendo enviada, por engano, pelo orfanato. Apesar do acontecimento inesperado, a natureza expansiva, sempre de bem com a vida, a curiosidade, a imaginação peculiar e a tagarelice da menina conquistam rapidamente os relutantes pais adotivos. O espírito combativo e questionador de Anne logo atrai o interesse das pessoas do lugar – e muitos problemas também. No entanto, Anne era uma espécie de Pollyanna, e sua capacidade de ver sempre o lado bonito e positivo de tudo, seu amor pela vida, pela natureza, pelos livros conquista a todos, e ela acaba sendo "adotada" também pela comunidade. Publicada pela primeira

vez em 1908, esta história deliciosa, que ilustra valores fundamentais como a ética, a solidariedade, a honestidade e a importância do trabalho e da amizade, teve numerosas edições, já tendo vendido mais de 50 milhões de cópias em todo o mundo. Foi traduzida para mais de 20 idiomas e adaptada para o teatro e o cinema. Mais recentemente, inspirou também a série Anne com E, já com duas temporadas na Netflix.

[Compre agora e leia](#)

FRANCES HODGSON BURNETT

o Jardim Secreto



O jardim secreto

Burnett, Frances Hodgson

9786586040395

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

No início do século XX, Mary Lennox vive na Índia com os pais, que não lhe dão afeto nem atenção. Uma epidemia de cólera mata o casal, e, seis meses depois, Mary, uma menina de 10 anos apática e sem graça, mimada, voluntariosa, que não sabe amar e não tem amigos, desembarca na Inglaterra para viver com o tio em Yorkshire, na mansão Misselthwaite, uma construção sombria e labiríntica com mais de cem quartos. Deslocada e assustada, a menina, sem ter o que fazer, começa a explorar a mansão e seus arredores, cheios de jardins e hortas. Com a curiosidade despertada, descobre que um dos jardins estava trancado havia dez anos e a chave, enterrada não se sabia onde: o tio proibira a entrada de qualquer pessoa. Mary acaba ficando amiga do velho jardineiro e de um passarinho especial, um pintarroxo, que a leva até a chave. E ela pode, finalmente, entrar no jardim. A narrativa é fluente, e o leitor fica preso à história, ansioso por saber o

que vai acontecer. Traz também uma visão extremamente positiva e rica do contato com a terra, da vida simples e dos valores essenciais das pessoas do campo. Impossível não se apaixonar pelas personagens e pela história, publicada em 1911, que faz rir, chorar, sonhar.

[Compre agora e leia](#)



Anne de Avonlea

Montgomery, Lucy Maud

9788551308172

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Anne Shirley agora tem 16 anos. Terminados os estudos de nível médio, desistiu do curso superior para ficar com a mãe adotiva, Marilla, em Green Gables. É a nova professora da escola da vila, assim como vários de seus amigos são professores em outros condados da ilha. Tem conceitos idealistas e românticos sobre ensinar, mas acaba descobrindo quão difícil – e gratificante – o ensino pode ser. Quando Marilla "herda" dois parentes, órfãos de 6 anos, Anne ajuda a criá-los. E encontra também outros desafios, desenvolvendo alguns projetos de melhoria da vila, nem todos com resultados positivos... Apesar das responsabilidades e de já ser considerada adulta pela sociedade, a história não deixa de mostrar o lado inocente, alegre e inventivo de Anne Shirley, e seu amor pela vida, sempre cheia de possibilidades. Neste segundo volume, Lucy Maud Montgomery continua a nos cativar com seu humor único, com pitadas de malícia, e com seus

personagens bem construídos, cujas ações são sempre permeadas por valores essenciais à convivência e à consciência humanas.

[Compre agora e leia](#)